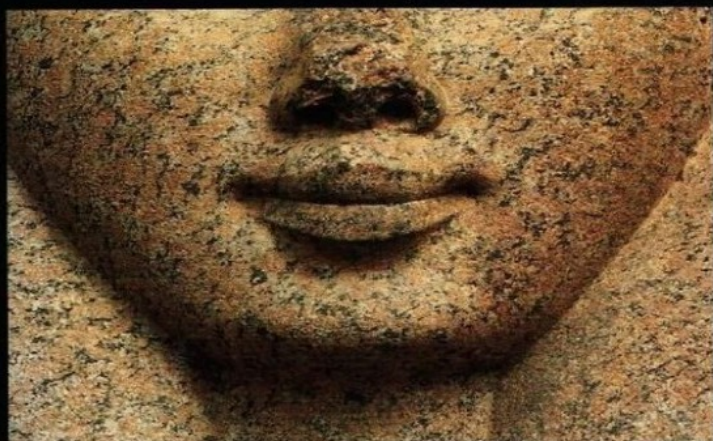
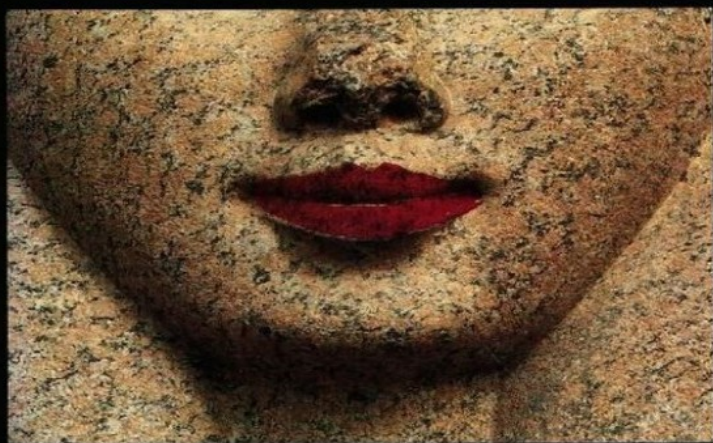


THE SEARCH FOR OMM SETY



REINCARNATION AND ETERNAL LOVE



JONATHAN COTT

• A BUSCA POR
OMM SETY

O Egito de Omm Seti



A lembrança

de um passado

Também por Jonathan Cott

STOCKHAUSEN

CIDADE DO AMOR

TERRESTRE

ENCANTOS

PARA SEMPRE

JOVENS

GAITEIROS NOS PORTÕES DA

ALVORADA CONVERSAS COM GLENN

GOULD DYLAN

•

O BUSCAR OMM SETY

*Uma História de Amor
Eterno*

•

Jonathan Cott

Em colaboração com

Hanny El Zeini

DOUBLEDAY & COMPANY, INC.

1987

Direitos autorais © 1987 por Jonathan Cott

Impresso nos Estados Unidos da América.
Primeira edição.

Conteúdo

- Eu· Bentressyt
- II· Dorothy Eady
- III· Bulbul Abdel Meguid
- IV· Omm Sety

Inserção de foto nº

1

- V· Hanny El Zeini: Uma Crônica de uma

Amizade Inserção de foto nº 2

- VI· Omm Sety: Os Últimos Anos
- VII· Um Sonho do Passado (Texto e Desenhos de Dorothy) Pronto)
- VIII· Epílogo: Em Busca de Omm Sety: Algumas Reflexões e Conversas

Apêndice: Os Reis do Egito: Uma Cronologia
Agradecimentos

Me lembre novamente — juntos,
traçaremos nossa estranha
jornada, nos encontraremos,
vamos rir. Algum dia,
cruzaremos o caminho onde a
vida termina. Ambos olharemos
para trás.

Até a eternidade, naquele
primeiro dia. Eu te tocarei - um
novo mundo então. As estrelas
se moverão de maneira
diferente. Nós dois
terminaremos. Nós dois
começaremos.

Lembre-me novamente.

- "Nossa História"

(De Histórias Que Poderiam Ser Verdadeiras)

(por William Stafford)

A BUSCA POR OMM SETY



-
-

·EU·

Bentressyt
("Harpa da Alegria")

Lembre-me novamente

Na cidade sagrada da antiga Abidos — onde o vale verdejante do Nilo dá lugar às areias brancas e acobreadas do Deserto Ocidental — há muito tempo se ergue um belo templo de calcário branco. Conhecido por seu misterioso formato em L, suas sete capelas abobadadas dedicadas aos principais deuses do antigo Egito e seus incomparáveis e delicados baixos-relevos que retratam esses deuses, o templo era outrora ladeado, em seu perímetro sul, por um exuberante jardim.

No centro deste jardim havia um lago retangular de lótus, rodeado por canteiros de jasmim e oleandro, mimosas e crisântemos anões, mandrágoras e corriolas, todos circundados por romãzeiras, tamareiras e sicômoros. Foi aqui, numa manhã, há cerca de três mil anos, que uma menina de quatorze anos, de cabelos dourados e olhos azuis, chamada Bentressyt ("Harpa da Alegria")*, passeava sob o céu azul radiante, colhendo flores e cantando baixinho para si mesma:

*"Deixe-a vir ao lago de lótus,
minha linda amada,
Em seu vestido
transparente de linho
fino.
Deixe-a banhar-se perto de mim,
entre as flores.
Para que eu possa contemplá-la.
À medida que seus membros emergem da água."*

* A grafia utilizada para representar os nomes e lugares árabes e egípcios antigos mencionados no texto — com exceção das citações de outros autores — é consistente com a empregada nos diversos escritos de Dorothy Eady/Bulbul Abdel Meguid/Omm Sety.

Aconteceu que, naquele mesmo dia, o homem responsável pela construção deste templo — o faraó Seti I ("Poderoso dos Arcos em Todas as Terras", "Portador do Renascimento") — estava visitando Abidos para supervisionar a construção do monumental santuário que abrigaria seu espírito, bem como para inspecionar suas imensas propriedades, com seus respectivos sacerdotes e servos. Ao passar pelo jardim com seus acompanhantes, o faraó, então na casa dos cinquenta anos, foi surpreendido pelo som de uma voz melodiosa e avistou a jovem Bentressyt, que ergueu os olhos para vê-lo através das flores e

folhas. Tentando se curvar respeitosamente a Sua Majestade, a jovem, nervosa, fez um gesto desajeitado. Encantado com sua falta de jeito, Seti riu e a chamou para perto de si.

"Levante-se, pequena. Qual é o seu nome?", perguntou ele.

"Bentreshyt, Vossa Majestade", respondeu ela nervosamente. "O senhor sabe quem eu sou? Sabe o meu nome?"

"Nsou-Beti Men-maat-Ra." (Este era um dos cinco nomes oficiais do Rei.)

"Quem são seus pais, pequeno(a)?"

"Sou órfã, Nisou-Beti. Minha mãe vendia verduras. Ela morreu quando eu tinha três anos. Meu pai é soldado... ele está agora em Wasit [Tebas], em uma guarnição."

"E o que você está fazendo agora?"

"Sou sacerdotisa de Nossa Senhora Ísis. Estudo com o Mestre Antef, nosso sumo sacerdote, para participar da peça sagrada de mistério sobre o nascimento, a morte e a ressurreição de nosso Senhor Osiris."

Seguiu-se um longo momento de silêncio, durante o qual Seti examinou atentamente aquela jovem loira de olhos azuis, que parecia tão diferente das demais pessoas que permaneciam reverentemente ao seu lado. Em Mênfis, Tebas ou nas outras principais cidades do Egito, não era incomum encontrar moças loiras ou sacerdotisas loiras... mas em Abidos isso era bastante excepcional. Todos no templo, porém, sabiam que o avô paterno de Bentreshyt era estrangeiro... um aqueu, um daqueles a quem os egípcios costumavam chamar de "Mar". Pessoas", que originalmente vieram das ilhas gregas.

Por sua vez, Bentressyt achou difícil encarar Sua Majestade diretamente, embora logo tenha percebido que ele era bastante bonito; e embora seu olhar fosse intenso e penetrante, ela não o considerou nem perturbador nem indelicado. Após o primeiro encontro, ela o viu de relance em diversas ocasiões enquanto ia ou voltava do jardim.

Certa noite, o Faraó estava sentado sozinho junto ao lago de lótus quando Bentressyt passou por ali — talvez de propósito, talvez não. Sua Majestade sorriu para ela e disse: "Venha, pequena, e sente-se ao meu lado." Quando ela se sentou, ele segurou sua mão e a beijou. A menina ficou assustada, e Sua Majestade disse-lhe para correr... correr muito rápido e não voltar. Então ela correu, mas não correu o suficiente. No final do parque, ela se virou e o viu sentado com a cabeça entre as mãos. Lentamente, ela voltou para perto dele.

Sety encontrava uma desculpa atrás da outra para adiar sua partida de Abidos, e durante todo esse tempo Bentressyt o encontrava no jardim após o anoitecer. E ali eles "comiam o ganso cru", o termo egípcio antigo para "comer da árvore proibida". "Proibida" porque Bentressyt era considerada propriedade do templo e ninguém tinha permissão para tocá-la. Se Bentressyt fosse divorciada, viúva ou uma mulher livre, a situação teria sido tolerada, já que seria considerado uma honra tornar-se concubina do rei. Mas como a jovem era uma sacerdotisa virgem de Ísis, o caso foi considerado uma profanação.

violação horrível das leis religiosas da época.

Bentress estava constantemente sob o olhar atento do sumo sacerdote Antef, seus sacerdotes subordinados e as outras sacerdotisas. Quando um deles informou Antef que Bentress estava grávida, o sacerdote a obrigou a descer até o túmulo de Osíris, sob a ilha de Osirion, atrás do Templo de Seti, e tentou forçá-la a confessar seu crime. A jovem recusou-se a responder às suas perguntas a princípio. Quando ele a obrigou a colocar a mão na estátua de Osíris, porém, ela não conseguiu mentir; e finalmente exclamou: "Sim, eu tenho um amante!", mas recusou-se a nomear o rei como seu cúmplice.

Foi nessa época que Sety finalmente se viu obrigado a deixar Abidos devido a alguns problemas na Núbia e nas minas de ouro do Deserto Oriental. Ele disse a Bentresse que voltaria em breve e ficaria por um período mais longo. Poucos dias depois, os eventos começaram a se desenrolar rapidamente. Assim que o último navio da comitiva do Rei desapareceu, Antef chamou Bentresse novamente para um interrogatório final, durante o qual ela foi coagida a admitir que o Rei era seu amante. O sacerdote, com a franqueza de um espartano, disse-lhe que seu crime contra Ísis era punível com nada menos que a morte.

Por lei, não poderia haver pena de morte sem um julgamento justo. Isso colocou Antef em um dilema: se o procedimento legal fosse seguido, o segredo não poderia ser mantido. Então, Bentressy, percebendo repentinamente a gravidade da situação, decidiu salvar o nome do único homem que amara e tirar a própria vida. Ela cometeu suicídio. E quando Sety retornou a Abidos e perguntou por ela, ficou chocado e com o coração partido ao saber de sua morte. "Jamais a esquecerei", jurou a si mesmo.

Durante três mil anos, ele nunca o fez.

DOS DIÁRIOS SECRETOS DE OMM SETY

Abril de 1972

Sua Majestade chegou ontem à noite por volta da 1h da manhã. Eu ainda estava acordada. Tinha apagado a luz principal, mas não conseguia dormir e estava me sentindo bastante irritada. Sety deitou-se ao meu lado, me abraçou e disse: "Bentreshy, meu pequeno amor, eu precisava vir até você, não suporto ficar longe de você!" Ele começou a me beijar, e eu retribuí os beijos, mas logo ele ficou tão apaixonado que achei melhor mudar de assunto. Eu disse: "Amado! Você quer me perder por mais 3.000 anos? Fique quieto por um instante. Por favor, me diga por qual caminho você veio até mim." Ele suspirou profundamente e, após um breve

silêncio, disse: "Você é sábia."

"Meu pequeno, sou um homem mau por deixar que meu desejo ponha em risco nossa felicidade eterna. Mas eu te amo muito; me perdoe, Bentressy." Eu disse: "Não há nada a perdoar, seu amor é muito precioso para mim, mas precisamos ser sábios e pacientes por mais um pouco de tempo." Ele se levantou, me conduziu até as cadeiras e nos sentamos lado a lado.

Eu disse que queria fazer uma pergunta, mas que, se fosse algo que eu não devesse saber, por favor, me perdoasse e esquecesse que eu havia perguntado. Ele disse: "Fale, Bentressy". Eu disse: "Você se lembra da sua morte e como foi?". Ele me olhou muito sério e respondeu: "Você não se lembra da sua própria experiência, criança?". Eu balancei a cabeça negativamente. "Então", disse ele, "vou lhe contar. A sensação é maravilhosa, exatamente como quando seu akh [corpo astral] se desprende do corpo. Mas os pensamentos e sentimentos permanecem os mesmos. Eu estava dividido entre saudade, dúvida e medo. Eu ansiava, até ousava ter esperança, de encontrá-la me esperando. Mas também percebi a dimensão do meu pecado. Por um breve instante, estive consciente do meu entorno terreno. Vi meu corpo sem vida, deitado na mesma cama e no mesmo quarto que você conhece. Vi minha amiga Hora, chorando, e vi meu filho Ramsés deitado no chão, chorando amargamente e me implorando para não o abandonar. Foi uma experiência terrível. Por favor, Bentressy, diga às pessoas que não devem torturar seus mortos dessa maneira, se realmente os amam. Minha filha também chorou um pouco, embora não me amasse profundamente, mas sua mãe, cujos belos olhos estavam secos, sem lágrimas e duros como pedras de ágata, a proibiu de me beijar." minha testa morta em despedida. Então a cena desapareceu e me vi sob o céu estrelado...

"Você deve compreender que, após minha chegada a Amenti [o Oeste, o reino dos mortos], eu era um homem enlouquecido de tristeza. Pensei que a encontraria, mas não a encontrei. Procurei, questionei, mas em vão. Meus amigos entre os sacerdotes lançaram olhares de piedade sobre minha dor, mas foram proibidos de responder às minhas perguntas ou me oferecer qualquer palavra de consolo. Em desespero, cheguei a desafiar a ira do Conselho, e eles responderam: 'Aquele que você procura não está aqui, nem na Terra.' Quando tentei perguntar mais, disseram apenas uma palavra: 'Vá embora!' Então, comecei a procurá-la."

Perguntei quando ele soube que eu havia retornado à Terra. Ele disse: "Após longas eras de sofrimento, Nosso Senhor Osíris teve misericórdia de mim, e o Conselho me convocou e disse que você estava 'dormindo na escuridão' e que um dia renasceria. Isso me confortou um pouco. Muito tempo depois, fui informado de que você havia renascido na Terra quase na mesma forma que tinha

antes, e me foi permitido procurá-lo como um akh

Vagando pelo mundo todo, vi muitos lugares e coisas estranhas, até que finalmente te encontrei, e o resto você já sabe."

•

•

•

•

Em 1907, quando tinha três anos (ela nasceu em 16 de janeiro de 1904), Dorothy Louise Eady caiu de uma escada. Enquanto sua mãe, a Sra. Caroline Eady, assistia em choque do patamar superior do apartamento da família no subúrbio londrino de Blackheath, a menina escorregou e despencou escada abaixo, parando imóvel no chão. Correndo atrás dela, a Sra. Eady pegou a filha — sua única filha — no colo e viu que ela estava inconsciente. A mãe desesperada chamou imediatamente o médico, que examinou a menina com um estetoscópio, aproximou um espelho e, em seguida, uma pena de sua boca, e constatou o óbito.

O Sr. Reuben Eady, pai de Dorothy (um mestre alfaiate de profissão), já havia sido chamado para casa; ele imediatamente telefonou para sua sogra e cunhada, que correram para tentar consolar sua esposa, que estava prostrada no chão. Enquanto isso, o médico levou a menina morta para o quarto dela e informou à família enlutada que retornaria em breve com uma enfermeira para preparar e lavar o corpo, e que traria uma certidão de óbito declarando que a menina havia morrido de uma concussão cerebral em uma queda accidental.

O médico e uma enfermeira voltaram uma hora depois e foram ao quarto de Dorothy. Em vez de encontrarem um cadáver, porém, viram uma criança loira, com o rosto coberto de chocolate, sentada e brincando na cama. Atônito, o médico examinou a menina, não observou ferimentos aparentes, rasgou a certidão de óbito, jurou ao Sr. Eady — que estava furioso por a família ter sido perturbada desnecessariamente — que a menina estava morta e, em seguida, retirou-se apressadamente.

Logo após o acidente, Dorothy começou a ter sonhos recorrentes nos quais via um enorme prédio com colunas, um jardim repleto de frutas e flores e árvores altas por perto. Durante o dia, seus pais — com quem ela havia falado sobre essas visões — frequentemente encontravam a filha sentada em seu quarto ou debaixo da mesa de jantar, chorando sem motivo aparente. "Por que você está sempre chorando?", perguntava a mãe de Dorothy. A menina respondia: "Quero ir para casa". "Não seja boba, querida, você já está em casa — esta é a sua casa", a Sra. Eady a tranquilizava. Dorothy continuava a chorar, implorando para ir para casa. Depois de alguns meses assim, seus pais, exasperados, começaram a provocá-la, perguntando em

momentos inoportunos: "Onde fica a sua casa, Dorothy?". Ela, seriamente, respondia: "Não sei, mas quero ir para lá".

Certo dia, quando Dorothy tinha quatro anos, seus pais decidiram levar a irmã mais nova da Sra. Eady ao Museu Britânico. Sabendo que toda vez que deixavam a filha sozinha, mesmo que por pouco tempo, ou com uma babá,

Como se algum pequeno desastre acontecesse com a criança, acharam melhor levá-la consigo.

Os Eadys, então, se viram arrastando sua filha mimada e entediada pelo museu, de uma exposição para outra. Ao entrarem nas galerias egípcias, porém, Dorothy repentinamente soltou as mãos dos pais e saiu correndo descontroladamente pelas salas, beijando os pés de todas as estátuas que conseguia alcançar. Ao alcançá-la, os Eadys a acalmaram e continuaram a visita à coleção egípcia no andar de cima. Novamente, se desvencilhando dos pais, a menina caminhou até uma múmia em uma vitrine de vidro e sentou-se em cima dela.

o chão ao lado dela, e se recusava a se mexer. "Bem, ela está cansada", pensaram os pais, aliviados por ela finalmente ter se acalmado. Então a deixaram lá e levaram a tia de Dorothy, mais dócil, para ver outras exposições.

Quando retornaram meia hora depois à sala das múmias e chamaram Dorothy, dizendo que era hora de ir embora, ela simplesmente permaneceu onde estava, imóvel e alheia às suas vozes. "Dorothy, precisamos ir embora!", insistiu a Sra. Eady. Mas Dorothy não se mexia. A Sra. Eady se abaixou para pegá-la no colo. Ao fazer isso, a menina agarrou a lateral da vitrine de vidro e, com uma voz irreconhecível que soou estranhamente para sua mãe como a de uma velha desconhecida, e não a de uma garotinha, anunciou: "Me deixem... essas são as minhas pessoas!". A Sra. Eady ficou tão surpresa e horrorizada que imediatamente largou a criança, que teve que ser retirada do museu aos gritos e pontapés.

Alguns meses após esse incidente, Reuben Eady passava por uma livraria numa tarde. Na vitrine, havia uma exposição de páginas de amostra da Enciclopédia Infantil de Arthur Mee. Pensando que seria um presente instrutivo para sua filha à medida que ela crescesse, ele entrou, comprou parte da Enciclopédia e a levou para casa. (Esta popular obra de referência, ricamente ilustrada e repleta de informações práticas, lições de gramática e aritmética, versões de fábulas, lendas e histórias, foi publicada em cinquenta fascículos quinzenais entre 1908 e 1910 e teve um enorme impacto nas crianças de todos os países de língua inglesa durante e mesmo depois da era eduardiana. Posteriormente, foi traduzida para outros idiomas, como francês, italiano, árabe e chinês.)

Por uma feliz coincidência, a parte da Enciclopédia que o Sr. Eady havia comprado continha fotografias e desenhos do antigo Egito. No instante em que Dorothy os viu, soube que eram imagens de casa. Durante semanas, sempre que alguém visitava a casa dos Eady, Dorothy corria até o visitante desavisado com uma cópia das páginas relevantes na mão e implorava: "Por favor, leia para mim sobre o Egito". Sra. Eady

Cansada das insistentes insistências da filha, um dia ela disse a Dorothy: "Se você quer ler, eu te ensino a ler". A jovem aluna aprendeu muito rápido.

A mãe não conseguia entender por que Dorothy insistia em usar uma lupa para examinar uma página específica da Enciclopédia Infantil, que reproduzia uma fotografia em página inteira da Pedra de Roseta (a famosa placa de basalto negro, agora no Museu Britânico, cuja inscrição trilingue levou à decifração dos hieróglifos egípcios). "Mesmo que você já saiba ler um pouco, Dorothy", comentou a Sra. Eady com a filha, que estava deitada no chão debruçada sobre sua página favorita, "o que te faz pensar que você conseguiria ler isso? É uma língua que você não conhece." A menina, então com seis anos, sem levantar os olhos, respondeu quase com saudade: "Eu conheço, mas simplesmente esqueci. Se eu pudesse copiar, talvez eu me lembrasse."

Quando Dorothy tinha sete anos, ela começou a entender (ou a se lembrar) do significado da imagem recorrente em seus sonhos: o enorme edifício com suas colunas, jardim e árvores. Certa noite, seu pai chegou do trabalho com algumas revistas. Enquanto folheava as páginas deitada no chão, Dorothy ficou subitamente hipnotizada por uma fotografia cuja legenda dizia: O Templo de Seti I em Abidos, Alto Egito. Era como se ela não conseguisse respirar. Agarrando a revista, correu até o pai e acenou com a foto, gritando: "Esta é a minha casa! Era aqui que eu morava!" Então, olhando fixamente para a imagem, acrescentou tristemente: "Mas por que está tudo destruído? E onde está o jardim?"

O Sr. Eady, irritado e um tanto perturbado, disse firmemente: "Nunca se deve mentir, Dorothy. Você sabe que nunca esteve lá. Aquela é uma fotografia de um prédio antigo — milenar — e está deteriorado porque é muito antigo, e não há jardim porque fica no deserto e não há jardins no deserto, só areia. Portanto, chega de mentiras, por favor!"

Como se isso não bastasse, Dorothy, logo após descobrir o prédio dos seus sonhos, deparou-se com outra fotografia — desta vez mostrando a múmia extraordinariamente realista e bem preservada de Seti I, faraó da Décima Nona Dinastia. Mais uma vez, Dorothy, incapaz de se conter, correu animada até seu pai e, desta vez, jurou-lhe que realmente conhecia o homem da foto e que ele era um homem bom e gentil. Reuben Eady já estava farto; agora ele também começou a gritar que ela certamente não conhecia e jamais poderia ter conhecido o homem da fotografia, que ele era "algum rei antigo" que estava morto há três mil anos, que provavelmente não era um homem bom e que ela deveria parar com toda essa bobagem de uma vez por todas!

Dorothy, como uma menina que ouviu seu pai renegar irrevogavelmente seu único e verdadeiro amor, correu chorando para o quarto e bateu a porta.

* * *

Os pais de Dorothy certamente perceberam que o acidente da filha a havia afetado de alguma forma desconhecida e peculiar. Na era eduardiana, porém, não se encaminhava crianças pequenas, saudáveis e funcionais, a psiquiatras ou neurologistas apenas por parecerem excêntricas ou por terem delírios "infantis". É claro que Dorothy era uma criança nada convencional. (Ela detestava usar sapatos, por exemplo, e os tirava freneticamente ao entrar em casa, antes mesmo de tirar o chapéu e o casaco.) Sua obsessão pelo Egito era, no mínimo, bizarra. De resto, era uma menina precoce, inteligente, curiosa, esperta, obstinada e bem-humorada — embora frequentemente solitária. Certamente, pensavam os Eady, ela acabaria por "superar" sua fantasia oriental exótica. Então, os pais resistiram, mas depois de um tempo quase aceitaram como certa a ideia fixa da filha.

A maioria das pessoas com quem Dorothy entrava em contato fora de casa, no entanto, não era tão tolerante com a obsessão obstinada da menina. Quando os Eadys mandaram a filha para a escola dominical — um lugar que a entediava profundamente, embora ela gostasse das partes da Bíblia que tratavam do Egito — Dorothy disse à professora que, como a religião egípcia era milhares de anos mais antiga que o cristianismo, devia ser a verdadeira religião e o cristianismo apenas uma cópia. Afinal, argumentava ela, Osíris e Jesus não haviam ressuscitado? A Virgem Maria não havia adotado algumas das mesmas características da deusa Ísis? E José, Maria e o menino Jesus não se pareciam muito com Osíris, Ísis e seu filho, Hórus? A resposta da professora da escola dominical foi marcar imediatamente uma reunião com a Sra. Eady para pedir que ela mantivesse sua filha "pagã" longe da aula.

Dorothy também foi expulsa de uma escola para meninas em Dulwich (nos arredores sudeste de Londres) quando se recusou a cantar um hino que implorava a Deus que "amaldiçoasse os egípcios de pele escura". Pegando o hinário ofensivo, Dorothy o atirou na professora e saiu abruptamente do salão de assembleia.

Os Eadys, portanto, ocasionalmente se viam obrigados a procurar uma escola "apropriada" para a filha. Certa vez, tiveram a ideia genial de que um colégio interno na Bélgica poderia ser a solução ideal para transformá-la em uma dama. Dorothy, obviamente, não ficou nada satisfeita com a perspectiva; então, confidenciou à tia que mal podia esperar para ser enviada àquela escola, pois, desde...

Ali, ela poderia facilmente fugir, viajar a pé pela Europa até chegar ao Helesponto e então — como Leander e Lord Byron — atravessá-lo a nado e recomençar a caminhada até chegar ao Egito. A tia prontamente contou à irmã sobre o plano de Dorothy, e assim terminou a ideia do convento. "Pobres freiras!", disse Dorothy Eady mais tarde, a respeito desse incidente. "Elas não sabiam do que tinham sido salvas!"

Quando ficou um pouco mais velha, Dorothy gostava de ir à missa católica aos domingos porque o ritual, o incenso e a música a faziam lembrar da "antiga religião". Em uma das igrejas que frequentava, um padre observador, que presenciava atentamente todos os fiéis entrando e saindo das missas, a abordou certa manhã e perguntou: "Acho que você não é católica, é?". Dorothy percebeu que devia ter feito algo inapropriado durante as orações e respondeu: "Não, não sou católica". "O que você é, então?", questionou ele.

Ela o informou que seus pais eram protestantes. "E eles não se importam que você venha a esta igreja?", perguntou ele. "Eu gosto da sua igreja", disse Dorothy; "acho os sermões, os ritos e as cerimônias muito satisfatórios para mim." "Mas você é protestante", disse o padre. "Não, não sou", admitiu Dorothy, hesitante. "Eu já disse que meus pais são protestantes." "Bem, então", insistiu o padre, "você é judia?" "Não", respondeu Dorothy. "Bem", perguntou o prelado, perplexo e agora desconfiado, "se você não é católica e não é judia, o que você é?" Novamente, a moça hesitou. "Bem, se você realmente quer saber, eu sigo a antiga religião egípcia!" Como Dorothy se lembrou mais tarde: "O pobre homem ficou completamente furioso. Ele conseguiu arrancar meu endereço de mim; E alguns dias depois ele apareceu em nossa casa e deu uma bronca na minha mãe, dizendo: 'Minha cara senhora, a senhora quer que sua filha vá para o inferno?' Minha mãe respondeu: 'Não, mas acho que vai!'

"Veja bem", explicou Dorothy Eady certa vez, "minha mãe [nascida Caroline Mary Frost em 1879] sempre me criticava por fazer coisas que ela não considerava certas. Ela dizia: 'Você não consegue se comportar como uma dama?' E eu perguntava: 'Bem, por que você se casou com um irlandês?' Porque meu pai era meio irlandês e muito mais liberal do que minha mãe. Mas nenhum dos meus pais, nem ninguém em suas famílias, tinha qualquer interesse pelo Oriente... exceto o tio-avô da minha mãe, que era um missionário que foi para a China."

e tentou convencer os chineses de que a religião cristã era melhor que a budista. Mas um chinês resolveu a questão com um porrete, e esse foi o fim do meu tio! ... Aliás, minha avó dizia que foi uma misericórdia ele ter morrido antes de ver sua sobrinha-neta crescer e se tornar pagã!"

Dorothy Eady finalmente encontrou alguém que aceitou e incentivou sua devoção ao antigo Egito. Quando ela tinha dez anos, ela

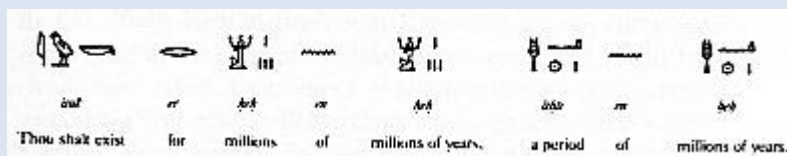
Dorothy costumava matar aula e passear pelo seu amado Museu Britânico para admirar as galerias egípcias. Um dia, enquanto examinava alguns hieróglifos em um relevo, um senhor mais velho, baixo, robusto e de cabelos brancos, que já havia notado a garotinha no museu muitas vezes, aproximou-se dela e perguntou por que não estava na escola, onde deveria estar. Dorothy respondeu que deveria estar na escola, mas que a escola não lhe ensinava o que ela realmente queria saber. "E o que seria isso?", perguntou o senhor. "Hieróglifos!", exclamou ela fervorosamente. Ele sorriu para a jovem de olhar intenso e disse: "Bem, nesse caso, eu lhe ensinarei o que você quer saber."

Este anjo da guarda de cabelos brancos, que se tornou amigo de Dorothy Eady e se ofereceu para ser seu tutor não oficial ("Ele me ajudou e me incentivou", como ela diria mais tarde), era ninguém menos que Sir E. A. Wallis Budge, o Curador de Antiguidades Egípcias e Assírias do Museu Britânico.

- um egiptólogo extraordinariamente prolífico e controverso, muitas de cujas obras sobre história, língua, religião e magia egípcias, embora hoje consideradas um tanto desatualizadas e falhas, ainda estão impressas e são amplamente lidas. Para sua surpresa, sua jovem aluna revelou um talento natural para o desenho e aprendeu rapidamente a escrever as centenas de caracteres hieroglíficos básicos que ele lhe ensinou (embora, anos mais tarde, Dorothy Eady tenha percebido as imperfeições no sistema de transliteração de Budge e as tenha compensado adotando outros).

métodos mais precisos dos estudiosos). Logo, por sugestão de seu mentor, ela começou a tentar decifrar certos textos do chamado Livro Egípcio dos Mortos (orações e feitiços funerários mágicos destinados a guiar os mortos do antigo Egito em suas jornadas pelo submundo, originalmente inscritos nas paredes dos túmulos e preservados em papiros - cuja melhor coleção está no Museu Britânico).

Sempre que Dorothy visitava o Dr. Budge, ele lhe dava uma pequena passagem hieroglífica do Livro dos Mortos, que ela levava para casa. Algumas semanas depois, quando ela aparecia com sua "tradução" escrita em seu caderno, o Dr. Budge conferia a versão de Dorothy com sua própria tradução e transliteração do texto.



O Dr. Budge ficou ao mesmo tempo satisfeito e admirado com a rápida aprendizagem do seu aluno.

domínio desse material. E, enquanto a elogiava um dia por seu notável "progresso", ele também se perguntou em voz alta como ela havia conseguido aprender e compreender tanto tão rapidamente. Dorothy explicou-lhe simplesmente que, na verdade, já conhecia o idioma há muito tempo, que apenas o havia esquecido e que, com a ajuda e orientação dele, tudo estava voltando à sua memória.

"O Dr. Budge era uma figura e tanto", recordou Dorothy Eady muitos anos depois. "Os jovens que trabalham hoje no Museu Britânico às vezes me veem como uma profetisa, porque eu conheci o velho pessoalmente! E quando o conheci, ele já devia ser bem idoso. Era baixo e muito gordo, com cabelos brancos como a neve que chegavam aos ombros. Acho que ele parecia um precursor dos hippies, e seu rosto era redondo e rosado como o de um querubim, sem rugas, quase como o de um bebê. Sobre seus longos cabelos brancos, ele usava uma cartola de pele preta – acho que era o que antigamente se chamava de chapéu de castor – e, atravessado em sua grande barriga redonda, usava uma enorme corrente de relógio de ouro – grande e forte o suficiente para amarrar um touro – e no meio dela havia uma enorme moeda de ouro. Ele tinha mãos muito pequenas, macias e brancas, sem veias – nada parecidas com as de uma pessoa idosa – e um enorme escaravelho."

um anel que ia do nó do dedo até a articulação. "Sempre que eu conseguia matar aula e ir ao museu, ele

Ele me chamava ao seu escritório e me oferecia um copo de leite e uma barra de chocolate. Era muito gentil comigo... mesmo anos depois, quando eu o visitava ocasionalmente. Lembro-me de um dia em particular, eu devia ter uns vinte e poucos anos na época, entrei em seu escritório e o encontrei cheio de caixas. Nelas estavam as descobertas de Sir Leonard Woolley no cemitério real de Ur, na Mesopotâmia, com todas as joias da Rainha Shub-ad*... e elas ainda não tinham sido exibidas. 'Ah!', disse o Dr. Budge quando me viu. 'Você chegou na hora certa. Venha aqui e eu farei...'

"Você é uma rainha!" E ele colocou na minha cabeça a coroa da Rainha Shub-ad, com todas as suas flores douradas e o que parecia um cacho de bananas douradas de cada lado, e depois os colares e as pulseiras também. E lá estava eu, simplesmente sucumbindo ao peso de todo aquele ouro! Bem, eu achei que eram bonitos e tudo mais, mas não gostei e não teria me importado de ficar com eles... Quer dizer, eu não me sentia em casa com eles. Anos depois, porém, quando eu estava trabalhando em uma escavação arqueológica no Egito, encontraram um colar de ouro.

"Uma faixa que pertencia a uma dama de alta posição; e quando a coloquei - e era tão pesada que quase me deu dor de cabeça! - eu nunca mais quis tirá-la."

Sobre o extraordinário adorno de cabeça da Rainha Shub-ad - datado de cerca de 2700 a.C. - Sir Leonard Woolley, que o descobriu no túmulo da rainha, escreveu: "Sua base era uma larga fita dourada adornada com laços ao redor do cabelo [coberto por uma peruca espessa e acolchoada]. Sobre esta, havia...

Três grinaldas, a mais baixa pendendo sobre a testa, de pingentes de anéis de ouro lisos; a segunda, de folhas de faia; a terceira, de longas folhas de salgueiro em conjuntos de três com flores de ouro cujas pétalas tinham incrustações azuis e brancas; todas as três estavam presas em correntes triplas de contas de lápis-lazúli e cornalina. Preso na parte de trás do cabelo, havia um "pente espanhol" de ouro com cinco pontas terminando em flores de ouro com lápis-lazúli no centro. Grossos anéis espirais de fio de ouro estavam torcidos nas mechas laterais da peruca; enormes brincos duplos de ouro pendiam até os ombros; e, aparentemente, do cabelo também pendia, de cada lado, um colar de grandes contas quadradas de pedra com, na ponta de cada uma, um amuleto de lápis-lazúli, um em forma de touro sentado e o outro de bezerro. Por mais complexo que fosse o adorno de cabeça, suas diferentes partes estavam tão bem organizadas que foi possível reconstruir o todo e exibir a imagem da rainha com todas as suas vestes originais intactas" (Ur dos Caldeus: Um Registro de Sete Anos de Escavação).

Se dependesse dela, Dorothy Eady teria vivido no Museu Britânico; e entre os dez e os doze anos, passou lá o máximo de tempo possível. Isso aconteceu entre 1914 e 1916, durante a Primeira Guerra Mundial. Dorothy era obrigada, como de costume, a frequentar a escola — embora ainda matasse aulas para visitar seu segundo lar e, em geral, se comportasse como se os distúrbios do mundo exterior fossem mais um incômodo do que um cataclismo.

Certa noite, ela e seus pais correram para uma varanda para ver o primeiro Zeppelin alemão sobrevoando o local. "Parecia tão lindo sob os holofotes", recordou Dorothy Eady anos depois, "— como um grande charuto de prata. Eu o admirava lá de cima, e de repente vi aquela coisa linda explodir ao meio e pegar fogo. Comecei a chorar, e meus pais imediatamente me deram uma boa surra porque eu deveria ter comemorado. Mas eu não gostava de ver coisas bonitas se quebrando."

Dois anos após o início da guerra, porém, aviões de guerra alemães começaram a bombardear Londres à noite; e a geralmente despreocupada, destemida e destemida menina de doze anos começou a ficar com medo. Certa vez, durante um ataque particularmente devastador, Dorothy fechou os olhos e se viu rezando — muito parecido com Lúcio em *O Asno de Ouro*, de Apuleio — para a deusa Ísis:

Ó Santa Senhora, constante consolo da humanidade, cuja benevolência e bondade nos nutrem a todos, e cujo cuidado com os aflitos é como o de uma mãe amorosa que cuida de todos os seus filhos, vós estais presente quando invocamos, estendendo a vossa mão para afastar o que nos faz mal, desfazendo a teia do destino em que podemos estar presos, até mesmo detendo as estrelas se formarem um padrão nocivo. Todas as outras divindades, sejam generosas ou impiedosas, reverenciam-vos. É Ísis quem governa o mundo, erradicando os poderes do mal, organizando as estrelas para nos dar respostas, fazendo com que as estações venham e vão, comandando os ventos para mover os navios, dando às nuvens para regar as sementes em crescimento para que tenhamos alimento. Mesmo que eu tivesse mil bocas e mil línguas em cada uma, ainda assim não conseguiria fazer justiça à Vossa Majestade. Contudo, lembrarei para sempre da vossa ajuda em minha hora de necessidade e guardarei a vossa imagem bendita no fundo do meu coração.

"E a partir daquele momento", Dorothy Eady afirmaria mais tarde, "nunca mais tive medo de nada."

Numa manhã de sábado, ela estava pegando um ônibus de
Blackheath para...

Dorothy estava a caminho de Londres para ir ao instituto de dança que a Sra. Eady insistia que ela frequentasse todos os fins de semana para perder peso ("Eu certamente era tão grande e gorda quanto uma vaca!", diria Dorothy mais tarde sobre sua figura no início da adolescência). De repente, o ônibus parou quando as sirenes começaram a soar, um alerta: era o primeiro ataque aéreo alemão diurno sobre Londres - e todos correram para se abrigar. Dorothy se refugiou em uma loja de doces, comprou alguns chocolates e, da porta, olhou para o combate aéreo que acontecia no céu. "Foi emocionante", ela testemunharia mais tarde, "com aviões atacando e desviando. Então um foi atingido, e eu vibrei - embora ninguém soubesse de quem era o avião." Logo os bombardeiros alemães foram repelidos; e depois de alguns minutos, as sirenes de "tudo limpo" soaram. Todos correram para os ônibus; Mas Dorothy, que detestava a ideia de ter que ir para a escola de dança, deixou a multidão passar à sua frente. Depois de um tempo, finalmente embarcou em um ônibus vazio, desceu em Southampton Row e começou a caminhar os quatro quarteirões até a escola. De repente, do nada, viu e ouviu uma bomba caindo não muito à sua frente; os aviões de guerra alemães haviam retornado para atacar alvos civis. "A força da explosão foi como uma mão enorme no meu peito, que me empurrou para baixo", lembrou ela mais tarde. "Mas eu não me machuquei - nem fiquei com medo, até pensei que fosse uma grande brincadeira. Quando o barulho diminuiu, caminhei, sem pressa, até a escola. E quando cheguei lá, tudo o que vi foi uma enorme nuvem de poeira e, no lugar da escola, uma cratera gigantesca."

Com seu humor negro e despreocupado, Dorothy percebeu que não precisaria mais ter aulas de dança. O que a perturbava era a possibilidade de o Museu Britânico ter sido destruído. Então, ela correu para a Great Russell Street para se certificar de que ainda estava lá, viu que sim, e continuou até a New Oxford Street para visitar um amigo dono de uma loja de antiguidades onde gastava sua mesada em estatuetas e joias egípcias baratas. Ao descobrir que ele e a loja estavam a salvo, decidiu visitar o apartamento de sua tia em Londres. Ao chegar lá e entrar na sala de estar, viu seu pai tentando consolar a esposa, que chorava histericamente. Tendo ouvido falar dos atentados perto de Southampton Row, os Eady correram para a escola de dança, onde encontraram equipes de resgate retirando corpos dos escombros do prédio demolido. Ao saberem que todos os alunos estavam presentes, presumiram que Dorothy havia morrido. Ao ver a filha entrando no apartamento, o Sr. Eady a agarrou e lhe deu uma surra daquelas por não ter ligado para casa para avisar que estava viva. Dorothy apenas comentou: "Eu só precisava ver se o Museu Britânico estava bem."

Os Eadys tinham visto a filha escapar da morte pela segunda vez, mas a dor e o sofrimento decorrentes de suas "ressurreições" milagrosas eram demais para eles. Então, decidiram enviar a menina de doze anos — para a segurança dela e para a própria paz de espírito — para a fazenda da avó, no interior de Sussex. Como o amado Museu Britânico estava fechado por causa dos bombardeios alemães, Dorothy, pela primeira vez, não resistiu ao exílio temporário longe de Londres. Na verdade, sua estadia no campo a deixou extremamente feliz.

"Eu me diverti muito lá", disse ela certa vez sobre seus dias em Sussex. "Tudo o que a vovó tinha na fazenda era um velho decrépito e um garoto meio bobo de dezesseis anos que não tinha o menor interesse em agricultura; e eu era uma criança grande e forte, e tinha jeito com os animais. Então eu cuidava dos cavalos, ajudava a ordenhar as vacas e batia a manteiga. Lembro-me de ter começado uma adorável corrida com todos os outros filhos dos fazendeiros vizinhos quando levávamos o leite em grandes latões para a estação. Era como o Faraó perseguindo os israelitas - eu sendo o Faraó, é claro! Eu dirigia uma carroça e amarrei as rédeas do meu cavalo na cintura, como eu tinha visto naquelas fotos; mas o animal não era suficientemente treinado em egiptologia, eu acho, e uma vez ele me puxou da carroça e eu perdi um pedaço considerável de pele."

Havia outro cavalo no estábulo de sua avó — um lindo cavalo branco — e Dorothy o batizou de Mut-hotep (que era o nome de um cavalo de carruagem que pertencera a Ramsés II, filho de Seti I, e que significa "A Deusa Mut está satisfeita"). "Nós nos dávamos muito bem", disse ela certa vez, acrescentando: "Mut-hotep era a única criatura com quem eu podia conversar livremente e sem reservas."

Dorothy frequentou uma escola rural, que tolerava porque, depois das aulas, sabia que poderia voltar correndo para casa, selar seu cavalo e cavalgar treze quilômetros pelos campos de Sussex até chegar à cidade litorânea de Eastbourne, com seu calçadão de quase cinco quilômetros e penhascos de giz próximos. Uma vez em Eastbourne, ela ia até a biblioteca pública e pegava emprestados vários livros sobre assuntos egípcios, depois voltava a cavalo para a fazenda para cuidar dos animais.

Ela também adorava se voluntariar para certas tarefas que acabavam se tornando pretextos para muita diversão e travessuras. Não muito longe da fazenda havia um moinho de vento chamado Moinho Polegate, onde as pessoas iam moer farinha. Como Dorothy contou mais tarde: "Eu era uma verdadeira peste para o pobre moleiro, um homem chamado Sr. Katz. Eu insistia em andar na grande popa. Pior ainda, enquanto as velas do moinho giravam, eu pulava pela janelinha, por onde os operários iam consertar as velas, e então agarrava uma delas e saía dando voltas... o que, é claro, significava que eu estava de cabeça para baixo. Oh, meu Deus, você deveria ter..."

"Já vi a cara daquele pobre Sr. Katz!"

Dorothy adorava estar no campo. Quando teve que viajar para Londres para passar três dias com seus pais (ela também fez uma caminhada nostálgica pelo ainda fechado Museu Britânico e testemunhou mais dois ataques aéreos sobre a cidade), mal podia esperar para voltar para a fazenda, os campos verdes, as colinas onduladas e para seu amigo favorito, Mut-hotep.

Para evitar ouvir falar da guerra, Dorothy mergulhou em seus livros de egiptologia e evitou cuidadosamente ler qualquer jornal. Ela não conseguia evitar ficar sabendo dos eventos brutais que ocorriam nas frentes europeias através dos moradores da aldeia, e ocasionalmente sofria de pesadelos nos quais via longas extensões de fazendas cheias de arame farpado e soldados sobrevoando-as "como em uma daquelas pinturas malucas de Salvador Dalí", ela comentaria mais tarde - e pessoas, que lhe pareciam vagamente familiares, sendo "explodidas em pedaços".

Certo dia, um soldado que sofria de envenenamento por gás mostarda foi trazido, em meio a muita comoção, para a aldeia. Quando Dorothy viu o rosto devastado daquele jovem, quase desmaiou. "Era um daqueles rostos que eu frequentemente via em meus pesadelos", disse ela mais tarde. "E agora, pela primeira vez, eu finalmente me dei conta dos horrores da guerra."

...e eu sabia que aquilo era algo bem diferente da diversão que eu costumava ter assistindo aos combates aéreos entre cães nos céus de Londres. Eu entendi o quão tolo eu tinha sido."

* * *

Era o outono de 1918, a guerra estava lentamente chegando ao fim, e os Eadys decidiram que era hora de sua filha retornar a Londres. De volta para casa, Dorothy estava extremamente infeliz. Sentia falta do interior de Sussex e de Muthotep. Agora com quatorze anos, não tinha amigos próximos e era uma adolescente mal-humorada, incompreendida, desajeitada e frequentemente entediada. Além de seu fascínio inextinguível pelo Egito, a vida parecia cansativa, monótona, sem graça e improdutiva.

Após um dia particularmente desanimador e monótono, Dorothy chegou da escola sentindo-se excepcionalmente cansada. Ela jantou algo leve.

— Dito apenas algumas palavras aos pais — desculpou-se e foi para o quarto. Despiu-se e vestiu uma camisola que a mãe lhe comprara recentemente e que a própria Dorothy decorara com miçangas, bordando o nome de Ísis em hieróglifos na barra. Deitou-se na cama com um livro sobre o Egito Antigo e mal o abria quando, já meio

adormecida e cansada demais para ler, decidiu que o melhor seria apagar a luz.

O que aconteceu em seguida foi tão surpreendente que, quando ela o relembrou cerca de cinquenta anos depois a uma amiga de confiança, pareceu-lhe como se...

tudo havia acontecido na noite anterior. "Eu estava dormindo e acordei parcialmente, sentindo um peso no peito. Então acordei completamente e vi aquele rosto debruçado sobre mim, com as duas mãos no decote do meu camisolão. Reconheci o rosto da foto que eu tinha visto anos antes, da múmia de Seti. Fiquei atônita e chocada, gritei e, ao mesmo tempo, senti uma alegria imensa. Lembro-me como se fosse ontem, mas ainda assim é difícil explicar. Era a sensação de algo que você esperava e que finalmente chegou, e mesmo assim te causa um choque. E então ele..."

Rasgou meu camisolão do pescoço até a barra.

"Minha mãe estava dormindo no quarto ao lado e me ouviu gritar. Depois de um minuto, ela entrou e perguntou o que havia acontecido. E eu respondi, com naturalidade: 'Nada, tive um pesadelo'. Então ela disse: 'Quem rasgou seu camisolão?' E eu disse: 'Não sei, devo ter feito isso sozinha'. Mas eu sabia que não tinha feito."

"Veja bem, a figura de Sety apareceu para mim, mas como eu poderia explicar isso à minha mãe? — e seu rosto era o rosto morto de uma múmia. As mãos se moviam e os braços se moviam, mas ele não falava, não dizia uma única palavra. E eu jamais esquecerei aquele terrível episódio."

Olhe nos olhos. Não sei como descrever. Só posso dizer que os olhos tinham o olhar de alguém no inferno que de repente encontrou uma saída.

A partir daquele momento, Dorothy Eady passou a esperar que, de alguma forma, conseguisse entrar em contato com essa presença novamente. E pouco depois da noite da visita de Sety, ela começou a ter um sonho recorrente. Ela se via como uma jovem egípcia em um enorme quarto, sobre esteiras de junco estendidas no chão, e com ela, nesse quarto, estavam muitas mulheres e meninas. Enquanto elas estavam deitadas, um homem muito velho, carregando uma lamparina, entrava no quarto e as observava com seus olhos semicerrados, como se estivesse com miopia, para se certificar de que todas estavam em seus devidos lugares.

lugares apropriados. Então o sonho mudaria para uma câmara subterrânea cercada por um canal de água. Nessa câmara, cujo chão era coberto por seixos de ágata, cornalina e turquesa, havia uma estátua de alguém deitado em um leito semelhante a um esquite. No sonho, a jovem egípcia encontrava um homem alto e de aparência severa, vestido como um sumo sacerdote, e vários outros homens e mulheres que a encaravam com desaprovação. Quando ela se recusava a responder às suas perguntas incessantes, o homem começava a bater nela com um bastão... ao que

Nesse ponto, Dorothy acordava gritando.

Naquela época, Dorothy Eady não tinha consciência, pelo menos não conscientemente, de que imediatamente atrás do templo de Seti

em Abidos se localizava o que muitos arqueólogos e historiadores consideram o edifício mais incomum e misterioso de todo o Egito. Essa estrutura, conhecida como Osirion, consistia originalmente em um grande salão subterrâneo, construído com arenito vermelho monumental e

Blocos de calcário branco, com pilares monolíticos de granito vermelho — pesando cerca de cem toneladas cada — que sustentavam arquivases igualmente maciças e um teto. No centro do salão havia uma ilha elevada em forma de monte, cercada por um canal de água artificial, com dois lances de escada que desciam até a água. Cenotáfio (ou "falso túmulo") de Seti, o Osirion também foi, em diferentes épocas, considerado uma representação da mítica Ilha da Criação egípcia antiga, emergindo do oceano primordial, e também o túmulo do próprio Osiris ("aquele que dorme rodeado de água").

Aos quatorze anos, Dorothy não entendia por que aquele estranho salão subterrâneo sempre aparecia em seus sonhos, nem por que era constantemente espancada por um inquisidor assustador que parecia um sumo sacerdote. Esse sonho recorrente era tão opressivo, e os gritos que Dorothy soltava durante ele tão lancinantes, que a Sra. Eady frequentemente precisava correr para o quarto da filha para confortá-la. O que mais perturbava e assustava a mãe era o som da voz da menina quando ela gritava em seu sono, um choro agonizante por socorro que parecia vir de uma criatura possuída adormecida, que a Sra. Eady mal reconhecia.

Foi também por volta dessa época que a mãe de Dorothy começou a notar que a filha tinha tendência a andar dormindo. Certa vez, quando a família Eady estava hospedada na fazenda em Sussex, Dorothy saiu para cavalgar à noite sob uma chuva torrencial. Ao retornar ao estábulo, limpou o cavalo. De volta à casa, tomou um banho quente e se despiu para dormir. Mas, de repente, lembrou-se de que não havia trancado a porta do estábulo. Começou a se vestir novamente; mas sua mãe, ao vê-la se agitando, perguntou por que estava se vestindo. Quando Dorothy contou para a Sra. Eady, esta simplesmente disse: "Ora, não se preocupe, são cavalos terríveis, ninguém vai roubá-los." Dorothy pensou: "Bem, tudo bem" e foi para a cama. Na manhã seguinte, quando a Sra. Eady entrou no quarto para acordá-la, percebeu que os pés e a camisola da filha estavam todos enlameados. Dorothy não sabia como aquilo tinha acontecido, já que tinha ido direto para a cama. Quando a Sra. Eady foi até o estábulo e encontrou a porta trancada, percebeu que a filha devia ter saído para passear enquanto dormia. Devido ao sonambulismo de Dorothy e aos seus pesadelos persistentes, os Eady internaram a filha várias vezes em um hospital psiquiátrico para observação, embora as internações fossem de curta duração.

* * *

Em 1920, Dorothy tinha dezesseis anos e não precisava mais frequentar a escola... o que lhe dava liberdade para passar os dias como

quisesse: lendo livros, colecionando antiguidades egípcias e...

Durante uma visita ao Museu Britânico, o pai de Dorothy passava por uma "crise da meia-idade". Interessado na então emergente indústria cinematográfica, começou a pensar em abandonar a carreira de mestre alfaiate. Assim como a filha, Reuben Eady também tinha "outra" vida. Pouco se sabe sobre sua juventude. Além de alfaiate, era mágico e ilusionista nas horas vagas, apresentando-se sob o nome de Brandon Dalmar em pequenos clubes e cabarês, e ocasionalmente em grandes casas de espetáculos. Pressentindo que o cinema provavelmente se tornaria uma forma lucrativa de entretenimento, decidiu, em 1920, fazer uma viagem tranquila pelas Ilhas Britânicas com a esposa e a filha, em busca de teatros adequados para serem transformados em salas de cinema.

Dorothy adorou o que, para ela, era uma viagem grandiosa. Em cada cidade que os Eadys visitavam, ela procurava a biblioteca principal e o museu local e passava o tempo pesquisando sobre egiptologia. Então, um dia, enquanto dirigiam pela zona rural de Wiltshire, chegaram à planície de Salisbury. Lá, encontraram o lugar mais mágico que Dorothy já tinha visto: o extraordinário conjunto circular de pedras megalíticas conhecido como Stonehenge. Ao se aproximar das ruínas deste antigo centro religioso e observatório astronômico (construído durante o Neolítico Final e o início da Idade do Bronze - c. 1800-1400 a.C.), Dorothy observou, na luz pálida e enevoada da manhã, um belo cavalo branco pastando na fortificação de terra fechada e notou as sombras misteriosas e calmas projetadas pelos trilítos com lintéis e colunas de arenito. O cavalo imediatamente lembrou Dorothy de Mut-hotep; E, como ela comentaria mais tarde, podia "sentir o cheiro da arte egípcia naquele lugar".* A Pedra do Calcanhar, de 35 toneladas e 4,8 metros de altura, que fica na Avenida em frente à entrada e sobre a qual o sol nasce no Solstício de Verão, pareceu a Dorothy semelhante a "um obelisco heliopolitano atarracado". (Heliópolis era o antigo centro de culto egípcio original do deus sol Rá, que, sob outro nome, provavelmente também era adorado em Stonehenge.) Dorothy ficou entusiasmada ao descobrir que, nas sepulturas e túmulos tumulares agrupados na área, haviam sido encontradas contas de faiança egípcia azul (conhecidas como contas de múmia). Como outros antes e depois dela, ela especulou que talvez os egípcios, ou seus vizinhos mais resistentes, navegadores e comerciantes da Creta Minoica e da Grécia Micênica, tenham ido como mercadores à Grã-Bretanha pré-romana, levando consigo contas e pedras egípcias. Em Stonehenge, Dorothy teve uma intuição que mais tarde se tornaria sua firme convicção de que as viagens na antiguidade eram muito mais extensas e comuns do que geralmente se imagina.

* Ao descrever sua primeira visita a Stonehenge, o escritor de viagens H.O. Morton afirmou: "Aqueles grandes pedras pareciam inexplicavelmente remotas, erguendo-se ali sob a tênue luz que era..."

Não a luz da lua ou do sol, mas a penumbra espectral que precede o dia. Isso me lembrou o Egito" (Em Busca da Inglaterra).

No século XII, o historiador inglês Geoffrey de Monmouth acreditava que as pedras monumentais de Stonehenge haviam sido transportadas magicamente da Irlanda para o seu local atual! Depois de viajar pela Inglaterra, Dorothy e seus pais finalmente chegaram a Dublin. Para o desespero dos Eady, sua filha se viu imediatamente envolvida em um tumulto antibritânico ao se juntar aos rebeldes do Sinn Féin contra os Black and Tans britânicos. Seus pais a resgataram da batalha de rua no último instante. Embora Dorothy tenha lembrado ao pai que, graças a ele, ela era parcialmente irlandesa e que estava apenas defendendo a independência da Irlanda, o Sr. Eady – um autoritário em questões de disciplina – a espancou. (Os nacionalistas irlandeses eram fervorosos apoiadores do movimento nacionalista egípcio Wafd e de seu líder, Saad Zaghlul Pasha, durante a revolta egípcia de 1919.)

"Sabe", explicaria Dorothy Eady mais tarde, "eu nunca me senti realmente em casa na Inglaterra. Como Moisés disse na Bíblia, 'Eu era um estrangeiro em terra estranha'. Depois que a Primeira Guerra Mundial terminou e a revolução de 1919 eclodiu no Egito, aquele país passou a ocupar as manchetes dos jornais ingleses. Lembro-me de discutir o tempo todo com minha família sobre o direito do Egito à sua independência. Certa vez, fiquei muito irritada com meu tio, que insistia em me dizer que, se um dia eu fosse ao Egito, encontraria a bandeira britânica hasteada sobre a Cidadela do Cairo. Em minha fúria, eu lhe disse que esperava que chegasse o dia em que a veria arriada e a bandeira egípcia hasteada em seu lugar. E fico feliz por ter vivido para ver esse dia!"

* * *

Após concluir sua turnê de reconhecimento pelas Ilhas Britânicas, Reuben Eady decidiu mudar-se com a família para Plymouth, onde convenceu um consórcio londrino a fornecer-lhe fundos para converter uma pista de patinação/salão de dança em cinema. Este cinema era tão notável que, quase cinquenta anos após a sua inauguração, a criação empreendedora de Eady foi comemorada em um artigo do jornalista e estudioso de cinema Robert Ainsworth para o jornal local de Plymouth, o Western Morning News.

Localizado na Rua Ebrington, o New Palladium, como era chamado o cinema, tinha capacidade para três mil e quinhentos espectadores sentados e mais mil em pé. Reuben Eady construiu a cabine de projeção tijolo por tijolo; e o cinema era tão espaçoso que a cabine de

projecção ficava a cento e cinquenta pés da tela.

tornando necessário que o projecionista utilize binóculos para focar o filme.

O filme escolhido pelo Sr. Eady para inaugurar seu cinema foi "As Esposas Insensatas", de Erich von Stroheim. Ficou em cartaz por duas semanas, com mais de três mil espectadores em cada sessão. O New Palladium foi um sucesso imediato, e o pai de Dorothy ficou conhecido como um "gerente extraordinário". Durante os meses de verão, ele mandava colocar enormes blocos de gelo em vários pontos do cinema para torná-lo "o cinema mais fresco da cidade". Ele também instalou uma máquina de vapor elétrica que não só fazia o prédio cheirar a catedral, como também servia para desinfetar o cinema, de modo que "a difteria não sobrevivia por mais de sete segundos em seus vapores, e os germes da gripe eram eliminados em quatro segundos".

O New Palladium também abrigava o primeiro órgão de cinema em Plymouth - "O Lar do Órgão de Tubos", como diziam os anúncios.

— que era usado tanto para acompanhar filmes mudos quanto para recitais ocasionais de órgão solo. Três vezes por semana, uma orquestra de Plymouth transmitia apresentações "ao vivo do New Palladium" pela estação de rádio local da BBC.

Às sextas-feiras à noite, e como prólogos e interlúdios nas sessões de cinema, Reuben Eady idealizava, produzia e dirigia seus próprios concertos e espetáculos dramáticos. Em uma ocasião, o empresário Eady apresentou três garotas dançando de patins em frente a um navio pirata com as velas desfraldadas. Em outra, indígenas americanos ricamente adornados e com pinturas de guerra invadiram o palco para atacar um grupo de carroças cobertas, enquanto um músico saltava da plateia e perseguia os agressores, disparando tiros de festim contra eles. E em um memorável tableau vivant, a cabeça de um demônio com chifres e olhos faiscantes encarava ameaçadoramente três figuras fantasmagóricas que circulavam em torno de uma enorme fogueira.

Em momentos mais tranquilos, havia um interlúdio musical, durante o qual uma jovem voluptuosa chamada Dorothy Lincoln, vestida com trajes exóticos, aparecia no palco e cantava uma música popular de music hall, adornando sua apresentação com uma gama completa de gestos melodramáticos - ao acompanhamento de uma orquestra de quinze músicos.

Dorothy Lincoln era o nome artístico da filha do Sr. Eady. Como recordou um antigo morador de Plymouth: "Dorothy era uma moça alta e muito bonita naquela época. Lembro-me bem do prólogo do filme O Ladrão de Bagdá, estrelado por Douglas Fairbanks. Pouco antes do filme começar, Dorothy Lincoln apareceu no palco vestindo um traje oriental e cantou 'Somewhere in the Sahara', uma canção popular na época, embora o Sr. Eady a tenha mudado para 'Somewhere in Old Bagdad' para a ocasião." Outro antigo morador de Plymouth se lembra "vividamente" de...

Dorothy Lincoln, de "constituição generosa" e "com aquele timbre trêmulo em sua voz de soprano tão popular na época - mas não tanto para garotinhos como eu! Reuben Eady costumava ficar no fundo do teatro e desafiar qualquer um a reagir com desdém quando Dorothy se apresentava no palco. Ele aplaudia fervorosamente após cada música."

Talvez os meninos mais novos não gostassem da voz dela, mas alguns moradores mais velhos de Plymouth achavam que Dorothy tinha um certo talento. Ela trabalhou com um grupo de teatro amador que apresentou uma dramatização da história de Ísis e Osíris. Dorothy interpretava Ísis, e outra menina interpretava a irmã de Ísis, Néftis. O ponto alto da peça era um dueto em que as deusas irmãs lamentavam a morte de seu irmão Osíris e imploravam que ele voltasse à vida. O texto desse dueto foi derivado de um antigo lamento egípcio recitado três mil anos antes, durante o...

peça anual de mistério sagrado em Abidos. Foi traduzida para o alemão na virada do século e, pouco depois, apareceu em uma versão em inglês feita pelo notável folclorista e homem de letras Andrew Lang (1844-1912), mais conhecido por seus livros de fadas Azul, Vermelho e Verde.

Como Dorothy Eady recordou: "A versão impressa em alemão do 'Lamento de Ísis e Néftis' tinha sua própria música, mas a melodia que usei para o texto em inglês, que cantamos na peça, era uma que eu costumava cantarolar repetidamente quando criança, e que deixava meus pais loucos! Nunca alterei essa melodia; e quando li o poema de Lang pela primeira vez, muitos anos depois, descobri que combinava muito bem com ele. A versão original do texto, aliás, deve ter sido escrita na época da construção do Templo de Sety ou logo depois, porque..."

Refere-se ao 'santuário sagrado sétuplo'. A garota que interpretou Néftis e eu cantamos juntas no palco, mas também me lembro de tê-la apresentado sozinha em um concurso de canto em Plymouth, pouco depois da peça... e ganhei uma medalha de ouro! Mesmo em tradução moderna, o 'Lamento por Osíris', como Andrew Lang o chamou, tem o poder de despertar nossas emoções mais profundas."

*Cantemos Osíris morto,
Lamentemos a cabeça
caída:*

*A luz se foi do mundo, o
mundo está cinza.*

*Através dos céus
estrelados, a teia da
escuridão voa.*

E Ísis chora porque Osíris faleceu.

*Ó estrelas, ó fogos, ó rios, derramai vossas
lágrimas, chorai, filhos do Nilo,*

Chorai, pois vosso senhor está morto!

Caminhamos suavemente, nossos passos medidos caindo.

*Dentro do santuário sete vezes;
Com ternura para com os mortos que vivem, estamos chamando-os de:
"Retorna, Osíris, do teu reino frio! Retorna
para aqueles que te adoravam antigamente."*

*Dentro da corte divina
O santuário sagrado sétuplo
Passamos, enquanto os ecos das paredes do
templo repetem o longo lamento.
O som da tristeza enviado
Lá no alto, nos salões imperecíveis,
Onde, abraçadas uma à outra, as irmãs Ísis e
Néftis choram, sobre seu sono profundo.*

*Caminhamos suavemente, nossos passos
medidos ecoando sete vezes dentro do
santuário;
Com ternura para com os mortos que vivem, estamos chamando-os de:
"Retorna, Osíris, do teu reino frio! Retorna
para aqueles que te adoravam antigamente."*

*Ó habitante do oeste,
amante e majestoso,
Teu amor, tua irmã Ísis, te chama para casa!
Sai do teu quarto escuro,
Tu, mestre do sol,
Tua câmara sombria, muito abaixo da
espuma! Com asas cansadas e exaustos
Por todo o firmamento,
Por todos os caminhos infernais
assombrados pelo horror, eu te procuro
perto e longe.
De estrela em estrela errante,
Livre com os mortos que habitam Amenti.
Busco nas alturas, nas profundezas, nas terras,
nos céus, Levanta-te dos mortos e vive, nosso
senhor Osíris, levanta-te!*

"Na peça, depois que Néftis e eu terminamos de cantar nosso lamento, Osíris ressuscitou dos mortos; e os outros atores subitamente se despiram dos mantos escuros que usavam e ficaram revelados em belas vestes brancas!"

As poucas pessoas ainda vivas que se lembram do pai de Dorothy Eady o descrevem como sendo "baixo", "um tanto gordinho", mas "imponente" e

Figura "imperiosa", sempre bem vestida e que sempre carregava uma tesoura no bolso para retirar as bitucas de cigarro de uma piteira que costumava colocar entre os lábios, enquanto virava a cabeça de perfil ao falar em público, "como se tivesse acabado de sair de um romance policial de Edgar Wallace". Um mestre do espetáculo, foi fundamental na organização de uma recepção para a estrela americana do faroeste, Tom Mix, no Hotel Savoy de Plymouth, onde o cavalo de Tom, Tony, galopava entre as mesas dos convidados atônitos. Em seus negócios, Eady era - segundo seu antigo projetorista - um "homem justo e franco".

Reuben Eady, que já não era um alfaiate da classe baixa, agora um cavalheiro de classe média, foi um dos primeiros moradores de Plymouth a possuir um automóvel. Eventualmente, ele mudou-se com a família de seu apartamento, logo acima do cinema, para um trailer (o que alguém descreveu como um "trailer opulento") no campo próximo. Ali, ao acordar pela manhã, Dorothy podia ver corvos, gralhas, corvos-pretos e peneiros voando sobre as dramáticas colinas de granito e bosques de Dartmoor, onde lontras, doninhas, raposas e texugos tinham suas tocas.

O final da década de 1920 viu a chegada dos filmes sonoros. O cinema de Reuben Eady acabou sendo comprado pela Denham Picture Houses (agora parte da Rank Organization), que o manteve como gerente dos cinemas New Palladium e Savoy – cargo que ele deixou em 1931 para se tornar gerente do novo Gaumont Cinema na Union Street – a resposta de Plymouth ao Soho londrino – onde, todas as noites, marinheiros da base naval se reuniam para festejar nos mais de cem pubs que ladeavam a rua. Nesta nova era dos filmes falados, No entanto, as habilidades de direção extravagantes e o talento teatral de Reuben Eady já não eram apreciados. Em 1934, tendo perdido o entusiasmo pelo que agora era principalmente trabalho administrativo e tendo começado a sofrer de crises de depressão severa, ele abandonou completamente o ramo cinematográfico.

O cinema New Palladium — juntamente com mais de oitenta mil outros edifícios na cidade — foi bombardeado pelos alemães em março de 1941. Um estacionamento agora marca o local deste cinema, que outrora foi extremamente popular, idealizado, construído e administrado pelo notável pai de Dorothy Eady, que morreu em seu trailer, dez anos antes de sua esposa, em 28 de maio de 1935, aos cinquenta e seis anos de idade.

* * *

Os anos do final da adolescência e início da vida adulta de Dorothy Eady em Plymouth foram de espera. Ela sabia o que estava esperando,

mas quase todos que entravam em contato com ela naquela época inevitavelmente a viam simplesmente como uma excêntrica solitária que cantava no cinema do pai.

Eles tinham certeza de que ela acabaria como uma solteirona, vivendo para sempre com os pais nesta cidade portuária provinciana e pacata. (Mal sabiam eles que ela estava esperando não a chegada do seu navio, mas a sua partida!)

Ninguém em Plymouth tinha conhecimento ou interesse em descobrir os pensamentos e planos "secrets" de Dorothy Eady. Superficialmente, ela era uma garota despretensiosa, de porte avantajado, com olhos azuis e cabelos cor de palha, e um senso de humor exuberante. Rindo, ela costumava contar a história de como, certa vez, um navio da Marinha Real Britânica, o HMS Ark Royal, ficou preso na lama perto da costa de Plymouth. Dorothy e seus pais estavam em uma praia de onde podiam ver os marinheiros tentando desencalhar o barco. No exato momento em que Dorothy entrou na água para nadar, o navio foi desencalhado. Os Eady nunca deixaram a filha esquecer essa história, dizendo a todos: "Dorothy entra na água e o que acontece? Ela enche o mar tanto que liberta o Ark Royal!"

Dorothy já estava bastante acostumada às brincadeiras dos pais. Às vezes, ressentia-se de ter que cantar em público no New Palladium e nas festas de fim de semana que o pai organizava em casa. Por iniciativa própria, tornou-se aluna em meio período da Escola de Arte de Plymouth, onde teve aulas de desenho — um talento que lhe seria muito útil no futuro. Também frequentava reuniões de um grupo local que se reunia de tempos em tempos para discutir a possibilidade de reencarnação. Dorothy, que não tinha com quem conversar sobre o assunto e se sentindo entre almas gêmeas, tentou comunicar seus sentimentos sobre ter tido uma vida anterior no antigo Egito. "Mas os membros do clube", comentou ela mais tarde, "não tinham certeza se eu não havia realmente tido várias reencarnações, uma das quais foi Joana d'Arc. Mas por que diabos eu deveria ter sido Joana d'Arc? Não sei. Eu sentia vontade de lutar, e sempre ficava irritada quando o Egito estava em apuros, e eu gostaria de ter ido lutar pelo Egito - era a minha veia irlandesa. Fora isso, não havia nada de santo em mim."

Por essa época, ela também consultou espiritualistas sobre seus sentimentos desconcertantes. Eles, rejeitando a doutrina da reencarnação, sugeriram que, no momento de sua "morte", quando caiu da escada, um espírito ancestral possivelmente havia entrado em seu corpo e a possuído. Incerta da explicação "verdadeira" para sua condição, Dorothy desistiu de questionar o porquê e simplesmente concentrou sua energia em suas leituras e coleções de objetos egíptológicos.

Diversos jornais britânicos da época noticiaram que o governo egípcio estava cada vez mais incomodado com o enorme fluxo ilegal de antiguidades para fora do país. Havia artigos sobre um arqueólogo egípcio chamado Selim Hassan, que acabara de descobrir o túmulo de calcário em forma de sarcófago do Imperador do Quarto Ano.

A rainha da dinastia Khent-kawes estava localizada a sudeste da Grande Pirâmide.

Dorothy, então com seus vinte e poucos anos, havia reunido "uma pequena e agradável coleção de antiguidades egípcias — quero dizer, nada realmente muito valioso, mas eu as amava muito. Quando li aqueles artigos, porém, fiquei com a consciência pesada em relação à minha coleção, então juntei todas as peças em uma caixa e as enviei pelo correio ao Professor Selim Hassan, do Departamento de Antiguidades Egípcias, no Cairo, Egito. Não mencionei de quem eram, apenas enviei a citação do Novo Testamento: 'Dai a César o que é de César', e eu

Não pensei mais nisso.

"Então, certa tarde, cheguei em casa e encontrei minha mãe em um estado terrível. 'Não sei o que você andou fazendo', ela me disse, 'mas a polícia veio aqui te procurar por algo relacionado ao Egito.' Naquela época, eu era totalmente a favor de Saad Zaghlul, o líder nacionalista egípcio, e minha mãe tinha visões de mim sendo fuzilado na Torre de Londres como traidor! Então, tentei acalmá-la dizendo que iria imediatamente à delegacia para ver o que estava acontecendo. Quando cheguei lá, perguntei ao policial responsável por que ele estava me procurando. 'Você enviou uma caixa de antiguidades para o Egito?', ele perguntou. Respondi que sim, que as havia enviado ao Professor Selim Hassan. 'Então', disse ele, 'foi você. Nós imaginávamos que fosse.'" Perguntei-lhe o que havia de errado, e ele me informou que o Professor Hassan estava muito curioso para saber quem havia enviado o pacote, e que não tinha nada além do carimbo postal de Plymouth; então, ele escreveu uma carta para o departamento de polícia de Plymouth, perguntando se alguém lá conhecia algum morador local interessado em antiguidades egípcias... e a única pessoa sobre quem conseguiram encontrar fui eu."

Um ano depois, aos vinte e sete anos, Dorothy foi para Londres onde — apesar da desaprovação da família — conseguiu um emprego em uma revista egípcia de relações públicas, para a qual escrevia artigos e desenhava charges políticas promovendo a causa da independência egípcia. Na época, morava em Londres um jovem de uma família de classe média alta do Cairo chamado Imam Abdel Meguid, que estudava métodos educacionais britânicos para se tornar professor no Egito.

"Encontrei o Imã na Câmara dos Comuns, de todos os lugares", diria Dorothy mais tarde sobre o encontro fatídico. "Veja bem, os estudantes egípcios que residiam em Londres no início da década de 1930 eram extremamente ativos politicamente. Podíamos vê-los por toda parte distribuindo panfletos ou folhetos, fazendo discursos e explicando seus pontos de vista pacientemente (mas na maioria das vezes impacientemente!) para uma multidão apática de vadios no Hyde

Park. A maioria dos estudantes escrevia cartas constantemente para o editor de todos os jornais ingleses que conseguiam encontrar."

Como não causaram distúrbios, o governo britânico não tinha motivos nem justificativa para repatriá-los.

"O imã, em particular, sempre acompanhava os debates na Câmara dos Comuns quando o problema egípcio estava na pauta. Ele ouvia com muita atenção e anotava os pontos de vista de cada orador – tanto dos que eram a favor quanto dos que eram contra a causa egípcia."

"Bem, certa tarde, meu editor me enviou para entrevistar um certo membro do Parlamento na Câmara dos Comuns, a fim de tentar convencê-lo de que o Egito era perfeitamente capaz de administrar seus próprios assuntos. Enquanto eu esperava do lado de fora de seu gabinete, dois jovens egípcios entraram, e o único assento vago era ao meu lado. Então, um deles – que acabou sendo o Imã – sentou-se, enquanto o outro foi entrevistar outro parlamentar."

Até aí tudo bem. Aí esse cara do meu lado começou a cochilar... e cochilar... e acabou dormindo, com a cabeça no meu ombro. Então dei um cutucão nele e ele acordou. "Ah, desculpe, desculpe!", disse ele. Mas continuou fazendo isso várias vezes. Ele devia estar cansado, porque realmente dormiu! Pensei: "Bem, que se dane, deixa ele ficar". Então, quando o amigo dele voltou, lá estava eu com o amigo sentado do meu lado, com a cabeça no meu ombro, roncando. Acordamos ele e nós dois caímos na gargalhada. Depois começamos a conversar; e como eles me disseram que ambos iriam de Londres para o Cairo no dia seguinte, eu e o Imã trocamos endereços. E trocamos cartas. Ele me escreveu dizendo que se interessava por educação e queria elevar os padrões do Egito moderno aos do Egito antigo e tudo mais. Após um ano de troca de cartas, ele me enviou uma fotografia dele com a família – pessoas decentes, honradas e honestas – e me perguntou se eu queria me casar com ele.

"Até então, eu havia recusado vários pedidos de casamento. Um inglês respeitável e decente me pediu em casamento e, como incentivo, disse que lhe haviam oferecido um emprego como policial no Cairo... Bem, eu não consegui aceitar. Depois, um casal de egípcios me pediu em casamento. Mas eu também não consegui. Porque, veja bem, eu nutria uma paixão secreta pelo Rei Sety desde os meus quatorze anos e sempre sonhei em encontrar alguém como ele. No entanto, logo percebi que não se faziam mais homens assim. Além disso, eu achava que amava o Imã – você sabe como as garotas são com o romance. Meus pais, é claro, se opuseram, porque nunca o tinham conhecido, e disseram um 'não' categórico ao pedido. Podiam ter poupado o fôlego! Eu certamente já tinha passado da idade e sempre fiz o que quis. Quando viram o quanto eu estava determinada, não tiveram escolha a não ser dar o seu consentimento."

Assim, aos vinte e nove anos, Dorothy Louise Eady escreveu uma carta ao Egito dizendo que havia concordado em se casar com o Imã Abdel.

Meguid.

• •

●

Em 1933, Dorothy Eady reservou uma passagem em um navio rumo ao Egito, arrumou alguns pertences e, entusiasmada, iniciou sua tão esperada viagem. O navio partiu de Southampton e, após dez dias no mar, finalmente se aproximou da costa de Port Said pouco antes do amanhecer. Sem conseguir dormir na noite anterior à sua chegada, Dorothy permaneceu acordada em sua cabine. Em certo momento, percebendo que o navio havia parado e ouvindo uma comoção acima dela, vestiu-se e subiu para ver o que estava acontecendo. Em preparação para o desembarque, os marinheiros estavam lavando apressadamente os conveses. "Fui até lá e me inclinei no..."

"Eu estava no parapeito", comentou Dorothy Eady mais tarde, "e eu conseguia ver o contorno tênue e escuro da terra e, aqui e ali, pequenas luzes cintilantes. Um dos marinheiros me disse: 'Essa é Port Said, senhorita'. Eu sabia que era. Oh, eu fiquei no parapeito rindo e chorando. Quando desci do navio, ajoelhei-me, beijei o chão e disse: 'Mãe, voltei para casa!' E jurei que nunca mais iria embora."

Com seu futuro marido, que viera encontrá-la em Port Said, Dorothy embarcou em um trem para o Cairo. E durante toda a viagem, permaneceu absorta, olhando pela janela e absorvendo as cores de sua terra: os campos verdejantes, luminosos e celestiais do Vale do Nilo, com seus quadrados de solo negro; as sombras violetas opalescentes nas curvas das distantes dunas de areia do deserto; e a luz âmbar intensa e inabalável do céu, digna dos maiores deuses solares.

Em todos os campos, arados puxados por bois eram conduzidos pelos primeiros agricultores do mundo — os fellahin egípcios em seus galabias azuis — e logo atrás de cada arado, um bando de garças brancas como a neve "limpava" a terra revolvida de parasitas e vermes. Para onde quer que Dorothy olhasse, via búfalos-d'água pretos e brilhantes, vacas, burros, cavalos, ovelhas e cabras. "Nada parecido com isso na Inglaterra!", pensou ela, mal percebendo o quão pouco estava dizendo ao homem com quem logo se casaria.

Ao entrar no Cairo - na época uma cidade verde e pitoresca com apenas um milhão de habitantes - ela avistou jovens estudantes de tarbooshes, mulheres elegantemente vestidas com os últimos modelos parisienses ou então com véus tradicionais, comerciantes de caftãs cor

de pêssego e vendedores de frutas e verduras de galabias-rayés.

No coração do Cairo, alguns ingleses — alguns de calças curtas e chapéus de feltro — passeavam com suas famílias, enquanto jovens universitários egípcios os encaravam com uma mistura de desprezo e desdém. "Embora falássemos a mesma língua", confessaria Dorothy Eady mais tarde, "senti, desde o início, que eu estava com uma visão distorcida da realidade."

Na minha primeira semana no Cairo, me senti totalmente distante e alheio aos meus compatriotas britânicos, como se fossem criaturas de outro mundo. E, merecidamente, atraí a ira da comunidade britânica da cidade por causa da minha atitude em relação a ela.

Quase imediatamente após chegar ao Cairo, Dorothy e o Imã Abdel Meguid casaram-se; e o sogro da noiva deu-lhe o primeiro nome de "Bulbul", que significa "rouxinol" em árabe (talvez por causa de sua voz melodiosa). Mas algumas das primeiras notas emitidas por essa "dríade das árvores" criaram uma melodia dissonante, enquanto os recém-casados rapidamente se envolviam em sua primeira briga.

Ao que parece, a família do Imã possuía uma casa que dava para a Cidadela, na parte antiga da cidade. E dessa residência, Dorothy observava corvos cinzentos e pretos pousados no topo de plátanos e majestosas milhafres planando sobre eucaliptos; via nuvens de pombos voando sobre cúpulas, domos e minaretes; ouvia os gritos dos muezins chamando os fiéis para a oração; e, à distância, distinguia as velas latinas das felucas navegando pelo Rio Grande.

Era ali que Bulbul queria morar. "Ah, era lindo, e tão alto", ela recordaria mais tarde. "Ar maravilhoso. Dava para ver toda a cidade, até as pirâmides ao longe. Mas meu marido não queria morar lá. Ele era funcionário do governo, e aquele era um bairro do Cairo Antigo, e ele insistiu que morássemos em Many El Roda [no início da década de 1930, uma bela área residencial do Cairo, cujas casas tinham vista para jardins de palmeiras, alfarrobeiras e cássias]. Mas eu queria estar perto dos monumentos antigos, e aquela área era repleta deles."

"Ingleses esnobes — sabe, aqueles de sutiã e botas marrons que não tomam café da manhã. Oh, meu Deus, gente horrível! Quer dizer, o marido de uma das famílias de lá era motorista. Na Inglaterra ele também tinha sido motorista; mas aqui, como era motorista de um paxá, achava que era um paxá... Meu Deus, se existe um lugar entediante, esse lugar é Many El Roda!"

O imã Abdel Meguid logo percebeu que sua esposa era um pouco mais teimosa do que ele esperava. Mas ele presumia que, por natureza, ela seria uma boa cozinheira. Nesse quesito também, ele teve uma surpresa desagradável. Certa vez, por exemplo, enquanto tentava preparar dholma — um de seus pratos favoritos, que consistia em folhas de videira enroladas e recheadas com arroz e carne moída — a Sra. Abdel Meguid se viu incapaz de manusear as folhas de videira corretamente; então, decidiu amarrá-las com linha de costura, jogou-as na água, onde se desfizeram imediatamente, e para completar seu triunfo, deixou a infeliz mistura ferver demais.

A habilidade culinária de Bulbul tornou-se lendária. Seus vizinhos se lembram vividamente de uma de suas festas de "kushari". Este era um prato feito com lentilhas inteiras, arroz, cebola e molho de tomate

picante que ela...

Ela gostava particularmente da receita; mas exigia uma ordem exata dos ingredientes e um tempo preciso de preparo. Distraidamente, misturou tudo de forma desleixada e colocou a mistura no forno. O que surgiu uma hora depois foi descrito como "um magma espesso de cor indefinida" com um sabor "único". Um convidado sugeriu que a cozinheira o usasse para "pintar o apartamento com uma cor original"; outro disse que testaria uma amostra como veneno para ratos; e a própria anfitriã, imperturbável, sugeriu que cada um de seus amigos pegasse um pouco, apenas para uso externo, como uma "pomada" para furúnculos e abscessos.

"Pobre coitado, pobre coitado. Como eu fiz aquele pobre homem sofrer!" Dorothy Eady suspiraria mais tarde, recordando a situação doméstica desesperadora do marido. "Entre quase matá-lo com a minha comida - sabe, a comida inglesa é bem ruim, mas a minha era a pior! - eu também o entediava até as lágrimas com as minhas conversas sobre o Egito Antigo. Ele gostava de tudo que era moderno, e eu gostava de tudo que era antigo... então era demais para ele."

A Sra. Abdel Meguid estava grávida ("um trabalho muito rápido", comentou ela certa vez). O Sr. e a Sra. Eady aproveitaram a ocasião para ir ao Egito a fim de, nas palavras de Dorothy, "conhecer o lugar e meu marido". Segundo a filha, eles ficaram "encantados com ele, e minha mãe disse que ele era bom demais para mim!". Os Eadys então permaneceram para testemunhar o nascimento do neto – um menino que eles achavam que deveria se chamar George, mas a filha insistiu em chamar de Sety. (O pai da criança, ao que parece, não teve nenhuma participação na decisão.)

A essa altura, o Imam Abdel Meguid já havia inevitavelmente percebido e aceitado o fato de que sua esposa não só não tinha interesse nem aptidão para qualquer "rotina" doméstica normal, como também era uma pessoa extremamente peculiar, com quem e ao redor de quem as coisas mais estranhas provavelmente aconteciam. O pai do Imam — cuja sanidade o filho não tinha motivos para duvidar — entrou por acaso no quarto da nora um dia, enquanto ela se recuperava de uma doença; e, de repente, as pessoas da casa o viram saindo correndo do quarto, gritando que "havia um faraó sentado na cama de Bulbul!"

Cerca de um mês antes do parto, Bulbul e o marido foram convidados para uma festa de casamento em outro bairro do Cairo, chamado Shoubra, mas ela estava cansada e não queria ir. Então, Imam disse que, se ficasse muito tarde, ele passaria a noite em um apartamento da mãe, a uma curta distância do local da festa. A esposa não se opôs. "Era verão", recordou Dorothy Eady mais tarde, "e meus pais ficaram com o nosso quarto, e eu dormia em um colchão no terraço que dava para o quarto. (Havia uma porta de vidro que dava para o terraço, mas era um terraço privado, e ninguém podia entrar

nele a não ser pelo nosso apartamento.) Então, fui dormir no meu próprio colchão."

colchão, e meus pais se retiraram para o quarto.

"Bem, minha mãe, sempre madrugadora, levantou-se como de costume na manhã seguinte. Como ela nunca conseguia fazer nada sem tomar sua xícara de chá, foi ferver água, depois voltou e trouxe duas xícaras para o meu colchão no terraço. 'Mãe, sente-se e tome seu chá', eu disse a ela. Ela respondeu: 'Eu já tomei o meu'. Perguntei: 'Então por que duas xícaras?' Ela respondeu: 'Uma para você e outra para o Imã'. Então eu disse: 'Mas o Imã não voltou ontem à noite, ele ficou em Shoubra'. (Eu havia dito à minha mãe que ele provavelmente não voltaria para casa.) Ela insistiu: 'Não, ele veio ontem à noite. Acordei e o vi parado perto do seu colchão, olhando para você'. 'O que ele estava vestindo?', perguntei. 'Uma galabia branca e uma capa azul, ou algo por cima... azul-escuro'. Então eu disse a ela: 'Você sabe que o roupão do Imã é vermelho-escuro'. Novamente ela insistiu, dizendo: 'Deve ter sido ele'." — Não foi ele — eu lhe disse. — Então quem foi? — ela perguntou. — Bem, se você realmente quer saber, foi o Rei Seti I. ... Ela ficou sem palavras por um tempo, mas então olhou para mim, apavorada, e disse: — Meu Deus, Dorothy, saia deste país, não é um lugar seguro!

* * *

Anos mais tarde, Dorothy Eady tentaria explicar esse acontecimento fantasmagórico afirmando que, pouco depois de sua chegada ao Egito, "Sua Majestade" começou a aparecer para ela novamente. E "Sua Majestade", revelou Dorothy, apareceu para ela no Egito não na forma de uma múmia — como havia feito anteriormente quando ela era uma menina de quatorze anos em Plymouth — mas no que ela alegava ser sua forma e aparência "normais". "Toda vez que eu tentava tocá-lo ou ele tentava me tocar, no entanto", acrescentou ela, "era como se houvesse um grosso painel de vidro entre nós. Só vários anos depois de seu reaparecimento ele falou comigo pela primeira vez. Eu tinha dificuldade em entendê-lo e costumava cometer erros engraçados ao falar. Se eu ouvisse pessoas se movimentando e quisesse dizer 'Fiquem quietos!', as palavras eram 'Cale a boca!'" em vez disso, sairia. Mas uma noite ele descobriu que, ao colocar a mão sobre mim — e especialmente ao segurar minha mão — eu conseguia entendê-lo e falar com ele corretamente, como se algum poder íntimo de Sua Majestade tivesse entrado em mim."

* * *

Ao contrário da mãe e do sogro de Dorothy, o imã Abdel Meguid nunca tinha visto essa "aparição". Desde o nascimento do filho, ele se

distanciara cada vez mais da esposa, cujos interesses,

As preocupações e visões eram muito diferentes das suas, e o comportamento cada vez mais bizarro delas o surpreendia e assustava ao mesmo tempo.

Durante o segundo ano de casamento, ele acordava no meio de certas noites - geralmente quando a lua estava cheia - e ficava observando. totalmente surpreso e quase sem respirando, deleA esposa, como um "rouxinol", levanta-se da cama num estado meio consciente, meio transe, e parece flutuar até uma escrivaninha perto da janela, onde, à luz da lua, começa a escrever como se estivesse recebendo um ditado - algum tipo de mensagem hieroglífica fragmentada. "Na maior parte do tempo em que eu escrevia", diria Dorothy Eady mais tarde, "eu estava meio inconsciente, como se estivesse sob um estranho feitiço - nem dormindo nem acordada. Estavam ditando para mim. O 'cavalheiro' que narrava minha história - seu nome era Hor-Ra - realmente não tinha pressa. Ele me dizia apenas algumas palavras, depois desaparecia por cerca de quinze dias, e então voltava - sempre à noite - e me contava mais algumas linhas ou episódios... e depois disso sua voz simplesmente desaparecia. Era como se esse Hor-Ra estivesse morrendo de tédio, como se estivesse cumprindo uma missão que o enchia de aversão. Todas as noites, quando ele vinha, eu sentia como se algo me sacudisse para me acordar... como em um sonho. Quando eu escrevia os fragmentos da história, sentia que ouvia uma voz suave... sem conseguir ver ninguém. As noites eram sempre iluminadas pela lua, e de alguma forma eu conseguia ver minha própria caligrafia. Enquanto me ditavam..." Inicialmente, eu sentia que entendia cada palavra; mas depois, quando comecei a decifrar os rabiscos, descobri que eram bastante difíceis de entender. Na verdade, de manhã, quando acordava, tudo parecia tão vago, tão incerto, que se eu não tivesse certeza absoluta de que era minha própria letra, teria dito que era de outra pessoa. Os fragmentos estavam lá, e quando finalmente Hor-Ra parou de vir, eu comecei para juntar as peças do que me parecia um grande quebra-cabeça.

"Este Hor-Ra levou quase um ano para terminar a história. Durante esse tempo, eu estava em grandes apuros com meu marido porque, inconscientemente, eu estava escondendo dele o que me era ditado, e ele se perguntava o que eu estava fazendo no meio da noite, anotando algo que ele nunca via. Eu não queria chatear ainda mais o Imam, que já tinha todos os motivos para reclamar da minha comida e da minha negligência com a limpeza da casa. Ele ficou extremamente perturbado por eu não ter lhe contado do que se tratavam esses 'ditados' desde o início. Eu não tinha certeza se ele acreditaria... e também não tinha certeza se qualquer outra pessoa acreditaria."

"Depois de finalmente traduzir e reunir todos os escritos - que somavam cerca de setenta páginas - descobri o seguinte... e acredito

ser verdade, com base em coisas que me lembro. Meus pais, ao que parece, eram de origem muito humilde. Minha mãe vendia verduras.

que costumava vender produtos agrícolas para as tropas, e meu pai era um soldado estacionado em Shunet El Zebib, uma fortaleza arcaica que havia sido transformada em quartel militar a cerca de um quilômetro e meio ao norte do templo de Seti. Que ancestralidade linda! Não sei se eles eram casados... talvez não. Talvez ele tenha lhe dado um fragmento de cerâmica com algumas inscrições para usar como certidão de casamento. Se eram casados, o casamento foi breve. Quando nasci, minha mãe me chamava de Bentressyt ('Harpa da Alegria'), mas ela morreu quando eu tinha pouco mais de dois anos. Meu pai, que antes era enviado em missões por semanas ou meses a fio, logo foi transferido para Tebas [Luxor]; e como não podia levar uma criança de três anos consigo, levou-a para o antigo templo de Kom El Sultan (logo ao norte do templo de Seti, que estava em construção na época) para ser criada como sacerdotisa.

"O sumo sacerdote do templo chamava-se Antef, um nome bastante peculiar, pois não era comum na época. Ele era alto, com um semblante severo, e costumava assustar todas as sacerdotisas sempre que ouviam sua voz grave e imponente. Sua cabeça raspada, suas vestes imaculadas e sua figura imponente inspiravam respeito. Ele era o protótipo do aristocrata egípcio – uma pessoa realmente distinta, mas assustadora."

"Quando Bentressyt tinha doze anos, Antef perguntou-lhe se ela queria sair pelo mundo ou permanecer no templo. Se ela quisesse sair pelo mundo e encontrar um bom marido, bem..."

...adeus e que Deus te abençoe! Mas ela não sabia nada sobre o mundo exterior e era feliz no templo, então disse que preferia ficar. Antef então explicou-lhe que ela deveria fazer um voto de permanecer virgem, pois agora se tornaria propriedade do templo. Com apenas doze anos, Bentressyt não compreendeu bem o significado de tudo aquilo; mas, sem ter para onde ir, fez seus votos.

"Nos dois anos seguintes, Bentressyt foi instruída pelo próprio sumo sacerdote sobre o papel que desempenharia no drama da morte e ressurreição de Osíris* - um papel que somente virgens, consagradas como sacerdotisas de Ísis desde a infância, podiam interpretar. Elas recebiam um treinamento muito árduo - esse sujeito de Antef era bastante severo, um verdadeiro fundamentalista, por assim dizer - porque as sacerdotisas não podiam cometer nenhum erro ao recitar os hinos religiosos durante a apresentação dos Mistérios."

Como Dorothy Eady escreveu certa vez: "A versão padrão da história de Osíris, como era conhecida durante o Novo Império, era que Osíris, seus dois irmãos Set e Hórus, o Velho, e suas irmãs Ísis e Néftis, eram todos filhos de Nut, deusa do céu, e Geb, deus da terra. Osíris casou-se com Ísis, e Set com Néftis. Osíris tornou-se rei do Egito, mas naquela época os egípcios eram um povo totalmente incivilizado. Viviam em assentamentos temporários à beira do deserto, vestidos com peles de animais selvagens, e sobreviviam da caça e da criação de gado selvagem. Também praticavam sacrifícios humanos e canibalismo."

"Osíris ensinou aos seus súditos as artes da agricultura e da irrigação. Mostrou-lhes como

construir casas de tijolos de barro secos ao sol e ergueu templos do mesmo material para que eles..."

Passaram a viver juntos em harmonia em comunidades sedentárias. Osíris lhes deu leis, educação e até mesmo a habilidade da escrita, utilizando a escrita hieroglífica inventada por seu amigo, o sábio deus Thoth.

"A deusa Ísis ajudou seu marido de todas as maneiras possíveis. Ela persuadiu o povo a cultivar linho e ensinou as mulheres a fiar e tecer para que pudessem usar roupas limpas de linho em vez de peles de animais."

"Tanto Osíris quanto Ísis eram muito amados por seus súditos. Mas seu irmão maligno, Set, odiava Osíris e tinha muita inveja de sua popularidade entre o povo. Set finalmente conseguiu provocar uma briga com Osíris, assassinou-o e cortou seu corpo em quatorze pedaços, que espalhou por todo o Egito."

Assim que soube da tragédia, Ísis partiu em busca dos fragmentos do corpo de seu marido, embalsamou-os com a ajuda do deus Anúbis e os sepultou no local onde foram encontrados. (Segundo uma versão da história, a cabeça de Osíris foi sepultada em Abidos. O coração foi sepultado na ilha de Filas, perto de Assuã. O falo foi lançado no Nilo e engolido por um peixe. Por esse motivo, o consumo de peixe era proibido aos sacerdotes.) Outra tradição conta que Anúbis e Ísis reuniram os fragmentos embalsamados e os sepultaram em Abidos. Nas versões mais antigas da história, que são encontradas

Nos Textos das Pirâmides, datados da Quinta Dinastia, consta apenas que Set assassinou Osíris em Abidos e deixou seu corpo na margem do canal. O corpo foi encontrado por Ísis e Néftis, embalsamado por Anúbis e sepultado em Abidos.

"Na época de seu assassinato, Osíris e Ísis não tinham filhos, mas por meios místicos, Osíris alcançou uma ressurreição física por uma noite e dormiu com Ísis. Dessa forma, ela concebeu seu filho Hórus, que mais tarde vingaria a morte de seu pai."

Set usurpou o trono do Egito e governou como um tirano despótico. Ísis fugiu para o norte, onde se escondeu nos vastos pântanos do Delta para aguardar o nascimento de seu filho Hórus. Ela foi acompanhada por sua irmã Néftis que, horrorizada pelos crimes de Set, o abandonou para sempre.

"Quando Hórus atingiu a idade adulta, desafiou o direito de seu tio maligno, Set, ao trono e, após muitas batalhas legais, guerras reais e provas de força, finalmente o derrotou, vingou o assassinato de Osíris e recuperou o trono do Egito. Hórus governou o Egito seguindo as mesmas altas tradições de seu pai, Osíris, e tornou-se o arquétipo do faraó perfeito. De fato, até o fim do período faraônico, todos os governantes usavam o nome Hórus como um de seus títulos oficiais."

Na peça, o papel de Osíris era desempenhado por uma estátua de madeira em tamanho natural do deus, adornada com ouro e pedras semipreciosas. O papel de Hórus era tradicionalmente desempenhado pelo próprio rei, embora às vezes ele delegasse essa honra a algum oficial importante. Os outros deuses eram personificados pelos sacerdotes e sacerdotisas, e era estipulado que as mulheres que interpretassem Ísis e Néftis deveriam ser virgens. A "multidão", representando os seguidores de Osíris e os seguidores de Set, era interpretada por certos membros da própria multidão, que lutavam juntos com ramos de palmeira descascados.

...e fica a dúvida de quantas cabeças foram quebradas e quantas dívidas antigas foram pagas!

Cada episódio da peça se passava em um dia e local diferentes. Mas o assassinato de Osíris era sagrado demais, trágico demais e angustiante demais para ser apresentado publicamente; e, por isso, ocorreu dentro do templo. A busca pelo corpo de Osíris, no entanto, foi encenada às margens do canal onde o incidente original supostamente teria acontecido. As duas mulheres, representando Ísis e Néftis, com os cabelos soltos e os rostos e vestes cobertos de lama, corriam lamentando ao longo das margens do canal. Finalmente, elas

'encontraram' o deus.

deitado no chão. Ísis se atirou sobre ele, chorando e lamentando; e as duas deusas juntas cantaram então o comovente 'Lamento de Ísis e Néftis'.

Para os peregrinos, era como se a antiga tragédia estivesse se desenrolando diante de seus olhos. Afinal, aquele era o mesmo canal ao lado do qual Osíris fora assassinado; além, as mesmas montanhas imutáveis para as quais a verdadeira Ísis erguera seu rosto banhado em lágrimas. E às vezes, ainda hoje, quando o vento sopra sobre as ruínas de Abidos, pode-se imaginar que ele ecoa com os soluços e lamentos dos peregrinos que choram por seu deus assassinado.

"De qualquer forma, enquanto Hor-Ra continuava minha história, me contaram sobre a visita de Sua Majestade a Abidos para inspecionar as obras em seu templo, e sobre como ele passou pelo jardim e viu Bentressyt colhendo algumas flores. E o resto você já sabe."

* * *

Durante três anos, o imã Abdel Meguid permaneceu casado com sua esposa de muitas vidas (que, por sua vez, descreveu o marido como um "homem muito paciente e muito decente"). Mas quando, em 1935, foi convidado a trabalhar no Iraque como professor do ensino secundário por um ano, aceitou a oferta prontamente e com muito alívio. Sua esposa não o acompanhou. E pouco depois de seu retorno ao Egito, em 1936, divorciou-se dela e casou-se com sua prima. Como a ex-Sra. Abdel Meguid, que manteve legalmente seu nome de casada e a cidadania egípcia, descreveria mais tarde a separação amigável: "Sua prima era uma boa cozinheira e não gostava de monumentos. Eu me casei com o Departamento de Antiguidades do Egito. Assim, todos ficaram felizes."

* * *

"Todos nós conhecemos pessoas que sonharam com as pirâmides ou tiveram visões de uma vida passada no Egito", afirmou certa vez um amigo egiptólogo de Dorothy Eady. "Mas esse tipo de obsessão dura três meses ou um ano, e depois acaba, e as pessoas partem para outra coisa. Dorothy Eady realmente viveu tudo isso. Ela também era uma fonte inesgotável de informações, sugestões e teorias fascinantes sobre o Egito Antigo, porque realmente se dedicou a aprender sobre o assunto passo a passo, da maneira mais difícil."

Com a partida do marido para o Iraque, Dorothy deixou imediatamente sua casa em Cidade das Flores (como ela costumava se

referir depreciativamente a Manya El Roda) e, com seu filho pequeno, Sety, montou algumas tendas perto das pirâmides de Gizé, onde acampou brevemente antes de seguir viagem.

Ela residia em um apartamento simples em Nazlet El Simman – um pequeno povoado com não mais de vinte casas, localizado ao pé do planalto de Gizé, com vista para as pirâmides e a Grande Esfinge. Logo conseguiu um emprego como desenhista no Departamento de Antiguidades Egípcias – Dorothy Eady foi a primeira mulher a ser contratada pelo departamento – e começou a trabalhar para o Dr. Selim Hassan – o mesmo Selim Hassan para quem, sete anos antes, de Plymouth, ela havia enviado anonimamente sua pequena coleção de antiguidades egípcias.

O mundialmente famoso egiptólogo Selim Hassan (1886-1961) foi responsável pela descoberta da Quarta Pirâmide; e suas escavações na região de Gizé estiveram entre os empreendimentos arqueológicos mais importantes deste século. (Sua obra-prima, os dez volumes de Escavações em Gizé, faz "menção especial, com sincera gratidão", a Dorothy Eady por seus desenhos e por suas contribuições de edição, revisão e indexação em três dos volumes.)

Uma figura imponente, Selim Hassan foi certa vez descrito por Dorothy Eady como tendo "a aparência de um vizir do Antigo Império". Tive a enorme sorte de fazer minha "estreia" com um cientista tão distinto quanto o Professor Selim Hassan. Ele era trabalhador e muito sistemático, embora eu tema que não tivesse muito senso de humor. Sempre me senti extremamente grato a ele por ter me ensinado tanto com tanta paciência. Inicialmente, ele me encarregou de organizar sua biblioteca. Ele era um homem muito metódico – simplesmente detestava ver coisas desorganizadas.

Qualquer coisa fora do lugar – e muitas vezes eu era severamente repreendido. Mas aprendi bem rápido, na verdade, porque eu morria de medo dele e queria evitar cometer erros. Eu também estava estudando hieróglifos e queria provar que era um bom aluno.

"Sabe, foi realmente observando-o que eu entendi pela primeira vez o que uma escavação sistemática deveria ser. Ele nunca pulava de um lugar para outro – ele era, como eu disse, um homem muito metódico. Quando começava a trabalhar em um sítio arqueológico, ele limpava os arredores e escavava cada centímetro da área até atingir a rocha matriz, que ele então mandava limpar com vassouras, não deixando nada embaixo. Ele fez descobertas notáveis, incluindo dois túmulos intactos da Quarta Dinastia, ambos pertencentes a filhos de Quéfren [conhecido].

como Quéfren, construtor da Segunda Pirâmide e do Templo do Vale].

"Meu primeiro trabalho para o Dr. Hassan em Gizé foi copiar alguns detalhes de

Outra tumba importante que ele também havia escavado. Como tudo na minha vida, tive que começar com algo extraordinário – neste caso, a tumba do Antigo Império de Ra-wer, um enorme complexo funerário descoberto em 1929, ao sul da Esfinge. Ra-wer era uma personalidade

muito interessante. Ele começou como um ninguém e foi promovido a barbeiro do rei (Nefer-ir-ka-Ra, da Quinta Dinastia). Depois, suponho, ele não parava de falar – falava o tempo todo que estava...

Barbeando o rei e cortando-lhe o cabelo, como todos os barbeiros faziam – e ele deve ter conseguido, com sua lábia, tornar-se sumo sacerdote de Heliópolis... E, assim como seu dono, era um túmulo muito interessante e incomum; e foi um verdadeiro prazer trabalhar lá, pois as cenas ali representadas eram extremamente belas.

"Durante esse período, eu também costumava copiar inscrições no Templo de Ísis e limpar algumas múmias. Não era trabalho oficial, mas foi um treinamento maravilhoso. Porque, embora eu tivesse muita experiência teórica e tudo mais, foi o Professor Hassan quem realmente me ensinou a analisar tudo cientificamente. Ele insistia que, ao escrever qualquer coisa, nunca se deveria dizer: 'Isso é verdade', mas sim: 'Provavelmente, ou talvez, seja verdade', porque amanhã você poderia encontrar algo que desmentisse. O que, claro, é bem verdade."

Nos seus primeiros anos em Gizé, Dorothy Eady também teve a oportunidade de conhecer outros grandes egiptólogos, como Hermann Junker (que foi professor de Selim Hassan e realizou trabalhos pioneiros nos cemitérios e no campo de mastabas em Gizé e no Templo de Philae) e George Andrew Reisner (que, em 1925, descobriu o túmulo intacto do Antigo Império da rainha Hetephes, da Quarta Dinastia - esposa de Snefru, construtor das pirâmides Vermelha e Curvada, e mãe de Khufu [Quéops], construtor da Grande Pirâmide).

"Reisner estava, naquela época, quase cego e quase paralisado", recordou certa vez Dorothy Eady, "mas seu cérebro estava longe de estar cego e paralisado. Ele era uma pessoa brilhante e também um querido senhor; e tinha uma secretária muito simpática, a Srta. Perkins – uma mulher grande e gorda com uma voz grave como a de um homem – que, em certo momento, acredito, havia sido diretora de um reformatório para meninas... E havia também o Dr. Junker, que trabalhava com a Expedição Austríaca. Ele era padre, mas [!] também era uma pessoa muito simpática e muito alegre. E nós Eram todos amigos, e todos pareciam satisfeitos comigo porque eu gostava muito de antiguidades.

"Eu também costumava ir ao Museu do Cairo com bastante frequência naquela época. Lembro-me de ter conhecido um australiano chamado Alan Rowe, que era especialista em escaravelhos; e, também naquela época, conheci um estudioso judeu chamado Lipovitch."

"Bem, Alan Rowe, como muitos australianos, era muito rude na fala e propenso a xingar e falar palavrões, enquanto Lipovitch era exatamente o oposto. Um dia, estávamos discutindo um hieróglifo particularmente intrigante – parecia um ovo com duas orelhas de cada lado. Alan Rowe não tinha certeza, então eu disse que achava que era um determinante para um cheiro, um perfume ou algo do tipo. Lipovitch interveio e comentou: 'Com licença, mas acho que é o que vulgarmente se conhece como fedor'. 'Putá merda!', foi a resposta de Alan Rowe. Em outra ocasião, entrei na rotunda do museu e vi Alan

Rowe parado ao lado."

uma caixa aberta que continha uma nova coleção de escaravelhos. Ele se virou e, assim que me viu, gritou: "Ei, você, venha cá, pode me dizer alguma coisa sobre esse pequeno desgraçado?"

"Alan Rowe então desapareceu. Na verdade, ele era uma lenda. Trabalhava por um tempo e depois sumia, e ninguém sabia para onde tinha ido. Então, do nada, ele retornava. Eu conheci uma inglesa que conheceu Alan Rowe por trinta anos [ele morreu em 1968], e ela disse que sua aparência nunca mudava, ele nunca envelhecia. E alguns de nós pensávamos que ele estava morto e que era apenas o espírito dele que continuava voltando!"

"Falando no Museu do Cairo, eu tinha um pequeno problema com um curador chamado Engelbach [Reginald Engelbach foi curador-chefe do Museu do Cairo de 1931 a 1946]. Ele era um homem inteligente e eu admirava muito o seu trabalho. Mas ele era uma das pessoas mais grosseiras que já conheci, e tínhamos discussões intermináveis. Um dia, fui ao museu com meu filho Sety, que era um bebezinho, com cerca de três semanas de vida. Cansei de carregá-lo e queria fazer algumas anotações, então simplesmente o coloquei no chão. Naquele momento..."

Engelbach chegou e gritou comigo: 'O que você está fazendo aí? Por que está colocando essa criança no chão? Pegue-a e saia!' Então eu mandei ele se danar e cuidar da própria vida. De novo, ele gritou: 'Saia daqui!' E eu disse: 'Este museu não é seu, é meu! Eu sou cidadão egípcio e você é estrangeiro, então pode ir embora!'

"Sety era um bebê encantador. Raramente chorava, a menos que houvesse um bom motivo – ele não era do tipo de criança resmungona, e todos em Nazlet El Simman o adoravam. Eu não tinha nenhum problema com o menino. Eu o levava comigo quando trabalhava em Gizé. Já viu uma égua puxando uma carroça e o potrinho correndo ao lado? Pois bem, essa era eu e meu filho. Eu ficava tão absorta no meu trabalho que, às vezes, me esquecia dos horários de alimentação dele. Quando ele estava com fome, coitadinho, ele simplesmente berrava como um louco, e o vigia vinha correndo até mim a toda velocidade, berrando com toda a força: 'Ya sitt Bulbul, ya Madam Bulbul, o menino está com fome!'"

"Quando Sety era mais velho – por volta dos três ou quatro anos – ele costumava brincar na areia com o filho de Selim Hassan, que tinha a mesma idade. Certa manhã, Sety me perguntou para onde íamos naquele dia. Eu estava planejando visitar o Templo de Ísis, então disse: 'Vamos subir aquela colina para ver a deusa Ísis'. Quando chegamos lá, os meninos estavam brincando, e de vez em quando Sety vinha perguntar: 'Onde está a deusa Ísis? Quando ela vai chegar?' Justamente naquele momento, uma das esposas da aldeia – uma senhora egípcia muito idosa, toda vestida de preto e..."

Carregando cestas de comida na cabeça, ela apareceu por cima da

colina; e Sety veio correndo até mim para anunciar: 'Mamãe, mamãe, lá vem a Senhora Ísis!'

Quando não estava trabalhando em Gizé, Dorothy Eady passava muitos de seus dias nas bibliotecas do Museu do Cairo e na casa de Selim Hassan, onde lia vorazmente, continuava seus estudos de hieróglifos, decifrava os encantamentos mágicos dos Textos das Pirâmides da Quinta Dinastia e transcrevia à mão as centenas de páginas de transliterações e significados dos hieróglifos contidas no grande dicionário alemão/egípcio antigo, *Wörterbuch der Aegyptischen Sprache*. Ela também encontrava tempo para colaborar com a Sra. Selim Hassan em dez tapeçarias enormes que retratavam mapas do antigo Egito, listas de reis e cenas de batalha. (Supostamente, Selim Hassan teria feito os desenhos originais, enquanto sua esposa e Dorothy Eady faziam o bordado – embora algumas pessoas afirmem que foi Dorothy quem assumiu a maior parte do trabalho.) Após a morte do Dr. Hassan, essas tapeçarias elaboradamente detalhadas, de 1,20 m por 2,10 m e 2,40 m por 3 m, foram adquiridas pelo O falecido magnata do petróleo, engenheiro e arqueólogo amador John Dimmick foi um dos patronos e participantes de diversas escavações importantes no sítio arqueológico da antiga cidade de Mênfis. Dimmick doou nove dessas tapeçarias ao Museu do Brooklyn, onde agora estão expostas na Biblioteca Wilbour. Ele presenteou pessoalmente a décima tapeçaria — cenas da famosa Batalha de Kadesh, na qual Ramsés II (filho de Seti I) derrotou o exército hitita — à Sra. Anwar Sadat, que, por sua vez, a doou ao Ministério das Relações Exteriores do Cairo, onde permanece até hoje.

* * *

Durante o dia, Dorothy Eady desenvolvia suas habilidades de pesquisa, desenho e arqueologia com uma assiduidade prática, precisão e concentração. À noite, porém, o "outro" lado de seu ser se manifestava. Os moradores de Nazlet El Simman frequentemente notavam "a excêntrica senhora inglesa" saindo em certas noites para rezar diante da Esfinge, onde a viam, por horas a fio, "fazendo gestos estranhos", "murmurando palavras estranhas em uma língua desconhecida" e oferecendo cerveja, flores e incenso a essa figura de pedra numinosa com corpo de leão e cabeça humana, que intriga turistas e estudiosos há milhares de anos. Muitos egiptólogos modernos sugerem que a Esfinge pode ser uma representação do faraó Quéfren (Khafra) em forma leonina. Em uma de suas "visitações", Sua Majestade informou Dorothy que a Esfinge era uma representação do deus Hórus*, então ela a considerava, juntamente com seus arredores, um lugar sagrado... e nunca passava pela porta na parede leste sem tirar os sapatos.

* O egiptólogo Mark Lehner, do Centro Americano de Pesquisa no Egito, que está concluindo

O primeiro mapa detalhado, com auxílio de fotogrametria, de todo o planalto de Gizé, sugeriu recentemente que a Esfinge representa o faraó Quéfren como Hórus, deus da realeza, apresentando oferendas ao deus sol no Templo da Esfinge adjacente.

Ocasionalmente, ela também entrava na Grande Pirâmide no final da noite — algo que, como funcionária do Departamento de Antiguidades, podia fazer sem muita dificuldade — e passava a noite sozinha na Câmara do Rei ou da Rainha, saindo apenas ao amanhecer. Ninguém sabia o que Dorothy Eady vivenciara nessas câmaras. Mas é interessante lembrar que, quando Napoleão visitou a Grande Pirâmide em 12 de abril de 1797, pediu permissão para ficar sozinho na Câmara do Rei; e, ao sair, notou-se que estava extremamente pálido e perturbado. Ele se recusou a comentar sobre sua experiência lá dentro, insistindo que o incidente jamais fosse mencionado novamente. Anos depois, exilado em Santa Helena, ao considerar falar sobre o assunto com um amigo, finalmente desistiu, dizendo: "Não. Qual a utilidade? Você nunca acreditaria em mim."

"Sei que isso vai parecer inacreditável", disse Dorothy Eady certa vez a uma amiga, "... e não sei se foi um sonho ou não, mas uma noite, quando eu morava em Gizé, me vi de camisola caminhando no platô ao lado da Grande Pirâmide. De repente, vi o Rei Seti, que vestia uma túnica branca plissada simples com uma larga gola dourada, e ele veio até mim e perguntou: 'O que você está fazendo?' Eu respondi: 'Estou apenas caminhando.' Ele disse: 'Está tudo bem... venha caminhar comigo!' Então eu fui com ele, e de repente ele começou a escalar a face leste da Grande Pirâmide. Você sabe, é claro, que a maneira correta de escalar esta pirâmide é pelo canto nordeste; mas ele começou a escalá-la do meio da face leste, olhou para trás e disse: 'Siga-me... e onde eu colocar o pé, coloque o seu.'" Então comecei a subir atrás dele. Mantive meus olhos fixos em

Seus pés, e eu conseguia ver muito bem seus pés e tornozelos bem torneados na borda de sua túnica plissada. Quando chegamos à metade do caminho, ele começou a subir um dos degraus, e eu o segui; e quando estávamos exatamente no meio, ele puxou uma pedra — não completamente, é claro, já que ninguém conseguiria fazer isso — e então disse: "Tudo bem", e descemos novamente e caminhamos até a borda do platô. "Vá para casa e vá dormir", ele me disse. E eu fui.

"Quando acordei de manhã, a barra do meu camisolão estava toda suja e meus pés empoeirados, como se eu tivesse realmente caminhado (provavelmente eu estava sonâmbula), e meus braços doíam como se fosse o esforço de me puxar para cima da pirâmide, o que sempre acontece quando a escalo. Mas o curioso é que, no início da noite seguinte, eu estava visitando uns amigos em Nazlet El Simman, e um senhor chamado Abdel Salam — uma alma gentil e antiga — insistiu em me levar de volta para casa."

Quando estávamos atravessando aquela grande praça na aldeia, por acaso olhei para cima. E lá, no meio da pirâmide — quase no mesmo lugar onde eu estivera na noite anterior com Sety — havia uma chama azul*, como a chama dos fogões a querosene. Ao notá-la, perguntei a Abdel Salam: "Você consegue ver alguma coisa na lateral da pirâmide?" E ele olhou para cima e exclamou: "A'ooz Bi Allah! [Que Deus seja meu refúgio e meu protetor]!" "O que houve?", perguntei. Ele respondeu: "Mish Kuwayess! [Isso não é nada bom!]" Enquanto observávamos a chama, várias pessoas que passavam também a viram e disseram: "A'ooz Bi Allah!" Então o velho se desculpou e foi para casa.

*Dizem que no dia em que Hitler invadiu a Polônia em 1939 e na noite anterior ao lançamento da primeira bomba atômica americana sobre Hiroshima em 1945, muitas pessoas observaram essa mesma luz azul na Grande Pirâmide. Sobre essa "luz", Dorothy Eady comentou certa vez: "Não acho que tenha algo a ver com Hemuewen, que construiu a Grande Pirâmide, ou com Khufu [Quéops], para quem ela foi construída. Acho que é alguma entidade espiritual que se ligou à pirâmide sem ter tido originalmente qualquer ligação com ela."

Bem, no início daquela noite, enquanto me preparava para dormir, ouvi muitas mulheres chorando e lamentando. Saí para ver o que estava acontecendo e alguém me disse que um homem havia acabado de cair da Grande Pirâmide. Aparentemente, alguns trabalhadores estavam varrendo a areia que se acumulava nos degraus da pirâmide. Um homem que havia chegado ao lugar onde Sety e eu estávamos na noite anterior — ou pelo menos onde eu imaginava que Sety e eu estávamos... embora eu tenha certeza de que estávamos — escorregou e caiu.

"O que eu não conseguia entender era a conexão... Quer dizer, não fazia sentido... não havia nada no caráter de Sety que o levasse a matar ou ferir uma pessoa inocente. Se não fosse pelo fato de eu ter visto Sety retirar a pedra, eu não teria conectado os dois eventos. Aquela luz, todo mundo sabia dela — muita gente a viu e a vila inteira comentava sobre ela. Talvez quando o homem chegou ao centro da pirâmide, ele tenha pensado nessa luz, se assustado e caído. A única coisa curiosa é que o local de onde..."

O homem caiu exatamente no mesmo lugar onde Sety havia retirado a pedra!

"Em Gizé, tive vários outros encontros espirituais, se é que se pode chamá-los assim. Sabe, quando se caminha da Grande Pirâmide até a Esfinge, há um buraco muito profundo chamado Túmulo de Campbell, do período Saile [664-525 a.C.], e há uma mulher que assombra aquele lugar. Certa noite, eu estava na casa de Selim Hassan. Eram cerca de dez e meia da noite — a lua estava bem visível — eu estava com meu cachorro e começamos a descer de volta para a vila. De repente, o cachorro começou a latir e a correr em direção a alguém, e eu olhei e vi uma mulher parada perto do Túmulo de Campbell. De longe, não

consegui ver quem era."

Ela estava lá; mas pude perceber que tinha longos e lindos cabelos negros. E quando me aproximei, vi que estava vestida como uma antiga egípcia, toda de branco. Chamei minha cachorra de volta, mas ela não veio — era uma cachorra bem feroz — e pulou na mulher como se fosse agarrá-la pelo pescoço. Pulou por cima dela, e mesmo assim a mulher parecia perfeitamente sólida!

"Embora fosse uma noite calma e sem vento, o cabelo e o vestido da mulher esvoaçavam como se houvesse vento. Mechas de cabelo caíam sobre seu rosto, e ela as jogou para trás, olhou para mim e riu enquanto apontava para o Túmulo de Campbell. Meu cachorro ficou agitado, e o Dr. Selim Hassan a ouviu e pensou que eu estava sendo atacado por ladrões. Então, ele mandou um dos ghaffirs [vigias noturnas], que gritou: 'Ay, fi ay [O que houve]?' 'Nada', eu lhe disse, 'é apenas um afreet bas [apenas um fantasma]'. Mais tarde, perguntei aos moradores sobre essa aparição, e eles disseram que sim, que ela não era vista há vários anos, mas que a conheciam; e disseram que ela perseguia as pessoas até que elas caíssem em um poço de tumba e morressem. Eu não acreditei nisso, porque ela parecia perfeitamente bem-humorada — uma mulher simpática — e acho que ela devia apenas seguir as pessoas que, assustadas, fugiam e caíam por engano nos poços. Vi essa mulher em três ocasiões, sempre no mesmo lugar e sempre apontando para o Túmulo de Campbell; e quando tentei falar com ela, ela nunca respondeu, apenas riu. Ela era bastante amigável.

"Um dos arqueólogos que trabalhava em Gizé tinha um assistente que costumava ir para casa, no Cairo, todas as sextas-feiras de manhã e voltar à mesma noite. Certa noite, quando o assistente retornou a Gizé, avistou esta mulher... e ficou assustado. Ela o seguiu até a casa onde ele morava, perto das pirâmides, e sentou-se em uma cadeira ao lado de sua cama. Ele ficou apavorado com a possibilidade de alguém vê-la e contar algo à sua esposa na cidade!"

Ver um ou dois fantasmas amigáveis não era algo que costumasse perturbar Dorothy Eady. Ela havia encontrado vários deles no planalto das pirâmides, mas, com exceção da mulher perto do Túmulo de Campbell, eles nunca fizeram nada para chamar sua atenção; e a maioria desaparecia assim que ela ficava cara a cara com eles.

Muito mais surpreendente e emocionante para ela foi a noite que passou em um túmulo no Cairo, onde as múmias de alguns faraós estavam temporariamente guardadas. Dorothy implorou ao ex-marido que a ajudasse; e com a generosa convivência dele, ele convenceu o guarda, um conhecido seu responsável por vigiar aquele recinto subterrâneo, a permitir que ela entrasse na cripta. O guarda deixou Dorothy entrar antes das oito da noite e disse que ela só poderia sair ao amanhecer. Então Dorothy se acomodou.

Ela entrou naquele tumulto com uma garrafa térmica de chá e um pacote de biscoitos e caminhou entre as vitrines de vidro, todas cobertas com veludo preto. Ao levantar o véu de uma delas, deparou-se com o rosto de Seti I... e ficou ali olhando para ele por horas. "Mas às duas da manhã", recordaria mais tarde, "eu já estava um pouco cansada. Então tomei uma xícara de chá, recitei a fórmula de oferenda para Suas Majestades e depois deitei no chão ao lado da vitrine de Seti, com Ramsés do outro lado, e tirei um cochilo."

* * *

Em 1939, o imã Abdel Meguid, que, embora paciente e tolerante, vinha de uma família muçulmana egípcia conservadora, decidiu que seu filho não estava sendo criado de maneira "apropriada". "Brincando demais com múmias e coisas do tipo", disse ele à ex-esposa; e ficou com a guarda do menino de cinco anos. Por direito, a ex-Sra. Bulbul Abdel Meguid poderia ter reclamado e legalmente mantido a guarda do filho até os doze anos, mas percebeu que o tipo de vida que havia escolhido para si não era adequado para uma criança. "Então eu o deixei ir", comentou mais tarde, acrescentando — em seu tom ácido e agridoce: "Acho que sempre preferi gatos a crianças mesmo". Ela então passou a dedicar a maior parte de sua vida afetiva a uma coleção cada vez maior de gatos, cachorros, gansos, burros, pássaros e cobras. Pois, desde os tempos em que vivia no interior de Sussex, ela sabia que conseguia se comunicar de forma mais íntima e se sentir menos sozinha com os animais do que com a maioria dos seres humanos.

Um falcão-peregrino tinha seu ninho em um sicômoro bem ao lado de sua casa em Nazlet El Simman, e Dorothy costumava colocar um pedaço de carne no parapeito da janela todos os dias para que ele comesse. Quando alguém lhe perguntava por que fazia algo tão desperdiçoso, ela respondia: "É uma oferenda para o deus Hórus" (frequentemente representado como um falcão ou um homem com cabeça de falcão).

Após a aposentadoria do Dr. Selim Hassan, Dorothy Eady mudou-se para uma tumba abandonada em Gizé. Ao fazê-lo, o falcão descobriu seu paradeiro, pousou em uma rocha próxima à tumba e aguardou ansiosamente sua refeição habitual. Nessa estranha e temporária morada, Dorothy também fez amizade com pelo menos cinco víboras e começou a alimentá-las, além de vários gatos — seus animais favoritos.

Por fim, ela retornou a Nazlet El Simman e começou a trabalhar como assistente de pesquisa de outro arqueólogo renomado, o Dr. Ahmed Fakhry (1905-73), que era responsável pelo Projeto de Pesquisa das Pirâmides em Dahshur (o sítio das pirâmides Vermelha e Curvada). Segundo Dorothy Eady, o Dr. Fakhry tinha mais senso de

humor do que seu chefe anterior. "O Professor Hassan", comentou ela certa vez, "me encarava com um de seus famosos olhares furiosos, e eu simplesmente sentia meus joelhos caírem."

curvando-se sob o meu peso. Mas o Dr. Fakhry sacudia a poeira do deserto e acolhia uma boa anedota ou uma piada espirituosa. Quando eu cometia um erro ao desenhar um objeto que tínhamos encontrado em Dahshur, ele chamava minha atenção para ele com grande gentileza e elegância." Enquanto trabalhava nessas escavações, Dorothy Eady começou a demonstrar uma notável capacidade de adivinhar e preencher as lacunas de diferentes textos e inscrições. Ela também obteve grande sucesso e foi muito elogiada por sua catalogação e encaixe dos fragmentos esculpidos de vários túmulos e templos da região.

O Dr. Klaus Baer, professor de Egiptologia no Instituto Oriental e professor no Departamento de Línguas e Civilizações do Oriente Próximo da Universidade de Chicago, conheceu e tornou-se amigo de Dorothy Eady no início dos anos cinquenta, quando, como bolsista Fulbright, foi designado para o Projeto de Pesquisa das Pirâmides de Ahmed Fakhry. Segundo o Professor Baer, "O Dr. Fakhry, juntamente com o falecido Labib Habachi [Dr. Labib Habachi, 1906-84, também era amigo de Dorothy Eady e um grande admirador de seu trabalho], foram os dois principais arqueólogos egípcios de sua geração. Fakhry era um escavador habilidoso, e Labib Habachi conhecia as antiguidades egípcias melhor do que qualquer outra pessoa na época. O Dr. Fakhry era muito egípcio – ou seja, muito extrovertido – um excelente palestrante e muito entusiasmado; ele costumava se isolar nos oásis do deserto em diversas ocasiões para trabalhar lá. Ele era originário de Fayum [o maior dos oásis egípcios, a 90 quilômetros a sudoeste do Cairo], tinha ascendência beduína e se orgulhava disso. Direto e entusiasmado com sua área de atuação, ele não tinha inclinação para dizer às pessoas o que elas queriam ouvir... ele era professor universitário e extremamente independente."

"Ele falava muito bem de Dorothy Eady e a respeitava... e também se sentia em dívida com ela por causa do que ela havia feito com Selim Hassan. Eu a conheci no início dos anos cinquenta, quando ela trabalhava no escritório/depósito e acervo de antiguidades do Dr. Fakhry, onde se dedicava a arquivar, manter registros, catalogar e tentar organizar todos os fragmentos que surgiam dos sítios arqueológicos de Dahshur. (E ela também dedicava algum tempo a ajudar Selim Hassan em suas publicações.) Na verdade, ela era mais uma assistente de pesquisa do que uma secretária, embora conseguisse se sustentar com um salário de secretária."

"Quando a conheci, ela morava sozinha com, na época, dois gatos." - Uma delas se chamava Iriru, em homenagem a um antigo cavaleiro egípcio, e a outra se chamava Sr. Brown. Eu costumava visitá-la na casa onde ela morava em Nazlet El Simman. Chamava-se Beil El Basha [a Casa do Paxá], e ela alugava os dois quartos do andar de cima e uma

varanda. O lugar tinha um encanamento que funcionava mais ou menos, mas não era nada luxuoso. Havia um pequeno altar com uma estatueta e os objetos de decoração usuais.

Mobília básica, coisas para sentar, uma cama, uma mesa bamba. Na verdade, ela vivia em condições de pobreza extrema. Setenta e cinco anos antes, provavelmente ali funcionava uma casa de hóspedes anexa à residência de um paxá que já não existia; mas, depois que os moradores originais partiram, a manutenção foi negligenciada e o local estava em ruínas.

"Eu costumava vê-la com frequência. Eu sabia que ela tinha intuição e um conhecimento imenso, mas os assuntos que conversávamos eram do tipo que se encontra em fontes. Ela não me contou nada sobre sua 'vida anterior' no Egito, mas me falou bastante sobre suas crenças religiosas — seu culto a Osíris e sobre uma ocasião em que Osíris lhe apareceu e como os antigos deuses egípcios, a quem ela cultuava, a protegeram. Eu sabia, na época, que seu plano era ser transferida para..."

Abidos, onde ela desejava passar o resto da vida.

"Dorothy Eady tinha visões e adorava os antigos deuses egípcios. Mas ela aceitava o conhecimento acadêmico porque acreditava que o antigo Egito (como os estudos mostravam que ele era) representava o que ela considerava o melhor da antiga religião. E ela entendia os métodos e padrões acadêmicos, o que geralmente não acontece com pessoas excêntricas, e sabia que não conseguiria convencer ninguém sobre suas crenças pessoais, nem desejava converter ninguém. Lembro-me de que, certa vez, quando fomos à pirâmide de Unas em Sacara [construída por Unas, o último rei da Quinta Dinastia, e onde se encontram os exemplos mais preservados das primeiras inscrições mágicas egípcias, conhecidas como Textos das Pirâmides], ela levou uma oferenda e tirou os sapatos antes de entrar na pirâmide. Ela mesma era uma crente, mas não estava disposta a incomodar a mim ou a qualquer outra pessoa impondo suas ideias. Passei bastante tempo com ela, e ela nunca tentou."

"A impressão que se tinha dela naquela época era bem diferente da sua aparência nos últimos anos, quando estava encolhida e muito velha. Quando a conheci, era uma mulher grande e vigorosa, transbordando entusiasmo — muito inglesa, apesar de tudo; e tinha muitos amigos na comunidade estrangeira do Cairo, a quem costumava levar para visitar monumentos e pontos turísticos. Seu árabe era fluente, coloquial e ruim — ela não tinha muita facilidade para falar —, mas era rápida no raciocínio. Era uma patriota egípcia e viveu no Egito quando a agitação política contra a Inglaterra estava no auge. Dorothy Eady não tinha aparência egípcia. Certa vez, ela caminhava por uma rua do Cairo, em um bairro de classe baixa, quando algumas mulheres começaram a gritar: 'Volte para casa, prostituta inglesa!'. Ela respondeu prontamente: 'E deixar todos os clientes para vocês?'. E foi o fim da história!"

Outras pessoas que conheceram Dorothy Eady durante seus anos

em Gizé confirmaram a descrição que Klaus Baer fez da vivaz Dorothy Eady.

Personalidade impetuosa e excêntrica. Nem todos se encantavam igualmente com seu comportamento pouco convencional. Um renomado egiptólogo que a conheceu no início dos anos cinquenta, e que certa vez se descreveu como "descaradamente prosaico e antiquado em minhas atitudes morais" (ele preferiu não ser identificado), comentou: "Dorothy Eady era uma personalidade muito peculiar que me fascinou a princípio. Mas era difícil para mim gostar de uma pessoa tão excêntrica. E fiquei profundamente chocado quando, certa noite, participei de uma festa oferecida pelo Dr. Ahmed Fakhry atrás da Grande Pirâmide... e lá, sob a lua cheia, estava Dorothy Eady dançando dança do ventre! Eu não podia acreditar nos meus olhos!"

Um casal vizinho, que morava numa casa com vista para o apartamento de Dorothy em Nazlet El Simman, por acaso olhou da varanda no início da noite e viu a vizinha inglesa sentada na varanda, vestindo apenas um roupão. Cansada, empoeirada e com calor depois de um dia nos sítios arqueológicos, Dorothy costumava chegar em casa, tomar um banho e, depois de vestir o roupão, sair para relaxar e tomar uma xícara de chá. Não aprovando que mulheres fizessem esse tipo de coisa, o casal preocupado enviou uma empregada à casa de Dorothy Eady, que bateu à porta e pediu que ela, por gentileza, não se sentasse na varanda de roupão. Dorothy concordou graciosamente. Na noite seguinte, seus vizinhos a viram sentada do lado de fora de anágua. A empregada voltou correndo para pedir que ela não se sentasse daquela forma... de roupa íntima. Novamente, ela sorriu e prometeu atender ao pedido. Na noite seguinte, Dorothy Eady, depois de tomar banho, apareceu na varanda de sutiã e calcinha. Dessa vez, quando o criado voltou, ele perguntou se ela poderia, por favor, vestir o roupão novamente.

Mas uma das muitas coisas surpreendentes sobre Dorothy Eady era a facilidade com que ela se ajustava e se adaptava temporariamente a qualquer meio social que frequentasse. Numa noite, ela podia estar jantando num encontro aristocrático, cujos convidados incluíam membros da família real egípcia; no dia seguinte, estava num sítio arqueológico, sentada no chão com os operários, comendo uma refeição simples e empoeirada com as mãos.

Para complementar sua modesta renda (ela recebia cerca de trinta dólares por mês do Departamento de Antiguidades), Dorothy começou, no final da década de 1940, a desenhar vestidos — baseados em estilos do antigo Egito — para uma bem-sucedida casa de moda chamada Miss Egito. Embora seus vestidos fossem vendidos em lojas no Cairo e em Alexandria, ela raramente se atribuía o mérito por seu trabalho. Da mesma forma, ela era notoriamente generosa — e anônima — em relação às "contribuições" de escrita e edição que fazia para muitos estudantes, jornalistas e certos acadêmicos que precisavam de apoio

para suas pesquisas.

Artigos, trabalhos de pesquisa, teses e livros publicados em inglês.

Muitos egiptólogos renomados — ingleses, americanos e egípcios — têm

expressaram publicamente a opinião de que várias publicações lançadas sob o nome de outras pessoas foram, em grande parte, editadas e/ou escritas por Dorothy Eady.

O Dr. William Kelly Simpson, professor de Egptologia na Universidade de Yale e curador do Departamento de Arte Egípcia e do Antigo Oriente Próximo no Museu de Belas Artes de Boston, conheceu Dorothy no início da década de 1950, quando trabalhava sob a supervisão do Dr. Ahmed Fakhry. Em sua opinião, "Dorothy Eady tinha um vasto conhecimento de Egptologia. Ela não era uma egptóloga totalmente formada, mas, afinal, quem é? Algumas pessoas conhecem o idioma egípcio de trás para frente, mas não têm noção da arte egípcia; outras conhecem a arte egípcia."

arte, mas não a linguagem. Dorothy Eady conhecia ambas. Ela era uma pessoa encantadora, muito espirituosa e com opiniões fortes à sua maneira – ela te provocava com perguntas como: 'O que você acha disso, daquilo?'

... Ah, é mesmo? Pois eu não! Achei-a uma pessoa maravilhosa e agradável para se trabalhar. Também acho que muita gente no Egito se aproveitou dela, porque ela, de certa forma, trocava seu conhecimento do Egito Antigo por trabalhos escritos ou por serviços de redação, em troca de uma ninharia. Acho que ela pode ter escrito algo para o Dr. Selim Hassan e um pouco para o Dr. Fakhry, mas provavelmente foi mais uma questão de "traduzir" o texto para o inglês, já que conheço muito bem o estilo deste último.

TGH James, atual curador de antiguidades egípcias no Museu Britânico e presidente da Sociedade de Exploração Egípcia.

- que, embora cético em relação ao "mito" de Dorothy Eady, admite que ela "desempenhou pessoalmente algumas funções editoriais extremamente úteis para o Dr. Selim Hassan e o Dr. Ahmed Fakhry... Seus livros foram escritos em inglês, o que exigiu muita sutileza e habilidade; e Dorothy Eady merece reconhecimento pelo que foi, a meu ver, uma questão de 'traduzir para o inglês', organizar e pôr as coisas em ordem." O Dr. Labib Habachi certa vez afirmou que Dorothy Eady, mais tarde em sua vida, era

Responsável pela escrita de um livro que foi publicado sob o nome de outra pessoa. (Assim como este "autor" pode ser inocente, também permanecerá sem nome aqui.)

Independentemente da veracidade "total" ou "parcial" dessas suposições e alegações, o que parece mais importante é que essa mulher, basicamente autodidata, cuja educação formal na Inglaterra não fora rigorosa, havia se tornado, no Egito, não apenas uma desenhista de primeira linha, mas também uma escritora prolífica e talentosa que, mesmo sob seu próprio nome, produziu artigos, ensaios, monografias e livros de grande variedade, sagacidade e substância – todos exibindo o estilo simples, despojado e coloquial característico de

sua maneira de ser.*

* Entre suas principais obras estão: Abidos: Cidade Sagrada do Antigo Egito, escrita em coautoria com Hanny El Zeini e publicada em 1981 pela LL Company; Abidos de Omm Sety, originalmente publicada em

1982, pelo Journal of the Society for the Study of Egyptian Antiquities em Toronto, Canadá, e republicado pela Benben Publications; Faraó: Democrata ou Déspota?, também escrito em coautoria com Hanny El Zeini e ainda inédito; e O Manuscrito de Omm Sey (Sobreviventes do Antigo Egito), editado pelo Professor Walter A. Fairservis, Jr., e ainda inédito.

Enquanto trabalhava em Gizé, Dorothy Eady publicou artigos curtos sobre questões sociais, educacionais e políticas para o jornal local em inglês, o Egyptian Gazette; um ensaio sobre o julgamento dos conspiradores que tramaram para assassinar o faraó Ramsés III; e, talvez sua obra mais encantadora, uma maravilhosa fantasia-meditação intitulada Um Sonho do Passado, na qual os belos baixos-relevos do túmulo de Ti (um nobre da Quinta Dinastia) em Sacara ganham vida magicamente enquanto a autora os contempla maravilhada. (Este texto, publicado em 1949 pelo Departamento de Turismo do Estado Egípcio – e esgotado desde então – é reimpresso, juntamente com os desenhos de Dorothy Eady que o acompanham, como Capítulo VII deste livro.)

Quando Um Sonho do Passado foi publicado, foi prefaciado por um poema do governador da cidade de Suez, Ahmed Rassam, também escritor e pintor. Nessa divagação poética onírica, à la Swinburne, o poeta vê "a deusa dos meus sonhos,/Surgindo diante dos meus olhos/Através de uma nuvem escura./Lá estava ela sobre um papiro/Do antigo Egito,/No convés de uma barca real/Ela navegava sublimemente." Essa "Deusa da Noite, Leila, do luar" afunda com sua barca na parede de um templo, torna-se um baixo-relevo e então, magicamente, ressurge e se manifesta "com um papiro azul na mão" como Dorothy Eady.

Aparentemente, Dorothy era uma presença fascinante, inspiradora e encantadora para muitos de seus amigos egípcios. Eles respeitavam sua honestidade em não esconder sua verdadeira fé e em não fingir ser muçulmana ou cristã. Sensível aos sentimentos religiosos dos outros, ela jejuava durante o mês sagrado do Ramadã, em respeito aos seus colegas muçulmanos; e celebrava o Natal e o Ano Novo — sem jamais se esquecer de lembrar aos seus amigos cristãos que o Natal era, na verdade, uma continuação da Festa de Aton (ou Sol Invictus, como esse deus sol era chamado nos primórdios do cristianismo); de informar a todos que o "verdadeiro" Ano Novo caía, segundo o antigo calendário egípcio, em setembro; e de salientar que o dia 7 de janeiro, considerado pela Igreja Ortodoxa como o "verdadeiro" Natal, era também a data em que, na antiguidade, acontecia a festa anual da ereção da coluna Djed. (Diz-se que este pilar, com sua base alargada e quatro travessas na extremidade superior, representa a espinha dorsal de Osíris e o suporte da criação... e pode até ser o modelo para a peça do rei nos primeiros jogos de xadrez.)

Dorothy Eady viveu, praticou sua religião e trabalhou no Egito

durante um período de forte sentimento antibritânico. "Pouco antes da revolução de 1952", ela recordou certa vez, "o Egito estava em uma situação terrível. Tínhamos um novo

O governo se reunia toda semana, e cada episódio era pior que o anterior. As pessoas eram desagradáveis com os estrangeiros, o que não é comum — os egípcios não são pessoas rancorosas. Mas foi horrível naquela época.

"Sabe, existe um papiro do período ptolomaico [304-30 a.C.] que diz que os deuses estavam zangados com o Egito e iriam abandonar o país; que os sinais da sua partida seriam o desaparecimento do íbis, da flor de lótus e do papiro; e que o Egito seria governado por estrangeiros até que os deuses decidissem perdô-lo. Então, o íbis, o lótus e o papiro retornariam e um egípcio voltaria a governar o Egito. Quando Lord Cromer, outrora embaixador britânico no Cairo e o verdadeiro poder O homem que ocupava o trono durante a primeira metade deste século, ao tomar conhecimento deste papiro, ficou apavorado com as suas profecias e imediatamente ordenou que fosse queimado!

"Quando eu morava em Gizé, entre meus vizinhos estavam um inglês e sua irmã — pessoas idosas, nenhum dos dois casado. O homem tinha um jardim de mangueiras um pouco ao norte das pirâmides, ao longo da Estrada de Alexandria. Um dia, ele veio me visitar e disse: 'Sabe, eu vi um lótus azul no canal.' Eu disse que isso era impossível, e ele respondeu que não, que era verdade. Na visita seguinte, ele me trouxe um lótus. Pouco tempo depois, ouvi dizer que algumas pessoas tinham visto um íbis ao sul de Luxor. Logo depois disso, Outra pessoa disse ter visto papiros nas ilhas do Nilo. Depois, ocorreu a revolução de 1952 e um egípcio governou o Egito. A mesma profecia ptolomaica também afirmava que Hórus governaria o Egito, e depois Osíris; e também dizia que as nações do mundo se ajoelhariam, implorando o favor do Egito — e eu acredito que isso acontecerá. Não em meu tempo, e talvez não por um bom tempo... mas acontecerá.

Como que para cumprir a promessa que ela mesma fizera, ainda jovem, ao seu tio, que desprezava o Egito, Dorothy Eady, no final da década de 1940, foi à Praça Tahrir, no Cairo, para testemunhar o arriamento da bandeira britânica no quartel de Midan Ismailieh. Ao ver a bandeira egípcia hasteada em seu lugar, ela chorou incontrolavelmente de alegria e — para desgosto dos ingleses presentes — gritou para todos ouvirem: "Viva o Egito... viva o Egito!"

* * *

"Sempre achei intrigante", comentou recentemente TGH James, do Museu Britânico, "que Dorothy Eady só tenha chegado a Abidos na década de 1950. Se Abidos era seu local de peregrinação, por que ela não pegou um trem em algum momento? Acho que há uma anomalia nisso. Mas, por outro lado, ela poderia ter tido medo de ir. Sabe, muitas vezes

Você não quer alcançar seu objetivo final porque pode acabar sendo uma decepção. Então, não se deve ser muito duro com ela. Mas o fato é que ela veio ao Egito com esse objetivo em mente.

De fato, Dorothy Eady havia ido ao Egito com esse objetivo em mente. Várias pessoas levantaram a mesma questão. Ninguém que a tivesse feito poderia ter compreendido ou aceitado a natureza bizarra e surpreendente da resposta.

Com a revolução de 23 de julho de 1952, o Egito começou a renovar seu destino independente. Foi então que Dorothy Eady decidiu que era hora de começar a realizar o seu. "Eu tinha apenas um objetivo na vida", ela costumava dizer, "e esse era ir para Abidos, viver em Abidos e ser enterrada em Abidos." Ela havia passado dezenove anos no Egito, mas "algo fora do meu controle me impediu até mesmo de visitar Abidos. Quando me casei, eu tinha um filho pequeno; e quando, logo no início, finalmente me senti pronta para fazer a viagem, meu filho pegou sarampo e eu tive que ficar em casa com ele. Então, meu marido, muito gentilmente, se ofereceu para me deixar fazer uma viagem do Cairo a Luxor em um verão – acho que, talvez, fosse para se livrar de mim por um tempo. Lembro-me de deixar o bebê com a avó dele; ir, com as duas libras egípcias necessárias nas mãos, até a bilheteria... mas o último trem que fazia parte daquele pacote turístico havia partido no dia anterior."

Minha situação financeira posterior não me permitiu ficar viajando pelo país."

É importante lembrar também que, durante os primeiros dezenove anos que passou no Egito, Dorothy Eady dedicou-se pacientemente a estudar, treinar e trabalhar no Cairo, em Gizé e em Sacara com os principais arqueólogos e estudiosos da época, a fim de dominar a complexa e multifacetada disciplina da Egiptologia. Pois ela desejava não apenas se aprofundar em seu tema favorito, mas também contribuir para ele.

O principal motivo para adiar seu inevitável retorno a Abidos, no entanto, estava relacionado ao seu envolvimento apaixonado com seu amante secreto, Sety I. É uma história de viagem astral ("A experiência de deixar o corpo físico e viajar livremente pelo mundo"), materialização ("A produção na escuridão, por uma força desconhecida, de espíritos ou entidades temporárias, em graus variados de solidificação, na forma, semelhança e aparência de seres humanos, no todo ou em parte, e que se diz serem compostos de ectoplasma") e um

Uma relação inexplicável com o "amante fantasma" ("A alma gêmea da mulher, sua 'outra metade', o companheiro invisível que a acompanha por toda a vida"). É uma história estranha demais para ser contada.

Por razões desconhecidas até mesmo para suas melhores amigas, Dorothy Eady fazia de tudo para evitar passar a noite na casa de

alguém. Uma amiga se lembra de que certa vez, após um jantar excepcionalmente tardio, ela finalmente...

Consegui convencer uma Dorothy extremamente relutante a dormir em sua casa. No meio da noite, a amiga acordou ao ouvir batidas estranhas e persistentes na janela do quarto da hóspede. Sentindo que algo estava errado, levantou-se e entrou silenciosamente no quarto, onde, assustada e preocupada, observou Dorothy deitada completamente pálida e sem vida na cama. Pensando que ela precisava desesperadamente de ar, a mulher abriu a janela e observou, maravilhada, sua hóspede em coma voltar magicamente à vida. De manhã, tentou conversar com ela sobre o incidente, e Dorothy finalmente confidenciou que, quando dormia, seu akh — e aqui ela usou o termo egípcio antigo para "corpo astral" — frequentemente deixava seu corpo físico e não conseguia retornar a menos que a janela do quarto estivesse escancarada.

"Quando cheguei ao Egito pela primeira vez", contou Dorothy Eady certa vez à sua amiga Hanny El Zeini — a única pessoa a quem confiou toda a história de seu amor pelo faraó — "Sua Majestade começou a reaparecer. Sabe, desde sua primeira visita, quando eu tinha quatorze anos, eu desejava muito que ele voltasse, mas ele nunca voltou até que eu me casasse. Eu sabia, lá no fundo do meu coração, que teria que viajar para o Egito para poder contatá-lo novamente, embora também soubesse muito bem que as distâncias não significavam nada para ele — estivesse eu na Inglaterra, no Egito ou em qualquer outro lugar. Ele estava preso às nossas antigas regras morais. Enquanto eu ainda era casada, Sua Majestade só tinha permissão para me ver... e na maioria das vezes ele não se apresentava em forma sólida. Eu mal conseguia sentir sua presença, exceto em algumas ocasiões em que, infelizmente, ele também foi visto por minha mãe, meu sogro e até mesmo uma vez por meu filho... mas aparentemente isso desagradou muito o Conselho."

"Agora, sobre o Conselho: Sua Majestade me disse que nunca tinha visto seus membros; e, pelo que pude perceber, ninguém jamais os tinha visto. Eram apenas vozes em um grande salão de pedra negra, e mesmo pelas vozes não era possível dizer se eram homens ou mulheres. Aparentemente, ele não sabia exatamente quem eram. Pareciam ser responsáveis perante Osíris. Ele tinha visto Osíris, e disse que eu também, mas que eu havia esquecido: eu o vi no meu Julgamento [a pesagem do coração do falecido na balança da justiça]. Parece que esse Conselho mantinha a ordem em Amenti (literalmente, "O Oeste", o reino de Osíris, o pôr do sol, os mortos) sob a jurisdição de Osíris. Eu queria muito ir para lá, mas Sua Majestade não permitiu, dizendo que era muito perigoso, pois eu poderia ser atacado por espíritos malignos no caminho, já que o corpo astral, em sua jornada da Terra para Amenti, é muito vulnerável ao mal."

"Certa noite, Sua Majestade enviou um jovem sacerdote chamado

Ptah-mes para me buscar — isto é, para buscar meu corpo astral. Eu estava dormindo e acordei de repente, vendo o sacerdote parado em meu quarto. Ele fez um gesto para que eu o encontrasse."

Eu me sentei e ele disse algo em egípcio antigo que eu não entendi muito bem, exceto pelas palavras "Nosso senhor quer você". Eu tinha três gatos na época, e no momento em que esse sujeito apareceu, todos eles se arrepiaram, cuspiram e saíram correndo do quarto. Senti uma sensação estranha, como se estivesse me expandindo. Levantei-me e me senti maravilhosamente leve. Olhei para a cama e lá estava meu corpo, deitado com minha camisola de flanela, parecendo nada saudável e apetitoso! E lá estava eu, completamente nua, mas me sentindo gloriosamente leve; e esse sujeito me disse: "Venha!" e saímos caminhando, como se estivéssemos flutuando, e olhei para baixo e vi as pirâmides lá embaixo. Passamos por uma área escura, como um nevoeiro denso.

Ao sairmos da neblina, nos encontramos diante da porta de um palácio, e os guardas nos abordaram. Entramos, e Ptah-mes — o jovem sacerdote — me conduziu por uma passagem até uma grande sala em forma de L. A parte da frente da sala era baixa, com uma porta que dava para um jardim.

— e uma série de degraus rasos levava a um cômodo que aparentemente era um quarto. Sentado nessa parte em forma de L estava Sua Majestade... mas como um homem

...e ele falou comigo. Eu o entendi perfeitamente. Ele me disse para vir e sentar. Levantou-se, pegou uma almofada, colocou-a no chão, e eu sentei nela e conversamos. Perguntei a Sua Majestade sobre o Osirion, e ele disse: 'Não, eu não o construí, é muito mais antigo e existia muito antes da minha época.' Também lhe disse que, segundo os pesquisadores, a Grande Esfinge foi construída por Quéfren, e ele disse: 'Oh, não, é mais antiga, é mais antiga... Disseram-me que era um monumento para o próprio Hórus.' Repeti: 'É um monumento para Hórus, mas dizem que foi construído por Quéfren.' Novamente, ele disse: 'Oh, não.'... E então, depois de um tempo, antes do amanhecer, Ptah-mes voltou ao quarto para me levar para casa. Toda vez que Ptah-mes aparecia novamente para me levar para Amenti, os gatos sempre cuspiam e fugiam. Mas não consigo descrever a maravilhosa sensação de liberdade e leveza que sentimos ao nos livrarmos do nosso corpo! Os espiritualistas dizem que quando as pessoas saem em seus corpos astrais, há uma

um cordão de prata os ligava aos seus corpos terrenos. No meu caso, não havia cordão de prata. Se houvesse, eu provavelmente teria tropeçado nele!

"Viajei muitas vezes em meu corpo astral para visitar Sua Majestade e passei noites encantadoras com ele. Lembro-me de ter conhecido o sumo sacerdote Mery e sua esposa tola, e também o sumo sacerdote Wennefer, e até mesmo alguns dos oficiais de Seti. Em uma ocasião, Ramsés estava lá [filho de Seti e sucessor ao trono], mas Ramsés ainda jovem, brincando com uma cabeçada de arreio de cavalo

e cantarolando enquanto fazia isso. Alegre e simpático. E muito bonito também! Naquela noite, Sua Majestade me perguntou se eu concordaria, dali em diante, em que ele se materializasse como homem e me visitasse! Ele queria que eu soubesse o que esperar – Ramsés estava observando como um falcão, é claro –

E eu disse que estava disposto.

"Perguntei a Sua Majestade por que lhe permitiram visitar-me como uma sahu [múmia] quando eu tinha quatorze anos. Ele disse que só lhe foi dada permissão para o fazer na forma em que vira o seu próprio corpo pela última vez na Terra. Como me conhecera primeiro como Bentressyt, esperava ver-me exatamente da mesma forma que quando nos encontrámos pela primeira vez – ele como um homem na casa dos cinquenta anos e eu como uma adolescente. Mas ele tinha-se esquecido completamente de que a última vez que se vira fora uma múmia. Sua Majestade disse que fora severamente repreendido pelo Conselho por me ter assustado tanto na sua primeira aparição. Suponho que essa foi a razão pela qual lhe foi proibido ver-me depois disso durante tantos anos."

"Quando Sua Majestade me visita agora em sua forma 'natural', ele sempre aparenta ser um homem na casa dos cinquenta anos... mas muito saudável e bem conservado. No entanto, ele tinha sessenta e três anos quando morreu. Ramsés, que tinha cerca de noventa anos quando faleceu, aparenta ser um jovem de vinte e dois ou vinte e três anos. Certa vez, perguntei a Sety sobre isso, e ele me disse que nos é permitido escolher a idade em que preferimos aparecer, mas não podemos ser mais velhos do que éramos na época de nossa morte... de modo que uma criança, por exemplo, não pode escolher aparecer como um adulto. Ele disse que a maioria das pessoas escolhe aparecer na idade em que, na Terra, foram mais felizes – então Ramsés é eternamente o jovem herói da Batalha de Kadesh. Perguntei a Sua Majestade por que ele não havia escolhido a idade em que se tornou rei. Lembro-me de que ele respondeu: 'Não é felicidade ser rei – é um cansaço amargo.'" Ele disse que escolheu aparecer na idade em que conheceu e amou Bentress – na verdade, disse ele, cinquenta e quatro anos – porque aquelas poucas semanas foram as mais felizes de toda a sua vida. Ele enfatizou que, dentro dos limites da nossa idade na morte, somos totalmente livres para escolher nossa aparência no outro mundo. Além disso, embora nosso corpo no outro mundo se assemelhe ao nosso corpo terreno, ele está em perfeito estado. Pessoas que perderam um membro, ficaram cegas, com cicatrizes ou desfiguradas por um acidente ou doença durante a vida não seriam tão afetadas em Amenti.

"Durante os dois primeiros anos em que vivi no Cairo, eu ainda era casada e não era uma 'mulher livre'. Sua Majestade havia sido perdoado pelo Conselho, mas ainda não lhe era permitido 'materializar-se'... isto é, vir até mim em forma solidificada sem o meu consentimento pessoal. Naquela visita a Amenti, dei o meu consentimento, porque sem ele eu jamais teria conseguido vê-lo ou tocá-lo. Meu consentimento pessoal era indispensável porque, para que Seti pudesse se materializar, ele naturalmente precisava absorver

parte do meu sekhem [poder espiritual]. Uma certa porção da minha força física também estava envolvida. Veja bem, após cada encontro em que Sua Majestade se apresenta em forma solidificada – não importa quão longo ou curto seja o nosso encontro – eu sempre sinto

Sinto uma espécie de fadiga física depois que ele me deixa. Às vezes, quando estou cansada, indisposta ou doente, me sinto exausta ou extremamente debilitada depois que Sua Majestade vai embora. Suponho que seja por isso que ele precisou da minha permissão pessoal para me visitar na Terra. Acho que é uma regra em Amenti não permitir que os mortos interfiram na vida daqueles que ainda vivem na Terra, a menos que aceitem a presença dos mortos em forma materializada.

"Certa vez, perguntei-lhe como sabia se materializar, e ele me disse que havia aprendido a fazer isso quando vivia na Terra. Quando ele veio até mim pela primeira vez em forma solidificada, não houve necessidade de perguntar se era possível ter um relacionamento com ele como um homem e uma mulher normais... porque ele demonstrou seus poderes sexuais. Não havia chance de termos filhos, no entanto, já que nada dele podia permanecer quando ele me deixava de madrugada, sempre antes do amanhecer. Ele disse que pretendia se casar comigo em Amenti; e embora eu lhe dissesse que não era necessário, ele insistiu que era. Nunca se questionou se ele levaria meu corpo astral e realizaria algum tipo de casamento lá. Então, aparentemente, Sua Majestade percebeu que teria que esperar até que eu morresse para fazer de mim uma mulher honesta!"

* * *

Sempre que Dorothy começava a considerar seriamente a possibilidade de se mudar definitivamente para Abidos, ela mesma percebia que, naquele momento, se tornaria novamente "propriedade do templo" e estaria sujeita às leis religiosas que a impediriam de continuar seu caso apaixonado com o homem que amava. Por isso, ela encontrava inúmeras desculpas para perder o trem. Mas também sabia que era apenas uma questão de tempo até que tivesse que fazer aquela jornada predestinada.

Em 1952, em seu tempo livre, ela concordou em fazer um trabalho de publicidade para o Departamento de Turismo do Estado egípcio, "escrevendo anúncios simpáticos sobre visitar o Egito e tudo mais", como ela mesma disse certa vez. Contando as libras egípcias extras que havia ganho, finalmente decidiu pedir ao Dr. Fakhry alguns dias de folga para que pudesse fazer uma "peregrinação" a Abidos. O Dr. Fakhry concordou e até fez todos os preparativos para ela. Nessa ocasião, Dorothy chegou à Estação Central do Cairo com bastante antecedência para pegar o trem das oito horas da manhã.

Enquanto viajava pelo Nilo, Dorothy olhava pela janela e observava uma paisagem e um modo de vida que praticamente não haviam

mudado em milhares de anos: palmeirais, bancos de areia, campos verdes de milho e castanhos de dura, rodas d'água girando lentamente, homens de túnica.

Trabalhando com seus shadufs, mulheres com cântaros de água na cabeça, meninos conduzindo e montando seus burros, bois e búfalos e, acima de todos eles, gansos selvagens, falcões, abelharucos e pássaros-do-arrozal planando e circulando pelo céu azul ilimitado.

Às cinco horas daquela tarde, o trem chegou — com duas horas de atraso — a Balyana, a parada mais próxima de Abidos. Dorothy não conseguira decifrar o nome da estação, que estava escrito em árabe; mas, à medida que o trem se aproximava de seu destino, ela olhou pela janela e, como comentou mais tarde: "À primeira vista, tudo me pareceu familiar, até as distantes colinas de calcário. Meu coração batia muito rápido. Eu estava tão animada quanto uma colegial prestes a dançar pela primeira vez em uma grande festa."

Sem perguntar se aquele era o ponto certo, Dorothy "saltou do trem", como ela mesma disse, atravessou os trilhos e, com a mala na mão, estava prestes a seguir sozinha pela estrada de terra quando um homem veio correndo atrás dela, chamando seu nome. Descobriu-se que ele era um dos vigias do Departamento de Antiguidades que havia sido enviado para cuidar dela. Ele a informou que, infelizmente, não havia táxi disponível no momento para levá-los a Abidos, que ficava a oito quilômetros de distância, e sugeriu que esperassem um chegar. Mas Dorothy estava impaciente demais e disse a ele: "Eu posso ir a pé, não é nada". O guarda olhou para ela incrédulo, pegou sua mala e disse - no dialeto Saidy do Alto Egito - "Ya, moodame [Oh, minha senhora], em menos de uma hora será pôr do sol. Com uma mala tão pesada, nunca conseguiremos percorrer a distância em menos de duas horas e meia. É melhor esperar meia hora pelo táxi". Dorothy manteve sua decisão. O vigia apontou para seu burro de aparência magra e implorou desesperadamente: "Tudo o que posso fazer agora é colocá-la nas costas deste burro com sua mala, e eu caminharei ao seu lado. Mas, na verdade, minha senhora, a única solução prática é esperar por um táxi. Posso deixar o burro com meu irmão aqui, porque as ordens que recebi foram muito rigorosas: devo acompanhá-la até que chegue em segurança à pousada em Abidos. Você precisa ter mais paciência. Não estamos no Cairo, e mulheres não andam por aqui à noite."

"Quer que eu suba com a minha mala nessa... nessa coisa?", perguntou ela sarcasticamente, apontando para o animal de carga subnutrido.

A discussão continuou por um tempo; mas Dorothy, como de costume, conseguiu o que queria. O guarda prendeu a mala nas costas do burro, e ele e "Moodame" começaram a caminhar pela estrada em direção a Abidos. Mais tarde, ele recordou: "Tive muita dificuldade em acompanhá-la. Nunca vi uma mulher tão teimosa e tão forte. Sabe, as mulheres da nossa aldeia são bastante saudáveis e robustas, mas nenhuma como ela!"

Era, como convinha à chegada de Dorothy, uma noite de lua cheia,

com a luz prateada iluminando os campos irrigados, as acácias e as palmeiras, e o ar perfumado com pompons amarelos. Dorothy, a vigia.

Um homem e seu burro caminhavam em silêncio, passando por aldeias de casas de tijolos de barro e cabanas de junco. Quando estavam quase na metade do caminho para Abidos, um táxi parou e o motorista insistiu em levar os dois passageiros humanos até o destino final.

Chegaram à casa de repouso dos inspetores — a residência dos funcionários e convidados do Departamento de Antiguidades — e Dorothy deixou sua mala e então informou que pretendia visitar o Templo de Seti imediatamente. O vigia a informou de que havia ordens estritas proibindo a entrada no templo à noite. Furiosa, Dorothy começou a proferir palavras em seu árabe com forte sotaque inglês. O vigia exclamou: "Você é realmente uma mulher obstinada. Não tem medo dos *afareet* [fantasmas] que vagam pelo templo à noite? Ninguém jamais ousou entrar naquele lugar depois do pôr do sol."

"Não se preocupe, seu idiota!" retrucou Dorothy. 'Eu costumava... *afareet* Eles me entendem melhor do que pessoas como você!

O vigia não teve escolha a não ser rir e respondeu: "Se você encontrar os *afareet* e eles gritarem por socorro, não conte comigo!" E abriu o portão principal do templo.

Imediatamente, Dorothy tirou os sapatos e prestou homenagem ao deus Ptah (o deus criador de Mênfis, o arquiteto do céu e da terra e o patrono dos artistas e artesãos) inclinando a cabeça e estendendo as duas mãos para a frente — como era o antigo costume egípcio — em direção ao batente da porta. Em seguida, dirigiu-se diretamente à parede norte do Segundo Salão Hipostilo. Ali, encontrou um belo relevo em calcário representando Seti queimando incenso e derramando uma libação de água em três vasos em forma de coração — uma peça teatral.

A expressão egípcia antiga "lavar o coração" significa realizar um desejo ou ambição há muito acalentado. "De maneira sutil", disse Dorothy Eady certa vez, "Sety proclamou ali que estava realizando seu grande desejo de adorar Osíris em seu próprio e belo templo." Também nas proximidades estava uma das obras-primas da escultura em relevo egípcia - A Adoração de Osíris por Cinco Deusas (Ísis, Néftis, Maat, Amentet, Renpet) - uma cena de extraordinária graça e dignidade. Ali, como uma sexta deusa visitante, Dorothy Eady passou o resto da noite queimando incenso e orando a Osíris e Ísis, seu deus e deusa tutelares que a haviam trazido da Inglaterra. Na manhã seguinte, quando saiu do templo, o vigia "jurou" que "ela parecia vinte anos mais jovem... e até teve algumas palavras gentis e afetuosas de gratidão para mim!"

No curto período que passou em Abidos, Dorothy visitou o Templo de Ramsés II, as tumbas arcaicas com quase cinco mil anos, e o Osirion — que ela reconheceu imediatamente como o lugar que havia imaginado repetidamente em seus sonhos na adolescência.

garota.

Durante essa primeira visita, Dorothy descobriu que o Osirion era ainda mais extraordinário do que ela havia sonhado. "Na câmara lateral nordeste, com acesso ao Salão Central do Osirion", ela recordaria, "havia um poço retangular formado pela remoção de um dos blocos de pavimentação do piso da câmara; e a água nele era incrivelmente clara e transparente. Ora, quando visitei Abidos em 1952, eu não conseguia ler nem escrever sem óculos. Por algum motivo, decidi de repente lavar os olhos na água daquele poço... e a partir daquele dia nunca mais precisei usar meus óculos. Lembro-me de que havia uma mulher me acompanhando em Abidos naquela época — ela era esposa de um dos inspetores do Departamento de Antiguidades e sofria de uma doença ocular incurável que a impedia de abrir os olhos sob luz forte. Conteí a ela o que a água tinha feito por mim, e ela não acreditou; mas o marido a convenceu a experimentar. Menos de meia hora depois, ela estava...

— Estávamos caminhando pelo deserto a caminho do Templo de Ramsés — quando ela exclamou de repente: "Consigo abrir os olhos!" E, de fato, consegui. Além disso, a cura foi permanente.

Dorothy levou uma garrafa dessa água — água que qualquer profissional de saúde sensato provavelmente consideraria um tanto suspeita — de volta para Nazlet El Simman, porque uma de suas vizinhas tinha um bebê de quinze meses que sofria de epilepsia. A mãe — esposa do açougueiro local — havia consultado muitos médicos no Cairo, nenhum dos quais conseguiu ajudar seu filho, e que, na verdade, lhe disseram que a criança provavelmente morreria em um ataque ou se tornaria um idiota. A mulher desesperada perguntou a Dorothy se ela conhecia alguma "magia ancestral" que...

talvez pudesse ajudar seu filho. Então, ao retornar de Abidos, Dorothy aconselhou a mãe que, quando a criança tivesse sua próxima convulsão, jogasse um pouco da água de Osirion em seu rosto e a fizesse beber um pouco também. A mulher fez como Dorothy sugeriu, e a criança se recuperou da convulsão e nunca mais teve outra.

* * *

Devido aos seus compromissos de trabalho no Cairo, Dorothy Eady só pôde passar dois dias em Abidos. Ela retornou para uma segunda "peregrinação" dois anos depois, em 1954, desta vez por duas semanas. Durante esse período, explorando Abidos mais profundamente e com mais calma, ela percebeu que "nada me prenderia no Cairo. Eu só estava lá porque pessoas maravilhosas como Selim Hassan e Ahmed Fakhry, com quem aprendi tanto, estavam lá. Mas o Cairo nunca significou nada para mim. Abidos era o meu lugar, e estava 'escrito' -

maktub! - que eu viveria lá. Eu era livre."

Mulher divorciada, meu filho tinha ido morar no Kuwait. Para mim, era Abidos ou nada!" Ao término de sua estadia de duas semanas, um dos momentos mais felizes de sua vida, ela chorou durante toda a viagem de trem de volta a Gizé.

Ao retornar, ela solicitou diversas vezes ao Departamento de Antiguidades uma transferência para Abidos... mas sem sucesso. Nenhum dos funcionários cogitou enviá-la para aquela aldeia "esquecida por Deus" no Alto Egito. Em meados da década de 1950, Abidos não tinha eletricidade, encanamento ou água corrente. (A água era obtida de dois poços e distribuída diariamente, em odres de pele de cabra, por homens chamados sakkas.) Ninguém naquele vilarejo de casas de tijolos de barro e vielas de terra batida falava uma palavra de inglês. (Aliás, o nome de Abidos no mapa era El Araba El Madfouna – que significa Aldeia Enterrada!) Não era, na opinião do Departamento de Antiguidades, um lugar para se enviar uma pessoa de Londres ou do Cairo – muito menos uma mulher solteira – para morar.

Dorothy Eady, é claro, não se deixou dissuadir, dizendo: "Por que se preocupar comigo? Conheço cada centímetro do lugar, e as pessoas são bastante pobres, mas extremamente hospitaleiras e amigáveis." Ninguém, porém, lhe deu atenção. No início de 1956, o Projeto de Pesquisa das Pirâmides de Ahmed Fakhry em Dahshur foi encerrado, e Dorothy ficou sem emprego. O próprio Dr. Fakhry lhe deu um sábio conselho. "Escute", disse ele um dia, assumindo um tom fingidamente oficial. "O que sugiro que você faça é subir a Grande Pirâmide; e quando chegar ao topo, vire-se para o oeste, dirija-se ao seu senhor Osíris e pergunte a ele: 'Quo vadis?' E ele responderá: 'Venha para Amenti!' Então tudo o que você terá que fazer é pular para o oeste, e seu problema estará resolvido!" O Dr. Fakhry, de fato, tinha outras duas sugestões: "Ele me ofereceu a escolha entre um emprego bem remunerado e confortável no Arquivo Público do Cairo, ou um emprego mal remunerado e um tanto fisicamente árduo (dois dólares por dia como desenhista) em Abidos. Escusado será dizer que escolhi a segunda opção!"

Embora radiante com a perspectiva de partir, Dorothy nutria, naturalmente, um profundo e secreto pesar; mas somente seu senhor e rei tinham conhecimento disso. Anos mais tarde, em uma extraordinária anotação em seu diário, ela escreveria o seguinte:

Desde a primeira vez que pude falar com Sety, contei-lhe sobre meu desejo de longa data de viver em Abidos e trabalhar em seu templo. Ele sempre se mostrou muito compreensivo com isso e, às vezes, quando eu já estava perdendo a esperança de realizar esse desejo, ele me encorajava e dizia que era inevitável que eu retornasse a Abidos para concretizar nossos destinos. Ele me apareceu nas Pirâmides alguns dias depois de eu ter recebido a

notícia de que o Departamento de Antiguidades finalmente havia concordado em me transferir para Abidos, para trabalhar no templo. Eu lhe disse...

Ele ficou muito comovido e disse: "Meu coração se alegra com isso, meu Amado". Ele ficou comigo a noite toda e fez amor comigo de uma maneira extraordinária. Pouco antes de partir, disse: "Enviarei um sacerdote para trazê-la até mim amanhã à noite, pois tenho algo a lhe contar, minha Lótus Branca". Essa foi a última noite em que fizemos amor juntos, e foi a mais doce. Ele dormiu ao meu lado muitas vezes desde então, e nos abraçamos e nos beijamos, mas nada mais, porque agora o Templo se interpõe entre nós como uma espada desembainhada.

Na noite seguinte, o novo sacerdote veio buscar meu corpo astral. Quando cheguei ao seu apartamento, encontrei-o sozinho, com um semblante muito gentil, porém sério. Ele me abraçou afetuosamente e me fez sentar ao seu lado. Por muitos anos, eu sempre celebrei as Festas de Osíris e Ísis, queimando incenso diante de suas estátuas em minha casa. Agora, Sety me disse que, quando eu retornasse a Abidos, deveria celebrar as Festas no Templo (o que eu já pretendia fazer). Ele disse que eu deveria queimar incenso e oferecer vinho ou cerveja, e recitar as "Lamentações de Ísis e Néftis", que são os discursos das Deusas na Peça de Mistério. Respondi: "Mas eu não me lembro delas, Senhor." Ele disse: "Elas estão escritas em livros, nenhum sobreviveu?" Eu disse: "Eu tenho um livro assim, mas está escrito na língua dos bárbaros." Ele disse que não importava: "Os Deuses sabem de tudo, eles ouvem o que está no coração." Ele me fez jurar que faria isso. Eu prometi e tenho cumprido minha palavra desde então.

Por um tempo ficamos sentados em silêncio, então ele pegou minhas duas mãos nas suas e, num tom de voz sério, mas muito emocionante, disse-me que eu precisava entender o que havia acontecido. Ele disse: "A roda do Destino completou seu ciclo. De agora até o fim da sua vida terrena, você pertence novamente ao Templo e está proibida de se aproximar de mim ou de qualquer outro homem." Comecei a chorar e perguntei se deveria recusar ir para Abidos, afinal. Ele me sacudiu gentilmente e disse: "Pequena, você vai cometer o mesmo erro de novo?" Então, explicou-me que aquele era o período em que ambos seríamos testados. Se resistíssemos à tentação pelo resto da minha vida em Abidos, nosso crime original seria perdoado e eu lhe pertenceria pela Eternidade. Perguntei se eu o veria novamente, e ele respondeu que certamente viria me encontrar em Abidos. Eu disse: "Você virá como um espírito intangível, como costumava fazer?" Ele disse: "Não, minha amada, irei a ti como um homem vivo, não posso renunciar aos teus beijos e ao abraço dos teus braços." Eu disse: "Isso será uma tentação." Ele respondeu: "Se não há tentação, não há prova, mas, ó minha amada, ajuda-me a ser forte e não chores, nunca te

deixarei nem deixarei de te amar." Ele

Enxuguei as lágrimas na borda de sua túnica. Eu disse: "Por que eu deveria ser proibida para você? Estou indo para Abidos para ajudar a restaurar o Templo, não como sacerdotisa, e você sabe muito bem que não sou virgem." Ele respondeu que isso era algo ordenado e que eu acabara de prometer a ele que recitaria as "Lamentações". Ele me beijou e disse que eu era uma boa menina. Agradeceu-me pelos anos de felicidade que havíamos conquistado enquanto eu vivia nas Pirâmides. Disse algo lindo: "Seu amor é um bálsamo derramado sobre a ferida do meu coração." E eu quase comecei a chorar novamente.

Mas naquele momento o ruído habitual e o som do dowsa nos avisou que Ramsés havia chegado. Depois de nos cumprimentarmos, Sety contou a Ramsés o que havia acontecido. Ele nos parabenizou, mas achei que parecia um pouco preocupado. Sety perguntou o que ele estava pensando, sorriu e disse: "Não tema, meu filho, desta vez ambos seremos fortes". Ao que Ramsés respondeu: "Que os deuses o concedam!". Ambos decidiram que a ocasião pedia um brinde. Ramsés trouxe o suporte de bebidas até onde estávamos sentados, e eu servi o vinho para eles, como de costume. Sem dúvida alguma, Ramsés nos animou e dissipou a tensão emocional que existia antes de sua chegada. E quando meu tempo acabou e o sacerdote veio me buscar, Sety estava de bom humor.

Poucos dias depois disso, parti para Abidos.

* * *

Tomada a sua decisão, Dorothy Eady arrumou os seus poucos pertences: um colchão; dois grandes baús cheios de roupas, lençóis e livros; e dois dos seus gatos favoritos, Iriru (o mais velho e "uma figuraça") e uma linda criatura branca que lhe fora oferecida, como Dorothy recordou mais tarde, "por uma simpática senhora francesa. O gato não falava árabe nem inglês, então a senhora tentou me ensinar francês para que eu pudesse falar com ele. O animal, sendo mais inteligente do que eu, aprendeu inglês antes de eu aprender francês!"

Na noite anterior à sua partida, ela estava completamente desperta, tomada pela excitação. Incapaz de dormir, saiu uma hora antes da meia-noite para subir a Grande Pirâmide. A noite estava completamente escura, mas Dorothy estava acostumada a enxergar no escuro; e cada degrau da pirâmide lhe era familiar. Permaneceu no topo até o amanhecer, observando o Vale do Nilo todo banhado em névoa; então começou sua descida quando os primeiros raios de sol

tingiram o céu de laranja, dourado e vermelho-vivo.

Um ghaffir surpreso, que a conhecia bem, observou-a descer. "O que a senhora estava fazendo lá em cima?", perguntou ele. "Eu estava

"Rezando", ela respondeu baixinho. Sabendo que aquele era seu último dia em Gizé, ele estendeu a mão, dizendo: "M'a El Salama [A paz esteja contigo]!"

Dorothy foi se despedir de seus vizinhos e amigos em Nazlet El Simman. O mais difícil de tudo foi dizer adeus ao menino que havia sido curado da epilepsia e que agora era um garoto saudável e travesso de cinco anos. Ele se aproximou de Dorothy e insistiu em beijá-la... assim como sua mãe, que murmurou algumas palavras de carinho e gratidão em meio ao choro. Então Dorothy Eady, que havia mantido a compostura até então, simplesmente desabou. "Nunca me senti em casa em Nazlet El Simman", diria ela mais tarde. "Era Não foi fácil, no entanto, partir. Senti que estava abandonando muito amor."

Era a noite de 3 de março de 1956; e Dorothy Eady, de 52 anos, insistiu em deixar as portas de seu apartamento entreabertas. Ela foi então levada de carro até a Estação Central do Cairo, onde embarcou no trem, após comprar uma passagem só de ida para a viagem de 523 quilômetros (325 milhas) até Abidos, ao sul.

•

•

●

(A Instrução de Amenemope)

"Se você caminhar todos os dias por uma estrada feita por suas próprias mãos", diz uma antiga máxima egípcia, "você chegará ao lugar onde deseja estar". Sem jamais vacilar na certeza de seu coração e tendo passado muitos anos se preparando intelectualmente para sua jornada, Dorothy Eady finalmente, e irrevogavelmente, retornou "para casa".

Para Dorothy, "lar" era a pequena vila de Arabet Abydos (até recentemente conhecida como El Araba El Madfouna), situada no ponto onde a planície aluvial do Nilo, a leste, encontra o deserto e uma montanha calcária a oeste. Nessa montanha em forma de crescente, que parece acolher a vila em seu abraço protetor, existe uma fenda peculiar, conhecida como Pega-the-Gap, através da qual o sol pode ser visto se pondo em um esplendor de vermelho-dourado. Para os antigos egípcios, Pega-the-Gap levava diretamente a Amenti, o reino de Osíris, o Senhor de...

Abidos. (Acreditava-se também que a Escadaria de Osíris se localizava diretamente sob a encosta de areia dessa mesma fenda.) Juntamente com as aldeias vizinhas de Ghabat, ao norte, e Beni Mansour, ao sul, a atual Arabet Abidos, com suas casas de tijolos de barro, portões arqueados e pombais feitos de potes e tijolos, faz parte da cidade sagrada da antiga Abidos – uma necrópole de templos, túmulos, estelas, estátuas e cenotáfios cujas origens remontam a mais de cinco mil anos, à época pré-dinástica.

Abidos tornou-se o centro do culto a Osíris durante o Antigo Império (c. 2575-2134 a.C.). Na época da Décima Segunda Dinastia (c. 1991-1783 a.C.), milhares de egípcios faziam uma peregrinação anual para visitar o túmulo de Osíris (que então se acreditava estar no antigo cemitério chamado Omm El Gaab, a oeste de Arabet Abidos) e para assistir à peça de mistério sagrada encenada ali todos os anos.

Na antiguidade, os egípcios começaram a identificar os mortos com o próprio Osíris, referindo-se a "Osíris-Sety" ou "Osíris-Bentreshyt", imaginando assim que a pessoa, por meio desse ato de identificação, participaria da vida ressuscitada do deus. Os egípcios piedosos não desejavam nada mais do que serem sepultados em Abidos. Na impossibilidade disso, erguiam pequenos cenotáfios (falsos túmulos) ou estelas comemorativas para si mesmos, de modo que pudessem entrar mais facilmente no reino de Amenti através de Pega-the-Gap, na montanha a oeste da cidade sagrada.

É evidente que, como seguidora da antiga religião egípcia, Dorothy Eady teria desejado ardentemente ser sepultada em Abidos. A principal razão para seu fervoroso desejo de ali residir estava relacionada à sua inabalável sensação de ser uma alma que retornava ao além.

para o lugar onde ela havia nascido e crescido. E o local específico onde ela sentia ter passado a parte mais importante de sua breve vida anterior era o Templo de Seti, que fica na extremidade leste do deserto, dominando a vila de Arabet Abydos.

Considerado geralmente a estrutura mais bela e bem preservada do seu tipo no Egito, o Templo de Seti foi a maior conquista artística do antigo oficial do exército que, ao se tornar faraó aos trinta e poucos anos, proclamou-se "Portador do Renascimento" e tentou reformar o governo corrupto e ineficiente e recuperar o império que o Egito havia perdido desde o reinado do rei herege da Décima Oitava Dinastia, Akhenaton.

O Templo de Seti foi construído durante a segunda metade do reinado de vinte e um anos deste faraó; e sua estrutura de calcário branco e delicados baixos-relevos — muitos dos quais ainda conservam suas cores vibrantes — estavam quase concluídos na época de sua morte. (Os relevos decorativos no exterior do edifício e no Primeiro Salão Hipostilo foram finalizados por seu filho e sucessor, Ramsés II, que também construiu seu próprio templo um pouco ao norte do de seu pai.)

O Templo de Seti difere de todos os outros santuários religiosos egípcios em dois aspectos importantes: primeiro, em vez de ser projetado segundo a planta retangular habitual, o templo tem formato de L, permitindo assim que o Osirion, que servia como cenotáfio tanto para Osíris quanto para o próprio Seti, permanecesse descoberto e intacto; e segundo, em vez de ser dedicado a apenas um deus principal (e à consorte e ao filho desse deus), o templo contém sete capelas abobadadas — três para a família sagrada de Abidos (Osíris, Ísis e Hórus); uma para cada um dos deuses.

Amon-Rá de Tebas, Rá-Horakhty de Heliópolis e Ptah de Mênfis; e um sétimo para os mortos, divinizado Seti. Em sua tentativa de representar e conciliar as demandas e esperanças deste mundo, do submundo e do império, o Templo de Seti I tornou-se verdadeiramente um santuário "nacional", bem como "cosmológico".

Para Dorothy Eady, o templo também era um santuário "pessoal". Em uma de suas primeiras visitas ao edifício — em algum momento durante suas duas breves peregrinações a Abidos no início da década de 1950 — ela se lembrou de sentir "como se tivesse entrado em um lugar onde já havia vivido". O inspetor-chefe do Departamento de Antiguidades estava em Abidos na época de uma das primeiras visitas de Dorothy e estava ciente de suas peculiares noções de "familiaridade" com o templo. Então, juntamente com um arquiteto e outro inspetor, ele decidiu testá-la.

Como ela recordou mais tarde: "Fui até o inspetor-chefe e disse: 'Conheço este lugar, sei onde tudo está e onde tudo pertence.' 'Isso é impossível', ele me disse, 'o templo não foi catalogado corretamente.'

(Naquela época, nem mesmo havia guias detalhados do edifício.)
Então, fomos todos juntos ao templo; e quando

Quando chegamos lá, ele disse: 'Vamos te dizer para onde ir; fique em frente à cena que indicarmos e, quando achar que chegou lá, chame e iremos verificar se você está certo.' Eles me mandaram entrar.

"Era noite, estava completamente escuro, e eu não tinha nenhuma luz, embora eles tivessem lanternas elétricas. Fui direto para o lugar que me indicaram: a Capela de Amon. Não tropecei nem esbarrei em nada; fiquei em frente ao local e chamei. Quando eles chegaram com suas lanternas, ficaram admirados por terem me encontrado no lugar certo. Então disseram: 'Isso é pura sorte, vamos tentar de novo'. Desta vez, me disseram para ir ao Salão dos Barcos Sagrados, o que eu fiz, e chamei; e, novamente, me encontraram onde eu deveria estar."

Eles fizeram isso quatro ou cinco vezes, e todas as vezes eu estava no lugar certo. No final, eles me lançaram alguns olhares de reprovação e se perguntaram o que tinham nas mãos!

O que eles "conseguiram", descobriu-se, foi uma devota extraordinariamente conhecedora e fervorosa do Templo de Sety. Sendo postulante e erudita, Dorothy Eady, como poucos, tinha a capacidade de vivenciar e explicar as maravilhas e os mistérios deste lugar sagrado – seu santuário, seu templo, seu templo, no qual ela sempre entrava em estado de adoração extasiada:

Atravessar o grande Portal Central e entrar no Templo de Sety I é como entrar numa "Máquina do Tempo" da ficção científica. Deixa-se para trás o mundo moderno lá fora, sob o brilho intenso do sol, e, na luz suave e tênue do interior, entra-se no mundo do passado que, por um instante, se torna presente. É também um mundo de magia que a mente moderna, e particularmente a mente ocidental, tem dificuldade em compreender.

A maioria das pessoas pensa nos templos do Egito como algo semelhante a igrejas ou catedrais, onde as pessoas iam para o culto público e para fazer suas orações e súplicas pessoais. Mas os templos não são, e nunca foram, assim. No antigo Egito, esse tipo de culto pertencia aos pátios e pórticos dos templos, aos pequenos templos dos deuses locais e aos santuários à beira da estrada, pois o egípcio sempre foi piedoso por natureza.

Os interiores dos grandes templos eram, na verdade, as casas sagradas dos deuses, onde emanções dos espíritos divinos trabalhavam incessantemente dia e noite para afastar do universo a ameaça constante do caos e para manter a ordem divina do mundo e o bem-estar do Egito, a "Terra Amada". Orações, hinos e sacrifícios certamente eram realizados ali. Cerimônias e ordenanças eram executadas e oferendas eram depositadas nos altares. Estas eram feitas não por pessoas comuns, mas por sacerdotes treinados em voz e gestos para realizar as cerimônias de importância mágica da maneira correta, de forma a torná-las aceitáveis e úteis aos deuses.

O povo comum jamais tinha permissão para entrar no interior do templo, e é duvidoso que algum deles jamais tenha ousado fazê-lo! Cada elemento nas cenas das paredes possuía um significado mágico. Nada ali estava ali meramente para fins de boa apresentação ou beleza. Se eram belas e magicamente poderosas, era porque foram concebidas por homens de visão e bom gosto, e trazidas à existência por homens que, mesmo trabalhando por um salário, participavam, acima de tudo, com orgulho, de dois projetos monumentais. Estavam ajudando a criar uma morada adequada para os deuses no meio de sua própria cidade. E sentiam-se honrados por ter uma participação, por menor que fosse, na grande obra realizada por seu Deus-Rei, seu "Hórus na Terra".

As cenas nas paredes eram magicamente ativas de duas maneiras. Supostamente, elas tornavam permanente a ação ali representada. Se o faraó oferecesse um pão a Osíris, esse pão continuaria a ser apresentado enquanto a representação permanecesse tanto neste mundo quanto no mundo dos deuses. Da mesma forma, se alguém se colocasse diante da figura de um deus e pronunciasse seu nome, uma porção do espírito divino animaria a pedra, e a atenção da divindade se voltaria para o orador, para suas ações e para os pensamentos mais íntimos de seu coração.

Pode-se imaginar que essas crenças, mantidas e praticadas neste templo por mais de mil anos, tenham impregnado as próprias pedras do edifício com seu poder. Estar sozinho no Templo de Sety é sentir-se protegido por olhos benevolentes e oniscientes, e experimentar uma profunda sensação de paz e segurança.*

*De Abidos: Cidade Sagrada do Antigo Egito, por Omm Sety e Hanny El Zeini.

Nas aldeias egípcias, os moradores sempre consideraram indelicado chamar uma mulher casada pelo seu nome verdadeiro, preferindo designá-la como a mãe de seu filho mais velho. Assim, em Abidos, Dorothy Eady/Bulbul Abdel Meguid passou a ser conhecida como Omm Sety (em árabe, "Mãe de Sety"), nome que usaria e pelo qual seria conhecida pelo resto da vida.

Em relação ao curioso costume entre os egípcios modernos de chamar uma pessoa por um nome "não oficial" ou "falso"*, Omm Sety observou certa vez que "a explicação usual para esse costume é que se considera vergonhoso para qualquer pessoa, exceto parentes próximos, saber detalhes pessoais sobre uma mulher. Na verdade, pode haver uma razão mais profunda, subconsciente, para isso. Ainda existem nas aldeias os chamados 'magos', que, por uma pequena quantia, estão dispostos a escrever um feitiço para prejudicar um inimigo. Para que o feitiço seja eficaz,

O verdadeiro nome da vítima pretendida, e o de sua mãe, devem ser conhecidos pelo mago. Essa crença remonta aos tempos faraônicos, quando o nome de um homem era seguido pelo de sua mãe: por exemplo, 'Nakht-Amon, Filho da Senhora da Casa, Meryt'... E a antiga crença na grande importância do nome de uma pessoa é a razão pela qual apagavam os nomes dos inimigos de túmulos e outros monumentos. Destruir o nome era destruir a identidade de seu portador e até mesmo colocar em risco seu bem-estar na vida após a morte."

Omm Sety certa vez afirmou que conheceu três mulheres que "se alegravam com os nomes de Gibna (queijo), Fakha (fruta) e Salamon (peixe enlatado); e ninguém, exceto seus pais e irmão, sabia quais eram seus nomes verdadeiros".

* * *

Quando chegou a Arabel Abydos em 1956, Omm Sety residiu brevemente num pequeno quarto anexo à casa de repouso do

Departamento de Antiguidades, na parte norte da vila. Durante a primeira semana, mais ou menos...

Ela quase não dormia lá, preferindo passar as noites vagando pelo deserto, onde ficava ao mesmo tempo surpresa e entusiasmada ao encontrar vários lobos. "Muita gente diz que não há lobos no Egito", comentou ela certa vez. "Quando cheguei aqui pela primeira vez, encontrei um naturalista que jurava de pés juntos que não havia lobos por aqui e que o que eu pensava ter visto eram, na verdade, chacais. Ora, eu já vi muitos chacais, e eles não se parecem em nada com lobos, exceto pela cor. O que eu tinha visto eram definitivamente lobos bonitos, imponentes e de aparência nobre. Então, eu disse ao naturalista que, se ele quisesse, eu lhe mostraria as pegadas... e provavelmente até um lobo de verdade! 'Tudo bem', disse ele, incrédulo. Então, fomos para o deserto perto da montanha; e lá, em cima de um pequeno monte, estava um excelente exemplar de lobo. Comecei a me virar para o homem, dizendo em voz alta: 'Bem, se isso não é um lobo, o que é então?'" Mas quando olhei em volta, lá, ao longe, havia uma nuvem de poeira na qual o naturalista estava desaparecendo. A parte mais engraçada, porém, foi o lobo, que olhou para o homem sumindo, depois para mim, depois de volta para o homem, depois de volta para mim... como se quisesse dizer: 'O que diabos há de errado com ele?'

Algumas semanas após sua chegada, Omm Sety teve a sorte de encontrar uma casa à venda no centro da vila. O preço era de setenta e cinco dólares. "Você pode imaginar como era!", declararia o comprador mais tarde. "Tinha um cômodo — se é que se podia chamar aquilo de cômodo — que eu reformei um pouco e tentei tornar habitável... embora, devido à minha falta de dinheiro, não houvesse muito que eu pudesse fazer. Por fim, construí um pequeno anexo de barro em cima da casa — só barro, nem mesmo tijolos de barro. Quando ganhei minha primeira burra, que se chamava Alice, ela morava no andar de baixo e eu no andar de cima."

"Certa vez, quando tive um ataque de flebite, é claro que não conseguia subir e descer os degraus bastante íngremes até meu quarto. Então, passei a morar com o burro. Quando o médico local veio me ver, ele por acaso era copta - e me disse: 'Você não tem lugar melhor para dormir do que no estábulo?' Eu respondi: 'O que há de errado com um estábulo? Jesus nasceu em um estábulo. Se era bom o suficiente para ele, é bom o suficiente para mim.'... Acho que ele ficou bastante chocado."

Alice, a burra, não era a única hóspede de Omm Sety. Durante toda a sua vida em Abidos, ela sempre esteve rodeada por uma coleção de animais notavelmente colorida e barulhenta que, em diferentes épocas, incluía um ganso chamado Snefru, que servia como "vigia" de Omm Sety e gostava de beber chá Earl Grey com seis torrões de açúcar e um pouco de leite; um ganso chamado Nebet; um coelho chamado Banouna, que mordida tudo e todos à vista; um cachorro "preguiçoso"

não identificado com um latido grave e ameaçador; várias cobras; e, em todos os momentos, gerações e gerações de gatos com nomes reais do antigo Egito.

como Teti Sheri, Ahmes, Hor-em-heb e Ramesses. Este último era um elegante gato macho amarelo-damasco que se dignava a comer apenas latas de atum japonês — literalmente cuspiando no macarrão e nos ovos cozidos que Omm Sety preparava para seus outros companheiros felinos — e que, como convinha ao seu nome, ficava imponentemente em pé na beira de um muro, fazendo gestos de desdém para todos que passavam. Enquanto isso, de toda a vizinhança, dezenas de gatos apareciam frequentemente para verificar tanto Omm Sety quanto sua "máfia", como ela costumava se referir à sua família felina.

* * *

Em 1956, o Templo de Seti estava em processo de restauração sob a supervisão de Edouard B. Ghazouli, o falecido inspetor-chefe do Médio Egito. As casas em frente à fachada do templo haviam sido demolidas; e quando a parte sul do primeiro pilone e seu terraço foram removidos, Ghazouli e seus trabalhadores descobriram um pequeno palácio-templo com seu salão de recepção e depósitos. As portas de pedra originais, as colunas e as grades das janelas estavam todas em fragmentos. Omm Sety, ao chegar a Abidos, recebeu cerca de três mil peças inscritas para catalogar e encaixar, e então foi incumbida de traduzir as inscrições. Essa era exatamente a tarefa que ela havia realizado para Ahmed Fakhry em Dahshur; e seu treinamento anterior agora lhe seria muito útil. "Veja bem", ela diria em retrospectiva, "eu realmente não poderia ter vindo para Abidos até que tivesse aprendido adequadamente o trabalho que deveria realizar lá. Em outras palavras, eu deveria fazer algo bom para o templo, não apenas ficar vagando por aí."

Seu trabalho neste projeto levou cerca de dois anos; e em sua monografia que o descreve ("O Palácio e os Depósitos Anexos ao Templo de Seti I em Abidos e a Fachada deste Templo"), Édouard Ghazouli agradece "particularmente" a Omm Sety pelos planos e desenhos que ela contribuiu, bem como por sua ajuda na "preparação do manuscrito". (Aparentemente, ela "traduziu para o inglês" todo o texto.) Ghazouli e outros membros do Departamento de Antiguidades também ficaram enormemente impressionados com sua capacidade quase sobrenatural de estimar corretamente a altura original das colunas quebradas e de interpretar muitas das inscrições hieroglíficas mais enigmáticas.

Foi durante esse período que Omm Sety finalmente teve a chance de provar sua afirmação de que os jardins que ela sempre jurara terem florescido perto do templo — e sobre os quais Dorothy Eady havia falado ao seu pai incrédulo e desdenhoso quando ela era pequena — de fato existiram. "Eu não parava de falar daquele jardim até começar a

trabalhar aqui", diria ela mais tarde, "e então os capatazes o encontraram."

exatamente onde eu disse que era - a sudoeste das raízes da árvore do templo, raízes de trepadeiras, pequenos canais para irrigação... até mesmo o poço; e o poço ainda tinha água."

Quando não estava "redescobrimdo" coisas sobre o templo, e quando não estava ocupada com seu trabalho de restauração, Omm Sety encontrou tempo, em 1957, para escrever para seu uso pessoal um calendário que listava os antigos dias de festa religiosa egípcia e designava as orações e deveres cerimoniais necessários. Tendo agora acesso ao templo sempre que desejasse, Omm Sety ia ao santuário todas as manhãs e noites, tirava os sapatos antes de entrar, caminhava até o Grande Salão e então queimava incenso e orava ao senhor dos mortos.

Nos aniversários de Osíris e Ísis, e na grande festa de Osíris — marcada em seu calendário como sendo celebrada entre o vigésimo terceiro e o trigésimo dia do mês de Khoiak (3 a 8 de janeiro) — ela observava o antigo costume de não comer peixe, feijão, cebola ou alho antes de cruzar o limiar da "Mansão de Deus" e levava oferendas de cerveja, vinho, pão e biscoitos de chá para a Capela de Culto de Osíris. Ali, ela recitava o "Lamento de Ísis e Néftis", que havia aprendido, em sua versão em inglês, mais de uma vez.

trinta anos antes, em Plymouth, Inglaterra.

No início de 1959, sem aviso prévio, Omm Sety foi informada de que seu emprego havia acabado. O orçamento para o projeto de restauração havia se esgotado e ela foi aconselhada a retornar ao Cairo, onde o Departamento de Antiguidades lhe ofereceria outra tarefa. É claro que ela recusou. Dois meses depois, percebeu que estava completamente sem dinheiro. Com suas últimas moedas, comprou alguns ovos para seus gatos e, sem saber o que fazer, foi ao templo, onde rezou e explicou sua situação a Osíris, dizendo: "Se me queres aqui, encontra um jeito de eu viver e alimentar meus gatos. Se não, por favor, concede-nos uma morte rápida e fácil." Algumas horas depois, Edouard Ghazouli foi até sua casa para lhe dizer que acabara de receber um telefonema do Cairo informando que seu contrato para trabalhar em Abidos seria renovado.

Radiante, Omm Sety continuou a participar em escavações mais limitadas de sítios funerários pré-dinásticos, bastante danificados, mas ainda impressionantes, na orla do deserto ao norte de Abidos. Passou então muitos meses no Templo de Ramsés II (localizado a quase um quilômetro e meio ao norte do Templo de Sety), copiando cada inscrição e, com o tempo, conhecendo o edifício quase tão bem quanto o santuário construído pelo pai de Ramsés.

No Templo de Sety, ela transformou um dos cômodos próximos ao Corredor dos Touros em um escritório pessoal. Ali, trabalhava em uma mesa de desenho iluminada por um lampião a gás; fez amizade com uma cobra curiosa que começou a visitá-la regularmente, alimentando-

a fielmente.

espanto e horror dos guardas do templo, que desprezavam esses répteis ameaçadores, encapuzados e que cuspiam veneno - uma ração diária de ovos cozidos e leite; e ela fazia o possível para impedir que turistas que rabiscavam grafites desfigurassem sua "casa".

Passando tanto tempo no Templo de Sety, Omm Sety certamente presenciou algumas coisas extraordinárias. Talvez a mais incomum delas tenha ocorrido em 1958, quando trabalhava no Salão dos Barcos Sagrados, e ela descreveu esse acontecimento inexplicável em detalhes:

"Naquela época", explicou ela certa vez, "estavam em andamento as obras de cobertura do templo; e embora eu tivesse as chaves de todas as portas, era mais fácil entrar e sair do prédio subindo as escadas até o telhado, caminhando ao longo do topo da parede sul do Corredor Ocidental sem cobertura e descendo o andaime a oeste do templo."

"Naquela época, houve uma epidemia de gripe asiática na vizinhança, e eu a contrái. Certa manhã, eu estava me sentindo muito mal e, como dois comprimidos de aspirina e um breve descanso não surtiram efeito, decidi encerrar o dia e ir para casa. Subi as escadas e comecei a caminhar ao longo do topo do muro, quando de repente fiquei muito tonto e caí, torcendo o tornozelo direito e machucando o ombro esquerdo. Lembro-me de ouvir um forte ruído de atrito, como o de uma mó em funcionamento, e rolei por uma ladeira bastante íngreme; o ruído de atrito se repetiu e me vi em..."

escuridão.

Depois de um tempo, a tontura passou o suficiente para que eu pudesse me levantar e tatear em busca de uma parede. Toquei alguns blocos lisos de calcário e fiquei ali parado, sem saber o que fazer. Logo percebi tênues fios de luz filtrando-se de cima, como se viessem por frestas no teto; e, à medida que meus olhos se acostumavam à penumbra, descobri que estava em uma passagem estreita com menos de três metros de largura. Um caminho estreito, talvez com uns cinquenta centímetros de largura, corria ao longo da base da parede; mas o restante da largura da passagem parecia estar completamente preenchido com caixas, mesas de ofício, malas, fardos de linho; e tudo tinha um brilho dourado. Tateando ao longo da parede, fui avançando com dificuldade. A passagem parecia interminável e, à minha esquerda, repleta de objetos.

"Trovecei e caí, e, ao tentar me levantar, vi o que me pareceu ser o próprio deus Hórus curvado sobre mim, com as mãos erguidas como que em espanto. Da cintura para baixo, ele estava ereto, mas da cintura para cima estava curvado, seu rosto feroz de falcão me encarando, e sua Coroa Dupla [representando o Alto e o Baixo Egito] projetando-se em ângulo reto, sem qualquer suporte visível. Ali fiquei agachado, humildemente envergonhado, tentando pensar em como se dirigir a um deus em tais circunstâncias. Então, de repente, percebi que 'Hórus' era apenas uma figura de madeira pintada."

Estátua em tamanho natural, originalmente em pé, com os braços dobrados nos cotovelos e as mãos erguidas. Insetos haviam corroído parte da frente do corpo, fazendo com que a parte superior se inclinasse. Levantando-me rapidamente, notei estátuas semelhantes, também em tamanho natural, de Osíris e Ísis encostadas na parede oposta, aparentemente intactas.

"Perto de onde eu estava, havia um vaso dourado com cerca de 25 centímetros de altura. Tinha um corpo oval, um gargalo longo e uma boca em forma de trombeta, e estava apoiado em um suporte de madeira em forma de anel. À luz fraca, pude ver um cartucho gravado em seu corpo, mas estava escuro demais para lê-lo. Porém, pelo comprimento da moldura, eu sabia que não era o cartucho de Seti, mas de um dos reis posteriores, talvez da Vigésima Sexta Dinastia. Peguei-o. Era muito pesado, e a princípio pensei em levá-lo como prova do que havia descoberto por acaso; mas finalmente decidi..."

contra ele e coloque-o em seu lugar.

Comecei a me sentir muito mal novamente, mas continuei a mancar, meio inconsciente. De repente, me vi ao ar livre, quase cegado pela luz do sol. Eu estava parado ao lado do poço no Segundo Pátio do templo, e um jovem, um estranho, se aproximou de mim. Ele me encarou com franco espanto e perguntou se eu sabia onde estava o arquiteto responsável pelas restaurações. Eu lhe disse e, ainda me encarando surpreso, ele me agradeceu e foi embora. Fui entrar no templo pela porta principal, apenas para descobrir que não tinha as chaves comigo. Dei a volta pelo templo para reentrar no Salão dos Barcos Sagrados pelo mesmo caminho que havia deixado, quando encontrei dois dos guardas. Todos gritaram: 'Onde você esteve? Você está todo sujo e cheio de teias de aranha!' E assim foi; não admira que o rapaz me encarasse com tanta intensidade! Respondi que havia caído, machucado o tornozelo e esquecido as chaves. Mas não lhes contei mais nada. Consegui rastejar de volta ao Salão dos Barcos Sagrados; e lá estavam as chaves, exatamente como as havia deixado, sobre a mesa.

"Dois dias depois, o Inspetor-Chefe do Departamento de Antiguidades desta área veio aqui, e eu lhe contei sobre essa experiência. Ele ficou muito surpreso e interessado, mas nenhum de nós conseguiu decidir se realmente havia acontecido ou se era apenas uma alucinação causada pela febre; e até hoje não sei ao certo. Tudo o que sei com certeza é que realmente caí, meu tornozelo inchou e doeu por uma semana, e fiquei com um grande hematoma no ombro. Além disso, fiquei realmente coberto de poeira e teias de aranha; e, tendo deixado as chaves para trás, não havia como eu chegar à parte da frente do templo a não ser contornando-o pelo lado de fora, onde os vigias teriam me visto e onde, além disso, eu não teria acumulado poeira ou teias de aranha em minhas roupas. Se isso realmente aconteceu, então

só há uma explicação possível: devo ter batido em uma pedra com o ombro ao cair, que girou sobre um pivô e abriu uma passagem inclinada."

explicaria o som estridente. Mas como saí de lá? Tudo o que posso sugerir é que uma toca de hiena abandonada na lateral da parede pode ter se comunicado com a "Passagem do Tesouro". Mais tarde, a toca desabou, mas seu local permanece, ainda claramente visível. O inspetor-chefe se interessou e me disse para tentar encontrar a suposta pedra-chave. Procurei por ela em todos os lugares possíveis do templo, incluindo as "Salas Cegas" [duas salas, uma sobre a outra, sem janelas ou portas, localizadas imediatamente atrás das Capelas Internas do Complexo de Osíris], empurrando e batendo nas paredes dessas salas... mas sem resultados, exceto por mais alguns hematomas!

"Há, contudo, um ponto significativo. As lajes de alguns dos corredores das salas hipostilas são grandes placas únicas que se assemelham às da 'Sala Cega' superior. Estas poderiam muito bem ser passagens subterrâneas cobertas. Mas em todos os outros lugares, as lajes são menores e de formato irregular. De uma coisa tenho certeza: o Templo de Seti ainda guarda alguns segredos... na verdade, muitos deles. Um dia, um arqueólogo paciente poderá vir a Abidos para investigar todas as suas possibilidades desconhecidas e fascinantes. E talvez ele desperte o entusiasmo e a admiração do mundo inteiro com algo maior e mais importante do que a descoberta dos tesouros funerários de Tutancâmon em 1922."

Eventos menos marcantes também aconteceram com Omm Sety no templo. "Um dia", ela comentou certa vez, "estava com tanto calor enquanto trabalhava lá dentro que tirei toda a roupa, já que não havia ninguém por perto. Na verdade, desde criança, sempre detestei usar roupas (e principalmente sapatos). Nunca entendi o propósito de usar roupas, a menos que estivesse com frio. Ainda não entendo. Aliás, as crianças no antigo Egito não usavam roupas até por volta dos doze anos de idade; só se vestiam quando atingiam a maioridade. (Às vezes, as crianças aristocráticas bem pequenas usavam roupas, mas as crianças das classes baixa e média não.)... Enfim, de volta ao templo, de repente ouvi o guarda chegando com um visitante; e lá estava eu com minhas roupas em algum outro cômodo. Então corri pelo corredor para pegar minhas coisas... e bem a tempo. Você deveria ter me visto, correndo nua pelo templo. Acho que fui a primeira a correr nua!"

Na maior parte do tempo, porém, Omm Sety cedia às convenções sociais, vestindo uma combinação incongruente de lãs ou, mais tarde na vida, um conjunto de duas peças com um lenço na cabeça e um xale, e pérolas de imitação, intercaladas com uma variedade de contas e amuletos egípcios e um amuleto ankh - o símbolo hieroglífico para "vida" - pendurado em seu pescoço. Certamente, tanto para os moradores da vila quanto para os visitantes estrangeiros, essa mulher incomumente adornada, ao ser vista pela primeira vez, causava uma impressão muito estranha.

Dra. Veronica Seton-Williams - pesquisadora associada da

A Dra. Seton-Williams, professora do College of London e autora dos livros "O Tesouro de Tutancâmon" e "Egito" (da série Blue Guide), lembra-se de ter conhecido Omm Sety em 1957. "Eu tinha viajado de carro com um amigo de Luxor para Abidos", recordou recentemente a Dra. Seton-Williams, "e lembro-me de que estávamos almoçando debaixo da torre de água da vila, quando de repente ouvimos um tilintar de pulseiras e uma voz, em inglês, disse: 'Prithee' (ninguém nunca tinha, nem nunca mais, me dito 'Prithee!'), 'Prithee, você gostaria de um pouco de água?' Então olhamos para cima e vimos uma mulher com um cântaro de água na cabeça. Essa foi a minha apresentação a Omm Sety."

Maureen Tracey, uma exuberante guia turística inglesa, gerente de excursões e autora de "English for Americans with a Sense of Humor" (Inglês para Americanos com Senso de Humor), conheceu Omm Sety pela primeira vez quando liderava uma excursão da Swan Hellenic a Luxor e Abidos alguns anos depois. "Sempre me lembrarei daquele encontro", comentou Tracey (como é conhecida por todos os seus conhecidos) certa vez. "Eu estava sentada na pousada, e uma mulher ao meu lado, que vestia um terno cinza-carvão com listras finas – parecia ter sido feito com a roupa de algum militar desmobilizado! – virou-se para mim e, com uma voz bem inglesa, disse: 'Gostaria que eu a levasse para conhecer o templo?' Eu exclamei: 'Meu Deus, uma inglesa! Ouvi dizer que havia uma inglesa morando aqui.' Ela respondeu: 'Bem, dificilmente uma dama, querida!' Nos demos muito bem imediatamente." Tínhamos o mesmo senso de humor e ríamos das mesmas coisas... embora ela acreditasse em reencarnação, e eu não sei se acredito ou não – estou esperando ser convencida. Omm Sety costumava me dizer: "Sabe, Tracey, as pessoas vêm aqui pensando que já foram Cleópatra porque conseguem visualizar imagens de Antônio em suas mentes. Todas elas já foram Cleópatra, Hatshepsut, Ramsés e Thotmes! Mas nunca foram ninguém. Eu era apenas uma das velhas faxineiras, eu não era nada – filha de um soldado e de uma vendedora de verduras, sabe, que foi deixada nos degraus do templo." Quando eu lhe perguntava se ela se importava de viver sozinha na aldeia, ela respondia: "Oh, não, eu nunca estou sozinha. Ísis ou Osíris estão sempre pairando sobre mim de uma forma ou de outra."

"Não sei por que nos dávamos tão bem. Talvez porque ela fosse extrovertida e eu também. Eu costumava ficar na casa dela na aldeia por dois ou três dias seguidos; e à noite ficávamos acordados de roupão, bebendo cerveja e conversando sobre isso e aquilo por horas a fio. Ela era cheia de histórias e fofocas sobre os tempos antigos e sobre o que estava acontecendo em Abidos naquela época. Quando voltei para Londres, ela me enviava cartas maravilhosamente picantes que me mantinham a par das últimas notícias sobre seus gatos. 'A bebê Khufu - definitivamente uma menina', ela me escreveu certa vez,

'senti a primavera, então o irmão Ahmes ofereceu seus serviços. Ele não é muito experiente, e enquanto ele estava se atrapalhando, chegou Hasuna, o pai deles, puxou Ahmes para longe e prontamente deu uma demonstração de especialista sobre como essas coisas funcionam."

Deveria ser feito! Ahmes ficou observando, visivelmente cheio de admiração.' "Ela sempre me dava as últimas notícias sobre um copta

bispo do mosteiro próximo, a quem ela chamava de "Padre Beijinho" porque ele sempre insistia em lhe dar um grande beijo quando a via. Em uma carta, ela escreveu: "Acho que já te contei sobre a vez em que me envolvi com um grupo misto de bispos coptas. Bem, outro dia eu estava sentada no restaurante do Foukay [uma cafeteria ao ar livre] quando entrou o Bispo dos Bispos! Ele me deu um grande abraço de urso e um beijo estalado e sonoro em cada bochecha. Ele certamente estava demonstrando um espírito cristão verdadeiramente amoroso!" Foukay quase se engasgou. Foukay contou ao

"O bispo disse que eu era uma das ovelhas perdidas que se desviaram para seguir os antigos deuses. Não sei se ele estava aprovando minha deserção ou tentando me trazer de volta ao rebanho."

Foukay, que nasceu em Arabet Abydos e era dono da cafeteria ao ar livre onde Omm Sety costumava tomar chá, café ou cerveja com visitantes e amigos, disse certa vez: "Este lugar era o segundo lar de Omm Sety, e ela costumava ficar aqui o dia todo. De vez em quando, ela trazia um gato branco dentro de uma gaiola e o alimentava com leite e ovos. Às vezes, ela conversava com ele. Ela costumava falar comigo sobre os monumentos antigos. Ela era uma mulher adorável. Todas as pessoas aqui a amavam como amam suas mães. Ela era uma das..."

Ela era franca e direta em todas as suas relações com todos. Sempre dizia a verdade sem medo de ninguém!

"Sabe", comentou certa vez Omm Sety, "quando me mudei para Abidos, não fui exatamente bem recebida. Os moradores se perguntavam por que uma estrangeira viria morar sozinha, sem a família, e passaria todo o tempo no templo, a menos que estivesse aprontando alguma coisa. Eu nunca os culpei por pensarem assim, embora soubesse que não precisava de ninguém. Eu já havia morado por mais de vinte anos em Gizé e sabia árabe o suficiente para negociar com o merceeiro, o açougueiro, o vendedor de verduras e assim por diante. Eu era..."

também é proficiente em insultos, assim como em provérbios!

O motivo pelo qual Omm Sety não "temia ninguém" em Arabet Abydos era porque a maioria dos aldeões passou a temê-la devido à sua reputação de ser uma adepta da magia egípcia. "Os moradores locais a consideravam uma espécie de bruxa", comentou certa vez o Dr. Seton-Williams, "e Omm Sety só conseguiu viver sozinha em Abydos durante todos aqueles anos porque os aldeões, que são muito supersticiosos, tinham pavor dela. Eles não a atacavam porque não sabiam que poderes ela poderia invocar sobre eles."

"Quando comecei a estudar Egiptologia", acrescentou a Dra. Seton-

Williams, "uma das minhas professoras na universidade era Margaret Murray, que se interessava por magia egípcia e era conhecida como 'a Bruxa!'" (Vale mencionar que Margaret Murray, na verdade, descobriu a Egiptologia).

entrada no Osirion enquanto trabalhava com a famosa equipe de escavação de Flinders Petrie em Abidos entre 1901 e 1902; e, além de suas realizações egíptológicas, ela foi autora de "Culto das Bruxas na Europa Ocidental", publicado em 1921, que popularizou a noção de que a bruxaria era a religião pré-cristã sobrevivente da Europa.

"Eu mesma presenciei Margaret Murray realizando um número de mágica", continuou a Dra. Seton-Williams. "Em 1947, logo após a guerra, tivemos um inverno muito rigoroso em Londres, e havia pouco combustível disponível. Ora, Margaret Murray não gostava nada de Emanuel Shinwell, o Ministro de Combustíveis e Energia da época. Lembro-me de que eu estava trabalhando com ela no Regent's Park um dia, e ela fez uma figura de cera de Emanuel Shinwell, encheu-a de alfinetes, lançou um feitiço apropriado sobre ela e a colocou em uma pequena fogueira que havia acendido. A figura de cera levou o dia todo para ser queimada."

Queimou e finalmente derreteu ao anoitecer. Quando saímos do parque em direção à estação de metrô Baker Street, os jornalheiros gritavam: "Emanuel Shinwell vai renunciar!" Ele nunca mais ocupou um cargo no governo. Talvez tenha sido uma coincidência, mas é uma coincidência curiosa... Omm Sety também tinha acesso a todos os textos antigos sobre magia; e ela tinha poderes de cura e também poderes sobre cobras e animais.

"Sabe, a maioria dos egípcios tem pavor de cobras, mas certas mulheres egípcias conseguem lidar com elas. Quando eu trabalhava em Tell El Fara'in [a antiga cidade de Buto, lar da deusa cobra Wadjet], encontrei mulheres com nomes como Miriam, a Egípcia, ou Fátima, a Egípcia. Se você tivesse uma cobra em casa, chamaria uma dessas mulheres, chamadas rifaiea, que capturavam as cobras fazendo-as morder panos embebidos em leite; depois, elas as pegavam e as enrolavam em volta do pescoço. Para isso, essas mulheres tinham que praticar abstinência sexual e passar por ritos de purificação durante um mês — e repetiam-nos todos os anos —, período em que bebiam um dedal de veneno de cobra todas as manhãs e eram esfregadas com o veneno por todo o corpo. ... Omm Sety também tinha um controle semelhante sobre as cobras — mas um controle que, no caso dela, vinha do seu conhecimento da antiga magia egípcia."

Na Instrução para Mery-ka-Ra (c. 2060 a.C.), afirma-se que o antigo deus criador egípcio deu "magia" aos seres humanos como uma "arma" para ser usada apenas em casos de autodefesa. ("Ele fez para eles magia como armas/Para afastar o golpe dos acontecimentos,/Guardando-os dia e noite.") De acordo com Maureen Tracey, "Omm Sety não faria mal a ninguém a menos que lhe fizessem mal."

Um dia, seu ganso Snefru desapareceu. "Vou revirar esta aldeia de cabeça para baixo até encontrá-lo!", exclamou Omm Sety, angustiada e

furiosa, para uma amiga, que a aconselhou: "Não tente. Snefru era muito..."

"Ele é grande e muito apetitoso, e provavelmente está no estômago de alguém agora mesmo!" Como comentou Maureen Tracey: "Ela sabia quem tinha atacado o ganso e me disse: 'Ah, ele vai pagar por isso!' Um tempo depois, ela me contou que a pessoa que matou Snefru havia sido mordida por um búfalo-d'água e morrido de raiva. Acho que ela lançou um feitiço sobre ele. Se alguém fizesse algo cruel com seus animais ou com ela mesma, ela dizia: 'Vou até o templo e contar tudo para Osíris, e isso vai resolver tudo!' A vingança ou a retribuição geralmente vinham em seguida. Um homem — um forasteiro da aldeia — aparentemente tentou proibi-la permanentemente de entrar no templo. Então ela simplesmente foi conversar com Osíris; e logo após a conversa, esse homem em particular foi encontrado morto — alguns dizem que foi de um ataque cardíaco, outros dizem que foi de alguma outra causa."

Omm Sety sabia que os antigos egípcios acreditavam que o uso "irrestrito" da magia era antitético à "lei" e contrário à vontade dos deuses. De fato, quase toda a "magia" que Omm Sety empregava tinha o propósito de curar pessoas e reverter ou afastar os efeitos de feitiços malignos.

"Posso contar duas ocasiões", declarou ela certa vez, "em que testei os Textos das Pirâmides [feitiços, encantamentos e pronunciamentos que datam da Quinta Dinastia]... e funcionaram! "Um dia, alguns turistas estavam tirando fotos do lado de fora do Templo de Seti; e, de repente, uma cobra saiu de um buraco na parede, pegou um pardal e começou a comê-lo. Um senhor queria fotografar a cena, mas o policial que estava de guarda naquele momento queria matar a cobra. Eu disse a ele para deixá-la em paz e não incomodá-la, já que ela não estava fazendo nada."

dano. Bem, a cobra estava na sombra, e o turista queria levá-la para a luz, então eu a peguei e a coloquei no sol — sabendo muito bem que a cobra não podia morder porque sua boca estava cheia com o pardal. Aquele maldito policial idiota jogou uma pedra nela. Bem, a pedra não atingiu a cobra, mas a irritou. Ela largou o pardal, se ergueu, começou a bufar e cuspir e queria atacar todo mundo que estivesse à vista. Então eu decidi tentar um feitiço, para espantar cobras, que acabou com a palavra "seben". Eu fiquei dizendo: "Seben... seben... seben", e nada aconteceu — a cobra simplesmente ficou lá rindo de mim. Mas então eu disse de novo, desta vez enfatizando o som do "en": "sebEN... seben... seben!" Imediatamente a cobra abaixou o capuz e voltou para o buraco de onde tinha vindo. Acredito que muita da magia do antigo Egito devia ser baseada em vibrações que não compreendemos, pois é importante usar o tom de voz correto ao proferir o feitiço.

"Outra vez, um dos meus vizinhos, recém-casado, teve um problema de impotência. Ele e toda a família ficaram em pânico. Primeiro, ele foi ao médico, mas não adiantou. Depois, ele..."

Fui aos túmulos dos xeiques locais, mas não adiantou. Então, um dos homens dele me perguntou se, por acaso, eu conhecia algum remédio para esse problema do antigo Egito. Bem, eu tinha notado um feitiço nos Textos das Pirâmides que parecia apropriado. Então, copiei o feitiço, que era algo como: "Estou preso, tu me libertarás".

...e o deus Min"[O deus da fertilidade] me protegerá." Escrevi tudo isso em um ovo de ganso, desenhei uma imagem do deus Min e disse ao homem para enterrar o ovo sob o umbral da porta. Ele o fez, e naquela noite tudo correu bem... E depois disso, como você pode imaginar, qualquer pessoa impotente vinha correndo até mim para fazer esse feitiço; e todas as vezes funcionava."

Omm Sety, que podia, entre outras coisas, lançar e repelir feitiços, domar cobras e curar impotência, era, ao que tudo indica, um verdadeiro descendente dos antigos magos egípcios.

* * *

Em todas as sociedades onde a magia é praticada, seus adeptos são temidos e respeitados. Omm Sety, agora admirada em Arabel Abydos por seu poder de cura — e respeitada por ser mulher —, logo passou a dedicar boa parte do seu tempo conversando com as esposas da aldeia sobre seus costumes, superstições e magia popular. Anos antes, quando se casou e morava em Many El Roda, Bulbul Abdel Meguid, para desespero do marido, preferia conversar e fazer amizade com os criados a dar-lhes ordens como uma dona de casa "de verdade". Agora, nesta aldeia do Alto Egito, sua curiosidade, sua espontaneidade desprentensiva, seu conhecimento básico do árabe saídi e a recente aceitação social pelas mulheres locais permitiram que ela descobrisse o que precisava saber para se tornar uma folclorista de primeira linha e, além disso, alguém que praticava o que sabia.

Um dia, quando Omm Sety e uma amiga estavam a caminho do Templo de Ramsés, ela viu duas meninas brincando de esconde-esconde no beco estreito que levava ao templo. A mais nova, que tinha cerca de cinco anos, tropeçou em algo e, torcendo o tornozelo, caiu. Omm Sety e a amiga ouviram um baque surdo, mas a criança não emitiu nenhum som. Tendo batido a cabeça em um fragmento de pedra, ela permaneceu imóvel, de bruços. De repente, a mãe da criança apareceu correndo e gritando. Omm Sety estava parada, pálida e tensa, como se estivesse hipnotizada. Sua amiga correu imediatamente para pegar a menina no colo e tentou fazê-la beber um pouco de água de sua garrafa térmica. Felizmente, a menina recuperou a consciência muito rapidamente, sem nenhum ferimento grave, exceto por uma marca vermelha na testa. Começando a chorar, ela correu para o quarto da mãe.

mãe.

Nesse momento, Omm Sety fez algo muito curioso. Ela pegou a garrafa térmica da amiga, encheu a tampa de plástico com água fria e a aspergiu exatamente no local onde a menina havia caído alguns minutos antes. "Que Alá a proteja, Ya, Omm Sety... e a você também, senhor", disse a mãe, agradecida. Quando chegaram ao Templo de Ramsés, Omm Sety já havia se recomposto e a amiga lhe perguntou por que ela havia aspergido a água no local da queda da criança. "A menina poderia ter ferido um akh [um espírito] ao cair", respondeu Omm Sety. "O que eu fiz sempre foi feito em Arabel Abidos – e talvez em todas as outras aldeias do Egito desde tempos imemoriais."

Omm Sety, no entanto, não foi a primeira inglesa a se encontrar na posição de folclorista amadora. Em 1862, Lucie Duff Gordon (1821-1869), numa tentativa de se curar da tuberculose, mudou-se de Londres para Luxor, onde residiu numa casa em ruínas no sítio do grande Templo de Luxor por um período de sete anos – o mais longo período que uma mulher europeia havia passado continuamente no Alto Egito até então. Durante esses anos, ela usou tanto suas habilidades médicas rudimentares quanto medicamentos comuns como quinina, sais de Epsom, pílulas de ruibarbo e sulfato de zinco para cuidar da população local que sofria de febre gástrica, disenteria e infecções oculares. Enquanto ganhava a reputação de "a hakeemah [curandeira] de Luxor", ela ouvia e aprendia muito sobre os costumes dos aldeões e camponeses, pelos quais desenvolveu grande afeição. (Como ela escreveu: "A piedade se transforma em paixão perfeita quando nos sentamos entre as pessoas - como eu faço, e vemos tudo.")

Cética, racionalista e liberal radical por natureza, Lucie frequentemente se mostrava, embora gentilmente, perplexa com as superstições e crenças mágicas de seus pacientes. Mas ficou completamente atônita e surpresa com um incidente ocorrido certa tarde em sua casa. Como ela descreveu em *Cartas do Egito*:

"Eu estava sentada aqui tranquilamente tomando chá, e havia quatro ou cinco homens presentes, quando um gato apareceu na porta. Chamei-o, 'biss, biss', e ofereci leite, mas o gatinho, depois de nos olhar, fugiu. 'Bem fazes, ó Senhora!', disse um homem calmo e sensato, um comerciante daqui, 'ser gentil com o gato, pois imagino que ele receba muito pouco em casa; seu pai, coitado, não pode cozinhar para os filhos todos os dias.' Então, em tom explicativo para os presentes, acrescentou: 'Aquele é Yussuf, filho de Alee Naseeree – deve ser Yussuf, porque seu irmão gêmeo Ismaeen está com sua mula em Negadeh.'" Confesso que me deu arrepios, não é? Já ouvi coisas quase tão absurdas de cavalheiros e damas na Europa; mas uma 'extravagância' num kufan tem um efeito bem diferente de uma num fraque. 'O quê? O rapaz do açougue que traz a carne... um gato?', exclamei, boquiaberto. 'Com certeza, e ele sabe bem onde encontrar uma boa receita, sabe? Todos os gêmeos saem de casa como gatos à noite se forem dormir com fome; e seus próprios corpos ficam em casa como mortos enquanto isso, mas ninguém pode tocá-los, senão morrem. Quando chegam aos dez ou doze anos, param com isso. Ora, seu filho Achmet faz isso.' 'Oh, Achmet! Você sai de casa como um gato à noite?' 'Não', disse Achmet tranquilamente, 'eu não sou gêmeo – os filhos da minha irmã é que saem.' Perguntei se as pessoas não tinham medo desses gatos. 'Não, não há medo, eles só comem um pouco da comida, mas se você

bater neles, eles vão contar para os pais no dia seguinte: "Fulano me bateu na casa dele ontem à noite."

noite", e mostram seus hematomas. Não, eles não são afreetas, são beni Adam (filhos de Adão), só gêmeos fazem isso, e se você der a eles uma espécie de caldo de cebola e leite de camelo logo ao nascer, eles não fazem isso de jeito nenhum.' Omar afirmou nunca ter ouvido falar disso, mas tenho certeza de que sim, só que ele tem medo de ser ridicularizado. Um dos missionários americanos me contou algo parecido, dizendo que pertence aos coptas, mas é inteiramente egípcio e pertence a ambas as religiões. Perguntei a vários coptas que me garantiram que era verdade e me contaram da mesma forma. Será um resquício da doutrina da transmigração?

Não é surpreendente saber que a própria Omm Sety, muitos anos depois, relatou incidentes e histórias semelhantes a vários de seus amigos. E durante seus anos em Luxor, Lucie Duff Gordon frequentemente expressava seu desejo de coletar "todas as belas histórias que ouço" e publicar um artigo "sobre as crenças populares do Egito". Morrendo de tuberculose, ela não conseguiu realizar essa tarefa. O que restou, em vez disso, foram suas fascinantes e controversas Cartas do Egito (publicadas em 1865 e 1875).

A tarefa inacabada de Lucie Duff Gordon foi brilhantemente assumida por outra inglesa, Winifred S. Blackman – membro do Instituto Real de Antropologia – que, em 1927, publicou "Os Felahin do Alto Egito". Tendo vivido com os camponeses do Alto Egito durante seis meses por ano, entre 1920 e 1926, W.S. Blackman teve a oportunidade de testemunhar ritos de colheita e fertilidade, casamentos, cerimônias fúnebres, exorcismos e as operações detalhadas de "curandeiros" e "curandeiras". No capítulo final de seu livro revelador, ela conecta muitos dos costumes e práticas dos camponeses do Alto Egito – muitos dos quais ainda podem ser observados hoje – aos dos antigos egípcios. Como Lucie Duff Gordon havia comentado anteriormente: "Você vê a religião antiga ressurgindo até mesmo na fé severa do Islã. Se eu pudesse descrever todos os detalhes de um casamento árabe, e ainda mais de um casamento copta, você pensaria que eu estava relatando os mistérios do Estado Islâmico."

Nem Lucie Duff Gordon nem W.S. Blackman, porém – por mais perspicazes que fossem –, conseguiram combinar, como Omm Sety, o conhecimento prático e teórico dos costumes e rituais egípcios, tanto modernos quanto antigos. No final da década de 1960, Omm Sety começou a escrever uma série de artigos e relatórios para o Centro Americano de Pesquisa no Egito, que revelaram a persistência das antigas tradições folclóricas e religiosas, manifestando-se no cotidiano de seus vizinhos. Como descreveu o trabalho dela o Professor Kent R. Weeks, diretor do Projeto de Mapeamento de Tebas, responsável pela produção de mapas tridimensionais exclusivos do Vale dos Reis: "Ela frequentemente extraía uma citação dos Textos das Pirâmides ou do Livro dos Mortos e escrevia uma análise – uma explicação em seus próprios termos – e então demonstrava como elementos semelhantes pareciam surgir no folclore moderno do Alto Egito. E eram

comentários muito interessantes."

"É incrível que Omm Sety tenha feito tanto... e ainda mais incrível quando percebemos que ela vivia em uma aldeia como uma aldeã. Ela não frequentou uma universidade, não tinha acesso a uma grande biblioteca de pesquisa, nem possuía coisas como máquinas de escrever e canetas decentes que consideramos banais. Então, é realmente impressionante que ela tenha conseguido registrar tanto material no papel. Ela era uma observadora muito perspicaz – acho que nada escapava ao seu olhar." Susan Weeks, especialista e escritora sobre joias beduínas, que visitou Omm Sety muitas vezes em Abidos, acrescentou: "Também é incrível o que a televisão e as sandálias de plástico fizeram com a aldeia egípcia. Alguém comentou comigo recentemente que, na verdade, não existe mais o conceito de aldeia. É por isso que as observações de Omm Sety foram tão importantes. Onde ela morava, os turistas chegavam por meio dia e depois iam embora. Ela permaneceu lá por quase vinte e cinco anos e fazia parte de tudo."

Ao mesmo tempo que fazia parte da aldeia e, de certa forma, era uma "forasteira", assim como vivia tanto no presente quanto no passado, Omm Sety se encontrava na posição singular de poder participar e observar a vida ao seu redor.

"As mulheres da aldeia", relatava Omm Sety, "embora tivessem acesso gratuito a métodos contraceptivos, não os queriam. Se passassem um ano sem engravidar, saíam correndo para todos os lados, até para o médico! E se isso não funcionasse, tentavam todo tipo de coisa. No Templo de Sety, vi mulheres se aproximarem de uma estátua de Ísis, tocarem seus pés e depois esfregarem a própria barriga. Certa vez, perguntei a uma mulher por que tinha vindo ao templo, e ela respondeu: 'Ah, estou casada há seis anos e não tenho filhos, e meu marido vai se divorciar de mim se...'"

'Eu não tenho uma.' 'Bem, por que você a tocou?', perguntei, apontando para Ísis. E a mulher respondeu: 'Não sei o nome dela, mas ela é uma boa senhora.'

"Além disso, em Dendera [o sítio arqueológico, a sessenta quilômetros ao sul de Abidos, onde se encontra o Templo de Hátor], há um grande relevo de Hátor (a deusa do amor e da beleza) de rosto inteiro na parede externa do templo. Ali, as mulheres que desejam ter filhos costumam trazer uma oferenda de algum vegetal verde, colocá-la no chão em frente à deusa e clamar a ela: 'Mãe dos filhos, seja bondosa comigo!'. Funciona. Então,

Além disso, há uma estátua de arenito de Senusret III [um faraó da Décima Segunda Dinastia] que fica no deserto, ao sul de Abidos. Na verdade, falta a metade superior da estátua do rei. Então, as mulheres inférteis dão sete voltas ao redor dele e depois vão se sentar em seu colo. Mas ele não é confiável. Eu digo a elas que deveriam ir até Ramsés II, que teve cento e onze filhos e sessenta e nove filhas!*

* Persiste também a crença de que apenas alguns grãos retirados do falo do deus Min, como representado nas paredes do Templo de Seti, quando misturados e ingeridos com

Um pouco de água cura a impotência, e Omm Sety, ao examinar os danos causados à imagem agora quase completamente oca do "membro" do deus, exclamaria: "Que escultor idiota! Se ele tivesse tido alguma previsão, teria feito o falo de Min com cem jardas de comprimento!"

Tanto na antiguidade quanto nos tempos modernos, no Egito e em outros lugares, a linha que diferenciava "magia" e "medicina" ou "sacerdote" e "médico" era muitas vezes difícil de distinguir. (Ísis, por exemplo, era uma deusa tanto da cura quanto da magia, e os médicos de mais alto escalão no antigo Egito também eram sacerdotes.) Há, além disso, evidências que sugerem que o Templo de Hator e o Templo de Seti já foram conhecidos como santuários "curativos". Este último templo, como muitos outros, continha o que era chamado de "Casa da Vida" — uma espécie de combinação de biblioteca, scriptorium e centro de ensino, onde livros de medicina e magia eram compilados e escritos. Era ali que as pessoas doentes passavam a noite para receber "sonhos terapêuticos". A própria Seti acreditava firmemente que o Templo de Seti ainda possuía poderes extraordinários. "Quando eu era jovem", disse ela certa vez, "fraturei meu braço gravemente; e a partir de então, sempre que fazia frio, meu braço começava a doer." Sempre que coloco os pés dentro da Primeira Quadra, a dor simplesmente desaparece como por mágica... e não tenho certeza se é apenas um efeito psicológico.

"Veja bem, eu nunca me machuquei gravemente dentro do templo. Já caí muitas vezes enquanto caminhava distraído, ou enquanto lia ou desenhava textos nas colunas ou nas paredes. Várias vezes caí quase de cabeça de uma escada portátil que usava durante o meu trabalho... e acabei sem um arranhão sequer. E nunca vi ninguém mais se machucar dentro do templo. Muitos turistas, absortos em tirar fotos, às vezes se esquecem de onde estão indo e caem; e alguns deles até quebraram suas câmeras. Mas ninguém jamais sofreu nenhum dano físico. Lembro-me até de que, quando os pedreiros e operários estavam se preparando para a obra de cobertura do templo, alguns deles caíram de grandes alturas, mas nenhum se feriu. Em outra ocasião, um vigia que tentava espantar alguns morcegos da Capela de Hórus — cujos excrementos causaram danos consideráveis aos relevos pintados — esqueceu que o piso da capela era irregular e, por isso, não apoiou a escada corretamente no chão; e caiu de uma altura de quase dez metros." pés, e nada lhe aconteceu. Se isso tivesse ocorrido fora do templo, ele teria viajado imediatamente para Amenti!"

Omm Sety, como vimos, também acreditava nas propriedades curativas da água do Osirion. Uma amiga dela recorda-se de a ter visitado certa vez em novembro, quando ela sofria de uma gripe muito forte e febre alta; e observou, espantada, enquanto ela saltava para a piscina gelada do Osirion, emergindo apenas sorrindo, energizada e...

Completamente recuperado.

"Havia um arquiteto aqui em Abidos", contou certa vez Omm Sety, "que era responsável pelos reparos e pela manutenção dos templos — um homem muito capaz. Ele tinha um bebê pequeno, e uma noite o bebê ficou muito doente. Isso foi numa época em que não tínhamos um hospital local em Abidos, e o médico mais próximo ficava a vinte e quatro quilômetros de distância, em Balyana. Então o arquiteto me chamou e perguntou se eu poderia fazer algo pelo bebê, que estava com febre alta e falta de ar. Comecei a suspeitar que pudesse ser um caso de difteria, embora a criança tivesse sido imunizada com a vacina tríplice. Mas como eu não sabia o que fazer, pensei em usar a água do Osirion."

Era uma noite escura, e peguei um cântaro e desci até o poço de Osiris. A única luz era a das estrelas, e tateei o caminho pela parede. Quando entrei na sala onde o poço estava localizado, vi uma espécie de luz branca brilhando através dele, como se fosse luar. Fiquei bastante impressionado, pois era a primeira vez que via essa luz vindo de dentro do próprio poço — a sala estava em completa escuridão. Mergulhei o cântaro e o enchi com a água borbulhante; e, novamente, fiquei surpreso ao ver que a água que pingava do cântaro brilhava como diamantes.

"Levei a água de volta ao arquiteto, e demos um pouco para a criança beber, depois a lavamos com o resto. A mãe estava com medo de que pudesse matá-lo, mas eu lhe disse que era sabido que a água reduzia a febre... e então os deixei. Quando voltei de manhã para perguntar como o bebê estava, a mãe disse que ele estava absolutamente perfeito. Claro que sei que bebês são assim — num minuto você pensa que eles vão morrer, no minuto seguinte você torce para que morram! Mas este foi um caso muito estranho. Aquela luz estranha emanando do próprio poço, mais o som de gorgolejo — essas duas coisas juntas poderiam, na antiguidade, ter levado as pessoas a imaginar que Geb e Nut [o deus da terra e a deusa do céu] talvez estivessem conversando e trabalhando juntos para curar os doentes. Esta é uma possibilidade que dificilmente podemos descartar!"

A própria Omm Sety já havia sofrido de uma grave úlcera varicosa. Caminhando por um campo, foi picada por um escorpião ("minha senhora Serket", a deusa escorpião - era como Omm Sety se referia a ele). No dia seguinte, para sua surpresa, notou que a úlcera, que a atormentava havia vários meses e que ela vinha tratando sem sucesso com medicamentos, havia desaparecido. Quando sugeriram que ela fosse ao hospital, Omm Sety comentou: "É um milagre que o escorpião não tenha morrido!"

Ela havia adquirido um conhecimento profundo sobre medicina popular, não apenas pela leitura de textos antigos, mas também por meio de experiências corajosas.

"Um dos principais interesses que eu compartilhava com Omm Sety", comentou certa vez o Dr. Kent Weeks, "era a medicina do antigo Egito. Isso me levou a perguntar às pessoas hoje quais plantas e partes de animais ainda são usadas em tratamentos, a fim de descobrir paralelos com o passado, já que muitos egípcios modernos vivem praticamente no mesmo ambiente que os antigos egípcios. Ao contrário de Omm Sety, eu não estou testando as 'curas' em mim mesmo!"

"Há figueiras-sicômoro crescendo do lado de fora da nossa casa aqui em Maadi [um subúrbio do Cairo onde o Dr. Weeks e sua família residem]. Os frutos, é claro, sempre serviram de alimento; mas a seiva e as folhas da árvore também são usadas hoje em dia para diversos tratamentos medicinais – para erupções cutâneas, queimaduras e doenças de pele. Podemos consultar textos do antigo Egito e descobrir que a seiva e as folhas eram usadas para os mesmos fins. Também podemos descobrir que a figueira-sicômoro era uma das três árvores no antigo Egito consideradas especialmente sagradas para deuses como Hator e Ísis. Devemos considerar que uma das razões pelas quais se atribuíu tamanha importância medicinal a essa árvore não era apenas por curar doenças de pele, mas também por estar intimamente ligada a certas crenças religiosas e por ser considerada a morada de várias deusas egípcias. Portanto, temos algo com dupla eficácia, tanto quimicamente quanto religiosamente comprovado."

Para Omm Sety, as árvores curativas e as águas restauradoras eram verdadeiras manifestações dos deuses que ela via, com quem convivia e a quem orava todos os dias de sua vida, e que invariavelmente rejuvenesciam seu corpo e sua alma.

* * *

Em 1964, Omm Sety celebrou seu sexagésimo aniversário. Os oito anos que passara em Abidos tinham sido os mais felizes de sua vida. Agora, diante da aposentadoria compulsória, foi novamente aconselhada a retornar ao Cairo para encontrar um trabalho de meio período. Mais uma vez, ela recusou. (Durante seus anos em Abidos, Omm Sety visitou o Cairo apenas uma vez, em 1960. Ficou um dia e uma noite e ficou "muito feliz em voltar".) O Departamento de Antiguidades do Egito decidiu abrir uma exceção e permitiu que ela continuasse trabalhando em Abidos por mais cinco anos. Não havia mais prorrogações a serem concedidas e, em 1969, como ela mesma disse, "colocaram a velha égua no pasto".

Seu filho Sety — que, agora na casa dos trinta, era dono de uma gráfica de sucesso e conselheiro do Ministério da Educação do Kuwait — visitou essa vila no Alto Egito para tentar convencer Omm Sety a ir morar com ele no Kuwait. "Ele chegou em 1971", ela recordaria mais

tarde, "e disse: 'Mãe, eu poderia deixar você morar em uma casa com ar-condicionado, não em uma cabana de barro.' Eu lhe disse: 'Bem, eu prefiro...'"

Uma cabana de barro em Abidos para uma mansão com ar-condicionado em qualquer outro lugar.' Mas ele não conseguia ver, seu tolo. Viver em Abidos e ser enterrado em Abidos: a primeira metade do objetivo da minha vida havia sido alcançada - os deuses tinham sido generosos comigo. Tudo o que restava era a segunda metade."*

*Omm Sety nunca mais viu seu filho. Ele morreu no Kuwait em 1982, aos quarenta e oito anos de idade.

Aposentada e tendo que se virar com uma pensão de não mais que trinta dólares por mês, Omm Sety percebeu que precisaria expandir suas atividades. Então, começou a fazer bordados em ponto de agulha com imagens de deuses egípcios, cenas do templo e cartuchos hieroglíficos; e os vendia para amigos e turistas que a visitavam, os quais também lhe traziam presentes muito apreciados, como roupas, livros, revistas antigas, chá, biscoitos, chocolates e vitaminas.

Além de trabalhar como consultora em tempo parcial para o Departamento de Antiguidades, ela começou a guiar turistas pelo Templo de Sety. "As pessoas que vinham em cruzeiros me conheciam", comentou certa vez, "e quando voltavam para casa, mencionavam meu nome como uma espécie de monumento aqui; então, quando seus amigos apareciam, também queriam ver o horrível exemplar ao vivo." Sety conseguia perceber imediatamente se os turistas estavam realmente interessados no templo. Se estivessem, ela dedicava várias horas a levar os "escolhidos" para um passeio pelo santuário sagrado, em uma visita guiada opcional, após a qual às vezes os convidava para sua casa ou para a pousada para tomar uma xícara de chá.

Descalça, Omm Sety guiava seus visitantes pelos corredores e capelas do templo, descrevendo e explicando os relevos, intercalando seus comentários com piadas, anedotas, opiniões contundentes e observações folclóricas. Osíris e Ísis, comentava ela, eram, naturalmente, irmão e irmã, assim como marido e mulher — "um bom sistema", acrescentava, "já que eliminava a sogra!". Mer-en-Ptah, neto do faraó Sety I, que frequentemente inscrevia seu nome em monumentos que não havia construído, foi repreendido por Omm Sety por sua "arrogância excessiva". A pequena deusa Mert do Alto Egito, representada em uma das paredes com os braços erguidos para o rei Sety, clama: "Venham, tragam! Venham, tragam!". Ela foi descrita como "uma encantadora senhorita coroada com um buquê de lírios do Alto Egito e com os cabelos trançados em uma longa trança nas costas. Sety a contempla com um sorriso bondoso e indulgente."

Ao falar de uma cena em que Sety recebe do deus com cabeça de chacal, Wepwawat, o cajado e o mangual reais, Omm Sety afirmaria que a função desse deus (cujo nome significa "Aquele que Abre os Caminhos") era "mostrar aos recém-falecidos o caminho deste mundo

para o reino de Osíris". Não era de se surpreender - ela...

Informe seus ouvintes que Wepwawat deve ser representado como um homem com cabeça de chacal, ou às vezes simplesmente como um chacal, já que "é bem sabido pelos árabes modernos que, se um viajante se perder no deserto, basta seguir as pegadas de um chacal e elas o levarão à terra cultivada... e eu mesma experimentei isso e constatei que é verdade!"

De maneira semelhante, quando Omm Sety apontava para uma cena na parede sul que mostrava o Rei Sety quebrando alguns jarros de barro ao final de um serviço funerário, ela explicava que esse rito havia sido interpretado por muitos arqueólogos como o de "matar" os vasos para que pudessem ser usados pelos mortos no Outro Mundo. Se essa era a razão, Omm Sety se perguntava em voz alta: "Por que todo o equipamento funerário não foi destruído?" Ela então especulava: "Na realidade, isso era feito para impedir a entrada de um possível espírito hostil."

de retornar à Terra e causar problemas aos vivos. Isso é comprovado por um costume egípcio moderno. Se uma pessoa indesejada visita uma casa, a hospitalidade exige que ela seja recebida e que lhe seja oferecido chá ou café. Assim que ela sai, o anfitrião quebra um pote, geralmente uma jarra de bebida, atrás dela, acreditando que isso a impedirá de retornar!

Omm Sety inevitavelmente chamaria a atenção para o retrato de um sacerdote vestido com uma túnica de pele de leopardo e usando "uma mecha lateral da juventude sobre uma peruca elaboradamente encaracolada", e que era mostrado oferecendo ao Rei Sety "um jarro de água com bico e dois jarros altos de cerveja" - Omm Sety enfatizaria o número "dois", após o que sugeriria que talvez isso indicasse a "preferência real". Em seguida, apontando para outra cena que retrata Sety dirigindo-se ao deus Saker - o deus menfita dos mortos com cabeça de falcão - ela lamentaria a "distorção deliberada" neste retrato em particular "dos belos traços de Sety". Por que a postura "grosseira e vulgar"? ela perguntaria. "Que tal coisa tenha sido permitida passar sem alterações é um mistério que jamais desvendaremos. Seria devido, afinal, ao mau humor do escultor, cuja habilidade, de resto, é irrepreensível? Pode ser!"

No relevo que mostra a deusa Néftis ajoelhada e lamentando a morte de seu irmão Osíris, ela comentaria: "Sua expressão de profunda tristeza é incomum na arte egípcia e foi esculpida com tamanha delicadeza artística que, ao tocar sua face, quase se espera encontrá-la molhada de lágrimas." Na representação do pequeno Príncipe Ramsés em trajes sacerdotais, lendo um rolo de papiro, Omm Sety exultaria: "Esta figura do Príncipe é talvez a melhor representação da inocência infantil que o antigo Egito já produziu. Aqui está um menino de verdade, não um homem em miniatura. O corpo e os membros,

embora fortes e com aparência saudável, são suavemente arredondados e possuem uma graça infantil. É, em suma, o retrato de um menino bonito e vivaz já..."

exibindo o charme pelo qual o rei Ramsés adulto era famoso."

Ao conduzir seus visitantes através das colunas próximas às sete portas na parede oeste, Omm Sety parava por um instante e dizia: "Em certos momentos do dia, a luz incide sobre essas colunas de arenito, normalmente marrons, de tal forma que elas parecem ficar esverdeadas e translúcidas. Aqui e ali, um raio de sol que entra por uma abertura no teto ilumina o rosto alegre de Ramsés ou a expressão calma e benevolente de uma das divindades...". Nesse momento, o deus Sol, muito provavelmente, produzia graciosamente o efeito desejado, imbuindo todo o templo com aquela luminosa sensação de "benevolência, serenidade e amor" que a orientação inspirada de Omm Sety tornava ainda mais palpável.

* * *

Em 1972, Omm Sety sofreu um leve ataque cardíaco e passou algumas noites no hospital de Balyana. Ela se recusou a ficar acamada por muito tempo e logo estava de pé, como de costume, desafiando as ordens médicas. Durante esse período, ela decidiu, aparentemente do nada, vender sua antiga casa, explicando: "Eu não tinha privacidade com Sua Majestade lá, e às vezes sentia que podíamos ser ouvidos por qualquer pessoa que quisesse bisbilhotar!"

Ela então construiu para si uma zareba temporária e improvisada (um quarto feito de juncos) aos pés da torre de água da aldeia – uma habitação tão primitiva quanto se possa imaginar. Eventualmente, uma pequena casa de tijolos de barro foi construída para ela pelo filho de Mahmoud Soliman, o antigo guardião do Templo de Sety, que a conhecera em sua primeira peregrinação a Abidos. Seu filho, Ahmed, agora cuidava dela – e ela dele – e Omm Sety vivia como um membro da família nessa moradia anexa à propriedade de Ahmed, a poucos passos do templo.

Ela chamou sua nova morada de "Omm Sety Hilton". Um prédio alto, a estrutura consistia em dois cômodos de três por três metros construídos um sobre o outro – o andar superior sendo, em suas palavras, sua "residência de verão". A casa continha uma pequena pia (um banheiro externo servia como toalete) e seus móveis habituais e precários: dois guarda-roupas, uma cama feita de guerid (a nervura central dura e lenhosa de uma folha de palmeira) e uma estante; um bico de Bunsen e um bule de chá velho; e um rádio a pilha, no qual ela ouvia todas as noites o Serviço Internacional da BBC. (Excepcionalmente bem informada sobre os acontecimentos mundiais, Omm Sety frequentemente relatava aos turistas ávidos por notícias que visitavam Abidos os últimos acontecimentos em qualquer parte do

globo sobre a qual tivessem curiosidade.) E no pequeno jardim externo – onde seus animais corriam sem parar – ela plantava e cultivava cebolas, espinafre,

tomilho, agrião, figos e uvas.

Pouco depois de ela e seus animais se mudarem para esses aposentos em julho de 1972, ela recebeu sua primeira visita de "Sua Majestade" em sua nova residência. E em seus diários secretos, ela relatou essa incrível aparição de boas-vindas:

20 de julho de 1972

Sua Majestade veio me visitar ontem à noite, por volta das 00h30. Eu ainda estava acordada, com a lâmpada Butagaz acesa, deitada na cama externa (onde costumo dormir), lendo um livro de ficção científica. Após as nossas habituais saudações afetuosas, Sety perguntou-me se eu estava confortável na nova casa, ao que respondi que sim. Ele disse: "Vou ver com você". Passou o braço em volta do meu ombro e caminhamos pela casa. Disse: "Vou 'Abrir a Boca' de cada cômodo e torná-lo Sagrado". ("Abrir a Boca" era uma cerimônia realizada em estátuas, múmias e templos. Corresponde à consagração cristã moderna.) A ideia dele para a cerimônia era me abraçar e me beijar na boca, embora desde que cheguei a Abidos ele só tivesse beijado minha testa, bochecha ou mãos. Quando chegamos ao meu quarto, Teti Sheri estava com seus gatinhos no sofá-cama, e embora a pobre gata estivesse miando de terror, ela se colocou entre Sety e seus filhotes e se preparou para atacá-lo. Eu estava prestes a pegá-la, mas ele disse: "Não tenha medo, mamãezinha, eu não vou engolir seus bebês!" A palavra que ele usou para "bebês" foi noonooiu, o plural de noonoo. (Já ouvi pessoas modernas chamarem um bebê de noonoo.) Ele notou as estátuas de Osíris e Ísis no nicho na parede norte e curvou-se reverentemente. Teti Sheri ainda estava praguejando e xingando, mas também reservou um tempo para "Abrir a Boca" deste cômodo; e como estávamos em frente às estátuas, ele beijou minha testa! Depois saímos e nos sentamos juntos, de mãos dadas. Sety disse que este é o melhor lugar em que já morei em Abidos.

Então, eu disse: "Meu Amado Senhor, poderia me contar algumas coisas sobre os Deuses?" Ao que ele respondeu: "Contarei, se puder." Eu disse: "Você já viu Set [o irmão maligno de Osíris]?" Ele olhou para mim e depois desviou o olhar, com uma expressão muito estranha no rosto, mas não respondeu. Temi tê-lo irritado e disse: "Se o que perguntei o irritou, Senhor, seja misericordioso e me perdoe." Ele disse: "Não estou irritado, vou lhe contar. Eu o vi uma vez; isso foi durante minha vida na Terra, quando eu era jovem. Bentressy, você sabia que eu fui sacerdote de Set?" Respondi que sim, e que ainda existia uma estela, feita por Ramsés, registrando a história da família. Seti sorriu e disse: "A boca de Rá era sempre tão grande quanto o seu nariz!" Ele disse que, por centenas de anos, todos os homens de sua família

Eles eram militares e a maioria também eram sacerdotes de Set, a quem adoravam como Deus da Guerra e deus patrono de seus nomes. Ele disse: "Isso não é bom. Não se deve servir a um ser maligno, mesmo que ele pareça ter um atributo ou função boa ou útil. Muitos dos meus companheiros na Escola Militar também estavam se preparando para o sacerdócio de Set, mas não se dedicaram aos estudos. A maioria deles apenas passou pela iniciação ('entrou pelo primeiro portão') porque o Deus tinha poucos servos. Eu me dediquei a tudo. Durante o dia, eu estudava e me exercitava na Escola Militar. À noite, eu não ficava em tabernas nem corria atrás de mulheres como um cão atrás de uma cadela. Eu estudava o culto do Senhor da Força e os poderes mágicos que ele oferecia. É graças ao que aprendi nessa época que agora posso vir até vocês na forma de um homem vivo. Mas essas coisas eu poderia ter aprendido a serviço de outros deuses. Depois de dois anos, pedi permissão para tentar entrar pelo 'Primeiro Portão'." O Sumo Sacerdote concordou. Durante 10 dias não comi carne e bebi apenas água. No décimo primeiro dia, jejuei. Uma hora após o pôr do sol, fui levado à Capela do Grande da Força, que era iluminada por uma lâmpada de três pavios. Em um nicho (Na parede oeste havia uma estátua do Deus, um homem com cabeça de animal estranho. Disseram-me para ajoelhar-me diante da estátua e repetir o nome do Deus. Eu não deveria levantar-me do chão; não deveria sair da capela. Então, fui deixado sozinho – e fiz como me ordenaram. Depois de algum tempo, senti a terra tremer, houve um ruído terrível como um trovão e uma luz brilhante emanou do nicho. Em vez da estátua de madeira pintada, lá estava o próprio Deus. Bentshry, ele era de uma beleza indescritível! Seus cabelos eram vermelhos como cobre novo, seus olhos eram verdes como o grande oceano, mas ele parecia ser o espírito e a alma de tudo o que é cruel e maligno. Sua voz era música maligna quando disse: 'Venha a mim, meu filho e servo'. Saltei de pé e gritei: 'Nunca o servirei!' Abri a porta e fugi da capela. Ao fazê-lo, ouvi a risada terrível e zombeteira do Deus. Os sacerdotes estavam esperando no pátio. Eles exclamaram: 'Louvado seja o Senhor da Força! Ele revelou seu rosto ao seu servo!' Eles adivinharam o que havia acontecido, mas pensaram que minha fuga fora causada por êxtase religioso. No dia seguinte, o Sumo Sacerdote registrou meu nome como Wab-sacerdote de Set; mas eu juro a você, Amado, que me recusei a entrar em sua capela novamente e nunca o servi, nem mesmo por uma hora."

"Você o viu novamente?", perguntei. "Não", respondeu ele, "nunca o vi, mas muitas vezes ouvi sua risada terrível. Ouvi-a no dia em que meu filho mais velho morreu. Ouvi-a na noite em que soube da sua morte. Ouvi-a quando saí da Corte de Nosso Senhor Osíris, depois de ter sido condenado a esperar em tristeza e solidão pelo seu retorno. Quantas

vezes, durante aqueles milhares de dias cansativos..."

Durante anos, permaneci sem dormir em minha cama, meu corpo e alma em agonia, ansiando por você, e gritei seu nome em voz alta durante a noite e ouvi, como um eco, aquela risada terrível e zombeteira!

Comecei a chorar, ajoelhei-me a seus pés e escondi o rosto em seu colo. Ele me consolou; e depois de um tempo, perguntei: "Por que você não mudou seu nome?" Ele sorriu: "Criança tola, o nome que recebemos ao nascer não pode ser mudado perante os Deuses; é parte de nós, como nosso ka [a força viral de uma pessoa, o 'duplo' espiritual] e nosso espírito glorificado. Sempre odiei meu nome até que uma noite, no jardim da Casa-de-Men-maat-Ra [Templo de Seti I], eu lhe disse para me chamar por ele, e então se tornou como música da minha 'Harpa da Alegria'." "Mas", eu disse, "na Casa-de-Men-maat-Ra, seu nome está escrito 'Thety' com o emblema de Nossa Senhora Ísis." "Ó criança tola", disse ele, "você deve voltar para a Escola do Templo e aprender a escrever!" Você não se lembra que o emblema do sangue de Nossa Senhora traz a inscrição 'set'? (Isso é muito interessante, já que em todos os livros modernos de filologia egípcia esse emblema é descrito como 'th' ou 'ti'! Mas o que Sua Majestade diz faz mais sentido.)

Pedi desculpas a HM por ter feito uma pergunta que claramente o havia magoado responder, mas ele disse que conversar assim aliviava a dor em seu coração. "Chorei para não lhe contar coisas que lhe causariam tristeza", disse ele. Respondi: "Entre os bárbaros há um ditado: 'Um problema compartilhado é um problema pela metade'". Então ele disse: "Apague aquela linda lâmpada". Eu o fiz, e ele se levantou, foi até a cama e disse: "Venha, meu amor, abrace-me até que eu tenha que partir". Assim passamos o resto da noite. Antes de ir embora, Sety prometeu voltar em breve.

E logo retornou. "Sua Majestade" visitou Omm Sety na noite seguinte e em muitas outras noites durante as semanas subsequentes, como relatam as anotações de seu diário:

26 de julho de 1972

Sua Majestade voltou ontem à noite. Isso é muito incomum. Acordei por volta de 1h30 da manhã sentindo um peso no ombro e no corpo. Eu encontrei

Ele dormia profundamente ao meu lado, com o rosto apoiado no meu ombro e um braço sobre o meu corpo. À luz do abajur, parecia muito contente e tranquilo, então não me mexi nem tentei acordá-lo, embora quisesse conversar com ele. Depois de um tempo, acabei adormecendo e ele foi embora sem me acordar. Espero que ele possa continuar vindo com frequência. Talvez a casa nova nos traga sorte, mesmo que esteja

construída onde antes fazia parte do Canal Nifwer!

Não sei o que está acontecendo!!! Ontem à noite, por volta das 23h40, Sua Majestade veio até mim novamente. Ele me abraçou tão forte que eu mal conseguia respirar e disse: "O que você fez comigo, Bentressy? Não consigo ficar longe de você!" Eu respondi (quando finalmente consegui respirar!): "Não fiz nada, Meu Senhor, a não ser pensar em você com amor, como sempre faço." Ele disse: "Bentreshy, seu pequeno coração travesso chama o meu, e meu triste e velho coração corre para você, me arrastando junto. O que devemos fazer?" Eu disse: "Temos que ser pacientes e lembrar que teremos a Eternidade juntos." Ele disse: "Ó sábia Pequena, amada Irmãzinha do meu Coração!" Sentei-me na cama, e ele veio e se deitou de bruços, com a cabeça no meu colo. Ele passou um braço em volta da minha cintura e com o outro pegou minha mão direita e a colocou, com a palma para cima, sob o rosto.

Por um tempo ele ficou muito quieto, e eu pensei que estivesse dormindo. Mas depois de um tempo ele disse: "Agora me conte uma história." "Sobre o quê?", perguntei. "Qualquer história", disse ele. Então eu lhe contei sobre Atlântida, explicando que o grande oceano com as montanhas frias e brilhantes que ele tinha visto fora, outrora, uma grande terra, repleta de pessoas sábias e instruídas. Contei-lhe que, naquela época, o Deserto Ocidental estava no fundo do mar e que, quando Atlântida afundou, o Deserto Ocidental emergiu como terra firme.

Por um tempo ele ficou muito quieto. Então disse: "Um cretense me contou uma história assim. Ele disse que nosso oceano (o Mediterrâneo) já foi uma grande terra, mas afundou, e sua terra e o resto do mar também afundaram." Nebu Hamebu (as Ilhas Egeias) já foram os cumes das montanhas desta terra submersa." Eu disse: "Algumas pessoas pensam que nosso Senhor Osíris foi um sobrevivente da terra perdida." Ele respondeu: "Não, nosso Senhor veio de Amenti, de onde retornou." Eu disse: "Tenho pensado que nosso Senhor Osíris é o mesmo que o Rei Mena." "Quem é Mena?", ele perguntou. Eu disse: "O rei que uniu as Duas Terras" [Alto e Baixo Egito]. Ele disse: "Seu nome não é Mena, é Meny, e seu verdadeiro nome é Narmer." Após algum silêncio, "Por que você acha, então, que nosso Senhor e Meny são o mesmo?" Contei-lhe os pontos em comum em suas histórias. [A tradição conta que Narmer-Mena - o Rei da Primeira Dinastia - foi morto por um hipopótamo; Osíris foi assassinado por Set, que às vezes assumia a forma de um hipopótamo; o filho e sucessor do Rei, Horaha, certa vez foi chamado de "Hor-aha, o Filho de Ísis."] HM disse: "Nunca ouvi dizer que Meny foi morto por um hipopótamo. Creio que Nosso Senhor governou Kem, ["A Terra Negra", o antigo nome do Egito], algum tempo antes de Meny. Tudo o que ele ensinou e tudo o que

ele criou foi destruído por Set. Mais tarde, Nosso Senhor Hórus e seus seguidores, dos quais Meny era um, tomaram o poder. Eles reuniram as terras e restauraram toda a obra de Nosso Senhor Osíris. Amado, suas histórias me dão

"Uma dor de cabeça! Cure a dor com seus carinhos e deixe-me dormir em paz em seus braços. Pela vida de Rá, serei um bom homem!" E assim terminou a questão.

PS: Ao reler este relato, fiquei intrigado com as declarações de Sua Majestade sobre Meny e o período pré-dinástico. Se Osíris viveu na Terra naquela época, todos os vestígios de sua civilização parecem ter desaparecido. Ele explica isso como sendo devido à malícia destrutiva de Set. Mas, mesmo assim, seria de se esperar que algo tivesse permanecido. É claro que, no que diz respeito às construções, é possível que fossem estruturas muito simples de tijolos de barro, adequadas à mão de obra não especializada disponível. Sabemos que cerâmica de excelente qualidade era produzida nessa época remota, e alguns vasos pintados mostram o que parecem ser grandes navios com cabines e muitos remos. Há também evidências de que o povo acreditava em uma vida após a morte, pois enterravam objetos pessoais, alimentos e bebidas com seus mortos. Não há nada nas histórias conhecidas sobre Osíris que indique que ele uniu o Alto e o Baixo Egito; pelo contrário, sugere-se que sua influência se estendia por todo o Egito, sem fronteiras geográficas. A questão agora é: onde Hórus entra nessa história? Dizem que ele foi concebido após a morte de seu pai. Mas quanto tempo depois? Se, como afirma Sua Majestade, Osíris, e presumivelmente seus irmãos e irmãs, não eram mortais deificados, Ísis pode ter vivido escondida no Egito ou em outro lugar por centenas de anos antes do nascimento de Hórus. Algumas histórias sobre Hórus, incluindo um texto dramático que se diz datar da Primeira Dinastia, contam que, após Hórus finalmente derrotar Set e vingar Osíris, o Grande Deus decretou que o Egito fosse dividido entre eles. Isso explicaria as Duas Terras, posteriormente unidas por Meny. A Pedra de Palermo (final da Quinta Dinastia) menciona os "Seguidores de Hórus" e cita alguns de seus nomes. Supõe-se que estes tenham governado o Baixo Egito. Pessoalmente, duvido da teoria de Sua Majestade. Ele afirma categoricamente que Meny e Narmer são a mesma pessoa, e temos evidências sólidas e contemporâneas de que Narmer foi sucedido por Hor-aha, que em seu túmulo em Sacara é claramente identificado como filho de Ísis. Creio que os "Seguidores de Hórus" eram o povo de Hórus, o Velho, irmão de Osíris e Set. Mesmo antes do Novo Império, Hórus, o Velho, e Hórus, filho de Ísis, já eram confundidos na mente do povo. Preciso tentar obter mais informações sobre o assunto. Um sacerdote instruído provavelmente saberia mais do que Sua Majestade, se eu conseguisse, com tato, convencê-lo a consultar a opinião de tal homem. Kha-em-Wast, o quarto filho de Ramsés, provavelmente saberia, mas ele é um mentiroso terrível e um criador de problemas. Há alguns anos (depois que cheguei a Abidos), Kha-em-Wast disse a Sety que eu havia me casado! Houve uma enorme confusão por causa disso, e HM se

recusa a encontrar-se com Kha-em-Wast desde então!

1º de agosto de 1972

Sua Majestade voltou ontem à noite!!! Acordei, não sei a que horas, e o encontrei deitado ao meu lado, me abraçando. Era uma noite quente e a lua brilhava forte. O cobertor estava jogado no chão e meu camisolão estava acima dos joelhos. Ele me viu olhando desconfiado e riu. "Não, Pequena", disse ele. "Eu não fiz isso, sou um bom homem! Eles fizeram sozinhos." Eu acredito nele (embora muitos não acreditassem!). Sentei-me e quis começar a falar, mas ele me puxou para baixo novamente e disse em voz firme, porém calma, como um comandante falando com um oficial subalterno: "Nada de conversa! Um beijinho! E muito sono!" Então ele riu novamente e disse: "De verdade, Bentressy, eu quero dormir, e quando me deito ao seu lado, meu sono é realmente doce." Nada mais foi dito depois disso, exceto alguns apelidos bobos, e logo ele adormeceu profundamente.

Fiquei acordado por um bom tempo, muito feliz, mas intrigado com a repentina frequência de suas visitas. Talvez seja porque a terra onde agora moro nunca foi habitada por pessoas. Era o local do Canal Nefwer e, até alguns anos atrás, estava coberta pela Inundação. Quando um lugar é habitado por pessoas, parte de sua influência permanece e, com o tempo, pode se acumular e formar uma espécie de cortina espessa entre nós e o mundo espiritual, especialmente se os habitantes tinham mau caráter ou mentalidade limitada. Isso também pode explicar por que Sua Majestade vinha tão raramente quando eu morava na aldeia. Por outro lado, ele costumava vir com muita frequência quando eu morava na Casa do Paxá, nas Pirâmides. Aquela casa tinha quase 200 anos, mas tinha a atmosfera de uma casa construída com amor e cuidado. Era assombrada pelos espíritos do Paxá, de sua esposa, de dois servos e de um adorável burro branco. Mas eram espíritos gentis e bondosos, e creio que foi o amor que sentiam pela casa que os chamou de volta. Segundo os espiritualistas, essa atmosfera facilita a manifestação de outros espíritos.

9 de agosto de 1972

Sua Majestade voltou ontem à noite! Eu estava dormindo, mas acordei com meu gato Mery miando e esperneando enquanto saía correndo de casa. Sua Majestade estava parado bem ao lado do abajur. Ele parecia irritado. Levantei-me rapidamente e fui até ele. Ele me beijou, me abraçou e disse: "Bentreshy, um velho cansado e solitário quer dormir no lugar que seu gato acabou de deixar." Eu disse: "O senhor não é velho, meu amado, e não ficará mais sozinho esta noite. Venha." Deitamos lado a lado. Ele me abraçou e logo ambos adormecemos. Deve ter esfriado antes do amanhecer, porque quando acordei estava coberto.

com um cobertor que eu havia deixado dobrado em uma caixa dentro de casa. Aparentemente, ele procurou algo para me cobrir e encontrou. Fico feliz em vê-lo com tanta frequência.

* * *

Em Abidos, Omm Sety conheceu todos os principais egiptólogos da época. O Dr. Lanny Bell e o Dr. William Murnane, que dirigem o Levantamento Epigráfico da Universidade de Chicago na Chicago House em Luxor, costumavam, nas palavras de William Murnane, "ir a Abidos para ver Omm Sety, tomar chá em sua casa, conversar e visitar o templo. Certa vez, ela nos acompanhou até Omm El Gaab, o local de sepultamento dos faraós da Primeira Dinastia, que se acreditava ser o local de descanso de Osíris. Omm Sety saiu, mesmo tendo sofrido um ataque cardíaco recentemente, e disse: 'Quero ir caminhando até lá com vocês, mas se eu ficar para trás, não se preocupem; estarei sentada em uma pedra, tomando um comprimido, e já chego!' Ela foi muito corajosa, aguentou firme o tempo todo e não pareceu se sentir pior por isso."

"Ela também nos levou para passear uma vez pelas regiões sul e norte que a maioria dos turistas não visita", acrescentou o Dr. Bell, "do Templo de Senusret III, no sul, até o Templo de Osíris em Kom El Sultan, no norte. Era sempre um prazer estar com ela e ouvir tudo o que ela tinha a dizer."

"Você realmente não podia levá-la a sério", comentou William Murnane, "mesmo quando você discordava, por exemplo, da ideia dela de que o Osirion era uma estrutura da Quarta Dinastia, já que sabemos que Seti o construiu. [A maioria dos egiptólogos concorda com o Dr. Murnane; alguns discordam.] Mas havia um certo elemento de travessura nela, e você nunca sabia quando ela poderia estar te pregando uma peça. John Romer [autor de O Vale dos Reis e Vidas Antigas: A História dos Construtores de Túmulos dos Faraós] me contou que certa vez foi visitá-la e levou uma garrafa de vodca que ofereceu para compartilhar com ela na casa de repouso. Ela olhou para a garrafa e disse curiosa: 'Oh, o que é isso?' 'Vodca', ele respondeu. 'Oh', ela observou, 'eu nunca bebi!'" Você sabia que ela estava tentando conseguir uma bebida. De uma forma muito charmosa... Ela também se divertia muito com os lados um pouco mais picantes das histórias dos deuses e deusas. Sempre que mencionava Ramsés II, exclamava: "Ele é um rapaz tão bonito!" Já sobre algum outro personagem, declarava: "Ah, aquela pessoa horrível!"

Omm Sety costumava falar abertamente sobre Sety e Ramesses como se fossem amigos íntimos ou membros da família. "Nunca penso

em Ramesses como um homem", comentou certa vez. "Para mim, ele sempre será um adolescente. Sabe, quando você conhece uma criança e depois não a vê como tal."

Novamente, você sempre se lembra dele como uma criança. Eu me lembro de Ramsés como um menino alto e bonito, com um brilho meio diabólico no olhar... bem-humorado, mas barulhento e inquieto.

Para Omm Sety, Ramsés era "o mais caluniado de todos os faraós" por ser erroneamente identificado, segundo ela (e outros estudiosos também), como o Faraó da Opressão bíblico. "É verdade que ele tinha seus pequenos defeitos (e quem de nós não tem?)", comentou ela certa vez, "mas crueldade e despotismo certamente não estavam entre eles. Ramsés tinha o hábito irritante de mandar gravar seu próprio nome nos monumentos de outros homens e tendia a se autopromover; mas isso está muito longe de ser verdade."

Oprimir deliberadamente um povo cativo, muito menos ordenar o massacre indiscriminado de bebês do sexo masculino. Pelo contrário, as evidências de monumentos contemporâneos mostram que Ramsés era um homem bonito, alegre e bondoso, um pai afetuoso, um governante sábio e indulgente, um guerreiro corajoso e um amante dos animais. Ele não só permitiu que seus súditos o chamassem de "Ramsés" — quando, naquela época, era proibido a qualquer pessoa, exceto aos membros de sua família imediata, referir-se ao faraó por seu nome próprio — como também permitiu que usassem seu animal de estimação.

O nome é 'Sisi'! ... Agora, isso soa como o déspota do Sr. Cecil B. de Mille?

Ela, no entanto, foi bem menos benevolente com a mãe de Ramsés (a "Grande Esposa" de Seti I), a Rainha Tuy, a quem considerava "a própria personificação da esnobe... Não tenho nada contra ela pessoalmente. Era uma dama exemplar, mas tinha aquele ar arrogante... embora Ramsés devesse gostar dela, já que construiu os únicos monumentos conhecidos em sua homenagem. Seti nunca fez um sequer para essa mulher. Imagino que estivesse farto dela. Puro casamento por conveniência."

Veja bem, Sety não era da realeza. Sua família era toda de militares. Em sua juventude, ele se casou com uma dama sem sangue real, com quem teve pelo menos um filho. Ela morreu antes da ascensão do marido ao trono e foi sepultada em um belo sarcófago de pedra, no qual estava gravado o título usual para uma mulher casada: "Senhora da Casa". Um exemplo da bondade de Sety é que, depois de se tornar rei, ele mandou abrir o túmulo dela e substituir o título "Senhora da Casa" por "Esposa do Rei", para que ela pudesse ocupar o lugar que lhe era de direito no outro mundo.

Ela não foi rainha em vida, foi na morte. Mas a 'Grande Esposa' do Rei ela não era - esse título pertencia à Sra. Rica e Mimada!

Poder-se-ia imaginar que a abordagem "familiar" e "afetiva" de Omm Sety à antiga realeza de Abidos pudesse ter incomodado muitos egiptólogos. Mas parece que não foi o caso. O Dr. Kenneth Kitchen,

principal autoridade na Décima Nona Dinastia e autor de "Faraó Triunfante: A Vida e a Época de Ramsés II" e compilador das Inscrições Raméssidas completas em sete volumes, afirma:

Conhecia Omm Sety e a considerava "uma verdadeira raméssida", acrescentando: "Sabe, afinal, há uma certa verdade nessa abordagem 'familiar' dela. O Templo de Sety é o templo memorial local de Sety em Abidos, e comemora seu pai, Ramsés I, em partes. Ramsés II aparece nele como um príncipe, e então ele próprio termina a obra como faraó. Seu filho, Mer-en-Ptah, completa o Osirion, acrescentando algumas coisas ali. E seu filho, Sety II - que, lembre-se, é bisneto de Sety I - contribui com algumas inscrições na parte de trás do santuário. Então há um

Um laço familiar atravessa aquele templo.

"Lembro-me muito bem de Omm Sety me dizendo que Ramsés era 'tão exuberante, como Muhammad Ali, o boxeador!' Ela sempre comentava sobre como Sety e Ramsés eram 'bonitos'. Claro, todos admiram a múmia de Sety, não apenas Omm Sety; é a múmia mais bonita que existe. Quanto a Ramsés... basta pensar em Amelia B. Edwards navegando pelo Nilo em 1874 e, chegando a Abu Simbel em uma noite de luar 'encantada', descrevendo [em Mil Milhas Subindo o Nilo] como Ramsés lhe pareceu bonito.* Quando li o livro dela pela primeira vez, pensei: 'Sabe, ela tem razão: Ramsés realmente tem um bom perfil, e a Rainha Nefertari era linda', como mostram as estátuas."

Ora, Ramsés, o Grande, se ele era tão parecido com seus retratos quanto seus retratos são parecidos entre si, deve ter sido um dos homens mais belos, não apenas de sua época, mas de toda a história. O rosto é oval; os olhos são longos, proeminentes e com pálpebras pesadas; o nariz é ligeiramente aquilino e caracteristicamente achatado na ponta; as narinas são abertas e sensíveis; o lábio inferior é projetado; o queixo é curto e quadrado. Uma serenidade divina, um orgulho quase sobre-humano, uma vontade imutável emanam da pedra esculpida. Ele aprendeu a acreditar que sua proeza é irresistível e a si mesmo quase divino" (Amelia B. Edwards).

"Sobre a crença de Omm Sety na reencarnação, isso era uma questão pessoal, uma pequena obsessão. Ela era uma pessoa encantadora, amava o templo, estava do lado dos antigos egípcios e se importava com a história deles — que é o que se espera de um egiptólogo. Ela era tão transparente em seu caráter e tinha uma história tão curiosa, pensando bem, que era impossível não gostar dela. Minha atitude era: é assim que ela pensa, tudo bem, ela tem direito à sua visão pessoal da vida, não tem problema nenhum." Respeitei isso e não houve problema algum.

"Omm Sety chegou a todo tipo de conclusões perfeitamente sensatas sobre o material real e objetivo do Templo de Sety - que podem também ter coincidido com coisas que ela sentia saber de alguma outra forma - porque ela teve tempo no local que noventa e nove por cento de nós não temos, e isso valeu a pena. Então, mesmo em uma interpretação minimalista,

Ela teve a oportunidade de fazer muitas pequenas observações silenciosas. Esqueça a vida passada, esta já era mais do que suficiente!

"Agora, com relação à hostilidade de Omm Sety para com Akhen-Aton [o faraó herege da Décima Oitava Dinastia (c. 1353-1335 a.C.), marido da bela Nefertiti e possivelmente irmão ou meio-irmão de Tutancâmon, que mudou a religião do Egito do politeísmo para o monoteísmo e o culto ao disco solar, Aton], é preciso entender que esse faraó não apenas se opôs ao deus Amon-Rá, como também tentou erradicar a religião osiriana. (Omm Sety sempre se referia a Akhen-Aton como 'aquele criminoso!' quando falava dele comigo.) Claro, Sety se recuperou e restaurou os antigos deuses, dedicando três capelas em seu templo em Abidos a Amon-Rá, Rá-Horakhty e Ptah – os três deuses do império."

Em 1979, o diretor Nicholas Kendall veio ao Egito para fazer um filme para o National Film Board of Canada intitulado "O Faraó Perdido: A Busca por Akhenaton". Este documentário centra-se no trabalho arqueológico do Dr. Donald Redford, professor de Egiptologia da Universidade de Toronto, que em 1975 desenterrou algumas pedras que originalmente faziam parte da fundação de um dos templos de Akhenaton, dentro de um dos pilones do Complexo de Karnak. E o Dr. Redford convidou Oomm Sety para participar de "O Faraó Perdido", no qual ela descreve Akhen-Aton como "um homem muito feio, quase deformado. Ele tinha um queixo comprido, costas longas e uma postura horrível. O curioso é que ele tinha muitas características femininas: uma barriga protuberante, quadris muito largos e coxas grossas; e abaixo das coxas grossas, pernas finas como as de uma galinha. Alguns médicos modernos, a julgar pelos retratos de suas estátuas, dizem que ele sofria de alguma doença glandular [síndrome de Fröhlich], e que era progressiva. Segundo esses médicos, ele teria se tornado impotente e não poderia ter filhos. Então, de onde vieram suas seis filhas, só Deus sabe! Já que todas as filhas se parecem com ele, porém, eu diria que são todas dele. Vendo que ele estava arruinando o país, sua esposa Nefertiti deve ter colocado algo em sua cerveja e fugido com seu comandante do exército, Hor-em-heb!"

Para aqueles criados com a ideia de Akhen-Aton como "um idealista gentil e poético dedicado a um deus universal" e autor do grande "Hino a Aton" ("Tu surges belo no horizonte do céu, ó Aton vivo, início da vida, quando brilhaste no horizonte oriental e encheste toda a terra com tua beleza..."), é curioso descobrir que não apenas Omm Sety, mas também estudiosos como Veronica Seton-Williams e até mesmo o próprio Donald Redford descartam o faraó herege como um "iconoclasta autoritário e obstinado que empalava cativos e deportava populações" (Redford) ou como um homem que "andava em uma carruagem preocupado apenas com sua religião maluca" (Seton-Williams). Para Omm Sety, Akhen-Aton era um "fanático" (ela frequentemente o comparava ao Aiatolá Khomeini) que "trouxe..."

"Que vergonha para o nosso país." Como ela comentaria a um turista que a visitou e perguntou sobre Tutancâmon (o segundo sucessor de Akhenaton): "Uma vez entrei no túmulo do Rei Tutancâmon e saí mais rápido do que entrei, pois enquanto estava lá dentro, senti como se alguém me agarrasse pelas costas e me empurrasse, dizendo: 'Saia, saia, saia!'... Eu não gosto dessa família."

Em uma de suas anotações de diário, Omm Sety escreveu o seguinte:

18 de dezembro de 1973

Sua Majestade chegou ontem à noite por volta das 23h30. Perguntei-lhe o que sabia sobre Akhen-Aton. Ele franziu a testa e respondeu: "Por que você pergunta sobre esse homem malvado?". Eu disse que seu caráter, embora ruim aos nossos olhos, era interessante, e que o "Imy-rawer Hani" [Hanny El Zeini] estava interessado em saber mais sobre ele. Então Sety sorriu e disse: "Para o prazer do 'Imy-rawer', contarei o que sei. Certa vez, perguntei por que Ka-Hor, guarda de Akhen-Aton, desertou da guarda pessoal cerca de um ano antes da morte do criminoso. Eles não suportavam as condições de vida lá e disseram que certamente a maldição de Amon [uma forma do grande deus criador cujo centro de culto era em Tebas e cujo nome significa 'O Oculto'] havia caído sobre o rei e o enlouquecido. Kai-saneb [um velho general aposentado da época de Sety que, quando jovem oficial, serviu sob o comando de Akhen-Aton] disse que corria entre os soldados uma história de que, pouco antes de morrer, o rei teria dito que seu Deus o transformara em uma jovem donzela e que ele havia tomado veneno para ir como uma noiva pura para seu deus. Mas eu, vivendo como vivia no Norte [a antiga Mênfis], nunca ouvi falar disso, e geralmente se acreditava que Hor-em-heb [o grande comandante do exército egípcio sob Akhen-Aton e Tutancâmon] e Ay [o conselheiro de Akhen-Aton e Tutancâmon que assumiu o trono após a morte deste último] o assassinaram para salvar a Terra Negra [Egito]." Perguntei se Sua Majestade sabia se Akhen-Aton tinha uma doença [síndrome de Fröhlich], que os médicos modernos acreditam tê-lo deixado impotente, e se suas filhas (com exceção da primeira) não eram realmente suas, mas talvez filhas de Amon-Hotep III [o faraó da Décima Oitava Dinastia, pai de Akhen-Aton]." Ele riu e disse: "Não, nunca ouvi falar de tal história e não acho que seja verdade. Talvez as duas últimas filhas não fossem dele, pois Nefertiti o odiava nessa época e pode muito bem ter tido um amante. Mas, se assim fosse, ela guardou bem o seu segredo, e o Criminoso acreditou que as havia gerado." Se essa história fosse verdadeira, todo o Egito saberia dela, pois, como você sabe, o povo adora ouvir falar de escândalos desse tipo em altos escalões! Mas perguntarei a Kai-saneb se ele ouviu falar desse assunto, e

Quando eu voltar, contarei mais sobre o que aconteceu naquela cidade maldita [a antiga Akhetaton, capital de Akhen-Aton], mas tenho certeza de que você ficará muito zangado. Agora me beije, pois preciso partir e voltar para meus convidados, e seus beijos em meus lábios tornarão o vinho ainda mais doce."

Obedeci prontamente à ordem real, e ele partiu. E durante os três anos seguintes, as visitas de Sua Majestade continuaram em ritmo acelerado, proporcionando histórias, comentários, explicações e reflexões cada vez mais surpreendentes do outro mundo:

29 de agosto de 1974

Sua Majestade chegou ontem à noite após uma ausência de mais de 20 dias. Contou-me uma história estranha e terrível; aliás, se eu não soubesse que ele não mente, teria pensado que se tratava de uma espécie de ficção científica antiga. Aconteceu que estávamos olhando para as estrelas, que estavam muito brilhantes e belas. Então perguntei a Sety por que os egípcios sempre desenhavam as estrelas como discos emitindo raios de luz. Ele respondeu: "Há uma tradição transmitida pelos sábios da época dos ancestrais de que as estrelas são mundos redondos, alguns grandes e outros pequenos". Eu disse que essa era a ideia moderna e que os homens estão tentando construir "pássaros de metal" que os alcancem, e que já conseguiram chegar à Lua. Sety disse: "Não posso acreditar nisso! Ou eles mentem, ou foram lá como um...akh [corpo astral], e isso é muito ruim e é proibido pelo Senhor de Tudo!" Perguntei como ele sabia, e por um tempo ele não respondeu. Então ele disse: "Vou te contar uma coisa, minha Pequena, algo que nunca contei a ninguém, nem mesmo ao meu filho Ramsés. Você precisa entender que, após minha chegada a Amenti, eu era um homem enlouquecido de tristeza. Pensei que te encontraria, mas não encontrei. Procurei, questionei, mas em vão. Meus amigos entre os sacerdotes lançaram olhares piedosos sobre minha dor, mas foram proibidos de responder às minhas perguntas ou me dar qualquer palavra de consolo. Em desespero, cheguei a desafiar a ira do Conselho, e eles responderam: 'Aquele que você procura não está aqui, nem está na Terra.' Quando tentei perguntar mais, eles disseram uma palavra: 'Vá embora!'"

"Então comecei uma busca; alcancei os céus e, ao fazê-lo, descobri que algumas, e portanto talvez todas, as estrelas eram mundos. Percorri entre elas como um"Ah, mas eram estranhos e odiosos. Um estava todo coberto por água turbulenta, agitada por um vento forte e incessante. Outro tinha uma cobertura de estranhas plantas verdes, mais verdes e férteis do que a terra de Ta-she (Fayyum) [o maior dos oásis egípcios, localizado a cerca de 90 quilômetros a

sudoeste do Cairo]." Perguntei se ele viu pessoas ou animais lá, mas ele disse que não viu nenhum ser vivo, exceto plantas. Então ele continuou: "Um era uma terra árida, coberta de cinzas."

rochas e de sua superfície erguiam-se milhares e centenas de milhares de torres, algumas tão altas quanto a sua parede ali, outras tão altas quanto Akhet Khufu [a Grande Pirâmide]. Pareciam trombetas erguidas sobre a extremidade mais larga. As extremidades superiores estreitas eram abertas, e delas saía ar quente com um odor terrível." Perguntei se as torres eram obra de mãos, e ele disse: "Não, acho que foram obra de algum deus maligno, pois eram uma só peça, e não construídas com blocos de pedra; e, além disso, não vi nenhum ser vivo."

"Agora, meu pequeno, vou lhe contar a coisa mais horrível. Encontrei um mundo onde pessoas viviam. Havia grandes cidades com prédios altíssimos construídos com grandes blocos de pedra vermelha que continham partículas brilhantes. Havia ruas largas e bonitas, e algumas delas tinham parte do caminho pavimentado com um metal brilhante de um azul intenso. Na verdade, no mesmo lugar onde usariamos cobre, havia esse belo metal azul. Nas ruas, havia longas estruturas metálicas com janelas e assentos dentro, mas elas não tinham asas como os pássaros de metal, nem rodas. Dentro delas, havia pessoas, como nós, mas muito mais altas, e todas estavam mortas. Nas casas altas, nas ruas, nas oficinas (que tinham muitas coisas estranhas feitas de metal azul) havia muitas pessoas, homens, mulheres e crianças, e todas estavam mortas. Elas não estavam em decomposição, sua carne havia secado como a de um cadáver."sahu. Mas nenhum deles tinha cabelo na cabeça, no corpo ou no rosto. Vi um grande espaço aberto, como aqueles onde os pássaros de metal pousam, e havia muitas dessas estranhas coisas de metal; algumas estavam cheias de pessoas mortas, outras vazias, algumas com pessoas dentro e outras prestes a entrar, quando todas morreram. Uma jazia a uma pequena distância. Estava quebrada, e a maioria das pessoas dentro dela também estava quebrada." Perguntei o que ele achava que tinha acontecido, e ele disse: "Todos parecem ter morrido repentinamente, cada um em seu lugar. A maioria tinha uma expressão de horror no rosto. Era terrível de se ver. Também acho que eram pessoas de alta cultura e pareciam ter muitas coisas que as pessoas da Terra usam hoje. Em algumas casas, vi imagens feitas com luz. As roupas das pessoas eram estranhas. Eram todas iguais, homens e mulheres, com longas coberturas para as pernas e túnicas curtas, feitas de um material estranho, não tecido, mas parecido com papiro, porém aparentemente macio e flexível. Perguntei quanto tempo ele achava que eles estavam mortos e ele respondeu: "Não sei dizer. Uma coisa terrível sobre o lugar é que não havia ar, nem uma brisa sequer. Não havia água. Fora da cidade, havia vastos campos de plantas cultivadas, todas secas e imóveis, e árvores altas, mortas e secas, sem uma brisa para soprar suas folhas secas. Havia também alguns animais de aparência estranha, todos mortos, e um deles ainda tinha a boca cheia de

plantas parcialmente presas. Fiquei horrorizado e com o coração apertado, e fugi de volta para Amenti. Então o Conselho me convocou. Disseram-me que eu nunca deveria ir a lugares assim."

Novamente. Disseram que eu era um homem da terra e que jamais deveria ir a outro lugar. Disseram que as estrelas eram lugares malignos e que sua influência maligna não deveria contaminar o mundo dos humanos. Mas eu perguntei: "Se as pessoas agora viajam para as estrelas como bem entendem, isso pode prejudicar este mundo?" Ele respondeu que parecia que sim, pois o Conselho não pode mentir. Então me perguntei que coisa terrível teria acontecido, e ele respondeu: "Aqueles pessoas pareciam ser como nós; portanto, quando estavam vivas, deviam ter ar e água. Talvez um de seus deuses tenha, de repente, removido todo o ar. Não sei quando isso aconteceu, pois não havia sinal de deterioração em nada, e ainda assim senti em meu coração que aquelas pessoas haviam perecido muitos milhares de anos antes de eu as ver, mas não sei ao certo."

Ele parecia bastante perturbado enquanto pensava na coisa terrível que tinha visto. Perguntei por que não havia contado a ninguém sobre aquela aventura. Ele respondeu: "Por que eu deveria falar sobre isso? Se eu contasse a Ramsés, certamente ele iria querer ir ver com os próprios olhos." Perguntei se eu poderia contar ao Dr. Hani [Hanny El Zeini] sobre o ocorrido, e ele sorriu. "Sim, pode contar a ele. Ele é um homem sábio e não tentará visitar as estrelas, e talvez ele saiba como todas aquelas pessoas puderam morrer de uma só vez. Conte a ele também sobre as palavras do Conselho, para que ele possa alertar outros sobre o perigo."

Perguntei quando ele soube que eu havia retornado à Terra. Ele disse: "Após longas eras de sofrimento, Nosso Senhor Osíris teve misericórdia de mim, e o Conselho me convocou e disse que você estava 'dormindo na escuridão' e que um dia renasceria. Isso me confortou um pouco. Muito tempo depois, me disseram que você havia renascido na Terra quase na mesma forma que tinha antes, e me foi permitido procurá-la como um(a) [inserir nome da pessoa/pessoa]. Akh vagou pelo mundo inteiro e viu muitos lugares e coisas estranhas. Até que finalmente te encontrei, e o resto você já sabe."

Ele me deixou logo após terminar a história, mas eu não consegui dormir pensando nisso. A morte repentina de uma nação me fez lembrar dos elefantes gigantes peludos encontrados em um pântano congelado na Sibéria. Eles estavam perfeitamente preservados, e até mesmo sua carne era comestível. Um deles tinha a boca cheia de grama e botões-de-ouro, e estes últimos só crescem em clima temperado. Os cientistas dizem que o clima da Sibéria era temperado, milhões de anos atrás, e por algum motivo uma onda de frio repentina matou os elefantes enquanto se alimentavam, congelando-os rapidamente e mantendo-os em uma espécie de "câmara fria" natural. Mas esse não pode ser o caso das pessoas que Sety viu, pois ele disse que estavam todas ressecadas como múmias. O curioso é que eles deviam ter uma civilização muito

*avançada e complexa. O que seriam aqueles veículos sem asas e sem rodas?**

5 de setembro de 1974

Sua Majestade veio ontem à noite, mas não ficou muito tempo. Ele disse: "Não se esqueça de ir à Casa de Men-maat-Ra amanhã" [o Templo de Seti I: Men-maat-Ra ("Estabelecida é a Justiça de Rá") é o nome de Hórus - um epíteto titular - de Seti I]. Respondi que não havia esquecido, mas disse que tinha um problema, pois agora havia muitos homens estranhos e mal-educados trabalhando como guardiões no Templo, e eu temia que, se fosse lá com as oferendas, eles se aglomerariam ao redor, mendigando e roubando tudo, e pedi seu conselho. Ele respondeu: "Você tem uma estátua de Nosso Senhor Osíris aqui. Coloque suas oferendas diante dela aqui, para que não sejam perturbadas e profanadas pelos ignorantes." rekhyt [pessoas comuns]. Então vá à Casa de Men-maat-Ra com um pouco de incenso. É suficiente e aceitável. Quando ele apareceu, os dois gansos fizeram um grande grasnido e bateram as asas, o que fez Sety rir. Eu lhe disse que os tinha como guardiões. Ele disse: "Nisso, você está certa. Um ganso faz mais barulho do que 10 cachorros. Você já deu nomes a eles?" Eu disse que o macho se chamava Snefru e a fêmea Nebet. Ele riu. "A Majestade do Rei Snefru criou asas e um bico comprido. Você é uma menina engraçada por escolher nomes reais para seus animais." Eu lhe disse que, quando criança, eu tinha um sapo de estimação chamado Faraó. Ele riu e disse: "Se você o tivesse chamado de Faraó Ay, teria sido um bom nome, pois aquele homem tinha cara de sapo, mas os sapos têm um caráter melhor." Perguntei onde Ay estava agora. Mas ele apenas disse: "Não sei onde ele está, e fico feliz por não ter que encontrá-lo. Ele era um homem muito mau e causou muito mal à Terra Negra." Eu queria conversar mais, mas ele disse que precisava me deixar.

7 de setembro de 1974

Sua Majestade chegou muito tarde ontem à noite. Ele estava em traje oficial e usava a Coroa Dupla [representando o Alto e o Baixo Egito], que ele tirou e colocou de volta. mesa de guerid. Ele tinha acabado de chegar do serviço noturno para Osíris em Amenti. Ele disse: "Você foi à Casa de Men-maat-Ra, Pequeno?" Respondi que sim, e queimei incenso lá. Mostrei-lhe o pequeno altar que eu havia feito na sala leste, com as oferendas ainda no lugar: uvas, tâmaras, biscoitos e cerveja. Ele disse: "Isso é muito bom e aceitável. Que bela cobertura para os bolinhos." Ele se referia à folha de ouro nos biscoitos de chá! Eu queria conversar, mas ele disse que não podia ficar, mas que voltaria em breve. Quando ele saiu, os cães do

vizinho e meus gansos

fez um grande dowsa [barulho].

8 de setembro de 1974

Sua Majestade chegou ontem à noite, pouco antes da meia-noite. Ele não pôde ficar muito tempo, pois estava oferecendo um banquete [em Amenti] em homenagem ao aniversário de Ísis. Perguntei quem viria. Ele respondeu: "Meu filho Ramsés e a Grande Esposa Real Nefertari (ele pronunciava Nofert-iry), alguns comandantes do Exército e suas esposas, o Grande Sacerdote Mery e sua esposa Werni, que você conhece, e o filho deles, Wen-nofer, e sua esposa. Ó, meu amor, serei o único homem solitário entre eles. Quem me ousa trazer trazê-la para se juntar a nós! Mas é um risco muito grande!" Eu teria adorado ir, pois quero muito conhecer Nofert-iry, que imagino ser tão gentil e inteligente quanto bela. Sety perguntou: "O que você está fazendo, destruindo seu quarto?" Expliquei que era inseguro e que eu estava construindo um melhor. Ele disse: "Que seja abençoado para você. Certamente irei compartilhar suas noites nele. Agora, minha pequena, preciso ir me juntar aos meus convidados. Devo cumprimentar Ramsés por você?" Eu disse: "Por favor, faça isso, e também sua adorável dama, e todos os seus convidados, e aproveite a oportunidade para desejar-lhes um feliz início de ano." Também pedi a ele que cumprimentasse Ankhsi [uma governanta e dama de companhia no palácio de Sery] por mim. Ele pareceu contente por eu ter me lembrado dela e, depois de alguns beijos e abraços, partiu.

2 de janeiro de 1976

Hoje é o primeiro dia da Grande Festa de Osiris, e Sua Majestade veio ontem à noite para me lembrar de ir à Casa de Men-maat-Ra [o Templo de Seti]. Que festa! Cheguei a pensar que tínhamos feito tanto barulho que acordaríamos a aldeia inteira. Quando ele apareceu, eu ainda estava acordado, pois havia trabalhado até tarde. Todos os gatos saíram correndo do quarto, exceto a gatinha Khufu, que estava com medo, mas ficou olhando para Sua Majestade e cuspiendo antes de fugir. Ele a tinha notado e, depois das habituais saudações afetuosas, disse: "Você tem uma gatinha muito bonita, ela parece um pequeno leão". Concordei e perguntei como estavam os leões de estimação de Ramsés. Ele começou a rir e disse: "Da última vez que meu filho me visitou, trouxe consigo seu leão favorito, Amit (o Devorador). Eu conseguia sentir o cheiro dele antes mesmo de ele chegar. Por isso, pedi a Ramsés que o levasse para o pátio, onde meus homens cuidariam dele. E assim ele fez. Estávamos sentados juntos em meu quarto, que você, meu pequeno, conhece, e depois de algum tempo ouvimos um barulho vindo de fora, um som de homens rindo e gritando, algo incomum. Ramsés não gostou. Saiu para

ver a causa do barulho. Então voltou, rindo alto. Contou-me que o marido de Ankhri, que é o supervisor de todos os meus cavalos, e alguns dos homens do..."

Nos estúbulos, estavam tentando fazer seu leão Amit comer pão embebido em cerveja. Disseram-lhe que o leão havia comido dois pães "como um verdadeiro guerreiro", mas cuspiu o terceiro e se recusou a comer mais. Nós dois rimos disso. Então, HM disse: "Agora, Pequena, você sabe que amanhã de manhã você tem que celebrar a Festa de Nosso Senhor Osíris?" Respondi que me lembrava e havia preparado tudo, e lhe disse que havia me esquecido dos dias das Festas dos aniversários de Osíris e Ísis até que a data já tivesse passado. Ele disse: "Eu sei disso, sua danadinha. Só porque eu não pude vir te lembrar você não se lembra?" "Oh, que feio, que feio, que feio", e ele me deu um tapinha leve no rosto. Não perguntei como ele sabia que eu havia esquecido, provavelmente Kha-em-Wast [o quarto filho de Ramsés II] descobriu e contou a ele. Então ele me deu muitos beijos para compensar o tapa e disse que viria me visitar novamente durante a Festa. Perguntei se ele faria seu banquete habitual para os amigos na primeira noite e ele disse que sim. Depois, disse que na segunda noite faria um grande banquete para seus soldados e que todos iriam dançar. Fiquei surpresa, não conseguia imaginá-lo dançando! Ele disse: "Sua boba, você não sabe que todos nós, oficiais e soldados, temos uma dança de guerra?" "Fazemos isso desde os tempos dos nossos ancestrais." Eu disse que adoraria ver aquela dança, e ele disse: "Eu lhe mostrarei, mas você precisa tocar o tambor para mim." Eu disse que não tinha um tambor, mas ele disse que a mesa serviria e me mostrou como bater dez vezes, de forma rápida e uniforme, e depois uma batida forte e uma pausa. Tentei e, na segunda tentativa, acertei. Então ele tirou sua túnica, ficou de pé apenas de calças e disse: "Comecem!"

Que surpresa! Eu não fazia ideia de que ele sabia dançar, e tão bem! A dança consistia em movimentos rápidos e, de repente, com um estrondo, ele parava na posição de um arqueiro mirando, ou de um lanceiro prestes a lançar sua lança, ou de um homem prestes a usar seu machado de guerra ou maça. Alguns dos movimentos rápidos consistiam em girar com os braços estendidos para os lados.  pulando para cima e para baixo com

braços erguidos como os braços ka  e os punhos cerrados, erguendo cada um

ajoelhar-se rapidamente (também com os braços levantados) , correndo, mas parado no mesmo lugar com um braço estendido à frente e fazendo um movimento de corte

movimento como se estivesse usando um machado. 

Esses movimentos foram repetidos inúmeras vezes, gradualmente se tornando cada vez mais frequentes.

mais rápido, e finalmente terminando com um salto e um grito! Foi uma bela dança, mas meu quarto é pequeno, e eu pensei que a qualquer minuto ele fosse se chocar contra o armário! Depois disso, ele vestiu seu

roupão e disse: "Agora deixe um pobre velho se aconchegar debaixo do seu cobertor vermelho quentinho e descansar." Eu elogiei sua dança, e ele pareceu satisfeito, mas disse que Ramsés dançava muito melhor, principalmente os saltos. Depois de muita conversa boba, fomos dormir. Ele saiu pouco antes da manhã e preparou o

Cachorro uivando e latindo.



Dorothy Eady na Inglaterra em 1920. "Doce 16 anos e ainda virgem", escreveu ela no verso desta fotografia - uma das poucas fotos dela da infância que sobreviveram.



A múmia de Seti I, agora no Museu Egípcio do Cairo. "Quando eu tinha quatorze anos", confidenciou Dorothy certa vez a uma amiga, "eu estava dormindo uma noite, e acordei parcialmente e vi aquele rosto debruçado sobre mim com as duas mãos no decote do meu camisolão. Reconheci o rosto da foto que eu tinha visto anos antes da múmia de Seti. Fiquei atônita e chocada, gritei, e ao mesmo tempo, fiquei extremamente feliz."



Dorothy Eady acreditava que em uma vida "anterior" ela havia sido uma menina chamada Bentressyt, que fora deixada para ser criada no Templo de Seti em Abidos aos três anos de idade por seu pai, um soldado (sua mãe, uma vendedora de vegetais, havia falecido). Aos quatorze anos, ela se tornou uma sacerdotisa consagrada de Ísis e encontrou Seti I pela primeira vez no jardim de seu templo recém-construído em Abidos. A pintura de H.M. Herget reconstrói um jardim formal da época do Médio Império do Egito (c. 2040-1640 a.C.). Com seu lago ornamental de lótus, canteiros de flores ao redor e fileiras de árvores, é um modelo do tipo de jardim que se encontraria durante o reinado posterior de Seti I (c. 1306-1290 a.C.).



Durante a Segunda Guerra Mundial, Dorothy Eady ministrou palestras sobre o Egito para as tropas americanas que estavam estacionadas na Estrada de Suez. Esta fotografia foi tirada em Sacara. "Vocês não adoram os Deadheads?" foi a legenda que Dorothy escreveu no verso da foto.



Quando morava em Gizé, durante as décadas de 1940 e 1950, Dorothy Eady costumava dormir nas noites de verão nesta "entrada" na calçada do Templo do Vale de Quéfren, localizado ao sul da Grande Esfinge. Ao longo de sua vida, ela dormia ao ar livre ou nos telhados de sua residência sempre que possível.



"Sei que isso vai parecer inacreditável", disse certa vez Dorothy Eady,
"mas uma noite, quando eu morava em Gizé, me vi de camisola
caminhando no platô ao lado da Grande Pirâmide. De repente, vi o Rei
Seti... e ele olhou para trás e disse: 'Sigam-me'."Quando nós
chegamos

Na metade do caminho, ele começou a subir um dos degraus, e eu o
seguí; e quando estávamos exatamente no meio, ele puxou uma pedra
— não completamente, é claro, já que ninguém conseguiria fazer isso
— e então disse: 'Tudo bem', e descemos novamente e caminhamos
até a borda do platô. 'Vá para casa e vá dormir', ele me disse. E eu fui."



A primeira residência de Omm Sety em Abidos, que ela comprou por setenta e cinco dólares em 1956. Ela abandonou a casa em 1971, preocupada com a intromissão dos vizinhos em sua "privacidade" com "Sua Majestade" (Sety I) durante suas "visitações" noturnas.



Vista do Osirion (ou Túmulo de Osíris) olhando para noroeste - a misteriosa estrutura subterrânea cuja construção se assemelha ao Templo do Vale de Quéfren, localizado atrás do Templo de Seti em Abidos. Ao fundo, vê-se a casa de repouso da Autoridade Egípcia de Antiguidades. Atrás dela, encontra-se o caminho do deserto, por onde

Omm Seti costumava caminhar, conhecido como "Caminho dos Peregrinos", onde, milhares de anos atrás, os participantes do Mistério da Vida anual (que reencenava a vida, a morte e a ressurreição do deus Osíris) marchavam em uma procissão fúnebre em homenagem a esse deus - o Senhor de Abidos.



A vila de Arabet Abydos (vista para o norte) com o Templo de Sety à esquerda.



A vila de Arabet Abydos (vista para o sul). Ao fundo (à esquerda), a colina chamada "Senhor das Oferendas".



Omm Sety em frente ao Templo de Sety, por volta de 1958.



Para Omm Sety, o Templo de Sety era um santuário sagrado, e ela sempre tirava os sapatos antes de entrar. Aqui, Omm Sety, descalça, é mostrada guiando uma visita ao templo, em 1974.

●

●

Pelo desmaio — devido à lealdade de seu amigo.
(O Livro de Jó)

"Você se sente sozinha aqui em Abidos?", perguntaram certa vez a Omm Sety. Ao que ela respondeu: "Eu era filha única e, por isso, estava acostumada a brincar sozinha. Só me sinto sozinha quando não há animais por perto. Claro que, às vezes, sinto falta de pessoas com quem conversar sobre assuntos que nos interessam muito." E, além de "Sua Majestade", é claro, a pessoa com quem Omm Sety passou a maior parte dos últimos vinte e cinco anos de sua vida conversando sobre esses assuntos foi a Dra. Hanny El Zeini.

Em junho de 1956, Omm Sety, então com trinta e oito anos e químico industrial e engenheiro mecânico, foi escolhido presidente da Companhia de Açúcar e Destilarias do Egito. Apenas três meses antes, Omm Sety havia se mudado definitivamente para Abidos, quase cinquenta quilômetros ao norte de Nag Hammadi; e, por obra do destino, Hanny El Zeini estava em Abidos em dezembro daquele ano memorável.

"Sete semanas após assumir a presidência da Companhia de Açúcar e Destilarias", comentou o Dr. El Zeini, "Nasser, em uma manobra dramática e sem precedentes, nacionalizou a Companhia Internacional do Canal de Suez. O Egito havia testemunhado poucos momentos de glória, alegria ou verdadeira felicidade desde a invasão turca em 1517; e o dia 23 de julho de 1956 foi um desses momentos felizes. Os sentimentos nacionais egípcios estavam em ebulição. Os resquícios do imperialismo colonial na Inglaterra e na França estavam agora presentes no Canal de Suez."

A guerra, travando sua batalha final e perdida em uma terra que nunca lhes pertenceu.

"A Companhia de Açúcar e Destilaria em Nag Hammadi era como uma mini-Nações Unidas, já que a maioria dos funcionários que trabalhavam para mim eram súditos franceses, belgas, italianos, gregos e britânicos. Todos esses jovens, porém, haviam nascido no Egito e sabiam pouco sobre seus países de origem; e eu não tinha dúvidas sobre a sinceridade de seus verdadeiros sentimentos em relação ao país que os acolheu. O que realmente me surpreendeu foi a reação violenta e desenfreada de uma inglesa que morava em uma pequena vila a cinquenta quilômetros ao norte de Nag Hammadi."

Hammadi, a quem conheci na terceira semana de dezembro de 1956. Essa mulher, como descobri mais tarde, havia liderado todos os

habitantes da aldeia em diversas marchas de protesto contra a invasão; e sua raiva, especialmente contra seus próprios compatriotas, era mal disfarçada. Como era recém-chegada à aldeia, porém, sua sinceridade era questionada; e muitos aldeões céticos lhe disseram abertamente para parar de "se exhibir", o que ela não fez. Poucos perceberam então que estavam lidando com uma egípcia autêntica, que sentia angústia e ira por seu "verdadeiro" país... o Egito. Pois, de fato, como descobri mais tarde, essa mulher

tinha experiência de vida no Egito por mais de vinte anos, fora casada com um professor egípcio e era oficialmente funcionária do Departamento de Antiguidades Egípcias.

"Quando finalmente os exércitos dos três países envolvidos na Guerra de Suez se preparavam para uma retirada muito relutante — e depois de várias semanas de tensão e ansiedade angustiante no trabalho — senti que tinha o direito de tirar meio dia de folga da fábrica. Fui com alguns amigos do Cairo a Abidos para lhes mostrar o belo Templo de Seti. Lá, vi uma senhora inglesa animada e descalça que falava árabe com um forte sotaque irlandês e expressava sua opinião sobre toda a questão de Suez com uma raiva desenfreada, típica dos egípcios."

Nessas circunstâncias, tudo aquilo soava muito estranho aos meus ouvidos. O dia estava parcialmente nublado e bastante escuro dentro do templo; e a murmuração raivosa parecia vir de longe — o eco dava à voz da mulher um timbre inexplicável, como se viesse de outro mundo.

O inspetor, que gentilmente se ofereceu para nos explicar as diferentes cenas nas paredes, parou de repente e murmurou algumas palavras de desculpas. Com um largo sorriso, foi cumprimentar a senhora inglesa irritada. Alguns minutos depois, ambos vieram ao nosso encontro. "Esta é minha colega, Sra. Omm Sety", disse o inspetor. A senhora estendeu uma mão pequena e delicada. Apertamos as mãos e lembro-me de ter gostado imediatamente de sua expressão aberta e franca. Era uma mulher robusta, na casa dos cinquenta, com um par de olhos azuis brilhantes, muito...

Um sorriso encantador e um cabelo dourado muito peculiar, quase da cor da palha de trigo recém-debulhada, cortado num estilo decididamente egípcio antigo.

"As notícias correm rápido nesta parte do país, mas fiquei um pouco surpreso quando ela me perguntou logo de cara sobre as notícias da frente de Suez, onde eu estivera recentemente. Eu disse que era consenso geral que os exércitos invasores, apesar dos elaborados preparativos para a retirada, estavam tendo muita dificuldade com a resistência local. Eles estavam agora restritos a áreas muito limitadas em Port Said, e mesmo lá eram constantemente hostilizados pela população egípcia."

armados e desarmados. Enquanto eu lhe explicava detalhadamente o conteúdo dos diferentes boletins de notícias do Cairo, da BBC, da Voz da América e assim por diante, ela me interrompia constantemente com comentários violentos sobre os agressores. Anthony Eden, em particular, era o principal alvo de seu desabafo emocional. Ela usou um vocabulário egípcio bastante seletivo, repleto dos insultos mais grosseiros, metade dos quais teria sido suficiente para fazer Anthony Eden "cair morto". (Lembro-me de que ela se referiu aos invasores como "Tbu El Kelb" - "filhos de cães".) Também não consegui me

conter e perguntei por que ela andava descalça dentro do templo. Sua resposta foi imediata e firme: "Este é um santuário sagrado construído para o nosso senhor Osíris. Se me fosse dada a autoridade para fazer..."

Portanto, eu não permitiria que ninguém visitasse este lugar sagrado descalço, mas eu sou apenas um pobre e insignificante funcionário do Departamento de Antiguidades.

"Minha primeira impressão de Omm Sety, então, foi que ela era 'uma figura e tanto'. Também me impressionaram sua franqueza, sua sinceridade muito evidente e sua honestidade. No entanto, levamos três anos para nos tornarmos amigas de verdade, já que, após a tragédia de Suez, a maior parte do meu tempo era ocupada com problemas trabalhistas, complicações mecânicas e falhas elétricas nas usinas de açúcar. Devo admitir, com toda a franqueza, que levei vários anos para entender que ambas pertencíamos a duas épocas diferentes da história. Ela, em todos os sentidos, e

para fins de consciência, era uma mulher do período raméssida e apenas parcialmente interessada no presente; enquanto eu pertencia inteiramente ao presente, com seus problemas de poluição, guerra, rumores de guerra, explosão demográfica, etc."

Egiptólogo amador inveterado e viajante do deserto, que colecionou sistematicamente desenhos e inscrições rupestres neolíticas dos desertos oriental e ocidental do Egito, Hanny El Zeini — quando o conheci em janeiro de 1985 — havia se aposentado da Companhia de Açúcar e Destilaria, para a qual inventara o processo patenteado de difusão da cana-de-açúcar egípcia. Embora agora fosse consultor da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial, passava grande parte do tempo com as principais tribos beduínas do Sinai como parte de um projeto.

sobre sua pesquisa para um livro que estava começando a escrever sobre o Êxodo. ("Estou tentando descobrir os nomes verdadeiros dos lugares mencionados na Bíblia", disse-me ele, "bem como tentando descobrir qual rota os israelitas seguiram, e como e com o que se sustentaram durante quarenta anos.")

Muitas vezes nos esquecemos de que os personagens bíblicos de Jó e seus amigos são, na verdade, beduínos... e o Livro de Jó — nas palavras de um crítico — "o produto de uma elite literária internacional, o reflexo da sensibilidade altamente desenvolvida e da vida intelectual de impérios que se estendiam da Crimeia ao Indo e às cataratas do Nilo". É essa ampla sensibilidade e curiosidade intelectual que Hanny El Zeini certamente personifica. Foi com ele que Omm Sety passou doze anos colaborando em diversos livros, o primeiro dos quais a ser publicado foi Abidos: Cidade Sagrada do Antigo Egito, para o qual Hanny El Zeini tirou centenas de fotografias — todas com luz natural refletida em espelhos, "a fim", como ele afirmou, "de permitir que os leitores vissem a escultura e as imagens do templo da maneira como foram originalmente criadas e observadas, com todas as suas suaves sombras".* Foi somente a Hanny El Zeini que Omm Sety confiou seu segredo mais íntimo.

pensamentos e para quem ela contou toda a história de sua vida. Ninguém a conhecia melhor do que ele; e é importante descobrir e dizer

algos sobre sua notável colaboradora e "melhor amiga".

Sobre este livro de quase 300 páginas, publicado em 1981 em Los Angeles pela LL Company, o falecido Professor John A. Wilson, reconhecido decano dos egiptólogos americanos, escreveu: "É notável como Omm Sety oferece uma cobertura abrangente de todos os elementos antigos de Abidos, mantendo ao mesmo tempo um interesse vivo. Ela é uma estudiosa responsável... e seu texto deve ser tratado com respeito."

Ao entrar no apartamento do Dr. El Zeini, no bairro de Maadi, no Cairo, o visitante se depara imediatamente com uma extraordinária coleção de tesouros: corais, conchas e peixes empalhados do Mar Vermelho; duas trompas de oração budistas de quase dois metros de altura, feitas de cobre batido, do Nepal; um mural folclórico de quarenta e quatro painéis da Etiópia; sete estatuetas de anões de vidro da Tchecoslováquia; figuras de marfim de elefantes, girafas e gazelas de várias partes da África; uma coruja de jade do Chile; ovos de pedra do Extremo Oriente; formações rochosas do Sinai; ferramentas neolíticas de sílex dos desertos egípcios. Expostos nas paredes e armários da residência El Zeini, esses objetos de quatro continentes compõem um verdadeiro Museu do Mundo – um reflexo não apenas das extensas viagens de seu proprietário, mas também de uma visão profundamente cosmopolita da vida.

Nascido no Cairo em 1918, Hanny El Zeini – um homem vigoroso, de rosto largo, com um sorriso e riso desarmantes – foi criado em uma família muçulmana "muito religiosa, mas extremamente tolerante". "Quando eu era jovem", afirmou ele, "o Cairo era uma cidade internacional. Minha família morou por um tempo em uma parte de Heliópolis onde muitos britânicos, italianos, gregos, belgas e franceses tinham suas casas; depois, em um bairro chamado Daher, onde nossos vizinhos incluíam muitas famílias judias – havia uma sinagoga, inclusive, em frente à nossa casa."

"Naquela época, o Egito era composto por um milhão de judeus, dois milhões e meio de coptas e vinte e cinco milhões de muçulmanos; o ambiente predominante era de fraternidade e tolerância. Nos dias festivos coptas, judaicos e muçulmanos, íamos às casas de nossos amigos e dizíamos: 'Kol sana wa anta tayab [Esperamos que vocês sejam felizes todos os anos]!'" Lembro-me de que um dos atores mais famosos daquela época era Naguib El Rihany; e um de seus papéis mais populares foi em uma peça que se passava em uma farmácia de propriedade de um muçulmano chamado Hassan, um judeu chamado Cohen e um copta chamado Marcos. Cada um acusava o outro de ser mesquinho, mas no final todos encontraram uma maneira – com uma autodepreciação bem-humorada – de resolver as coisas com concessões mútuas. Quando eu era criança, eu era muito curioso e tinha um desejo ardente de aprender (como dizemos no Egito, 'Ya'esh El Moualem Wa' Yat'alem [Os sábios vivem para aprender]'), então eu

perguntava a todos que conhecia sobre seu país. Desde muito cedo, comecei a viajar assim que me permitiram.

"Quando eu tinha doze anos, eu e quatro colegas da escola fizemos um

Uma caminhada de doze milhas, sem guias, pelo Deserto Oriental. Meus jovens companheiros incluíam, por acaso, Anwar Sadat e Mohammed Hafiz, que mais tarde se tornaria Conselheiro de Segurança Nacional do Presidente Sadat. Nossos suprimentos consistiam em sanduíches e água. Foi uma viagem de um dia, e todos nós ficamos tão entusiasmados com a experiência que, durante os quatro anos seguintes, continuamos nossas caminhadas pelo deserto. Lembro-me de que, quando eu tinha dezesseis anos, estávamos a caminho de Suez e encontramos nosso primeiro beduíno de verdade, o que realmente aguçou nossa imaginação! Ele nos mostrou o que é conhecido como Bir Yusef (Poço de José), no qual José teria sido jogado por seus irmãos. Tudo o que pudemos ver foi o contorno de um poço, bastante arenoso. E devo dizer que foi um pouco decepcionante, porque a história de José era a minha favorita desde criança.

"Minha avó (mãe da minha mãe) lia e escrevia muito pouco, mas tinha um talento natural para contar belas histórias. Como eu era o neto mais velho, podia dormir na casa dela desde os quatro anos de idade. Eu sempre insistia para que ela me contasse, só mais uma vez, sobre José. Adorava ouvir como ele foi jogado no poço e depois salvo. Lembro-me da minha avó ficando muito emocionada ao descrever como Jacó se sentiu ao saber da morte do filho. Do jeito que ela contava a história, dava para imaginar José como um jovem muito bonito, com as mulheres no palácio do faraó tão deslumbradas com sua beleza que, distraídas, cortavam as próprias mãos em vez de comer as batatas e os legumes! Também me alegrava ouvir sobre a lealdade de José aos seus irmãos e como, no final, ele os perdoou."

"Minha avó, devo dizer, teve oito filhos e era como uma domadora de animais selvagens no circo. Com um olhar, ela conseguia acalmar vários meninos sem precisar gritar; bastava um olhar... e, no entanto, ela era tão bondosa. Era muito alta, muito magra, muito elegante e tinha lindos cabelos longos. Aliás, ela era uma egípcia autêntica do Alto Egito, idêntica a uma das dançarinas esculpidas que vi certa vez na parede de um túmulo na Cisjordânia... Minha outra avó (a mãe do meu pai), devo dizer, também era muito bonita e uma contadora de histórias maravilhosa, embora tenha falecido quando eu era muito jovem. Ela, porém, era uma Sherifa – descendente direta da família do Profeta ou de seus primeiros seguidores. Sempre achei que talvez o motivo de eu me sentir tão em casa no deserto seja porque alguns dos meus ancestrais eram beduínos."

"Ambas as minhas avós, e as suas histórias, influenciaram-me muito."

... assim como um certo professor de história que eu tive no ensino fundamental; e ele também era como um contador de histórias, na maneira maravilhosa como nos narrava, com muito amor e orgulho, a história do antigo Egito.

"É claro que, no início da minha adolescência, eu costumava ir a Gizé nos fins de semana; e numa tarde de verão, subi a Grande Pirâmide: comecei a subir às 16h e desci várias horas depois, quando o sol estava se pondo. (Naquela época, tudo desde a base da Grande Pirâmide até o Nilo era verdejante; enquanto hoje, sinto apenas náuseas ao ver aqueles prédios feios e cabarés no lugar!)"

"Lembro-me também, distintamente, no início da década de 1930, de ir a Gizé e sentar-me, muito timidamente e o mais perto possível, do falecido Dr. Selim Hassan, que então conduzia suas escavações. (Naquela época, percebo agora, Omm Sety trabalhava como desenhista no sítio arqueológico, mas não me lembro de tê-la visto.) A postura autoritária do Dr. Hassan inspirava o respeito de todos os seus subordinados. Um dia, enquanto eu observava seus operários bem treinados limpando a área em frente à Esfinge, ele passou pelo local onde eu estava sentado. Instintivamente, e

Por respeito, levantei-me. Ele parou, fixou-me com um olhar penetrante e, em seguida, fez-me um gesto para que me aproximasse. Tímido e hesitante, caminhei em sua direção; ele colocou uma mão gentil em meu ombro e disse em voz muito calma: "Vejo que você vem aqui com frequência. Você se interessa pelo meu trabalho, meu filho? Sabe o que estou fazendo?" "Leio tudo sobre isso nos jornais, Vossa Excelência", respondi, quase gaguejando. "É mesmo? Bem, que bom. Se tiver alguma dúvida, não hesite, venha e pergunte-me." Escusado será dizer que eu estava

Eu estava transbordando de orgulho e entusiasmo. Na adolescência, a gente quer e espera ser coisas muito diferentes em momentos diferentes. No começo, lembro que queria ser piloto de avião, depois maestro de uma orquestra sinfônica. Naquele momento, porém, eu não desejava nada além de ser arqueólogo como o Professor Selim Hassan! "Durante a adolescência, eu, como a maioria dos meus amigos, tinha dois passatempos principais: esportes (eu jogava futebol e corria as provas de 1.500 e 5.000 metros) e leitura. Os livros eram muito baratos naquela época; e quando

Durante as férias, meus amigos e eu íamos aos Jardins de Azbakia, onde havia bancas ao ar livre com livros usados, em todos os idiomas, que custavam algumas piastras. Passávamos parte da manhã lá, comprávamos vários livros e depois os trocávamos entre nós.

"Aquele período foi, de fato, uma era de ouro da filosofia e da literatura egípcias, com obras de autores como Taha Hussein, Abbas El Akkad, Mahmoud Taimour, Zaky Mubarek e muitos outros. Foi verdadeiramente uma geração de intelectuais, como provavelmente não veremos novamente. Li livros de muitos desses autores, ao mesmo tempo em que descobria as obras de Shakespeare, Lord Byron, H. Rider Haggard, Saint-Exupéry e Rabindranath Tagore – todos os quais adorei. O livro que mais me impressionou, porém, foi Nada de Novo no

Front, que li antes do início da Segunda Guerra Mundial."

Isso me fez odiar a guerra... até mesmo a palavra "guerra"... Sabe, algumas pessoas no Egito simpatizavam com Hitler porque ele estava "dando uma lição" nos britânicos. Eu o detestava. Aquela conversa insana dele sobre uma raça superior me repugnava. Quer dizer, vindo de um povo que, como o resto dos europeus, era formado por caçadores-coletores bárbaros não tantos séculos antes, e certamente à luz da civilização egípcia e das conquistas culturais, era simplesmente um absurdo! No final da década de 1930, quando refugiados judeus começaram a vir da Alemanha, Áustria e Tchecoslováquia, vi em primeira mão a situação precária em que se encontravam e soube que algo estava errado na Alemanha.

"Lembro-me também de ter ficado profundamente comovido com o assassinato do líder religioso e nacionalista líbio Omar El Mukhtar, morto a sangue frio pelos italianos; e com o assassinato de Gandhi, a quem eu considerava um santo. Também tive um amigo que foi baleado por um soldado britânico, e por um tempo fui muito politizado e acabei na prisão em diversas ocasiões. Logo descobri, porém, que não tinha aptidão nem gosto para a política. Nunca, contudo, deixei-me amargar permanentemente pelos eventos horríveis que testemunhei durante a minha vida. É muito fácil ser indiferente, distante e descomprometido; mas o mal não se combate com cinismo."

"Embora eu amasse literatura, humanidades, história e arqueologia, estudei ciências na Universidade do Cairo. Depois de me formar em química industrial e engenharia mecânica no final da década de 40, comecei a galgar posições na Companhia de Açúcar e Destilaria, que na época pertencia a um consórcio franco-inglês-belga. (Eu era a favor da 'egípcianização' da empresa e achava que os egípcios deveriam 'infiltrar' seus cargos como químicos, agrônomos e contadores.) Comecei como químico analítico e, aos 30 anos, me tornei gerente de produção e, aos 38, presidente."

"Tendo que lidar, naquele momento, com uma força de trabalho de quase cinco mil operários – e o dobro desse número em produtores de cana-de-açúcar, além de ter que viajar posteriormente para os sete engenhos de açúcar espalhados pelo Alto Egito, bem como para a refinaria e a destilaria que ficavam a apenas onze quilômetros de Gizé e Sacara –, felizmente, pude passar boa parte dos meus fins de semana visitando as pirâmides, os templos e os túmulos do antigo Egito e testemunhando o trabalho meticuloso de gigantes da egiptologia como Selim Hassan, Ahmed Fakhry, Labib Habachi, Zakaria Ghoneim, Sami Gabra, François Daumas, Jaroslav Cerný e..."

WB Emery.

"Acho que também está claro que eu me sentia 'destinada' a encontrar Omm Sety - estava 'escrito' (Maktub), como dizemos em árabe. Talvez eu devesse usar a palavra kesma, que significa 'predestinado providencialmente/inescapável/a vontade de Deus'.

Muitas pessoas, é claro, se perguntaram sobre o meu..."

A amizade com Omm Sety surgiu porque era evidente que pertencíamos a dois mundos diferentes: ela, "mística" e "espiritual", enquanto eu, pela natureza da minha profissão, me preocupava com "fatos concretos". Talvez nos atraíssemos por sermos opostos, mas talvez tivéssemos muito em comum e só percebemos isso quando nos tornamos amigos de verdade. Ambos respeitávamos a vida senciente — um pouco como os budistas. Devo dizer que nunca acreditei em reencarnação ou corpos astrais antes de conhecer Omm Sety, talvez porque nunca tenha testemunhado pessoalmente nenhum fenômeno sobrenatural ou espiritual. Após uma longa viagem ao Nepal e à Índia em 1978, no entanto, onde me encontrei com místicos budistas e brâmanes e discuti com eles os temas do carma e da reencarnação, percebi o quão pouco sabemos sobre o reino do espírito. Experiências muito semelhantes às descritas por Omm Sety me foram relatadas por monges e sábios budistas em seus santuários no Himalaia.

"Sendo egípcio até a medula dos meus ossos, sempre tive plena consciência da nossa grande herança espiritual. A ciência oculta e o conhecimento metafísico parecem ter encontrado terreno fértil na terra do Egito desde tempos imemoriais. O tema da reencarnação era um dos dogmas da religião e filosofia egípcias que despertava a imaginação e a curiosidade dos antigos gregos, muitos dos quais eram intelectuais eruditos como Tales, Pitágoras e Platão."

— outrora estudado aqui no Egito. Na ausência de uma crença profundamente enraizada na reencarnação, teria sido inútil se, ao longo de sua história, os egípcios tivessem se esforçado tanto para mumificar os corpos de seus mortos. Mesmo em tempos pré-dinásticos, os primeiros habitantes do Vale do Nilo sepultavam seus mortos em caixões de cerâmica, onde eram colocados em posição fetal — representando o retorno ao útero materno — com a cabeça voltada para o oeste. Estavam eles, mesmo naquela época, tão certos de um renascimento? De uma ressurreição?

De reencarnação? Em que forma? Há pouca margem para dúvidas de que eles acreditavam, no mínimo, em uma segunda vida.

Quando Omm Sety me confiou pela primeira vez a história de sua reencarnação, ela mal suspeitava que esse era um dos meus assuntos favoritos. Ela era uma companhia incrível e, ocasionalmente, eu precisava controlá-la por causa de seu temperamento irlandês volátil, pois não queria que ela se metesse em encrenca. Ela também era vulnerável — às vezes agia como uma criança e precisava de cuidados. Ela foi uma amiga maravilhosa, sincera e querida tanto para mim quanto para minha esposa, mas devo confessar que levei vários anos para acreditar plenamente em sua história.

detalhes incomuns. Quando me convenci de sua honestidade e integridade, porém, achei difícil não acreditar. Pois é a história de um amor extraordinário — tão patético e, no entanto, tão forte que desafia

o tempo e o espaço, e tão verdadeiro e altruísta que transcende muitas das nossas crenças.

convicções banais e estéreis. Para aqueles que acreditam na existência de uma entidade dentro de nós, que vagamente chamamos de 'alma', e para aqueles que acreditam que o amor é a luz profunda em nosso ser que ilumina toda a nossa existência e que ninguém pode extinguir... para essas pessoas, nenhuma explicação é necessária. Para aqueles que não acreditam, nenhuma explicação é possível.

* * *

Durante um quarto de século, o Dr. Hanny El Zeini ouviu a história de vida de Omm Sety e passou horas e dias fascinantes em sua companhia. A seção a seguir consiste em algumas de suas reflexões e conversas com sua amiga de longa data.

* * *

"Quando eu tinha três anos", contou-me Omm Sety, "meus pais e eu morávamos num apartamento em Londres, e havia uma escadaria com muitos degraus que levava do nosso apartamento até o térreo. E um dia eu simplesmente caí escada abaixo... rolei escada abaixo... quicando como uma bola." Era uma noite fresca e agradável de julho; e depois de um dia de calor sufocante, Omm Sety e eu estávamos sentados no Osirion. Pela primeira vez, eu havia trazido comigo um daqueles antigos gravadores de cassete da Philips, que, comparado com os modelos de hoje, era muito grande e desajeitado. Depois de uma visita ao Templo Sety, pensei que poderíamos simplesmente sentar e relaxar, e ouvir a música revigorante de Handel, Mozart, Tchaikovsky e Delibes.

Depois de um tempo, Omm Sety, tendo-me dado permissão para gravar nossa conversa, começou a narrar a história de sua infância. Foi em uma dessas noites que ela me contou como vira o Templo de Sety em uma fotografia de uma revista que seu pai trouxera para casa, e como ela o informara, entusiasmada, que se lembrava daquele templo, mas que se perguntava onde ficavam os jardins. (Seu pai, é claro, havia lhe pedido para parar de mentir.)

"Mas a partir daquele momento", disse ela, "eu continuei perguntando sobre este jardim... mesmo depois de ter vindo para cá. E não é que, quando estavam construindo as fundações da oficina para a restauração do Templo de Sety, encontraram o jardim exatamente onde eu havia dito, com os restos das raízes das árvores, o poço que o irrigava e os canais?"

Até então, eu havia escutado com muita atenção, mas também, para dizer a verdade, com um leve espanto e um ceticismo muito bem disfarçado. Permaneci, no entanto, educadamente em silêncio e não fiz

nenhum comentário.

Por fim, não consegui me conter e perguntei: "Onde ficava aquele jardim?" "Ao sul do templo", respondeu Omm Sety sem hesitar. "Alguém da aldeia estava presente durante a descoberta dos restos das raízes das árvores?", questionei. "Recrutamos a maior parte da mão de obra para nossas escavações aqui da aldeia", respondeu ela. "Mas os verdadeiros mestres de obras são os kuftis." Os kuftis vêm de uma cidade chamada Kuft, mais conhecida pelos egiptólogos como Koptos. São escavadores habilidosos e experientes, excelentes e confiáveis mestres de obras. Koptos ainda detém o monopólio desses mestres. "O homem que desenterrou as raízes de várias árvores mora aqui na aldeia", continuou Omm Sety; "nós o chamamos de 'Abou Eid Mubarka', que significa 'Aquele com a Mão Abençoada ou Sortuda'." ... Lembro-me de ter pensado: "Não fará mal a ninguém se eu pessoalmente verificar com esse homem a autenticidade dessa descoberta."

Durante algumas semanas, me vi praticamente afogado em problemas relacionados ao meu trabalho científico, pois tinha motivos para me preocupar com a próxima colheita de cana-de-açúcar. Quase me esqueci do jardim extinto de Omm Sety até que um dia alguns amigos da França vieram me visitar em Nag Hammadi e expressaram o desejo de ver o Templo de Sety. De repente, me lembrei da história do jardim e pensei que seria melhor verificar o assunto. Omm Sety levou meus convidados para conhecer o templo; e com seu francês extremamente divertido, combinado com um toque de seu irresistível charme irlandês e senso de humor, ela simplesmente encantou meus convidados. Enquanto eles estavam na visita guiada, mandei chamar o capataz – um homem alto, magro, esguio e de meia-idade que havia sido responsável por desmatar o local – e perguntei a ele sobre os restos do jardim de Sety. Ele pediu licença por alguns minutos e, depois de um curto período, retornou com uma enxada na mão. "Vou te mostrar os restos das árvores de que Omm Sety nos falou", disse-me ele com aquela franqueza tão característica do camponês do Alto Egito.

Juntos, saímos do pátio do templo em direção à muralha sul. Essa muralha de tijolos de barro, que originalmente devia ter proporções enormes, provavelmente era constantemente explorada: os tijolos, de excelente qualidade, eram sempre muito procurados para a construção das casas da aldeia; mantinham suas dimensões clássicas e não haviam mudado por mais de três milênios — alguns tijolos, aliás, ainda ostentavam a marca do Rei Seti I. Observei atentamente o chão e notei o que pareciam ser vestígios de canais de irrigação. O homem contou alguns passos e então começou a cavar, removendo a areia sob seus pés. Em menos de cinco minutos, algo preto e atrofiado começou a aparecer. Não havia dúvidas: tratava-se definitivamente do toco de uma árvore muito antiga, profundamente enraizada no solo. "Há uma

fileira inteira dessas raízes que se estende por pelo menos cinquenta metros..."

"A poucos metros daqui. Gostaria de ver um segundo?", perguntou-me o homem. Sem esperar por uma resposta, contou cerca de dez passos antes de começar a cavar em outro lugar. E um grande toco retorcido, com raízes enormes ao redor, surgiu diante dos meus olhos como um pedaço carbonizado de uma escultura de Henry Moore. "Ela é uma grande mulher, Omm Sety!", exclamou o homem. "Sim, senhor, ela é uma cientista muito respeitável."

Alguns meses depois, encontrei o inspetor do Departamento de Antiguidades, encarregado da restauração do templo, e perguntei-lhe se ele conhecia Omm Sety antes de ela chegar a Abidos. Sua resposta foi surpreendente e, para meu grande alívio, também muito gratificante. "Ela foi diretamente responsável pela descoberta daquelas raízes de árvore", informou-me ele, "e também foi fundamental na descoberta do túnel que passa por baixo da parte mais ao norte do templo. Sabe", acrescentou, "ela trabalhou com os professores Selim Hassan e Ahmed Fakhry, em Gizé, falaram muito bem dela. Ela não é apenas uma boa desenhista, mas parece ter um sexto sentido extraordinário sobre o terreno por onde passa, e fiquei realmente impressionado com seu profundo conhecimento do templo e seus arredores. Uma amiga dela no Cairo me contou que, durante o sono, ela tem visões do passado que muitas vezes se mostram bastante precisas. Ela é, no entanto, um tanto estranha às vezes.

O inspetor ficou em silêncio por um minuto e me olhou atentamente, como se tentasse observar o efeito de suas palavras. "Sinto-me muito grata ao senhor, inspetor", eu lhe disse. "O problema é que sei tão pouco sobre ela, e eu só queria ter certeza de que realmente havia um jardim ao sul do templo de Seti." "Garanto-lhe", respondeu ele, "que se algum dia me pedissem para fazer qualquer pesquisa ou escavação em Abidos, eu nem sequer começaria a cavar sem antes discutir todo o procedimento com Omm Seti. De alguma forma, sinto que ela sabe mais sobre este lugar do que qualquer outra pessoa."

em todo o Departamento de Antiguidades. Eu quase diria que ela seria indispensável para qualquer missão arqueológica que tentasse realizar um trabalho sério na área de Abidos." Foi nesse momento que senti que devia um pedido de desculpas a Omm Sety; e a partir daí, senti-me confiante em sua credibilidade, integridade e honestidade profissional. Nos anos seguintes, nada aconteceu para abalar minha confiança nela nesse aspecto.

Passaram-se alguns meses, e então, um dia, suas confissões recomeçaram. Ela me contou sobre um sonho recorrente que tinha na adolescência, no qual se via dormindo em um quarto muito grande sobre esteiras de junco, depois em uma câmara subterrânea cercada por um canal de água e, por fim, sendo atormentada por perguntas de um sumo sacerdote.

"Esse sumo sacerdote se parecia com alguém que você conhece?", perguntei a Omm Sety. "Bem", ela respondeu, "na verdade, muito mais tarde na vida, eu era..."

para encontrar sua réplica física na pessoa do Professor Selim Hassan. O Professor Hassan, embora fosse um professor severo, não era um velho desagradável e cruel como o homem com quem sonhei. Na verdade, o Professor Selim Hassan era um homem que eu respeitava e admirava muito. Foi muito mais tarde na minha vida que eu soube exatamente quem aquele homem realmente era. Foi depois de uma longa visita ao Au-Delà [o Além] que reconheci o sumo sacerdote quando o encontrei cara a cara. Mais tarde, vi uma fotografia do Osirion e me lembrei dele do meu sonho, com aquele canal de água circular. Só que parecia que a sala em que eu estava — no meu sonho — ficava no centro dessa ilha de alvenaria. Quer dizer, poderia ter sido apenas uma fantasia — não sei, não posso provar porque não consigo entrar na ilha. O canal externo era exatamente como eu o vi no sonho, exceto que era muito escuro porque era coberto.

"Então, tão jovem, você já tinha uma visão bastante clara do Osirion", comentei, acrescentando: "É evidente que originalmente era muito bem coberto; e, a julgar pelo tamanho das colunas do Grande Salão e pelos restos das lajes que cobriam o teto, parece ter sido totalmente coberto e protegido do sol. Deve ter sido um monumento impressionante, sem dúvida. O que realmente me intriga é que você teve uma visão tão precoce e completa do Osirion intacto e do Templo de Seti sem ter visto uma imagem do Osirion sozinho ou mesmo em conjunto com o Templo de Seti!" "Sim", ela me disse, "esse sonho me vinha com muita frequência... especialmente depois da primeira visita de Seti como múmia, quando eu tinha quatorze anos."

Então, para meu total espanto, ela caiu em um daqueles longos períodos de desatenção com os quais eu me familiarizaria muito mais tarde. Estaria ela tentando se lembrar de algo há muito esquecido ou, ao contrário, tentando se livrar de alguma lembrança desagradável de um tempo muito distante? Eu não sabia dizer. Mas, durante esses períodos de desatenção, eu também me perdia em devaneios sobre este lugar fantástico chamado "El Arab El Madfouna", a Vila Soterrada... Abidos. Que estranha ironia do destino! A cidade antiga que outrora fora o local sagrado de peregrinação de muitas nações, a antiga Meca dos egípcios e a antiga Jerusalém de talvez todo o Oriente Médio, teria o nome muito modesto, talvez humilhante, de "Vila Soterrada"! E lá estávamos nós, sentados no Osirion, o lugar com o qual Omm Sety sonhara quando tinha quatorze anos!

Aquelas noites no Osirion eram sempre muito difíceis de esquecer. Depois de um dia exaustivo de trabalho na Companhia de Açúcar, ou depois de uma tarde agitada fotografando dentro do templo, eu simplesmente adorava sentar na beira do Osirion com Omm Sety, observando o sol desaparecer atrás da escarpa ocidental, saboreando uma xícara de chá bem merecida.

Conversamos bastante... e às vezes gravávamos conversas importantes. Embora geralmente não houvesse ninguém por perto, exceto por um ou outro vigia voltando silenciosamente para casa, eu frequentemente ouvia um som estranho, longo e grave em algumas das fitas quando as reproduzia. Às vezes, sem motivo aparente, a gravação ficava quase inaudível, como um sussurro. Eu sempre atribuí isso a falhas técnicas no gravador, mas Omm Sety dizia que eram intervenções do "Além" - um sinal de discordância ou desaprovação da nossa conversa.

* * *

Ocasionalmente, Omm Sety e eu fazíamos pequenas viagens a Luxor, Dendera, Aswan e vários outros sítios arqueológicos. Ela estava sempre cheia de entusiasmo, extremamente enérgica, incansável e uma fonte inesgotável de informações para mim. Percebi que ela ficava particularmente entusiasmada com nossas visitas a Luxor. Havia dois ótimos motivos para isso: primeiro, estávamos visitando principalmente templos e monumentos do Novo Império construídos por seu "próprio povo", como ela costumava me dizer com entusiasmo. Também costumávamos passar um tempo com o pessoal da Chicago House, um dos institutos mais antigos dedicados ao estudo da egiptologia. Omm Sety estava entre verdadeiros amigos e se sentia feliz ali, relaxada e bem-humorada.

Durante uma de nossas visitas a Medinet Habu — onde se encontra o templo mortuário de Ramsés III — perguntei a ela sobre Ramsés III e sobre a conspiração que culminou em um dos julgamentos mais famosos da história egípcia. Omm Sety me contou que, em 1945, havia escrito um longo artigo sobre o julgamento e a sentença dos envolvidos. Alguns dias depois, ela me enviou uma cópia desse artigo claro, vívido, equilibrado e belamente escrito. Algumas semanas depois, tive a oportunidade de conversar com ela sobre o assunto quando visitei Abidos por um dia.

"Bem, Omm Sety", eu disse, "preciso mesmo te parabenizar por esse artigo maravilhoso sobre o julgamento. Se aquela conspiração traiçoeira tivesse tido sucesso, teria sido o fim prematuro de um dos faraós mais ilustres do Egito - talvez o último dos grandes faraós."

"Tudo foi meticulosamente planejado", respondeu ela, "e poderia ter dado certo, não fosse a lealdade dos homens do Rei, que descobriram a conspiração a tempo de frustrá-la na última hora. Como você leu no meu artigo, todo o plano foi arquitetado pela Rainha Tuy, que recrutou furtivamente seus colaboradores, Pebekamen e Mesedsure — este último sendo seu mordomo. Pebekamen era o verdadeiro 'cérebro', entende? Porque ele era um mágico."

"Era mesmo necessário ter magia numa trama como essa?",

perguntei. "Eu..."

Pensava-se que a Rainha, com sua forte influência, seu conhecimento da rotina do palácio e de todos os hábitos do Rei, não precisava realmente de um mágico."

"Não", disse-me Omm Sety, "ela não poderia ter dispensado a magia numa trama como essa. O rei já era de idade avançada e, como todos os Raméssidas, tinha muitos filhos. A rainha Tuy queria a todo custo garantir o trono para seu próprio filho, Pentawer, porque Ramsés III havia prometido a coroa a outro príncipe, fruto de um casamento anterior. Portanto, o papel da magia na conspiração era crucial. O palácio já estava cheio de estrangeiros que podiam ser facilmente comprados com a promessa de riqueza ou um bom cargo; eles nunca realmente..."

Não dava a mínima para quem se sentava no trono. Uma conspiração de tais proporções só poderia ter sido arquitetada por um oficial da corte egípcia.

"De preferência versado em ciências ocultas, suponho?"

"Ah, com certeza! Sabe, desde os tempos pré-dinásticos, a magia era uma ciência; e ao longo de todos os períodos da história egípcia, era uma ciência venerada que só podia ser ensinada à 'elite', à classe governante que formava a aristocracia privilegiada do Egito, por assim dizer, e não aos escribas comuns da administração ou aos funcionários de nível inferior do Estado."

"Você não escreveu muito em seu artigo sobre o papel da magia na conspiração... embora os detalhes do julgamento tenham sido mencionados com muita minúcia", comentei. "Você negligenciou ou ignorou intencionalmente o papel da magia na trama?"

"Não queria incomodar o leitor com tantos detalhes, pois já me esforcei para contar toda a história da conspiração e dos envolvidos. Ficou evidente também que, quanto a ser mágico, Pebekamen era um verdadeiro idiota [que significa 'idiota' e 'fracassado' em árabe]; sua magia nunca funcionou de verdade. Ele queria subornar dois dos juízes responsáveis pelo julgamento; mas, antes que o complô fosse descoberto, ele também conseguiu a cooperação de algumas mulheres do harém, de um supervisor do tesouro e, o mais importante de tudo, de um general do exército chamado Peyes. Era uma multidão de conspiradores. O que mais preocupava Pebekamen era como enganar a guarda do harém. Ele talvez já estivesse ciente do perigo de envolver tantas pessoas na conspiração e da possibilidade de que alguma informação vazasse e chegasse aos ouvidos de..."

O rei não podia ser subestimado. Então, como qualquer conspirador astuto, ele providenciou para si um conjunto de figuras mágicas de cera representando deuses e homens, por meio das quais imaginava ter o poder de incapacitar a guarda do harém ou, pelo menos, distrair sua atenção; caso contrário, sempre havia a possibilidade de um guarda

interceptar um de seus mensageiros entrando nos aposentos do harém. As figuras de cera nunca funcionaram; a informação deve ter vazado para alguma pessoa importante.

oficiais da suíte do Rei, e a tentativa contra sua vida foi frustrada."

"Mas diga-me, Omm Sety, você realmente acredita que se isso Se Pebekamen tivesse tido sucesso com suas figuras de cera, o plano teria prosperado? Sei pelo seu artigo que o rei, que já era bastante idoso na época, ficou profundamente abalado com toda a situação. Não poderia ele simplesmente ter ordenado a execução dos conspiradores, pondo fim à conspiração rapidamente, sem submeter todo o processo a procedimentos tão demorados? Acho que ninguém o teria culpado. Pelos padrões da época, não haveria nada de incomum nisso, e suponho que, como faraó...

do Egito, ele tinha todo o direito de fazê-lo. O que você acha?" "Quanto ao fracasso das figuras de cera em desempenhar sua função"

"O trabalho", respondeu Omm Sety, "eu diria que houve alguns erros nos procedimentos utilizados ou na forma como os textos mágicos foram empregados, tornando todo o processo absolutamente inútil e infrutífero. Provavelmente houve falta de precisão na cópia do

Versículos inadequados, ou o momento inoportuno na forma como foram escritos ou recitados – tudo isso é muito importante para o sucesso das fórmulas mágicas. "Quanto à segunda parte da sua pergunta, deixe-me dizer-lhe o seguinte: Nunca acredite numa palavra sequer sobre o 'direito inalienável' de um faraó administrar a justiça sozinho! Isso nunca foi verdade. Muitas pessoas religiosas gostam de nos apresentar a imagem distorcida dos faraós como déspotas cruéis que manipulavam a justiça segundo os seus caprichos e que se entregavam a extremos de crueldade inútil ao julgar."

ofensores. Não sei exatamente quando a deusa Maat ganhou destaque na teologia do antigo Egito, mas ela representa uma ordem de coisas na qual a verdade e a justiça ocupam um lugar sagrado – e Maat representava ambas. Ramsés III, como todos os outros faraós, jamais poderia ter ignorado Maat – justiça e verdade – em um caso como esse, que envolvia conspiração contra ele próprio. É uma grande sorte que a documentação completa desse julgamento memorável tenha sobrevivido em papiros, para que a posteridade possa julgar por si mesma o quão gigantescos eram esses faraós maravilhosos, não em estatura física, mas em magnanimidade e grandeza.

"valores morais."

"Quando penso nos tempos em que Maat estava ausente no Egito", disse a Omm Sety, "fico me perguntando como nosso povo conseguiu sobreviver àqueles períodos de despotismo, opressão e injustiça."

"Maat é inata na consciência de todo egípcio", afirmou ela. "É uma espécie de 'consciência coletiva'. Se analisarmos os ocasionais surtos de revolta e violência no Egito ao longo de sua longa história, sempre constataremos que tais explosões de raiva estavam diretamente ligadas à injustiça social e moral. Durante períodos de opressão, sempre se podia encontrar, mesmo entre as pessoas mais humildes, um gigante

que se manifestava em defesa da justiça, desafiando a maioria."

despóticos dos governantes. Veja o nosso próprio Saad Zaghlul Pasha e seu desafio direto a Lorde Cromer! Havia outros como ele. Talvez você também se lembre da história do "camponês eloquente" da província de Fayyum que, recusando-se a fazer concessões, insistiu em ter seus direitos, que haviam sido revogados pelo governador da província, totalmente restaurados; e para isso, dirigiu-se diretamente a um dos faraós do Império Médio - todos os quais, como você sabe, eram considerados "durões". Tenho certeza de que a história egípcia deve ter sido repleta de incidentes como esse, mas, infelizmente, o papiro é um material tão perecível que provavelmente milhares desses documentos devem ter sido destruídos pelo tempo.

* * *

Após uma longa viagem de negócios aos Estados Unidos e à América Latina, retornei a Nag Hammadi depois de oito meses; e ao chegar em Abidos, constatei que Omm Sety estava com a saúde muito debilitada. Ela havia perdido muito peso e envelhecido terrivelmente. Perguntei-lhe o que havia de errado, e ela disse que sofria de diabetes. Sem esperar que ela apresentasse qualquer objeção, praticamente a arrastei para o meu carro e a levei ao hospital Balyana, onde foi examinada minuciosamente e informada de que não havia qualquer indício de diabetes. O especialista que havia feito o primeiro diagnóstico de diabetes foi então convocado ao gabinete do diretor do hospital. Sim, ele se lembrou de que, quando viu Omm Sety pela primeira vez, teve sérias dúvidas sobre a amostra de urina que ela lhe entregou: a cor parecia "estranha", e ele havia pedido que ela trouxesse outra amostra de urina, o que ela nunca fez. (Eu já sabia de antemão que ela detestava ir ao médico; e ir a um hospital era, para ela, certamente uma experiência muito desagradável.)

A meu pedido, a análise foi repetida — e agora, nenhum vestígio de diabetes. Casualmente, perguntei a Omm Sety que tipo de recipiente ela havia usado para sua amostra de urina anterior. "Uma garrafa velha de Coca-Cola", ela me disse. "Tem certeza de que estava limpa?" "Não, eu nunca a lavei", respondeu ela. "Tem certeza absoluta de que estava vazia?", perguntei. "Hum... bem, você sabe, quatro meses é muito tempo. Mas não posso afirmar com certeza se lavei a garrafa ou não." E o médico-chefe agora tinha certeza de seu novo diagnóstico: Omm Sety não era diabética; e, a julgar pelo que o primeiro médico suspeitara desde o início, a amostra de urina anterior estava colorida pelos resquícios de Coca-Cola. Então era isso. Eu fiquei realmente muito irritado.

"Por que, em nome de Deus, você não deu ao analista outra amostra de urina quando ele pediu?", perguntei furiosamente.

"Não me apetecia", respondeu ela, irritada, acrescentando: "Pois bem, que se dane."

"Mas eu não tinha nada para lhe dar!"

"Você poderia ter ido no dia seguinte só para ter certeza", eu disse a ela. "Mas o que você fez para ficar tão magra e perder tanto peso?"

"Parei de comer carboidratos." "O que isso significa exatamente?"

"Nada de pão, arroz ou biscoitos. Chá puro, sem açúcar, apenas legumes e carne cozidos... e nada de frutas."

"Alguém te aconselhou a fazer essa loucura ou foi ideia sua?", perguntei. "Você não percebeu que já tinha perdido muito peso?"

"Não", disse ela, "e eu me sentia muito bem. Sua Majestade era um visitante frequente e nunca fez nenhum comentário sobre eu estar emagrecendo. Na verdade, ele parece não perceber que estou envelhecendo. Ele acha que ainda sou uma menina de quatorze anos."

"E você gosta disso, é claro!"

"Sim, senhor, certamente que sim. Mas, mesmo assim, é..."

É muito engraçado como Sua Majestade é tão alheio à passagem do tempo. Às vezes, ele fica sete ou dez dias sem vir me visitar, mas quando pergunto por que não me visita há tanto tempo, ele simplesmente diz: 'Ah, mas, minha pequena, eu estive aqui ontem à noite, você está ficando com a memória muito fraca, não se lembra que foi ontem à noite que eu lhe disse para limpar a estátua de Nossa Senhora Ísis porque estava ficando muito empoeirada?' Mas isso foi dez dias antes, e não 'ontem à noite', como ele havia dito."

"Agora que você está de volta em casa", eu disse a ela, "você precisa recuperar pelo menos dez dos vinte e cinco quilos que já perdeu. E então, daqui a uma semana, iremos mais uma vez ao hospital para uma segunda avaliação, para ver como você está, ok?"

"Está bem", respondeu ela, a contragosto.

* * *

Tendo passado quase toda a minha vida no Alto Egito e vivido perto da maioria dos sítios importantes dos principais templos e monumentos egípcios, era quase inevitável que eu me deparasse com "reencarnações". De vez em quando, encontrava-me com ressurreições de um rei do Antigo Império ou de um faraó do Médio Império, ocasionalmente de uma rainha proeminente ou, no caso mais modesto, de um vizir do Novo Império. Honestamente, não consigo me lembrar do número de Ramsés, Nefertiti, Cleópatras, Hatshepsuts, etc., que encontrei; e a maioria das histórias que me contaram era sem imaginação, insípida e estúpida. Houve apenas dois casos que realmente valeram a pena ouvir, e ambas as pessoas testemunharam que eram reencarnações de pessoas de uma época...

de origem mais humilde. Omm Sety, obviamente, era uma dessas; a outra era uma americana muito bonita.

Eu a conheci da seguinte maneira: Omm Sety e eu estávamos passando a noite a bordo do Isis, um hotel flutuante que navegava de Nag Hammadi para Luxor e Aswan, e depois retornava. Quando o barco atracou em Nag Hammadi, estávamos jantando e conversando animadamente, quando de repente ouvimos uma voz feminina atrás de nós dizendo: "Vocês se importam se eu me juntar a vocês?" Sem hesitar, Omm Sety disse: "De forma alguma, por favor, sente-se."

Esse encontro inesperado estava destinado a ser um dos incidentes mais desconcertantes e, de certa forma, encantadores que vivi com, e graças a, Omm Sety. Imediatamente, as duas mulheres começaram a conversar como velhas amigas. Fiquei surpreso. Omm Sety, que geralmente era reservada com pessoas que não conhecia bem, conversava com essa americana com uma familiaridade calorosa, afetuosa e até amorosa. Cada uma contava à outra sobre si mesma, o que estava fazendo, os negócios dos filhos, etc. Foi então que...

Essa mulher mencionou que era avó. Vendo meu olhar incrédulo — ela parecia ter uns trinta e poucos anos —, ela foi até sua cabine, voltou com o passaporte e, quando o mostrou para mim, fiquei bastante surpreso ao descobrir que, na verdade, ela tinha apenas trinta e sete anos. Enquanto ela estava fora procurando o passaporte, Omm Sety comentou: "Você não acha ela muito bonita? Ela tem uma aparência tão egípcia! Eu simplesmente a adoro. Ela me parece tão familiar, não sei por quê. Sinto que já a vi ou a conheci antes... Não acho que ela seja totalmente egípcia."

estranho para mim."

Enquanto jantávamos, nossa convidada nos contou sobre sua vida na Carolina do Norte, sua filha casada, seus dois filhos mais novos e como ela e o marido estavam separados havia dois anos. Finalmente, chegou a parte mais fascinante da conversa. Ela disse que uma força estranha a atraía para Omm Sety; assim que a viu, sentiu que precisava conversar com ela sobre sua vida. Ela me perguntou educadamente se eu me importaria se ela perguntasse a Omm Sety sobre sua vida privada. Eu disse que não, de forma alguma.

Aparentemente, ela havia "sonhado" que fora uma dama de companhia no palácio de Akhenaton, em Akhetaton. Ela descreveu com grande precisão como era a vida durante o reinado do "Faraó Herege". Mas o que realmente me surpreendeu foi a riqueza de detalhes com que descreveu o palácio e a cidade. Ela nunca havia estado no Egito antes, e seu grupo de turistas não planejava visitar Amarna para ver as ruínas de Akhetaton. Talvez, pensei, ela já tivesse lido livros suficientes sobre o assunto.

"Período de heresia" para que ela pudesse ser tão bem informada!

Omm Sety parecia estar ouvindo aquela mulher muito bonita.

com algo mais do que apenas ouvidos. Havia um olhar estranho e intenso em seus olhos. E notei, para minha grande surpresa, que essa jovem pronunciava alguns dos nomes do antigo Egito de uma maneira muito peculiar e particular – totalmente diferente da pronúncia à qual eu estava acostumado nos livros didáticos ou em conversas com egiptólogos.

"Pretendo deixar o navio amanhã, pegar um táxi e ir para Amarna para ver o máximo possível dos vestígios de Akhetaton", disse-nos ela. "Você sabe se há algum hotel por perto onde eu possa me hospedar? Eu adoraria passar alguns dias lá", disse ela, dirigindo-se a mim.

"Na própria aldeia não há nada", informei-a. "Mas em Minieh, a trinta quilômetros ao norte, você pode encontrar dois ou três hotéis suficientemente confortáveis... nada luxuoso, mas um quarto limpo, e a comida é realmente muito boa." "É isso, então", disse ela. "É exatamente o que eu preciso. Nada mais."

Omm Sety permanecia em silêncio, e a outra mulher monopolizava a conversa. Eu sabia há muito tempo que o assunto de Akhen Aton não era exatamente um dos favoritos de Omm Sety. Aliás, sempre que eu sentia vontade de provocá-la, de alguma forma eu mencionava Akhen-Aton e invariavelmente iniciava uma de nossas divertidas discussões. Desta vez, porém, havia uma total ausência de raiva, uma completa falta daquela estranha sensação de desconforto que Omm Sety sentia sempre que o nome de Akhen-Aton era mencionado.

De repente, um silêncio se abateu sobre nosso pequeno grupo enquanto saboreávamos a sobremesa. E então veio a inevitável pergunta: "Você acredita em reencarnação, Omm Sety?"

"Sim, minha querida... certamente que sim", respondeu Omm Sety.

"Bem, isso é um alívio, porque eu temia que você achasse a pergunta absurda ou maluca. Meu problema é que sinto um desejo tão irresistível de ir a Akhetaton que estou disposto a abrir mão do resto da minha viagem para poder ver essa cidade. Veja bem, eu tenho algum tipo de ligação com Akhen-Aton. Ele me causa repulsa, e ainda assim me sinto terrivelmente e irresistivelmente atraído por ele – quero dizer, por sua pessoa em si, bem como por sua esposa. Isso faz algum sentido para você, Omm Sety?"

"Faz todo o sentido para mim, não se preocupe com isso, minha querida." "Você não se importa de ouvir minha história, não é? ...Eu não quero

Estragar sua noite. ... Espero não ter estragado seu jantar. ... Veja bem, esta é uma oportunidade divina para eu encontrar alguém com quem conversar. Tem certeza de que não vou te entediar?" Ela se dirigia a mim com um entusiasmo encantador, quase infantil. "Tenho certeza de que estarei ouvindo com muita atenção", eu disse a ela, "e tenho a mesma certeza de que Omm Sety também estará", acrescentei.

"Nasci em uma família bastante rica", começou a mulher, "a única menina entre quatro irmãos. Meu pai era diplomata de carreira, então, naturalmente, viajávamos bastante, principalmente para o Extremo Oriente. Mais tarde, quando meu pai estava prestes a se aposentar, passamos a maior parte do tempo na Europa Ocidental, onde conheci meu marido, que trabalhava como engenheiro."

E meus planos de ir para a faculdade nos Estados Unidos foram simplesmente abandonados. Aos dezenove anos, tive uma filha.

"Quando eu tinha uns doze anos, meu irmão mais velho me deu de presente de aniversário um livro sobre Akhenaton e seu período. Nós dois éramos apaixonados pelo Egito e ficávamos na esperança de que nosso pai conseguisse uma transferência para lá. Enquanto estávamos na Itália, papai atendeu aos nossos pedidos e concordou em passar uma semana no Egito antes de voltarmos para a Dinamarca. Infelizmente, mamãe pegou pneumonia e a viagem ao Egito foi cancelada."

"No livro sobre Akhenaton havia várias fotos de Amarna... algumas cenas muito bonitas dos túmulos. Sempre que eu via essas fotos, quase automaticamente fechava os olhos e me via caminhando rapidamente em um palácio, seguida por duas mulheres da minha idade. Em algum lugar no fundo do palácio havia uma sala grande com uma dama muito bonita esperando que lhe entregássemos alguns itens de uma pequena caixa de cosméticos e de uma maior contendo joias muito bonitas. Essa visão frequentemente me vinha à mente sempre que o Egito estava em visita."

mencionado.

"Quando eu tinha quinze anos, acordei uma manhã e, para meu total espanto, encontrei algumas páginas escritas no meu caderno que reconheci imediatamente como minhas... mas a caligrafia era bastante rabiscada, como se eu tivesse escrito as linhas às pressas. Nunca fui sonâmbula e, se fosse, isso não teria permanecido um segredo para os outros seis membros da minha família ou para os funcionários da casa. Então fiquei intrigada... e assustada também!"

"Isso durou uma semana, ao final da qual me dei conta de que minha vida anterior estava sendo ditada e revelada para mim com muita clareza por alguém que falava inglês com um sotaque muito estranho, um sotaque que eu nunca conseguia decifrar. Ocasionalmente, essa pessoa, vestida quase como um monge jesuíta, murmurava algumas palavras em um idioma que soava um pouco como espanhol, mas eu nunca tinha certeza. Ele era sempre reservado, bastante distante e reticente. Pouco antes de me casar, eu estava bastante convencido de que, há muito, muito tempo, eu havia tido uma vida anterior em..."

Egito. Eu tinha quase certeza de que reconheceria o lugar onde morei se algum dia o visse neste país.

"Sou a terceira filha da minha família, e você pode se surpreender se eu lhe disser que meus irmãos mais velho e mais novo foram os únicos dois da família que acreditaram em mim. Os outros, incluindo meus pais, pensaram que tudo isso era uma espécie de alucinação, e minha mãe ficou apavorada."

Ela suspeitava vagamente que eu tivesse me viciado em algum tipo de droga, mas garanto que nunca experimentei nenhuma e nem gosto de beber. Nunca fumei cigarros. Apenas sinto que minha vida foi, e talvez ainda seja, associada de uma forma ou de outra a Akhen-Aton e, principalmente, a Nefertiti – e a vontade de visitar o palácio em Akhetaton é forte demais para eu resistir!

Ela prosseguiu, dando detalhes minuciosos de sua vida como dama de companhia da Rainha Nefertiti. Disse que a Rainha era muito apaixonada por seu marido. Disse também que ele era melancólico e extremamente temperamental, que não era tão terrivelmente deformado quanto aparentava em suas representações esculpidas e que seus olhos eram irresistíveis para qualquer mulher. Seu olhar era sonhador, terno, apaixonado e, às vezes, tão intenso que ninguém conseguia encará-lo por muito tempo. Disse que ele ansiava por um filho – um príncipe para herdar o trono – que desse continuidade à sua linhagem.

ensinamentos sobre o monoteísmo; mas, apesar disso, ele era um pai muito amoroso para suas filhas. Ela rejeitou como absurdo qualquer ideia de que ele fosse homossexual – algo que encontra apoio aos olhos de alguns escritores modernos extravagantes. Ela foi tão precisa em sua descrição de Akhenaton e Nefertiti, e dos incidentes que ocorreram na casa real, que até mesmo Omm Sety, com seu profundo e às vezes irracional ódio por ele, ouviu atentamente sem proferir um único comentário. Só esse fato já me surpreendeu muito. Até eu, com Meu ceticismo em relação a pessoas que fingiam ser reencarnações de uma figura ou outra foi realmente bastante dissipado.

Só nos demos conta de como o tempo passou rápido quando, olhando em volta, vi que todos os outros turistas já tinham ido dormir e que havia apenas dois garçons bocejando e conversando em voz baixa num canto do salão de jantar. Olhando para o meu relógio de pulso, fiquei alarmado ao constatar que já eram duas e meia da manhã e que a americana estava falando há mais de quatro horas! Omm Sety teve que ser levado de volta para Abidos, pois se recusou terminantemente a passar a noite lá.

As poucas horas que nos restavam — em nosso lugar em Nag Hammadi. Quando estávamos prestes a nos despedir, um silêncio pesado nos envolveu por alguns minutos. Omm Sety sempre fora imprevisível; a única emoção extrema que ela expressava na minha presença era raiva, especialmente quando ouvia alguém falando em voz alta dentro do Templo de Sety ou fazendo algum comentário desdenhoso sobre o antigo Egito. Mesmo quando sofria de uma úlcera varicosa extremamente dolorosa, ela nunca se entregava a um choro. O que aconteceu na nossa partida foi realmente impressionante.

Apertamos as mãos da americana, que espontaneamente beijou cada um de nós. Desejamos-lhe uma boa viagem a Akhetaton. Ela

continuou a acenar enquanto descíamos as escadas do navio; e então, de repente, Omm Sety parou, virou-se e

Começou a voltar, e a americana correu ao seu encontro. Com a voz quase embargada, disse: "Oh, minha querida Omm Sety!" As duas mulheres se abraçaram, chorando e soluçando como se mãe e filha se despedindo para sempre. Fiquei sem palavras.

Três semanas depois, recebi uma breve carta de nossa amiga americana, que já havia retornado para casa, enviando seus melhores votos a Omm Sety e a mim. Ela estava radiante com sua visita a Amara, embora restasse muito pouco do palácio de Akhen-Aton ou da própria cidade. Os túmulos estão muito deteriorados. Ela passou quatro dias visitando cada um dos que lhe foi permitido entrar e demorou-se bastante nas ruínas do palácio. Quando mostrei a carta a Omm Sety, ela começou a soluçar, beijando a carta e murmurando: "Pobre criança, minha pobre querida".

"Meu bem... eu queria muito poder ver Ísis de novo!"

Fiquei bastante comovido. Era a primeira vez que a via chorar; e para mim, foi muito estranho ver uma mulher tão forte e corajosa como Omm Sety soluçando pela partida de uma mulher que ela havia encontrado apenas uma vez. Quando ela se recompôs, eu disse: "Omm Sety, já faz mais de oito anos que nos conhecemos e ambas encontramos todos os tipos de reencarnações. Por que você se sentiu tão fortemente em relação a esta?" "Ah, ela é diferente", respondeu Omm Sety, "bem diferente de todas as que vimos antes. Esta é uma verdadeira, como eu."

"Como você sabia?", perguntei. "Embora eu mesmo não negue que fiquei bastante impressionado com sua franqueza inocente e sua aparente honestidade."

"Sem falar da beleza dela!", comentou Omm Sety, sorrindo. "Isso também. Ela parecia uma mulher tão normal e saudável – não o tipo estar sujeito a alucinações."

"Tudo o que ela disse era absolutamente verdade", disse Omm Sety. "Você não encontra informações tão precisas em nenhum livro. Lamento muito que você não tenha trazido seu gravador. Você teria gravado muito conhecimento sobre o homem que tanto admira. Esta foi uma oportunidade única, e ela foi completamente honesta."

"Você acredita que toda essa história foi revelada a ela em um sonho?"

"Exatamente. Não poderia ser diferente. A mesma coisa aconteceu comigo. A única diferença é o período de tempo durante o qual cada uma de nós ouviu sua própria história. As circunstâncias são bastante semelhantes, no entanto. E raramente me senti assim em relação a alguém. Senti que ela era o que chamamos de 'alma gêmea' - embora me parecesse que você era uma cética convicta, pelo menos no início! Mais tarde, sua atitude mudou. Estou certa?"

"Você não sabe o quanto está certo! De fato, quando ela começou..."

Ao dizer que ela era avó, comecei a duvidar dela. Sabe, conforme ela continuava a contar sua história, eu senti... mal consigo descrever, mas acredito que percebi uma dimensão espiritual em sua história, e sua aparente e bastante receptiva aceitação a tornou crível. Devo admitir que ela tinha uma inocência que, para mim, foi bastante desarmante.

"O fim dela foi, obviamente, triste", disse Omm Sety. "Pois você sabe que todos os seguidores de Akhen-Aton foram desprezados e maltratados após sua morte. Mas pelo menos ela aproveitou sua estadia em Akhetaton depois que sua senhora, Nefertiti, a deixou para passar seus últimos dias em Tebas. Eu sei que Nefertiti morreu em Tebas e sei onde foi enterrada – se eu lhe disser, você nunca acreditará! Quando chegou a hora de nossa amiga se juntar à família em Mênfis – porque aparentemente ela vinha de uma família da classe média alta e seu pai era chefe de obras no Templo de Horemheb em Sacara, como ela nos contou – ela hesitou bastante. A pobre moça, ela podia imaginar o destino que lhe reservava! Ela foi marcada para o resto da vida como seguidora do rei herege, o criminoso de Akhetaton, como os sacerdotes de Amon o chamavam merecidamente. Pobrezinha... ela devia ser uma fervorosa crente na religião de Aton, pois se apegou firmemente a ela até o fim." Ela devia ser uma mulher extremamente corajosa. Você sabe como os sacerdotes de Amon se vingaram de todos os pobres seguidores de Akhen-Aton!

"Sim, tive uma ideia, que se danem!" exclamei. "Eles mergulharam o país inteiro num caos terrível só para se vingarem de um rei morto. Devem ter sido uma corja bem grosseira. Talvez nunca tenham compreendido que a religião de Aton, apesar de todas as suas falhas, transcendia toda aquela mesquinharia que pregavam!"

"Eles não pregavam bobagens", respondeu Omm Sety com raiva, "e Akhen-Aton nunca apresentou nada de novo ou desconhecido para os intelectuais egípcios. Você não deve culpar o sacerdócio pela situação caótica em que o Egito se encontrou após a morte de Akhen-Aton. A situação já estava caótica... em todo o Império!"

"E se a história da nossa amiga tivesse sido ditada para ela por alguma entidade espiritual, falando inglês com sotaque? Não soa um pouco bizarro?"

"Oh, não, de jeito nenhum. O homem que lhe apareceu como um monge jesuíta era, na verdade, a reencarnação de alguém que a conhecia bem em sua vida anterior... Mas, quanto a Akhen-Aton, não quero ser injusto com esse herege tolo. O que realmente questiono são seus motivos, e não a maneira como ele pregava sua nova fé. E, para mim, é extremamente irritante ver tanto tempo e atenção ainda sendo dedicados a esse homem e sua família maldita, e tão pouco a..."

Digamos, o período glorioso de Thotmes III [o trisavô de Akhenaton, muitas vezes chamado de Napoleão do Egito]!

* * *

Ao falar sobre a Abidos de Omm Sety, é inevitável prestar homenagem ao grande egiptólogo Auguste Mariette (o primeiro diretor do Departamento de Antiguidades Egípcias, que viveu entre 1821 e 1881), que iniciou as primeiras escavações sistemáticas em Abidos. Ao chegar lá, deu algumas pancadas com uma enxada e imediatamente descobriu uma parede pintada desconhecida. Assim, para espanto dos bons camponeses da "Aldeia Enterrada", descobriu os primeiros vestígios do Templo de Ramsés, que estava completamente coberto de areia – assim como todos os outros templos e túmulos da região. (O nome da aldeia era evidentemente bem merecido.)

Um dos moradores idosos disse a Mariette que sempre morou na aldeia e nunca tinha ouvido falar de nenhuma muralha antiga em El Araba El Madfouna. "Quantos anos você tem para se lembrar onde era?", perguntou ele a Mariette.

"Tenho três mil anos", respondeu o egiptólogo com indiferença. "Bem, então", disse o velho camponês após uma longa pausa, "se você é tão velho e ainda parece tão jovem, você deve ser mesmo um homem santo. Deixe-me dar uma olhada em você!"

Quase cem anos depois desse dia memorável, Omm Sety veio para Abidos para viver na Cidade Santa. Tenho certeza de que, se ela estivesse lá na mesma época que Mariette, teria lhe dito onde cavar, pois também se lembrava de onde as coisas ficavam antigamente. Perguntei a ela se não estava preocupada com o abandono dos templos ali, já que nenhuma grande atenção havia sido dada à área desde a época de Flinders Petrie (1853-1942), no início deste século.

"Comecei a me preocupar seriamente com isso em 1967", ela me disse, "especialmente com os possíveis danos que os voos supersônicos sobre a área poderiam causar aos templos. A cobertura do Templo de Seti, embora construída em concreto, era, obviamente, uma grande proteção. Quanto ao Templo de Ramsés, você sabe o que aconteceu com ele. Seu saque pelos britânicos foi um dos roubos mais vergonhosos e monumentais da história! Mas, sabe, ainda estou muito preocupada com o que pode acontecer agora com os templos e túmulos... especialmente o de Osirion. As pessoas da aldeia vivem me falando sobre o nível da água subterrânea, que não para de subir."

"Eu também estou terrivelmente preocupado com tudo isso", eu disse a ela. "Espero poder levantar toda essa questão no Congresso Internacional de Egiptologia, este ano [1976], e ter a oportunidade de protestar veementemente contra o que está acontecendo com nossos

templos. Talvez alguém esteja..."

capaz de solicitar fundos da UNESCO para salvar o Templo de Sety em seu benefício!"

"Espero que minha senhora Ísis seja bondosa o suficiente para me salvar de ver tudo desmoronar", disse ela, com um tom de súplica. "Sabe, lutei tanto para conseguir um telhado, e agora não sei como vamos impedir que essa maldita água subterrânea continue a subir."

"Diga-me, Omm Sety", eu disse, tentando mudar de assunto, "a terra por aqui era tão exuberante em sua vida anterior quanto é agora?"

"Eu já lhe disse", respondeu ela, "que Hor-Ra, que me contou a história de Bentressyt, revelou-me que minha mãe era vendedora de verduras - uma bela ancestralidade! - e me lembro vagamente de que o alface e as cebolas produzidas nesta região eram muito especiais... e muito saborosas mesmo! Mas pelo menos o Templo de Seti, apesar dos estragos do tempo e da loucura do fanatismo, ainda é tão majestoso e inspirador quanto era quando Ramsés o estava terminando... e por isso sou muito grata aos deuses."

"Sabe, quando voltei aqui em 1956, só senti falta do jardim onde conheci Sua Majestade pela primeira vez. E às vezes gostava de imaginar que a qualquer momento as casas do lado norte do templo desmoronariam e o palácio onde Sua Majestade costumava passar seus dias aqui em Abidos ressurgiria e brilharia em toda a sua glória!"

"Além dos seus encontros com Sua Majestade", perguntei, "você deve ter tido vários encontros ou experiências espirituais aqui. Alguma vez encontrou algum de seus deuses ou deusas dentro do templo?"

"Não, nunca", disse ela. "Mas uma vez, no aniversário do meu senhor Osíris — e depois de ter oferecido as habituais oferendas de cerveja e incenso — ouvi claramente o rufar dos sistros e uma bela música celestial que preencheu todo o templo. Senti-me enfeitiçada e não consegui me mover do lugar onde estava orando na pequena Capela do Culto, dentro do Complexo de Osíris."

"Se a música preencheu o templo, como você diz, então suponho que alguém mais também a tenha ouvido", imaginei.

"De fato, havia um novo vigia naquele dia - um rapaz simpático chamado Mohammed, que se sentiu na obrigação de me acompanhar até lá dentro porque era logo após o pôr do sol e o templo estava completamente escuro... embora eu tenha encontrado o caminho sem precisar usar uma lanterna."

"E será que o seu jovem anjo da guarda também ouviu a música?"

"Eu realmente entrei em uma espécie de transe", explicou ela. "A música era muito bonita, muito melodiosa e de outro mundo."

... lembrava Bach. Mas eu nem sequer tinha consciência da presença de Mohammed. Lembro-me, muito vagamente, de ouvir passos, como se alguém estivesse correndo com muita pressa, mas a música nunca parou. No dia seguinte, perguntei a Mohammed se ele tinha ouvido

alguma coisa e ele disse que sim.

Mas ficou apavorado; então saiu correndo do templo e jurou que nunca mais entraria lá, a não ser em plena luz do dia. Mas teve vergonha de contar a alguém que me havia deixado sozinha lá dentro."

"Você já sentiu alguma presença espiritual lá?", perguntei a ela, "como se sentisse que alguma entidade espiritual estivesse tentando se comunicar com você, como Sua Majestade faz?"

"Sim, duas ou três vezes", ela me disse. "A última vez foi quando eu estava diante da enigmática inscrição no Salão Soker [na ombreira interna norte da porta da Capela de Nefer-tem], e me perguntando, talvez pela centésima vez, o que diabos aquilo significava. Veja bem, era como um desafio constante, e eu sempre sentia que era uma vergonha ter conhecido e lido todas as inscrições do templo, exceto esta. E eu fiquei lá parada, quebrando a cabeça. Então me sentei no chão, dobrei os joelhos e coloquei a cabeça entre as paredes do templo e a inscrição.

as palmas das minhas mãos e os meus cotovelos apoiados nos meus joelhos; e ouvi uma voz atrás de mim dizendo em língua antiga: 'Leia-a.

...Leia.' Olhei em volta... não havia ninguém... mas a mesma voz repetia a mesma ordem. Então olhei para a inscrição enigmática e me vi, pela primeira vez em anos, capaz de ler todo o texto em voz alta, mas de alguma forma não consegui reconhecer minha própria voz. Definitivamente não era a minha voz.

"As mulheres daqui e das aldeias vizinhas visitam o templo quando são estéreis e desejam muito um filho?", perguntei.

"Ah, sim... com certeza. Mas eu sempre os aconselho a fazer uma oferenda a Hátor [a deusa do amor e da beleza], seja no nono pilar do segundo pórtico [que mostra Ramsés abraçado por Hátor] ou na Capela de Nefer-tem, onde a deusa é representada como um falcão com cabeça de mulher."

"Funciona? Eu sei que no Templo de Dendera praticamente todas as mulheres da aldeia fazem esse tipo de oferenda a Hathor."

"Ah, funciona!" exclamou ela. "Sempre funciona, exceto em casos raríssimos. E se não funcionar, não é culpa de Hathor, mas provavelmente um caso de 'cherchez l'homme' e não 'cherchez la femme'!"

"Mas, sabe, eu sempre adorei ajudar as mulheres daqui durante os partos. Nunca fui muito útil como obstetra, mas o milagre do nascimento sempre me fascinou; e não tínhamos nenhum tipo de assistência médica até a inauguração do hospital da aldeia, há alguns anos. Eu costumava notar, para meu grande espanto, que as mulheres não se deitavam de costas na cama como as mulheres fazem em todos os outros lugares, mas sentavam-se eretas em uma cadeira especial e seguravam uma longa faca na mão direita como a deusa Tawert [a figura feminina].

[Deusa hipopótamo, protetora das crianças]. Você se lembra do relevo entalhado de Tawert no Salão de Soker?

"Sim, eu disse. "As tradições são difíceis de morrer nesta parte do Egito. ...

Mas será que essa posição vertical é adequada para um parto fácil?

"Eu mesmo não experimentei", disse Omm Sety com uma risadinha, "mas aparentemente é extremamente útil."

"Eu entendo por que a cadeira é necessária", comentei, "mas qual é o sentido de uma faca na mão de uma mulher dando à luz?"

"Não é para cortar o cordão umbilical, como eu pensava antes", disse ela, "mas sim para afastar os espíritos malignos, para que a criança tenha corpo e alma sãos."

"Recentemente, deparei-me com uma nova teoria que especula que, no antigo Egito, o parto era realizado debaixo d'água", mencionei, "e que esse seria o verdadeiro significado da escolha do hipopótamo como protetor das crianças. Alguns obstetras acreditam que, se a mãe for imersa na água, isso alivia as dores do parto. Será que funciona mesmo?"

"Por que não?", declarou ela. "Já vi múmias com partes do crânio cortadas com muita precisão, indicando um nível altamente avançado de cirurgia cerebral. Se os antigos egípcios chegaram tão longe em relação a uma das operações cirúrgicas mais complexas, não vejo por que não poderiam ter descoberto o método mais fácil e menos doloroso para o parto. Na verdade, sabemos muito pouco sobre a ciência do antigo Egito. O que escapou ao holocausto da Biblioteca de Alexandria e o que não foi levado pelos persas quando deixaram o Egito é bastante...

insignificante."

"Mas a medicina e a cirurgia egípcias dependiam muito de magia, amuletos, fórmulas secretas, etc.", interrompi.

"Nem sempre", respondeu ela. "Sabemos muito pouco sobre o conhecimento deles a respeito de ervas medicinais. Os documentos que sobreviveram são, na minha opinião, bastante inadequados e talvez até um pouco enganosos..."

"Mas, falando em textos mágicos, que mal há se eles cumprem um propósito benéfico? Veja, por exemplo, o caso da estela do escorpião. Há alguns anos, havia um pequeno pedaço de pedra inscrita no início do campo... logo depois da casa de repouso, do outro lado do canal. E havia um feitiço nessa estela que afastava os escorpiões. Sabe, ocasionalmente, durante o verão, alguns escorpiões aparecem e se tornam um verdadeiro incômodo para as crianças, que não lhes dão atenção. Ora, enquanto essa estela permaneceu no campo, a estela foi colocada em um local seguro e limpo, e os escorpiões foram afastados. A ...

Como chefe de campo, todos notaram que os escorpiões nunca apareciam nem no campo nem na aldeia. Então, um dia, um inspetor viu a estela e achou que era seu dever levá-la aos depósitos do Departamento em Sohag. Acredite ou não, naquele mesmo dia, uma criança teve que ser levada ao hospital para ser tratada por uma picada

de escorpião; felizmente, ela foi salva pelo nosso médico local.

"Sei que alguns rosacruz e alguns membros da Ordem dos Shriners já me visitaram."

"Aqui durante os últimos anos", mencionei, "e que alguns deles passaram a noite dentro do templo com vocês. O que o templo lhes oferece?"

"Paz, serenidade, às vezes verdadeira felicidade", respondeu Omm Sety. "Há alguns anos, havia uma americana, uma senhora de excelente educação, que havia perdido o filho no Vietnã. Alguns membros influentes dos Rosacruz disseram a ela para vir ao Egito e fazer uma peregrinação a Abidos. Então ela deixou seu grupo em Luxor e viajou para cá; e passou o dia e a noite comigo. Primeiro, eu a fiz jejuar e realizar uma ablução para purificação. Depois, ela me disse que esperava que a Senhora Ísis fosse bondosa o suficiente para colocá-la em contato com..."

seu filho. Então, orei fervorosamente à minha senhora Ísis, talvez como nunca antes em toda a minha vida, por ela. Um pouco depois da meia-noite, no templo, ambos ouvimos uma música belíssima — então ela parou, e ambos dormimos. Por mais estranho que possa parecer, tive uma noite sem sonhos, mas a senhora americana acordou no dia seguinte muito feliz e descansada. Sumiu o olhar tenso e miserável de alguém que suportou grande dor. Ela me contou que tinha visto seu filho em um sonho quase como a realidade. Ele apareceu de camiseta, sorrindo e relaxado, e disse a ela que havia morrido instantaneamente, sem sofrer — uma bala atravessou sua cabeça uma semana antes do fim das hostilidades — e disse que ela não deveria se preocupar porque ele estava muito feliz onde estava. E quando a mulher foi embora, chorou incontrolavelmente por alguns minutos enquanto se despedia... Muitas pessoas podem ser aliviadas de sua agonia se confiarem na bondade amorosa.

da minha senhora Ísis."

"Você pretende transformar este templo em um palácio de culto, como era na época de Sety?", perguntei a ela.

"Quem me dera", disse ela. "Hoje, Abidos é de fácil acesso. Talvez você se lembre de que, quando Kissinger veio ao Egito durante sua diplomacia itinerante em 1973, alguns de seus acompanhantes expressaram o desejo de visitar Abidos, mas não puderam porque a estrada entre aqui e Balyana estava em péssimo estado. Então eu, por minha vez, fiz minha própria diplomacia itinerante entre o governador de Sohag e o diretor da Administração de Estradas e Pontes, e os convenci."

que, agora que a paz estava chegando, valeria a pena asfaltar a estrada e cobri-la com betume. O governador, que era realmente um homem notavelmente inteligente e enérgico, deu ordens para que isso fosse feito... e agora estamos em contato com o mundo exterior."

Omm Sety costumava me dizer que sob o majestoso Templo de Sety há um tesouro do templo à espera de ser descoberto e um documento único.

Aguardando restauração e reconstrução. O documento em questão — o diário de Seti I — foi escrito em papiro; e com o passar de mais de três mil anos, deve ter se desintegrado em fragmentos ou mesmo em minúsculas partículas. Com o auxílio de computadores especiais, esses papiros podem ser remontados por especialistas competentes. (Já presenciei milagres e maravilhas de restauração.) O que torna este documento único é que, aparentemente, é o único diário conhecido escrito pelo próprio rei, e não por seus escribas.

As observações de Omm Sety sobre a existência deste diário e deste tesouro não podem ser posta em dúvida, pois nas próprias paredes do templo há inscrições que indicam que ambos estão escondidos em algum lugar dentro dele. As escavações tornaram-se muito mais sofisticadas, com a introdução de equipamentos eletromagnéticos, dispositivos eletrônicos, fotografia infravermelha e detectores de metal. Talvez, entre todas as pessoas que viram, admiraram e amaram o Templo de Sety, em breve haja alguém que não hesite em financiar esta importante obra.

projeto de escavação.

Como importante? Perguntei certa vez a Omm Sety. E ela respondeu:

"Acredito que a descoberta dos anais será a maior descoberta da história egípcia, pois neles estaria registrado um relato de eventos de um período muito crítico da história do Egito. Esses anais provavelmente foram escondidos durante o reinado de Ptolomeu III (c. 246-221 a.C.), quando ele ordenou que todos os templos do Egito entregassem seus livros à grande biblioteca de Alexandria. Sem dúvida, os livros que foram entregues — provavelmente algumas odes aos deuses ptolomaicos, vários Livros dos Mortos, alguns livros de hinos — eram bastante supérfluos. Qualquer coisa de real importância teria sido escondida."

"E eu também acredito", continuou ela, "que o tesouro secreto ainda não foi descoberto. No conjunto de salas que chamamos de Arquivos ou Biblioteca, há menção a tal tesouro; e até agora nenhuma parte do edifício foi descoberta que pudesse razoavelmente ter sido usada como um tesouro. Há outra peculiaridade: a altura do piso nesses Arquivos, em contraste com a altura do piso dos salões — particularmente do Salão dos Barcos e do Salão dos Açougueiros, que ficam imediatamente a leste — revela uma diferença de quase quatro metros."

...Então, o que será que tem lá embaixo? Talvez haja outro conjunto de cômodos!

Omm Sety discutiu comigo a melhor maneira de investigar essa questão sem colocar em risco a segurança do próprio templo, que já estava ameaçado pela elevação do lençol freático e pelos sinais alarmantes de um afundamento gradual do pavimento no centro dos Salões Hipostilos. Omm Sety e eu estávamos extremamente

preocupados com essa ameaça. Não se pode negar os consideráveis esforços empreendidos pelo Departamento de Antiguidades para lidar com esse problema. Agora, na década de 1980, o problema atingiu um nível alarmante.

A magnitude do problema é tamanha que fica claro que um esforço cooperativo internacional concertado para salvar esse precioso patrimônio de toda a humanidade se tornou uma necessidade absoluta — assim como o resgate dos templos da Núbia há muitos anos. Como Omm Sety me disse certa vez: "O Templo de Sety e outros semelhantes resistiram a muitas tempestades e à destruição desenfreada causada pelo homem por mais de três mil anos. Creio que podem resistir ao desafio vindo de baixo por muitas décadas. Mas espero poder ir a Amenti antes que algo aconteça a Abidos!"

* * *

No início da década de 1970, eu passava minhas férias no Templo de Sety para tirar fotos para o livro que Omm Sety e eu havíamos decidido fazer em colaboração; e ela me ajudava a escolher a melhor hora do dia para fotografar cada parte do templo. Eu sempre me surpreendia ao ver como as expressões dos deuses e deusas mudavam de hora em hora, dependendo da intensidade e do ângulo da luz — era algo realmente impressionante. Nunca vi uma carranca, um olhar de desprezo, raiva ou insatisfação em nenhum dos rostos. Certa vez, comentei com Omm Sety que me parecia haver alguma semelhança entre as deusas e o próprio Rei Sety. Ela sorriu e disse que não era a primeira vez que eu fazia esse comentário e que, de fato, a semelhança existia. Sety, disse ela, simplesmente adorava sua mãe e queria imortalizar sua imagem nos rostos daquelas deusas extremamente elegantes, esbeltas e belas. E Omm Sety me disse que ele se parecia muito com a mãe.

"Conte-me sobre a mãe dele", eu lhe disse.

"Oh, ela devia ser de uma beleza extraordinária", informou-me. "Basta olhar para o rosto das deusas Renpet ou Maat para perceber quão bela ela devia ser. E basta olhar para a reconstituição do seu rosto, feita pela genial Anni Quibell [a escavadora e desenhista escocesa, 1862-1927], para ver quão belo e másculo era Sua Majestade."

"Ele chegou a falar dela com você?", perguntei.

"Claro que sim, mas não com tanta frequência quanto você imagina. Sempre evitei que ele falasse sobre sua vida familiar. Sabe, não era uma vida muito feliz, e ele sempre se esquivava de falar sobre isso."

"Mas suponho que ele teve uma infância feliz", arrisquei. "De certa forma, ninguém esperava que seu pai, Ramsés I, se tornasse rei, e sabemos tão pouco sobre seu breve reinado."

"É bem verdade", disse ela. "Mas quando ele era jovem, o pai dele 'brincava de militar' até em casa. Foi o que Sua Majestade me contou."

Ramsés I era um militar de carreira e muito durão."

conforme eles os fabricam. Se você assistir a um filme da Primeira ou da Segunda Guerra Mundial, observe qualquer sargento para ver como ele grita suas ordens e como tenta intimidar os novos recrutas, e você terá uma ideia do comportamento de Ramsés I."

"Sua Majestade alguma vez lhe demonstrou isso? Quero dizer, ele tentou imitar o pai?", perguntei-me.

"Certa noite", respondeu Omm Sety, "Sua Majestade apareceu mais cedo do que o esperado, e estava bastante sombrio e deprimido. Fiquei realmente muito perturbado. Quando lhe perguntei o que havia de errado, ele disse que era o aniversário da execução de seu filho mais velho, a ovelha negra da família, que tentou derrubar o pai nos primeiros anos de seu reinado. Ele foi julgado por um tribunal, considerado culpado e executado. Como você sabe, as pessoas que morriam dessa maneira nunca eram enterradas adequadamente, mas sim envoltas no tecido mais comum, geralmente feito de palha trançada como o maktaf, e o corpo era então jogado sem cerimônia em uma vala comum, e o nome da pessoa era apagado de todas as inscrições."

"Foi, portanto, uma noite particularmente triste para Sua Majestade. Tentei arduamente pensar em algo para distraí-lo e fazê-lo parar de remoer esse terrível incidente. De repente, pensei em perguntar-lhe sobre o Rei Ramsés II – seu amado filho – e sobre sua própria mãe. Eu já sabia que ele sempre teve um relacionamento muito ruim com sua esposa, a Rainha Tuy, e com sua filha, e sempre evitei cuidadosamente mencionar seus nomes. Para meu alívio, ele escolheu falar sobre sua mãe e sobre como ela costumava imitar seu pai quando ele gritava ordens no palácio, e sua mãe sempre respondia de bom grado: 'Sim, meu comandante!' 'Claro, meu comandante!' E gradualmente Sua Majestade foi se sentindo mais à vontade."

* * *

Sempre que eu achava que Omm Sety estava fisicamente apta para uma longa viagem, eu a convidava para visitar lugares importantes como Kom Ombo, Edfu, Esna e Luxor. Ela nunca se mostrou particularmente entusiasmada com os templos ptolomaicos... e, na verdade, eu também não. As esculturas nesses templos são bastante elaboradas, mas não muito inspiradoras. Omm Sety costumava observar as cenas com um olhar casual; então, com um sorriso intrigado, dizia:

"Olhem para aquelas mulheres. Elas não parecem nem deusas nem rainhas; podem até ser bonitas, mas de uma forma grosseira e vulgar."

"Acho que concordo com você, Omm Sety. Não encontro nada de divino ou majestoso nessas personalidades. Além disso, a mutilação

sistemática dos membros e rostos dos deuses é terrível. É uma grande sorte que os primeiros coptas do Egito não tivessem escadas altas o suficiente para alcançar o topo da estátua."

seções superiores da escultura, salvando-as assim da destruição." "Mas ainda assim", declarou ela, "mesmo as cenas intactas não são tão Lindas. As mulheres têm atributos muito espetaculares, mas não parecem naturais. Olhe para esses seios enormes! Eles causariam um alvoroço dentro de um ônibus lotado no Cairo ou em Londres, não acha?"

"Sim", eu disse, rindo, "eles são realmente muito artificiais, mas talvez essa seja a influência da escola grega de escultura."

"Não tenho tanta certeza disso", comentou ela. "A escultura grega sempre teve muita consciência da harmonia das linhas no corpo humano. Mas essas criaturas horríveis não têm absolutamente nada disso!"

"Pelo menos a arquitetura é bastante impressionante", acrescentei, "embora seus criadores tenham contribuído muito pouco, em termos estilísticos, para a antiga escola egípcia."

"Eles não fizeram e não poderiam", afirmou Omm Sety, "porque tudo o que aprenderam já havia sido feito em On, Mênfis ou Tebas. Há, no entanto, um novo estilo que podemos dizer que eles introduziram em nosso país."

"E o que seria isso?"

"Seios e nádegas em geral!", ela me disse, rindo. "Existem formatos de seios e nádegas suficientes para representar toda a gama de tamanhos de roupas íntimas femininas inglesas, francesas e alemãs!"

* * *

Em outra ocasião, quando o falecido Professor John A. Wilson, do Instituto Oriental de Chicago - um velho e querido amigo de Omm Sety

— era hóspede da Chicago House em Luxor, e ambos fomos convidados a passar a véspera de Natal com ele. Como de costume, Omm Sety era o centro das atenções e estava cheio de sagacidade e bom humor; e, pela primeira e última vez na vida, ela concordou em passar a noite na Chicago House. Na manhã seguinte, porém, ela insistiu em voltar para Abidos o mais rápido possível. Eu queria que ela fosse examinada por um cardiologista antes de voltar para casa, mas ela não queria nem ouvir falar em exame médico. Discutimos, mas finalmente a convenci a Ela concordou em fazer o exame médico necessário. Ela estava muito bem para a idade dela.

No caminho de volta para Abidos, passamos por um antigo cemitério no deserto, nos arredores de uma vila chamada Sheikh Aly. Logo notei o que parecia ser uma pintura recente em um túmulo — algo bastante incomum em cemitérios muçulmanos. Nossa curiosidade foi despertada e ela disse que o assunto merecia uma análise mais

detalhada. Eu já havia passado por esse mesmo cemitério centenas de vezes, mas essa foi a primeira vez que notei pinturas tão incomuns nos túmulos. Ao examinarmos mais de perto, descobrimos, para nossa grande surpresa, que todos os túmulos, sem exceção, estavam pintados; porém, a poeira do deserto e o sol haviam desbotado as cores.

a ponto de até as cores terem desaparecido. Cada túmulo tinha alguma pintura relacionada ao trabalho ou profissão da pessoa ali sepultada: o de um padeiro mostrava pães de formatos variados, enquanto o túmulo de um açougueiro era decorado com pedaços selecionados de bois abatidos. Omm Sety, com seus incríveis poderes de observação, conseguiu decifrar muitas cenas pintadas. Mas, de repente, ela entrou em pânico.

exclamando:

"Ai, meu Deus, os gatos!"

"Não se preocupe, Omm Sety", tentei tranquilizá-la. "Eles nasceram ladrões e duvido muito que passem fome."

"Não tenho certeza se deixei comida suficiente para o café da manhã e o almoço deles", disse ela, nervosa.

"O açougue não fica longe da sua casa", lembrei-lhe, "e tenho certeza de que eles se tornarão seus clientes, quer ele queira ou não."

"Estou preocupada com Hatshepsut", ela me disse. "Essa gata é tão impiedosa e cruel quanto a própria Hatshepsut. Tenho certeza de que agora ela está me xingando, cuspidando e me insultando!"

"Nomes? Tipo o quê?", perguntei a ela, sorrindo.

"Muito provavelmente 'Ya bint Sittin Kalb, Fen El Akl [Filha de sessenta cães, onde está nossa comida?]'."

Quando meu motorista voltou para Nag Hammadi, depois de levar Omm Sety até sua casa, ele me disse, com um olhar de total perplexidade: "Todos os gatos, cachorros, gansos e coelhos estavam esperando por ela do lado de fora da porta da frente, fazendo um barulho infernal, alto o suficiente para acordar os mortos. Mas o que era realmente estranho, senhor, é que todos os pratos estavam cheios de comida para aquelas criaturas horríveis. Elas certamente não estavam com fome. Mas por que todo aquele barulho horrível?"



Seti I oferecendo um colar de ouro usekh a Osíris na Capela do Culto de Osíris, Templo de Seti.



Ísis e Osíris, tal como aparecem na parede norte do Segundo Salão Hipostilo, Templo de Seti.



Omm Sety sentado no chão da "ilha" do Osirion, março de 1958. Desde que esta fotografia foi tirada, o leito do Nilo subiu, deixando a "ilha" - assim como o Salão Central do Osirion - permanentemente submersa e completamente coberta por juncos.



O Sarcófago de Osirion, em cujas paredes estão representados corpos astrais (aqui chamados akhu ou "espíritos glorificados") deixando seus corpos terrenos. Omm Sety, que afirmava "viajar" dessa maneira, certa vez disse sobre essa cena representada: "Como você pode ver, os corpos astrais estão vestidos, mas não há nenhum dos 'cordões de prata' que os teosofistas, entre outros, acreditavam estarem ligados aos corpos terrenos durante as experiências fora do corpo."



Omm Sety e sua amiga e colaboradora de vinte e cinco anos, Hanny El Zeini.



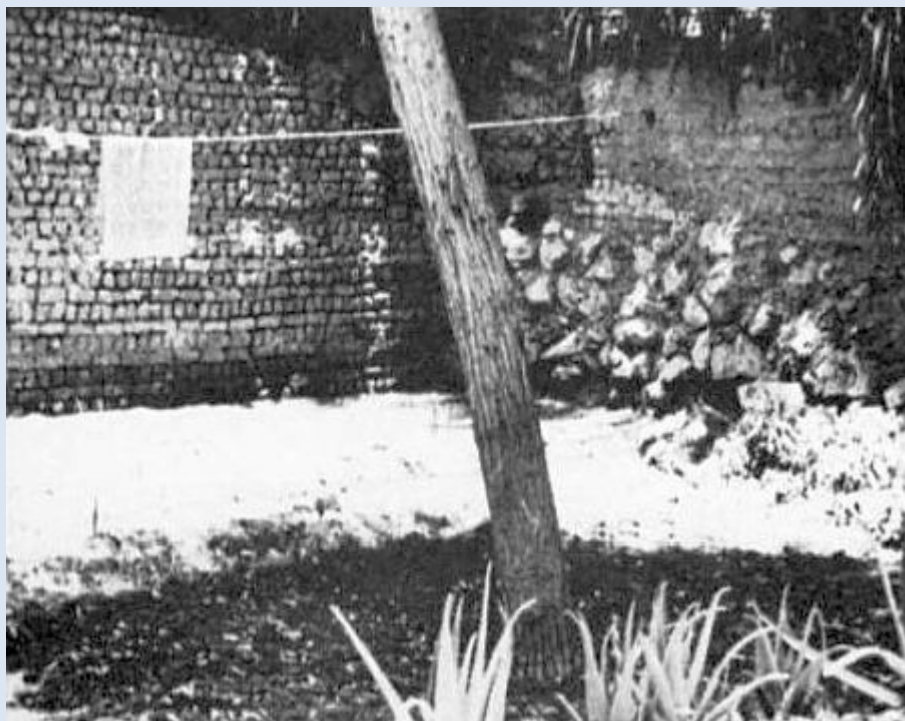
Omm Sety na Chicago House - sede do Serviço Epigráfico da Universidade de Chicago - em Luxor, dezembro de 1975. Sentados com ela estão os egiptólogos Dr. John A. Wilson (falecido), Dr. Labib Habachi (à esquerda) e Dr. William Murname (à extrema direita).



Omm Sety contando uma piada "picante" para M. Tracey e para Nagi, um guia de Luxor, em 1977. M. Tracey, um guia turístico e escritor inglês, era um dos amigos mais próximos de Omm Sety e um hóspede frequente em sua casa em Abidos. "À noite", lembra M. Tracey, "ficávamos sentados de roupão, bebíamos cerveja e conversávamos sobre isso e aquilo por horas a fio."



Omm Sety "em casa" em 1980, pouco depois de ter fraturado o quadril direito. No nicho atrás dela estão algumas das estatuetas de barro de divindades do antigo Egito que ela mesma havia feito.



Em consonância com a antiga tradição egípcia, Omm Sety preparou sua "Casa da Eternidade" no jardim atrás de sua casa. Abaixo da área retangular branca, ela construiu, como certa vez descreveu, "uma linda sala subterrânea feita de tijolos vermelhos, revestida de cimento e coberta com placas de concreto. Na parede oeste, esculpi uma pequena e bela porta falsa, como faziam nos túmulos antigos... e uma oferenda... e uma figura de Ísis com as asas abertas". Após a morte de

Omm Sety, no entanto, o departamento de saúde local negou permissão para que ela fosse enterrada ali; e seu corpo foi sepultado no deserto, a noroeste dos templos de Sety e Ramsés.



Retrato de Omm Sety tirado pouco depois de ela ter orado no Templo de Sety na Grande Festa de Osíris, em 2 de janeiro de 1979.

•
•
•VI•

Omm Sety

Os Últimos Anos

Agora volto meu olhar para o oeste,
Que neste momento está
envolta em raios de sol;
Por que virar para oeste?
Foi apenas para dizer
adeus!

(John Keats)

Tendo vivido por quase um quarto de século em um ambiente longe de ser higiênico ou luxuoso, Omm Sety — agora septuagenária — mostrava os sinais da idade. Um ataque cardíaco, um joelho quebrado, flebite, gripe, disenteria, coriza e apendicite crônica haviam cobrado seu preço. Não mais a mulher vigorosa e robusta do passado, Omm Sety agora era magra e bastante frágil. Sem se queixar abertamente de sua condição, ela simplesmente aplicava os medicamentos ou remédios que tinha à mão — água de Osirion, uma xícara de chá de menta, picadas de escorpião, uma oração a Ísis — e seguia com sua vida. "Eu tenho a minha própria

"São antibióticos embutidos", disse ela certa vez à sua amiga e guia turística Maureen Tracey. Quando Tracey estava hospedada na casa de Omm Sety, ficou surpresa ao ver a anfitriã encher um copo d'água e engolir vários comprimidos vitamínicos para cães (Bob Martin's Conditioning Tablets) que a própria Tracey havia trazido de Londres para um dos animais de estimação caninos de Omm Sety. "Se são bons para o cachorro, são bons para mim!", foi seu único comentário.

"Um dia, em 1978 ou 79", Tracey recordaria mais tarde, "Omm Sety me disse: 'Ah, não sei, Tracey, andei meio farta ultimamente e finalmente consegui um lugar para ser enterrada.' Ela perguntou se eu poderia, de alguma forma, arranjar para ela um daqueles sacos plásticos verdes que os americanos usavam para enterrar seus soldados mortos durante a Guerra do Vietnã. 'Que piada para Osiris', ela me disse, 'quando eu chegar lá e ele pensar que eu já vim embalada!' [Em baixos-relevos egípcios, a pele de Osiris era pintada de verde como sinal de sua idade]

ressurreição.] ... Bem, finalmente consegui obter um desses sacos mortuários através de um amigo meu do exército americano. Omm Sety então me disse que planejava ser enterrada com o vestido branco que usou em sua primeira peregrinação a Abidos."

"Supunha-se", explicou Omm Sety mais tarde, "que eu seria enterrada no jazigo da família de Ahmed. Veja bem, os muçulmanos fazem dois túmulos, um para as mulheres da família e outro para os homens — e eles se parecem bastante com abrigos antiaéreos subterrâneos abobadados. Um dia, um dos líderes religiosos da mesquita daqui perguntou a Ahmed onde ele planejava me enterrar. 'No túmulo da família', ele respondeu. 'Oh, não', exclamou o líder, 'não

podemos ter essa mulher perversa em nosso cemitério muçulmano!"
Então, algum tempo depois,
O sacerdote principal do mosteiro copta de Sitt Dimiana, que remonta ao século VII, fez a mesma pergunta a Ahmed, e ele também lhe disse: "Bem, não pense que vamos enterrar aquela terrível pagã em nosso cemitério cristão!" (Aliás, tanto os cristãos quanto os muçulmanos se apropriaram de elementos da antiga cultura.)

cemitério para seus próprios locais de sepultamento!) Então eu disse a Ahmed o que dizer a todos eles para fazerem com seus cemitérios e decidi construir um túmulo no lado oeste do meu jardim.

"É uma adorável sala subterrânea feita de tijolos vermelhos, revestida de cimento e coberta com placas de concreto. Na parede oeste, esculpi uma pequena e bela porta falsa, tal como faziam nos túmulos antigos [uma porta que ligava o mundo dos vivos ao mundo dos mortos, e através da qual se acreditava que o ka passava livremente]. Também esculpi uma oração de oferenda pedindo '1.000 jarras de cerveja, 1.000 pães, 1.000 bois, 1.000 gansos, 1.000 jarras de vinho, perfume e tudo o que é bom e puro'." Na cabeceira do túmulo, finalmente esculpi uma figura de Ísis com as asas abertas. Um dos homens que trabalha para o Departamento de Antiguidades fez um apoio de cabeça de pedra para mim, a equipe da Chicago House me deu uma imitação de shahabti [uma estátua de servo mágico que, quando o falecido era chamado para realizar um trabalho, respondia por ele e executava a tarefa necessária], e minha amiga Tracey me enviou um sarcófago de plástico, que se encaixa perfeitamente. (Já o testei.)... Então agora, quando eu partir, tudo o que eles precisam fazer é raspar um pouco de terra, levantar uma das placas de concreto, me empurrar para dentro, me dar um chute, e pronto!

* * *

No final de 1979, Omm Sety estava trabalhando no templo um dia e, tendo contraído uma gripe asiática, tomou dois comprimidos de aspirina, deitou-se no chão de um dos quartos e adormeceu. "Depois de um tempo", ela recordou mais tarde, "senti algo lambendo meu rosto. Olhei para cima e lá estava um grande cachorro preto com pernas compridas, barriga encolhida e orelhas pontudas - e pensei que fosse Wepwawat vindo me buscar. [Uma divindade semelhante a um chacal, cujo nome significa "Abridor dos Caminhos", Wepwawat guiava as almas dos mortos para o Outro Mundo.] Então eu disse: 'Tudo bem, estou pronta, mas podemos ir buscar meu gato?' Então olhei mais atentamente, recobrei a consciência e percebi que aquela criatura era apenas um cachorro da casa de repouso chamado Nico. Mas eu tinha certeza de que era Wepwawat!"

No início de 1980, Omm Sety estava visivelmente mais magra e fraca; e seus breves registros em diário desse período retratam uma mulher lutando, mas indomável, que sofria dores constantes.

Quarta-feira, 2 de janeiro

Primeiro dia da Grande Festa. Fui ao Templo com incenso e cerveja.

Estou me sentindo muito mal novamente. O Dr. Hani [Hanny El Zeini] enviou um amigo com multivitaminas e Asmac.

Domingo, 6 de janeiro

Me sinto um pouco melhor. Fui sentar na Casa de Repouso. Foukay me ofereceu um almoço de kofta. Vendi as fotos por 18 libras.

Segunda-feira, 7 de janeiro

Meu neto, Mohammed, veio me visitar, estava acompanhado de alguns amigos. Ele passou o dia aqui e vai passar a noite. Voltou do Kuwait especialmente para se alistar no exército. É a primeira vez que o vejo, e ele tem uma aparência tipicamente irlandesa, como meu tio Wilfred [irmão de Reuben Eady]! Parece ser um rapaz simpático e educado.

Terça-feira, 8 de janeiro

Fiquei em casa o dia todo. Mohammed partiu para Alexandria para se alistar no exército.

Quinta-feira, 10 de janeiro

O grupo de Swan veio com dois amigos. Fomos ao Templo com eles. Mais tarde, tossi um catarro muito espesso e estranho, de cor preta, branca e vermelha (como a nossa bandeira!); em seguida, veio um catarro rosa e depois um branco. Depois disso, consigo respirar normalmente. Acho que era um coágulo de sangue antigo que ficou preso no meu pulmão esquerdo por volta de 1942!

Quarta-feira, 13 de fevereiro

Na casa de repouso, caí e quebrei a perna direita. Estou com muita dor.

Uma ambulância foi chamada para levar Omm Sety ao hospital de Balyana, onde ela fez um raio-X e foi informada de que a cabeça do seu fêmur direito tinha uma fratura impactada. Ela permaneceu no hospital por cerca de dois meses. Inquieta e com dores, ela começou a se recuperar lentamente e, aos poucos, começou a andar novamente com a ajuda de muletas. Mas Omm Sety não conseguiria mais se mover e se locomover com a mesma liberdade de antes.

Em outubro de 1980, Julia Cave, produtora e diretora da BBC, chegou a Abidos com uma equipe de filmagem para começar a gravar cenas para um filme intitulado Omm Sety e o Seu Egito. Este maravilhoso documentário de cinquenta minutos apresentou a história de Abidos, descreveu as escavações que ali ocorreram e incluiu entrevistas com...

TGH James, do Museu Britânico, e a Dra. Rosalie David, autora de "Um Guia para o Ritual Religioso em Abidos" - uma brilhante análise acadêmica do Templo de Seti e do culto de Osíris. A "estrela" do filme é, de

Claro, Omm Sety, que fala longamente sobre sua vida e que, embora com muita dor, conseguiu se reerguer e caminhar com dificuldade de muletas até o templo. Conforme a câmera a mostra entrando no prédio, vemos o rosto dessa mulher abatida e exausta se tornar repentinamente radiante diante de nossos olhos, seu corpo e espírito misteriosamente transformados e rejuvenescidos. Como afirma a entrada do diário de Omm Sety de 20 de outubro:

Fui caminhar até o Templo pela primeira vez em 9 meses, graças à misericórdia de Nossa Senhora Ísis. Julia Cave e sua equipe vieram e fizeram algumas fotos e gravações no Templo. Mandaram buscar minha cadeira, pois é um processo demorado ficar em pé enquanto ajustam as luzes e as câmeras. Me convidaram para almoçar na Casa de Repouso, me carregaram até lá na cadeira e depois me trouxeram de volta para casa. Minha perna estava doendo muito, mas fiquei muito feliz por ter ido ao Templo.

E quando o documentário foi exibido na BBC 2 em maio de 1981, o crítico de televisão do The Times de Londres escreveu: "Um sorriso incrédulo congelou em meus lábios enquanto eu assistia ao filme do Chronicle, Omm Sety e seu Egito. Eu poderia ter certeza absoluta de que tudo aquilo era uma grande farsa? Claro que não. E você também não poderá. De qualquer forma, é um programa de televisão maravilhoso."

Na mesma semana em que Omm Sety trabalhava com a BBC, ela recebeu a visita da produtora americana Miriam Birch, que estava escrevendo e produzindo um documentário de uma hora intitulado Egito: Em Busca da Eternidade para a National Geographic Films. Este filme, com belíssimas fotografias, concentra-se na vida, obra e época do filho e sucessor de Sety – talvez o faraó mais famoso de todos os tempos, Ramsés II. Participaram do filme o Dr. Kent Weeks e o Dr. Lanny Bell; e Miriam Birch tinha ido a Abidos para saber se Omm Sety também estaria disposta a participar. Ela concordou, mas as filmagens de suas cenas só aconteceram em meados de março de 1981. Naquela época, a equipe da Chicago House viajou para Abidos, onde foram filmados, celebrando tardiamente o septuagésimo sétimo aniversário de Omm Sety. "Para Omm Sety e seu septuagésimo sétimo aniversário, a caminho dos cento e dez!" O Dr. Bell diz isso enquanto o vemos erguer seu copo. Ao que Omm Sety, com seu charme e sagacidade irresistíveis, responde: "E vamos brindar ao nosso querido amigo, Ramsés II... um bom sujeito e um filho muito bom!" Então, a produtora e sua equipe levaram essa mulher valente ao Templo de Sety. ("Ela estava com muita dor, mas ignorou isso", lembrou Miriam Birch.) Era 21 de março de 1981; e essa seria a última visita de Omm

Sety ao seu amado santuário.

* * *

No dia 8 de abril, Omm Sety, deitada na cama, encontrou por acaso um exemplar antigo de uma revista inglesa chamada *The Lady*, que um turista lhe dera algum tempo antes. Folheando-a, deparou-se com um artigo sobre "A Costa e as Colinas de East Sussex", que incluía uma fotografia do Moinho de Polegate, onde, aos doze anos, enquanto morava na fazenda da avó, brincava e causava tantos problemas ao dono, o Sr. Katz. "Encontrei esta foto na revista *The Lady*", escreveu em seu diário, colando a fotografia na página oposta, e acrescentou: "Nunca imaginei que veria 'o Moinho do Gato' novamente. Que bom que ainda está de pé e em funcionamento. Quem navega nas velas agora?"

No dia 10 de abril, ela doou dois de seus gatos, Ankhsi e Ahmes. ("Espero que sejam felizes.") No dia 11 de abril, queixou-se de um forte resfriado e dor de garganta; e, no dia 12 de abril, de perda da voz. No dia 13 de abril, porém, ela estava muito melhor – na verdade, bem o suficiente para encontrar Bob Brier, que estava de visita, com quem teve uma "longa e interessante conversa".

O Dr. Bob Brier, chefe do departamento de filosofia do CW Post College em Long Island, Nova York, parapsicólogo e egiptólogo, autor do livro "Magia do Antigo Egito", afirmou: "Omm Sety tinha a melhor percepção, de todas as pessoas que já conheci, sobre como era realmente o Egito Antigo. Quando você conversava com ela, sentia que não havia distância entre ela e a vida como era vivida naquela época. Você realmente sentia: sim, devia ser assim... Eu teria uma visão diferente das cerimônias do templo, mas ela dizia: 'Não, era assim que se fazia, levava-se cerveja, fazia-se isso ou aquilo, às vezes as pessoas ficavam bêbadas.' Parecia genuíno. Você a via preparando algumas oferendas para o templo, e não era nada sofisticado ou extraordinário – simplesmente um pão, uma jarra de vinho..." E era assim que as pessoas deviam fazer... A propósito, a última vez que vi a Omm Sety, ela me disse que adoraria ver o filme *Star Wars*, pois tinha ouvido falar e lido sobre ele e achou que parecia maravilhoso! Quando me despedi dela e mencionei que voltaria para visitá-la em junho, ela disse: "Se você não me encontrar aqui, estarei lá fora, no jardim."

Mais tarde naquele dia, um turista, que Omm Sety nunca tinha visto antes e que aparentemente ouvira alguns "rumores" sobre ela, apareceu em sua casa e perguntou descaradamente: "De acordo com suas memórias de uma vida anterior, qual era sua relação com Sety I?" Ao que Omm Sety, fingindo ignorância, respondeu: "Oh, nenhuma! Eu não sou uma dessas reencarnações da realeza. Devo tê-lo visto quando ele veio a Abidos para o grande banquete, quando o Rei deveria representar o papel de Hórus. A excelência da obra no templo sugere que..."

Ele continuava aparecendo sem avisar para ver como estavam indo os trabalhos.

Sim, devo tê-lo visto uma ou duas vezes."

Mesmo com pessoas que conhecia, de quem gostava e respeitava, Omm Sety raramente discutia seu relacionamento "secreto" com Sety. Como o Dr. William Murnane certa vez observou: "Quanto a Sety ter sido seu 'par amour', nunca conversamos sobre isso. Ela nunca ofereceu nenhuma informação e eu nunca insisti. Mas me lembro de que uma vez, bem no início do nosso relacionamento, eu meio que mencionei o assunto indiretamente; e ela não fingiu ignorância nem me mandou cuidar da minha vida, mas respondeu de uma forma que deixou claro que ela se perguntava o que me levaria a tocar no assunto. E então eu nunca mais o fiz. Eu não estava me referindo, aliás, a nenhum aspecto sexual, mas sim a algum ponto específico sobre a vida cotidiana no antigo Egito — a implicação do meu comentário era que, mesmo que certas coisas devessem permanecer em silêncio, certamente ela devia estar familiarizada com o ponto específico que eu havia levantado. Sua resposta para mim poderia ter sido interpretada como: 'Você está sendo impertinente'." Acho que mereci. Ao contrário da maioria das pessoas consideradas excêntricas, Omm Sety não fazia questão de impor suas crenças e sentimentos particulares. Eram assuntos pessoais dela, e nada mais.

Seu envolvimento passado e presente com "Sua Majestade" foi algo que ela revelou em detalhes apenas para uma pessoa: a Dra. Hanny El Zeini. Ocasionalmente, ela mencionava seu relacionamento anterior com Sety para alguém com quem sentia afinidade. Uma dessas pessoas era Olivia Robertson, cofundadora da Irmandade de Ísis, cuja sede fica na Irlanda, e que conheceu Omm Sety em 1975.

Como Olivia Robertson comentou recentemente: "Em 1976, no equinócio da primavera, meu irmão, Barão Robertson de Strathloch (registrado como tal pelo Chefe de Heráldica da Irlanda), sua esposa Pamela e eu fundamos a Irmandade de Ísis. Até hoje [agosto de 1985], temos 5.654 membros em cinquenta e cinco países — um grande número deles na Nigéria — e centros em vinte e sete desses países. Nosso sacerdócio consiste em cinquenta e uma sacerdotisas e cinquenta e cinco sacerdotes. Somos multirreligiosos, multiculturais e multirraciais; e nossos membros pertencem a muitas das nações do mundo."

grandes religiões e seguem muitos caminhos espirituais e ocultistas.

"Omm Sety foi inscrita como membro - Número 2.089 - em 23 de março de 1981. Ela era uma Ísis dos tempos modernos, vivenciando no cotidiano o antigo Mistério da busca e do encontro do falecido Osíris e seu despertar por uma esposa fiel. O faraó Seti I foi trazido de volta à vida para milhares de peregrinos e visitantes por esta sacerdotisa dos mistérios do século XX, Dorothy Eady. Seu amor e devoção pelo

Templo do Coração de Osíris em Abidos revitalizaram a religião do antigo Egito em nossos dias."

"Conheci Omm Sety em outubro de 1975 e gostei e admirei-a, acreditando no maravilhoso relato que ela me deu sobre sua descoberta psíquica de seu amado, Sety I, há muito perdido. A contribuição de Omm Sety para a Irmandade de Ísis foi seu exemplo da continuidade do sacerdócio na pessoa da mulher, com uma tradição de seis mil anos. Através de sua vida, ela trouxe a verdade da reencarnação e o Mistério de Ísis e Osíris para a realidade. Assim, ela atuou como uma ponte – uma ponte do arco-íris – que conecta o mundo das terríveis guerras do século XX a uma nova era, quando as antigas verdades estão, e estarão, ganhando vida. Ela foi uma Ísis dos tempos modernos, demonstrando que qualquer mulher que realmente ama seu marido é Ísis e tem o poder de despertá-lo para uma vida maior como Hórus. O Padre Vann, SJ, traça um paralelo com o despertar de Cristo por Maria Madalena quando ele emerge do túmulo. Espero que a história de Dorothy Eady alcance muitos corações receptivos!" (E em 15 de abril de 1981, Omm Sety anotou em seu diário que ficou feliz em receber a carta de 23 de março da Irlanda, admitindo-a oficialmente como membro da Irmandade de Ísis.)

É evidente que Omm Sety — que, quando menina, certa vez interpretou o papel de Ísis em uma pequena produção teatral em Plymouth, Inglaterra — era verdadeiramente uma filha e seguidora da deusa. Curadora e protetora, fiel e justa, amorosa e restauradora, Omm Sety, como a divindade tutelar que venerava, era também generosa e altruísta ao extremo. Quando Bob Brier, em sua visita à casa dela em 13 de abril, expressou sua admiração por um bordado de Osíris que estava pendurado na parede, ela simplesmente o retirou e o presenteou a ele.

Outra egiptóloga e guia turística (que prefere permanecer anônima) declarou recentemente: "Eu costumava incentivar os passageiros do cruzeiro a comprarem os bordados de Omm Sety e a contribuírem para uma sacola com 'coisinhas' — romances e revistas antigos, materiais de costura — no final do cruzeiro. (A sacola ficava a bordo e era entregue a Omm Sety na viagem seguinte.) E todos os anos eu lhe trazia um pequeno presente — pacotes de um bom chá, por exemplo, e um ano, a pedido dela, uma cabeça de vassoura ('esses cabos de vassoura são inúteis!', ela costumava dizer).

"Na minha última visita a Abidos, combinamos que o guia turístico visitaria Omm Sety enquanto eu levava o grupo primeiro ao Templo de Ramsés, e depois a visitaria quando retornasse ao Templo de Sety. E quando finalmente cheguei lá, fui recebido pelo guia turístico, que explicou que havia algo que precisávamos fazer. Algumas semanas antes, Ahmed havia sofrido um grave acidente de carro voltando do Cairo. Felizmente, embora outras pessoas tivessem morrido, ele sobreviveu com apenas ferimentos leves. Omm Sety queria agradecer à deusa Ísis por tê-lo preservado. Na antiga [nome da cidade/região], [texto ilegível].

De acordo com os costumes egípcios, devia ser uma oferenda votiva do objeto mais precioso que ela possuía. Então, ela tirou o colar de amuletos azuis que sempre usava e o entregou à minha amiga, pedindo-lhe que o colocasse no nicho de Ísis, no grande Salão Hipostilo do templo, sobre o piso de pedra, sob a estátua da deusa. "Mas", disse minha amiga a Omm Sety, "o templo está cheio de turistas: um deles o levará." "Não importa", respondeu ela. "Uma vez feita, a oferenda pode passar para qualquer um, como acontecia com os sacerdotes" (que comiam a comida oferecida, etc.). Mas ela gostaria que eu ficasse com o colar, Omm Sety havia dito ao guia turístico. E se eu a acompanhasse quando ela colocasse a oferenda aos pés de Ísis, eu poderia pegá-lo e guardá-lo. E assim fizemos, solenemente — e um tanto comovidos, devo admitir; E eu tenho um tesouro: o pequeno cordão de faiança azul (falsificações evidentes, felizmente!), junto com um pequeno pedaço de papel com uma oração a Ísis, a Grande, Senhora do Céu, escrita em hieróglifos (muito toscos)... E menciono esse incidente porque algumas pessoas disseram que Omm Sety era uma farsante... mas, na verdade, ela realmente acreditava no poder dos deuses antigos."

* * *

"A morte não me assusta", disse certa vez Omm Sety. "Farei o meu melhor para passar pelo Julgamento. Comparecerei perante Osíris, que provavelmente me lançará alguns olhares de reprovação, pois sei que cometi alguns erros — já passei pela 'Confissão Negativa' e contei dezessete coisas que não deveria ter feito — mas, na verdade, a maioria foi em prol dos animais. Quando eu era criança, na fazenda da minha avó, por exemplo, tínhamos um vizinho — um homem horrível — que maltratava seus animais: ele conduzia seus cavalos e os espancava constantemente. Bem, eu derramei água salgada em suas terras e as inundei completamente, depois disso ele fez as malas e foi embora. Mas acho que eu estava justificado em fazer isso... Também amaldiçoei o Rei, mas era Farouk, então talvez isso não conte. Fiz pessoas chorarem, mas geralmente havia um bom motivo para isso." Devo dizer que nunca fui uma filha obediente aos meus pais, e isso pode jogar contra mim. Por outro lado, eles sempre me obrigavam a fazer coisas que eu não queria e me impediam de fazer coisas que eu queria. Se dependesse deles, eu nunca teria vindo para o Egito! ... Mas espero sobreviver ao julgamento.

Quando jovem, enquanto estudava com o Dr. Budge no Museu Britânico, Dorothy Eady encontrou e traduziu o capítulo cento e vinte e cinco do Livro dos Mortos. Nele, ela leu como o falecido, após ter seu coração pesado na balança da justiça contra uma pena da verdade,

tinha que entrar no Salão da Dupla Verdade. E, de pé diante de quarenta e dois deuses diferentes, o falecido calçava...

De sandálias de couro branco, olhos pintados com antímônio, corpo ungido com unguentos, ele se afastou de suas más ações voltando-se para cada deus e recitando uma série de negações:

Salve, tu cujos olhos são de fogo, que vens de Saut, eu não saqueei o deus.

Salve, Chama, que vem e vai, eu não disse mentiras.

Salve, esmagador de ossos, que surge de Suten-henen, eu não lhe roubei a comida.

Salve, tu cujo rosto está voltado para trás, que saís do teu esconderijo, eu não causei o derramamento de lágrimas.

Salve, Bastet, que saíste do lugar secreto, eu não agi com falsidade.

Salve, Sertiu, que vens de Annu, eu não me irritei nem me enfureci senão por uma causa justa.

Salve, Senhor das faces, que surge de Netchfet, eu não julguei precipitadamente.

Salve, Nefer-Tmu, que vens de Het-Ptah-ka, eu não causei mal nem mal algum.

Salve, tu que fazes a humanidade prosperar, que vens de Sais, eu nunca amaldiçoei a Deus.

"Eu realmente acho que irei para Amenti quando morrer", declarou Omm Sety certa vez, "e aposto que verei o Rei Sety novamente, mesmo que eu tenha que ficar sentada o dia todo do lado de fora do palácio gritando e desmaiando quando ele aparecer, sabe, igual aos adolescentes com as estrelas pop. Eu faria o mesmo por Ramsés. 'Ó, Vossa Majestade, por favor, conte-me a história da Batalha de Kadesh!', eu imploraria a ele. E ele não hesitaria em fazê-lo. Ele teve três mil anos para aprimorá-la. Será uma história e tanto!"

* * *

Em 21 de abril de 1981, Dorothy Eady/Bulbul Abdel Meguid/Omm Sety faleceu na cidade sagrada de Abidos, cumprindo assim a segunda metade do objetivo de sua vida. "Considero-me uma mulher muito sortuda", comentou ela dois anos antes, "e agradeço de coração a

Deus."

deuses antigos que ouviram minhas orações e me trouxeram para casa."

O departamento de saúde local recusou-se a permitir que ela fosse enterrada em seu túmulo no jardim. Em vez disso, seu corpo, voltado para o oeste, foi sepultado no deserto, na periferia do cemitério copta, a noroeste dos templos de Seti e Ramsés. Uma lápide ainda precisa ser erguida... e o local do sepultamento é marcado apenas por algumas lascas de calcário, nas quais orações de oferenda foram escritas em hieróglifos, e por uma xícara de chá quebrada — colocada ali por amigos desconhecidos.

* * *

"Para aqueles que a amam", escreveu certa vez Omm Sety, "Abydos ainda guarda uma vida misteriosa. Outros ouvidos, além dos meus, ouviram música à noite nos Salões Hipostilos do Templo de Sety. O tilintar de sistros, a batida de um pandeiro e o lamento de uma flauta de junco foram ouvidos. Vi o brilho dourado de uma lâmpada na Capela do Culto de Osíris quando nenhuma lâmpada estava acesa; e fiquei sozinho à noite em Pega-the-Gap, na primeira noite da Grande Festa de Osíris, ouvindo o uivo dos chacais. Mas quando chegou a meia-noite, os gritos dos chacais silenciaram, um profundo silêncio se fez presente, e então, de repente, senti como se estivesse cercado por uma grande multidão de pessoas. Eu não conseguia ver nada além do deserto estrelado, mas ao meu redor eu podia ouvir a respiração de muitas pessoas e o sussurro suave de pés calçados com sandálias na areia. Caminhei em meio a essa multidão invisível até as muralhas de Kom El Sultan. Então pareceu Enquanto todos passavam pelo portal, eles desapareciam no passado, e eu fiquei do lado de fora, com frio e sozinho no presente."

Mas, certamente, ela já fez sua jornada pelo portal para o Ocidente, onde sem dúvida encontrou todos os seus amados amigos e, nas palavras dos Textos das Pirâmides, está "dormindo para que possa despertar, morrendo para que possa viver".

●

●

(Texto e
ilustrações de
Dorothy Eady)

*T*Sua fantasia é baseada em um estudo dos baixos-relevos no túmulo maravilhosamente bem preservado de Ti, em Sacara. Ti era um homem de nascimento humilde que, por pura habilidade, conquistou o favor do rei Nefer-ir-ka-Ra, da Quinta Dinastia [c. 2446-2426 a.C.]. Este monarca, notável por seu caráter benevolente e democrático, promoveu Ti a sucessivos cargos de honra e responsabilidade, até que ele se tornou um dos nobres mais poderosos do reino. Além disso, o rei Nefer-ir-ka-Ra concedeu-lhe em casamento uma das damas da família real, a graciosa Nefer-hetep-es, e seus filhos receberam o título de príncipes..

- Dorothy Eady, 1949

UM SONHO DO PASSADO

Era um daqueles dias de calor escaldante em Sacara, quando o brilho do sol na areia é quase cegante e a vista do fértil Vale do Nilo é um borrão de névoa rosa, azul e verde. Eram quase duas da tarde e até a brisa fraca que soprava intermitentemente sobre as dunas parecia ter adquirido aquele ar de "pós-almoço" e se degenerado num mero suspiro vago.

A entrada para o Túmulo de Ti, uma enorme mancha retangular de sombra índigo sob aquele brilho ofuscante, parecia fresca e convidativa, então entrei. Eu viera a Sacara especialmente para estudar túmulos, e o de Ti era um dos melhores de seu período, estava ali perto e era um refúgio abençoado do calor, então entrei e constatei que a realidade era tão boa quanto a promessa. Era fresco e tranquilo, e a luz suave, brilhante o suficiente para revelar a beleza das paredes esculpidas e fraca o suficiente para descansar os olhos, era um alívio bem-vindo do brilho lá fora. Mas eu

Sem ânimo para estudar, vaguei distraidamente de câmara em câmara, admirando a beleza dos relevos pintados, até que finalmente me encontrei na capela mais interna. Descansei por um minuto nos degraus do altar diante da falsa porta, depois atravessei para espiar o pequeno "buraco de espião" retangular do serdab, a escura e sem porta câmara das estátuas que ficava além. Queria ver mais uma vez a estátua de Ti em tamanho natural que lá se encontrava, uma peça esplêndida, belamente modelada. Representava-o no auge da vida, bem desenvolvido, vestido com um manto branco.

Ele usava um kilt que deixava suas pernas e torso à mostra. Uma peruca encaracolada adornava sua cabeça, que ele carregava com orgulho, e seu rosto, com seus grandes olhos inteligentes, ostentava uma expressão digna, porém amável.

Para minha surpresa, a estátua não estava lá. Eu estava prestes a retornar à entrada do túmulo e perguntar ao ghaffir responsável o que havia acontecido com ela, quando um leve ruído me fez virar-me bruscamente. Ali, diante dos meus olhos, estava a estátua desaparecida! Mas não, aquela figura se movia; era a própria estátua, viva, e estava entre mim e a porta da capela! A Aparição franziu a testa para mim e, com uma voz melodiosa, porém em tom imperativo,

perguntou severamente:

"Quem é você? E o que está fazendo na minha capela?" Fiz um grande esforço, mas certamente sem sucesso, para parecer indiferente e respondi com voz trêmula que era estudante de Egiptologia.

"Vim aqui apenas para estudar." Hesitei e acrescentei: "Tenho eu o

"É uma honra dirigir-me a Ti?"

Essa resposta não pareceu ter o efeito que eu esperava. "Você está se dirigindo ao Único Companheiro do Rei, o Supervisor."

de Todas as Obras do Rei, o Supervisor dos Escribas do Livro do Rei, o Diretor do Palácio, o Superintendente das Margens do Canal, o Supervisor das Escolas, o Diretor dos Fabricantes de Perucas da Corte, o Supervisor da Pirâmide do Rei Nefer-ir-ka-Ra, o Supervisor da Pirâmide do Rei Ni-user-Ra, o Honrado Perante Seu Senhor, Ti."

Corrigindo o que disse!

"Além disso", continuou ele, "não aprovo os egiptólogos; não são eles aqueles miseráveis mal-educados que nos expulsam de nossos sarcófagos, roubam nossos utensílios funerários e os oferecem como sacrifício ao seu falso deus, que se chama, creio eu, Ciência, e cujo templo é o museu?"

Tentei explicar que o Único Companheiro do Rei [et cetera] Ti estava cometendo um erro, mas, de alguma forma, ele não pareceu se convencer. Então, comecei a mostrar-lhe como ele era tratado muito melhor por seus desprezados egiptólogos do que por seus pobres descendentes analfabetos, que só queriam entrar nas tumbas antigas para roubar e vender todos os bens portáteis e destruir os objetos imóveis.

"Veja o seu caso, senhor", insisti. "Seu túmulo não foi restaurado e reforçado? O senhor não tem um teto firme e seguro sobre a cabeça e uma boa porta de ferro para proteger seus bens, uma porta melhor do que aquela de madeira que o senhor mesmo instalou? E seu túmulo não é novamente varrido, ornamentado e visitado por peregrinos vindos dos confins da Terra para admirar seu gosto artístico magistral? Agora, quem é o responsável por tudo isso? Os egiptólogos."

Ele pareceu entender meu ponto de vista e, a contragosto, admitiu que eu tinha razão até certo ponto. Discutimos um pouco mais e, constatando que ele não demonstrava tendências homicidas aparentes, defendi meu ponto de vista com renovada coragem.

No fim, acho que ele ficou mais ou menos convencido, mas sendo homem, e um homem orgulhoso, é claro que não admitiria isso diretamente.

"Bem", disse ele por fim, "já que você passou muitos anos nos estudando, diga-me que conhecimento você adquiriu."

E ele me fez algumas perguntas sobre a vida no antigo Egito. Respondi da melhor forma que pude, apresentando algumas das minhas próprias teorias. Algumas das minhas respostas devem ter sido um fracasso, pois uma ou duas vezes ele pareceu bastante irritado; outras, francamente, o divertiram. Logo em seguida, ele levantou a mão.

"Chega!" gritou ele. "Pare de tatear no escuro. Eu estava prestes a

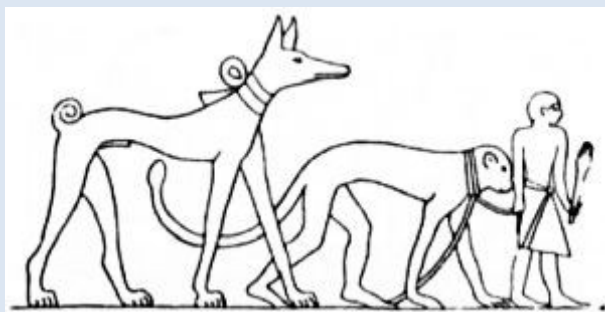
fazer uma pequena inspeção pelas minhas propriedades quando
encontrei..."

Você que está perambulando pela minha capela, é melhor me acompanhar e ver como é realmente uma fase da nossa vida.

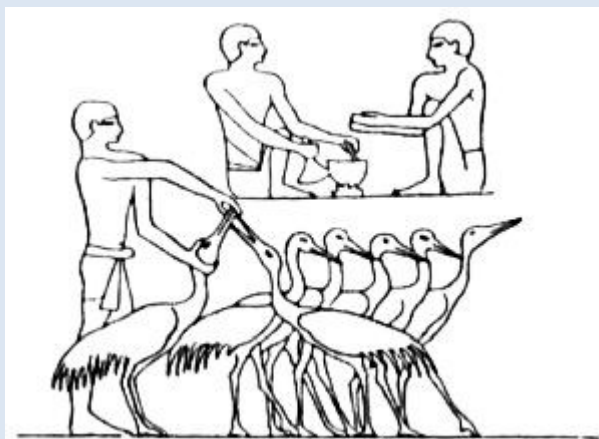
Agradei-lhe com gratidão.

"Então venha, siga-me", exclamou ele, caminhando à minha frente. Segui obedientemente seus passos majestosos, sem parar. Parecia uma longa distância; eu não havia percebido que o túmulo era tão grande. De repente, percebi que não havia túmulo algum, estávamos a céu aberto, caminhando rapidamente pelas margens de um canal. Digo caminhando, pois era assim que eu avançava, mas Ti era transportado em uma liteira semelhante a uma gaiola, carregada nos ombros de dez servos robustos. Ele estava sentado com os joelhos encolhidos contra o peito, as costas apoiadas em uma almofada grossa. Debaixo da liteira caminhava um pequeno pigmeu chamado Pepi, guiando o macaco domesticado de Ti e seu cão de caça favorito.

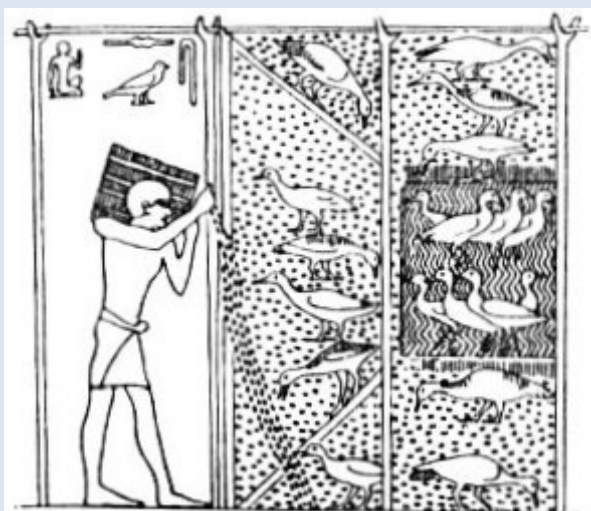
Logo chegamos a um pátio de fazenda, onde homens estavam ocupados engordando um bando de groux domesticados. Dois homens preparavam os rolos de massa com os quais as aves seriam alimentadas à força, enquanto um terceiro cozinhava um ensopado para si e seus companheiros. A panela estava sobre um braseiro, e sua maior dificuldade parecia ser manter as brasas acesas e, ao mesmo tempo, mexer o conteúdo da panela. Outros três homens pegavam os groux pelo pescoço e os forçavam a engolir os rolos de massa por seus longos bicos.



Ti não se demorou muito ali, mas dirigiu-se a um cercado próximo, onde homens espalhavam uma farta ração de grãos para um grande bando de patos e gansos, aves belas e gordas, dignas de enfeitar a mesa de um rei.



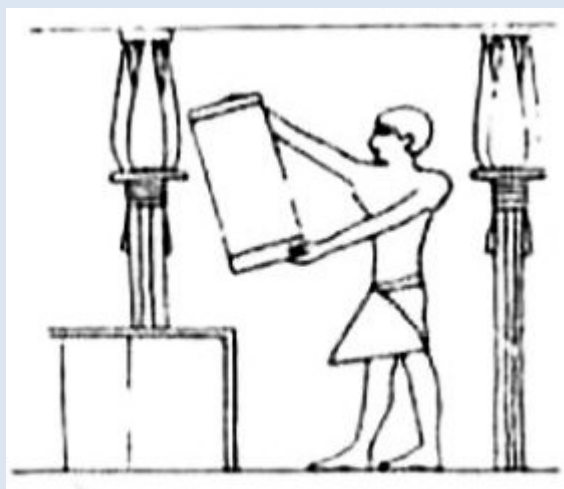
De lá, seguimos para um abrigo aberto onde Ti teve que cuidar de suas contas. Seus escribas vieram até ele, um de cada vez, e cada um leu os itens pelos quais era responsável. Como esses registros eram escritos em rolos de papiro, era uma cerimônia imponente, pois cada escriba desenrolava seu pergaminho com um floreio e o estendia à distância de um braço para ler. Pareciam que deveriam estar declamando versos épicos, em vez de simplesmente lerem registros dos salários dos trabalhadores rurais e das quantidades de ração para o gado!



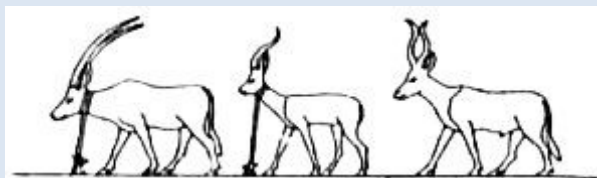
A próxima parte da nossa viagem foi feita de barco, cuja proa era esculpida para representar a cabeça de um musaranho. Remamos ao longo do canal, passando por bandos de gansos e garças, e manadas de antílopes e gazelas domesticados. Alguns deles tinham permissão para vagar livremente, mas a maioria estava presa por uma corda,

cuja extremidade...

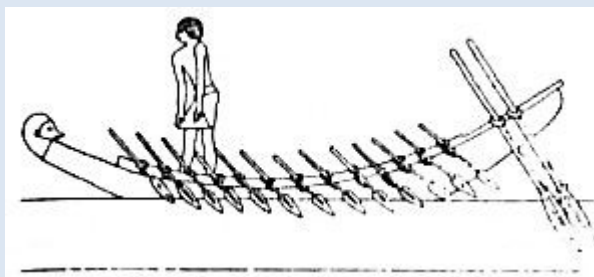
uma das extremidades era passada em volta do pescoço deles, enquanto a outra era presa a uma estaca robusta fincada no chão.



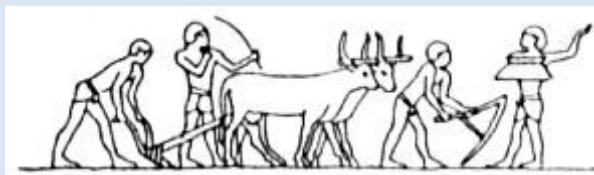
Nos campos, os fellaheen lavravam a terra fértil e escura, usando os mesmos arados de madeira que vemos hoje em uso às margens do Nilo. A força motriz era fornecida por juntas de bois, vermelhos, vermelhos e pretos, e criaturas maravilhosas com manchas que me lembravam as dez "Arcas de Noé" quase esquecidas da minha juventude.



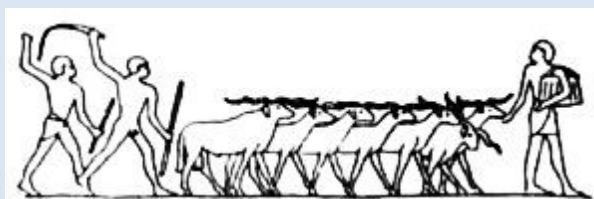
Na terra já arada, lavradores diligentes espalhavam os grãos, e logo atrás vinha um grupo de rapazes barulhentos conduzindo uma manada de carneiros, cuja função era pisotear as sementes na terra fértil. Com gritos e leves golpes, os meninos conduziam a manada, balindo e ágeis, para lá e para cá, levantando tanto barulho e poeira que ficamos felizes em seguir em frente.



Não tínhamos ido muito longe, porém, quando encontramos alguns homens se aproximando com uma vasta manada de gado. Isso foi motivo de grande orgulho para Ti, e ele deixou o barco e foi para a margem, apoiando-se em seu cajado, para observar o gado passar. E que belos animais eram, sem dúvida!



Alguns deles tinham o pescoço adornado com elegantes coleiras de palha ou capim trançado e eram conduzidos individualmente, cada animal por seu próprio tratador; mas alguns touros eram bastante agitados e, às vezes, eram necessários dois homens para conter suas travessuras. Passavam lentamente por nós: gado de chifres longos e sem chifres, vacas leiteiras de olhar dócil e úberes fartos, e novinhos rechonchudos. Atrás deles, seguia um grupo de meninos carregando os bezerros bem jovens; e, logo depois, outra manada, desta vez de gazelas e órix mansos, prontos para o abate. As primeiras eram tão dóceis quanto um rebanho de ovelhas, mas notei que os homens preferiam segurar firmemente os longos chifres curvados dos últimos.



Durante essa inspeção, os inevitáveis escribas surgiram, aparentemente do nada, equipados com suas escrivaninhas portáteis, e estavam ocupados anotando o número e a condição dos animais à medida que passavam.

Ti me contou que, durante a cheia anual do Nilo, eles enfrentavam grandes dificuldades para transportar o gado para as terras mais altas. Às vezes, era preciso atravessar a nado com os rebanhos, com os pastores acompanhando-os em canoas de papiro quando a água estava funda, ou caminhando ao lado deles nas partes rasas. Ele disse que, muitas vezes, um sujeito bondoso carregava um bezerro nos ombros para protegê-lo do medo e do cansaço.

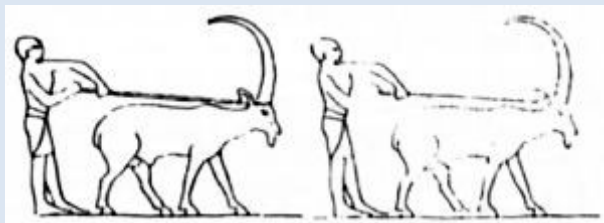


"É claro", acrescentou ele gravemente, "sempre levamos um mago conosco nessas ocasiões, para recitar o feitiço do crocodilo, caso contrário essas criaturas fariam vítimas mortais, tanto homens quanto animais."

Olhei para ver se ele estava "me zoando", mas seu belo rosto estava gravemente sério.



Deixamos os escribas a trabalhar e continuamos a caminhar pelos campos até onde o milho amarelo, com suas espigas cheias, se erguia à altura do peito. Observamos os ceifadores ceifando com suas foices de madeira cravadas em sílex afiado; enquanto trabalhavam, cantavam, acompanhando o ritmo das golpes.



O milho cortado foi amarrado em feixes e carregado nas costas de burros, para ser levado à eira. Como de costume, os animais teimosos

deram trabalho, e um deles acabou sendo capturado.

firmemente segurava-o por uma perna e uma orelha, enquanto um jovem robusto lhe desferia alguns golpes bem merecidos com um bastão grosso. Uma bela visão era a da delicada jumenta jovem, trotando com sua carga dourada empilhada nas costas, seu potro lanoso galopando ao seu lado.



Seguimos a moça até a eira, onde mais burros estavam sendo usados para pisotear o milho, que se estendia quase até os joelhos sobre o chão duro. Meninos gritando, nus exceto por um cinto, incitavam os animais a girar em círculos, formando uma massa compacta. Bastões assobiavam no ar, imprecações contra os burros indisciplinados eram gritadas com vigor, e densas nuvens de poeira se levantavam. Mas, apesar de toda a comoção, alguns dos astutos animais conseguiam abocanhar um bocado de milho aqui e ali, pois estavam todos sem focinheira.



Uma operação quase idêntica era realizada por bois, e como esses animais eram mais dóceis, havia menos barulho e confusão; aliás, os homens cantavam para os bois enquanto eles pisoteavam em círculos, uma canção interminável e monótona, porém fascinante. O refrão, repetido diversas vezes, dizia:

"Debulhem para vocês mesmos, ó bois, debulhem para vocês mesmos. A palha para vocês, o grão para seus senhores. Não descansam, pois o ar está fresco hoje."



Nossa próxima parada foi em um local onde um grupo de mulheres e meninas joeirava os grãos debulhados, lançando-os ao ar com seus largos leques de madeira. As mulheres vestiam uma única peça curta de linho branco. Não era uma roupa muito prática, pois sua estreiteza impedia qualquer movimento livre, então a maioria das meninas mais jovens a havia tirado e continuava seu trabalho vestindo apenas cintos estreitos, nos quais, no entanto, ninguém parecia notar nada de errado. Suas cabeças estavam cobertas com panos brancos para proteger seus cabelos negros da poeira. Os grãos e as cascas separados estavam empilhados em dois grandes montes, aguardando o transporte para os enormes celeiros cônicos de Ti.



Para evitar a poeira da debulha, voltamos ao canal e embarcamos novamente. Logo nos encontramos em uma região pantanosa, onde um grupo de pescadores puxava uma grande rede cheia de peixes que se debatiam. Parte dessa pesca prateada era enviada diretamente para a casa de Ti, para ser consumida fresca; enquanto a maior parte era eviscerada, seca ao sol e armazenada em salmoura para uso futuro. Ti disse que esse peixe seco constituía a base da alimentação das classes mais pobres e, a julgar por seus físicos vigorosos, não parecia lhes fazer mal.

A água estava agora muito rasa e cheia de juncos para o nosso barco a remo, então o deixamos atracado na margem e continuamos nossa jornada em uma canoa leve que, na verdade, não era nada mais do que um grande feixe de juncos habilmente amarrados em uma forma graciosa, com um pequeno convés de madeira. Eu estava relutante em confiar em uma embarcação tão frágil, especialmente em águas conhecidas por serem o refúgio de crocodilos e hipopótamos, mas Ti me garantiu que era perfeitamente segura. Fiquei realmente

surpreso ao descobrir que o barco transportava em segurança não apenas Ti e eu, mas também um criado e dois homens que impulsionavam a embarcação por meio de...

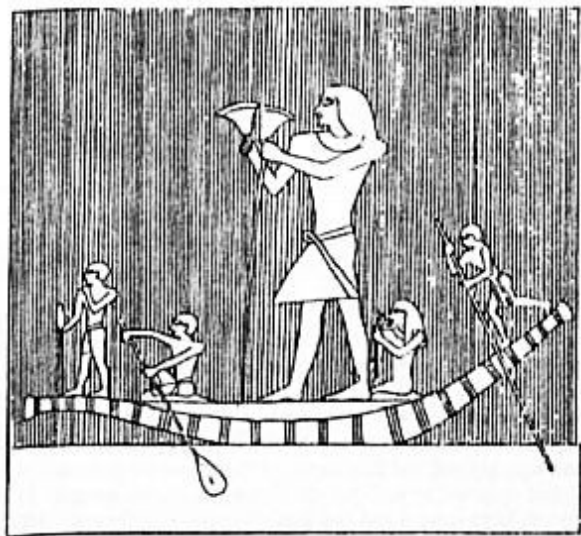
longas varas. Deslizamos suavemente pelos densos pântanos de papiro, local de nidificação de milhares de aves selvagens e território de caça de doninhas e icneumonídeos, que se alimentavam dos ovos e dos filhotes.

A superfície da água ao nosso redor era gloriosa, com as taças brancas e brilhantes das flores de lótus, algumas das quais cresciam altas, acima da água, em longos caules carnudos. As cabeças plumosas e em forma de sino dos papiros também eram uma bela visão, e enquanto deslizávamos por ali, Ti colheu algumas delas, que gentilmente me entregou.

De repente, uma forte comoção quebrou a tranquilidade do local. Ti incentivou os homens a seguirem em frente, e deslizamos rapidamente na direção do alvoreço. Em uma ampla lagoa, alguns homens estavam caçando hipopótamos. Apesar do perigo iminente, eles realizavam as operações a partir de duas pequenas canoas, menores até do que aquela em que estávamos viajando! Estavam armados com arpões e cordas resistentes, e seu método consistia em um homem lançar habilmente o laço sobre a cabeça grande e desajeitada do animal e imediatamente soltar a corda.

linha, que estava enrolada em um carretel. No mesmo instante, o arpoador cravou sua arma na pele grossa. Ora, esse arpão consistia em uma ponta pesada e farpada, encaixada frouxamente em uma haste de madeira robusta. Presa à base da ponta havia uma linha forte, também enrolada em um carretel. Quando o arpão perfurou a carne da criatura, a haste, agora inútil, se desprende, deixando a ponta farpada firmemente cravada na ferida. Enlouquecido pela dor, o hipopótamo rumou para águas profundas, arrastando a frágil canoa atrás de si. Quando forçado a subir à superfície,

Ao emergir para respirar, a criatura foi novamente atacada da mesma maneira até que, enfraquecida pela perda de sangue, foi rebocada sem resistência para a costa e recebeu o golpe mortal.



Ti explicou que a caça ao hipopótamo era um esporte que ele praticava frequentemente, e que só se absteve de usar um arpão naquela ocasião porque pensou que talvez eu ficasse um pouco nervoso. (Ele estava absolutamente certo!)

Qualquer um imaginaria que a caçada bem-sucedida a dois hipopótamos adultos teria proporcionado exercício suficiente para um dia, mas os caçadores, após uma consulta sussurrada, aproximaram-se e imploraram permissão para nos dar uma demonstração de luta com bastões. Ti prontamente concedeu a permissão e os homens, deixando de lado seus arpões, armaram-se com longos e leves bastões. Manobraram as canoas para longe uma da outra e, a um sinal combinado, avançaram furiosamente para se encontrarem. Golpes foram desferidos e defendidos com os bastões, a ideia

Aparentemente, o objetivo era derrubar o oponente na água. Imprecitações humorísticas, expressas em linguagem imprópria para o Parlamento, eram proferidas.



"Dá um soco na bunda dele!" gritou um dos caras. "Abre as costas dele!" berrou outro. De repente, um golpe de sorte derrubou um dos combatentes na água; ele sumiu com um baque alto, mas reapareceu rindo e cuspidando água do outro lado da canoa.

Nesse momento, Ti ordenou que parassem, concedendo a vitória à tripulação que conseguira "afogar" seu homem. Vencedor e vencido, rindo fraternalmente juntos, retornaram à terra firme, e nós continuamos nossa jornada.

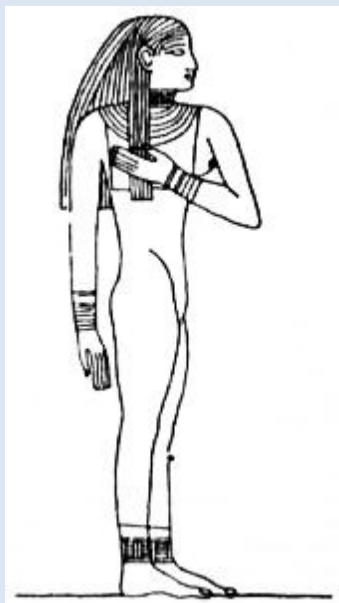
Ao retornarmos à fazenda, encontramos uma grande agitação em andamento, pois antes de partirmos, Ti havia ordenado que preparassem um banquete para mim.

"Um evento bastante modesto", assegurou-me ele. Se isso era modesto, gostaria de saber o que acontecia quando ele oferecia um banquete oficial! Grupos de açougueiros abatiam bois e gazelas no pátio; os animais eram derrubados, amarrados e tinham suas gargantas cortadas com grandes facas de sílex afiadas como navalhas. Em pouco tempo, os saborosos pedaços de carne crepitavam sobre

enormes braseiros de carvão, na companhia de gansos e patos gordos. Uma constante procissão de belas criadas entrava na casa, cada uma carregando na cabeça uma grande cesta de mantimentos, frutas e verduras frescas da horta, e pão recém-assado.

Bolos saídos do forno. Alguns guiavam crianças pequenas com as mãos livres, ou carregavam aves vivas, ou queijos cuidadosamente embalados em pequenas caixas de junco.

Entretanto, Ti me apresentou à sua esposa, Nefer-hetep-es, uma dama digna e elegante, membro da família real. Ela vestia a mesma roupa simples e justa que suas criadas, mas, no caso dela, era adornada por um largo colarinho tipo "coleira de cachorro", uma gola circular e pulseiras e tornozeleiras largas, todas feitas de miçangas coloridas, intercaladas com barras douradas rígidas. Seus cabelos estavam completamente escondidos por uma longa peruca trançada, dividida em três mechas: uma caindo pelas costas e uma sobre cada ombro.



Com ela estavam seus dois filhos, Demege e Ti Júnior.

Enquanto conversávamos, os criados, com agilidade, trouxeram a refeição.

A comida era servida em mesas individuais, dispostas diante de cada convidado, que se sentava em cadeiras de ébano finamente esculpidas, com encostos altos e acolchoados e pernas moldadas para representar os membros dianteiros e traseiros de um touro. Antes do início da refeição, um criado trazia uma bacia de cobre e uma jarra de água para que cada um lavasse as mãos, pois a maior parte da comida seria comida com os dedos, embora pequenas facas, colheres e garfos de cobre fossem fornecidos para lidar com os pratos mais difíceis. Não faltavam bons vinhos e cervejas, todos produzidos artesanalmente.

As propriedades do próprio Ti.

Para tornar a nossa apresentação ainda mais especial, dois cantores, acompanhados por uma orquestra composta por dois harpistas e um flautista, começaram a tocar.

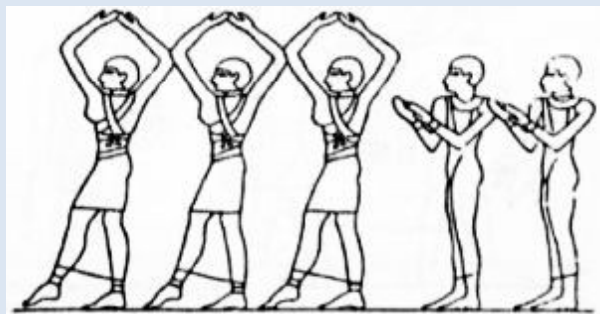
Canção animada para beber.



Mal haviam terminado, um grupo de graciosas moças entrou na sala e, acompanhadas pela orquestra e complementadas por outras jovens que batiam palmas em uníssono, executaram uma dança que, para minha surpresa, reconheci como "Raksi Baladi", tão querida pelos egípcios modernos. Parece que a tradição dificilmente morre no Egito.



As dançarinas usavam saias curtas semelhantes às dos homens e, por cima, uma vestimenta larga e transparente, amarrada ao redor do torso com fitas brancas e largas. Colares tipo "coleira de cachorro" envolviam seus pescoços, e seus cabelos eram cortados curtos como os de um homem.

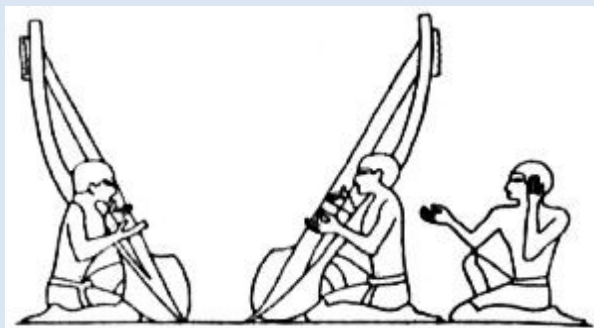


Quando a dança terminou, o flautista começou um solo. No início, a música era doce e suave, mas à medida que ele se empolgava com a peça, os acordes tornaram-se estridentes e metálicos; lembrei-me imediatamente de dobradiças de ferro sem lubrificação! O rangido e o gemido de dobradiças de ferro, juntamente com o tilintar de chaves! O salão de banquetes ficou escuro e nebuloso; Ti e sua família, os artistas e os criados, todos desapareceram.



Acordei sobressaltado – eu estava cochilando encostado na parede do serdab, e o ghaffir, ao reabrir o portão de ferro externo do túmulo, me despertou. Olhei para dentro do serdab; lá estava a estátua de Ti em seu lugar de costume, mas, seria imaginação minha, ou os olhos realmente se franziram em um sorriso e a cabeça acenou em um gesto de despedida?

De qualquer forma, passei momentos agradáveis em sua propriedade, e se alguém duvidar das vistas que presenciei, que vá diretamente ao Túmulo de Ti, em Sacara, e verá tudo retratado em cores ainda vívidas nas paredes de calcário.



•

●

Em 17 de abril de 1979, deparei-me com um artigo na página 8 do New York Times intitulado "Uma longa vida (quanta?) concedida às ruínas dos faraós". Datado de Araba El Madfuna, Egito, e escrito pelo chefe da sucursal do jornal no Cairo, Christopher S. Wren, este relatório de 1.200 palavras começava assim:

Om Seti pode ou não ter vivido há 3.200 anos como uma órfã de templo na 19ª Dinastia, sob o reinado de Seti I e Ramsés II. É certo, porém, que a idosa inglesa se sente em casa apenas entre as renomadas ruínas faraônicas que começou a procurar ainda criança.

Em seu perfil dessa senhora inglesa transplantada que vivia sozinha com seus gatos e coelhos em uma casa de tijolos de barro em uma aldeia do Alto Egito, Christopher Wren explicou que, após cair de uma escada aos três anos de idade, a menina chamada Dorothy Eady foi declarada morta por um médico local.

"Quando ele voltou com a certidão de óbito", Omm Sety informou ao jornalista, "o corpo estava sentado na cama brincando. Eles perguntaram por que eu estava chorando e eu disse: 'Quero ir para casa'. Eles me asseguraram que eu estava em casa."

Terminei de ler o relato fascinante e comovente de Christopher Wren sobre a vida de Omm Sety, recortei o artigo do jornal, guardei-o em uma das minhas pastas e pensei que um dia gostaria muito de conhecer aquela mulher tão peculiar.

Passaram-se dias e meses. Então, em abril de 1981, por acaso, eu estava relendo O Maravilhoso Mágico de Oz e me deparei com a seguinte cena:

Dorothy começou a soluçar... pois se sentia sozinha em meio a todas aquelas pessoas estranhas. Suas lágrimas pareceram entristecer os bondosos Munchkins, pois eles imediatamente pegaram seus lenços e também começaram a chorar. Quanto à [Bruxa do Norte], ela tirou o chapéu e equilibrou a ponta na extremidade do nariz, enquanto contava "um, dois, três" em voz solene. Imediatamente, o chapéu se transformou em uma lousa, na qual estava escrito com grandes traços de giz branco: "DEIXEM DOROTHY IR PARA A CIDADE DAS ESMERALDAS".

A velhinha tirou a lousa do nariz e, depois de ler as palavras nela escritas, perguntou:

"Seu nome é Dorothy, minha querida?"

"Sim", respondeu a criança, enxugando as lágrimas. "Então você deve ir para a Cidade das Esmeraldas."

Por algum motivo, minha mente voltou ao artigo sobre aquela outra Dorothy que também empreendeu uma jornada extraordinária para

voltar para casa. Como a pequena órfã de L. Frank Baum que queria retornar à fazenda de seus tios no Kansas depois de

Ela fora levada por um ciclone para a terra de Oz. O destino de Dorothy Eady era, por assim dizer, a própria Oz, a "antiga terra" do Egito mencionada por Percy Bysshe Shelley em seu famoso soneto "Ozymandias". (Que estranho que eu nunca tivesse prestado atenção às duas primeiras letras desse título!) Percebi então que o "Mágico" de Dorothy Eady — a quem, descobri mais tarde, ela imaginava conhecer e amar de alguma forma misteriosa — era, na verdade, o pai do "rei dos reis" (Ramsés II) do poema de Shelley: o faraó Seti I. Criada na Inglaterra, Dorothy Eady aparentemente nunca conseguiu esquecer que realmente "não há lugar como o lar". Desde cedo, ela fez um voto irrevogável de reunir coragem, usar a inteligência e seguir o coração para viajar até a "Cidade das Esmeraldas" — a vila de Arabet Abydos, onde sabia que pertencia. Finalmente, segundo Christopher Wren, ela conseguiu chegar lá. E eu fiquei curioso para descobrir toda a história de como ela havia conseguido.

Para tanto, em meados de abril de 1981, decidi ligar para a Embaixada do Egito em Washington, D.C., e acabei falando com um adido cultural extremamente gentil, que me informou ter conhecido Omm Sety diversas vezes, que ela era uma mulher verdadeiramente notável e que enviaria um telegrama ao Departamento de Antiguidades do Egito, no Cairo, para verificar a possibilidade de uma entrevista. Uma semana depois, o adido telefonou para dizer que Omm Sety havia falecido em 21 de abril de 1981... dois anos depois de eu ter lido sobre ela pela primeira vez no comovente relato de Christopher Wren.

"Trabalhei no Cairo para o New York Times de 1977 a 1980", recordou Christopher Wren. "Também estava no Cairo, naquela época, um amigo meu chamado Don Schanche, que era repórter do Los Angeles Times e que havia encontrado Omm Sety em Abidos e escrito um artigo sobre ela em 1977. Eu planejava ir de carro para o Alto Egito em 1979 para cobrir uma matéria em Assiute, então Don sugeriu que, se eu fosse a Abidos, procurasse saber mais sobre Omm Sety. Ele me contou um pouco sobre ela."

"Ora, Don é um repórter pragmático, meio agnóstico e muito desconfiado. Como eu também sou muito desconfiado, achei que Omm Sety parecia um pouco maluca. Mas como Don a achava fascinante, pensei: 'Bem, se ele estava interessado na história dela, eu certamente deveria tentar conhecê-la.' Então, quando minha esposa e eu finalmente chegamos à vila, perguntamos a alguém onde ela morava, fomos até sua casa, batemos à porta e fomos recebidos por uma mulher com cabelos brancos ralos e olhos azuis brilhantes. Perguntamos se ela era Omm Sety, ela disse que sim, e então passamos quatro horas sentados em seu pequeno jardim, conversando e tomando chá com ela até escurecer."

Ela nos contou sobre sua vida e, depois de falar um pouco sobre ela...

Em sua encarnação anterior, ela disse, rindo: "Sabe, essa história realmente me faz parecer louca!". Mas quanto mais eu me aprofundava no assunto, mais percebia o quão extraordinária ela era. Achei que ela era uma pessoa incrível, com um senso de humor maravilhoso. Lembro-me de que ela tinha um burro que vivia enfiando a cabeça para dentro de sua casa de tijolos de barro — ela vivia em extrema pobreza — e ela me contou que o apelidou de Idi Amin. Mais tarde, conversei com vários estudiosos sobre ela, e todos disseram que, independentemente da veracidade de sua "história", ela realmente sabia tanto sobre Abidos quanto qualquer outro egiptólogo. James P. Allen, do Centro Americano de Pesquisa no Egito, a descreveu como uma santa padroeira da profissão. O que mais me intrigou foi a lucidez e a racionalidade que ela demonstrava... especialmente considerando a natureza bizarra de sua história. Ao final de nossa visita, Omm Sety disse sobre sua vida: "Valeu muito a pena. Eu não mudaria nada". Ela apontou para a beira do jardim onde havia preparado sua sepultura e comentou: "Quando eu morrer, eles só precisam levantar as placas de concreto e me empurrar para dentro."

* * *

Numa tarde seca e ensolarada do final de janeiro de 1985 — quase quatro anos após a morte de Omm Sety — encontrei-me sentada no pequeno jardim onde ela outrora conversara com Christopher Wren e sua esposa. O túmulo de Omm Sety estava vazio, pois o departamento de saúde local havia negado a permissão para que ela fosse enterrada numa área inabitável. (Seu túmulo fica no deserto, a noroeste dos templos de Sety e Ramsés.) Sentei-me em meio às cebolas, espinafre, agrião e tomilho que Omm Sety plantara, observando as sombras das laranjeiras movendo-se lentamente pelo chão e ouvindo os sons de burros zurrando, cães latindo e crianças gritando na estrada empoeirada da aldeia.

Determinado a desvendar o mistério da vida de Omm Sety, decidi visitar sua casa em Abidos, que agora pertencia a seu filho adotivo, Ahmed, cujo pai era o vigia noturno que conheceu Omm Sety na estação de trem de Balyana, durante sua peregrinação em 1952. Um lagarto saía correndo da casa de tijolos de barro quando me aproximei. Dentro do cômodo principal, desocupado, com cerca de três por três metros, restavam alguns pertences dilapidados de sua antiga moradora: uma cama e um guarda-roupa vazio (as roupas de Omm Sety foram enterradas com ela); um bico de Bunsen com um bule quebrado; duas estatuetas de barro de aparência primitiva, representando Ísis e Hórus, feitas por ela mesma, ambas repousando em um nicho em uma das paredes — acima das quais havia um

queimador de incenso em seu suporte e um grande pôster com uma fotografia em close do rosto de um gato com olhos enormes, sobre cuja cabeça estavam estampadas as palavras: TODOS

O GATO TEM O DIREITO DE COMER PEIXE. Também notei uma pequena estante rústica repleta de uma curiosa coleção de livros de bolso que haviam sido dados a Omm Sety por turistas visitantes. Mas um livro em particular me chamou a atenção: Peregrinação ao Renascimento, de Erlo van Waveren. Curiosamente, eu mesmo havia me deparado com essa crônica de reencarnação pouco conhecida, mas notável, apenas algumas semanas antes da minha viagem ao Egito; e, tendo ficado inquieto, mas comovido pela estranha e dramática confissão — uma espécie de alegoria da alma — das "vidas anteriores" desse autor-terapeuta (como o arcebispo François de Fénelon, Santo Astério e o profeta Judas Barsabás), liguei, de repente, para o escritório de Van Waveren na cidade de Nova York e marquei uma consulta para vê-lo ao retornar aos Estados Unidos, a fim de discutir o assunto da reencarnação. E ali, numa estante de livros em ruínas, numa cabana de barro numa aldeia do Alto Egito, encontrei novamente um exemplar de um livro que, desde a sua publicação pela Samuel Weiser, Inc., em 1978, tinha vendido apenas cerca de quinhentos exemplares.

"Fiquei muito contente e surpreso por você ter encontrado 'Peregrinação ao Renascimento' na casa daquela mulher no Egito", disse-me Erlo van Waveren quando finalmente o visitei em Nova York alguns meses depois. "Talvez o fato de você ter lido o livro e depois o ter encontrado novamente tenha sido um sinal do seu próprio interesse na reencarnação."

"Não tenho certeza se acredito em reencarnação", eu lhe disse.

"Ah, é porque você ainda não experimentou... Mas talvez experimente", comentou ele, sorrindo.

Um homem de aparência distinta e elegantemente vestido (ele tinha oitenta e dois anos quando o conheci), Erlo van Waveren me recebeu em sua bela casa de tijolos marrons na cidade de Nova York, que continha uma extraordinária coleção de pinturas antigas e modernas e artefatos religiosos de todo o mundo - a peça central de sua coleção sendo um raro retrato a óleo, anônimo, do grande médico, filósofo e alquimista suíço Paracelso, de pintura alemã do século XVI. Ele próprio descendente de uma família holandesa que controlava um consórcio internacional de flores, Van Waveren abandonou os negócios da família para se tornar, em suas palavras, "um terapeuta de orientação junguiana... Digo de orientação porque temo ser considerado uma 'ovelha negra' nos círculos junguianos oficiais". Ele conheceu Jung em 1935, fez terapia com ele e, posteriormente, frequentou seus seminários e palestras particulares em Zurique, antes de começar a clinicar na cidade de Nova York.

Em Memórias, Sonhos, Reflexões, Carl Jung escreveu: "Um homem deveria ser capaz de dizer que fez o seu melhor para formar uma concepção da vida após a morte, ou para criar alguma imagem dela — mesmo que tenha que confessar o seu fracasso. Não o ter feito é uma

perda vital. Pois a questão que lhe é colocada é a antiga herança da humanidade: um arquétipo rico em vida secreta, que procura acrescentar-se à nossa própria vida individual para..."

para torná-lo completo. Para isso, ele deveria ter um mito sobre a morte. pois a razão não lhe mostra nada além do abismo escuro para o qual está descendo... Enquanto o homem que se desespera marcha rumo ao nada, aquele que depositou sua fé no arquétipo segue os caminhos da vida e caminha direto para a morte. Ambos, certamente, permanecem na incerteza, mas um vive contra seus instintos, o outro com eles.

Nesta bela autobiografia, Jung aborda, mas acaba por contornar, a possibilidade da reencarnação: "Eu bem poderia imaginar que talvez tivesse vivido em séculos passados e lá me deparado com questões que ainda não era capaz de responder; que eu tivesse que nascer de novo porque não havia cumprido a tarefa que me foi dada. Não sei de nada." A resposta para a questão de se o karma que vivo é o resultado de minhas vidas passadas, ou se não é antes a conquista de meus ancestrais, cuja herança se une em mim. Sou uma combinação das vidas desses ancestrais e encarno essas vidas novamente? Vivi no passado como uma personalidade específica e progredi o suficiente nessa vida para agora poder buscar uma solução? Não sei. Buda deixou a questão em aberto, e gosto de supor que nem ele mesmo sabia com certeza.

Segundo Erlo van Waveren, Jung de fato acreditava na reencarnação. "Certa vez, conversei com o Professor Jung sobre esse assunto, e mais tarde sua esposa veio até mim e disse: 'Não fale com ninguém sobre isso, não é o momento certo'. Isso foi em 1950, e eu também tive um sonho de advertência que me dizia para não falar abertamente sobre isso. Nesse sonho, eu conversava com um padre sobre reencarnação e rasguei minhas roupas em uma estaca de ferro. Então, fiquei em silêncio, porque o mundo para o qual o Professor Jung queria provar que existia algo como a psique..."

não teria concordado com a noção de reencarnação. Hoje, muitas pessoas — especialmente os jovens — estão interessadas no assunto, nas raízes da vida. Parafraseando São Paulo, como fiz em meu livro: "A trombeta soar, e os mortos ressuscitarão, incorruptíveis; nós não morreremos". São Paulo disse isso há vinte séculos; mas hoje, mais uma vez, podemos dizer que os mortos podem retornar, incorruptíveis, ao estado de consciência que tinham em séculos passados e continuar suas percepções psíquicas tanto agora quanto no futuro. Agora que eu mesmo estou na casa dos oitenta, posso dizer que o Professor Jung me informou que havia retornado a cada cem anos desde o século XIII. Eu lhe disse que só tive duas encarnações durante esse período, e ele olhou para mim e disse: "Você é preguiçoso!". Eu lhe perguntei: "Você nunca descansa?". E ele respondeu: "Oh, sim, descansei por mil anos". Jung relatou vários de seus sonhos — eu

"Ele anotou tudo - isso me revelou várias de suas encarnações." "Em seus escritos, porém", eu disse ao Sr. van Waveren, "Jung, como..."

O Buda deixou a questão da reencarnação em aberto. É o próprio Buda quem aparece naquele primeiro parágrafo surpreendente de sua Peregrinação ao Renascimento:

Em 1955, sonhei que Buda apareceu através de um buraco redondo — o Orifício da Respiração da Eternidade — pisou aos pés da minha cama e depois no chão, onde se sentou na posição de lótus. Ele me transmitiu a mensagem de que eu deveria sentar em seu colo e ejacular em seu peito, formando a cauda de um pavão.

"Do que se trata?"

"O Buda é o espírito do mundo, o mestre do mundo", disse-me o Sr. van Waveren. "Quando ele me pediu em meu sonho para ejacular em forma de cauda de pavão, significava: doe do seu íntimo e do seu lado eterno. Porque a cauda do pavão é o símbolo do renascimento e do eterno retorno. O pavão retorna a cada primavera — é um sinal da alma reencarnando... e era usado nesse sentido também no antigo Egito. O ponto importante, porém, é que o poder daquele sonho em particular foi a força motriz por trás das minhas revelações sobre minhas vidas passadas. Eu não ousei ir contra o desejo do Buda!"

"Veja bem, a única maneira de verificar a veracidade da reencarnação é através dos sonhos — eles são a única prova que temos. O sonho é a raiz principal. O professor Jung teve um sonho em que entrou em um túmulo e encontrou um grupo de cavaleiros e percebeu que o dedo de um deles se movia para frente e para trás... o que significava que ainda havia vida em sua encarnação do século XIII. É a partir daí que se começa."

"Omm Sety, pelo que você me conta, descobriu sobre sua vida passada em seus sonhos — e é exatamente isso. Foi em meus sonhos que descobri que eu havia sido o arcebispo francês Fénelon, uma figura controversa na corte de Luís XIV. Tive que aceitar devido ao poder e ao conteúdo emocional dos sonhos. Tudo era tão estranho para mim e então, de repente, me lembrei de coisas do nada."

aquela vida, com muita dor, e eu fui transportado. Soluçando, soluçando.

Então, de repente, eu soube quem eu era na minha vida antes da de Fénelon." "Até quando você volta no tempo?", perguntei a ele.

"Cheguei aqui pela primeira vez em 700 a.C."

"E quando você acha que conheceu sua esposa [Ann van Waveren, também terapeuta junguiana]?"

"Eu não a via há dois mil e quinhentos anos. Eu era apaixonado por ela em 500 a.C., mas não pude me casar com ela. Por dois mil e quinhentos anos, ela seguiu seu caminho e eu o meu. Então nos reencontramos, e tem sido um casamento terrivelmente importante, porque sem ela eu não teria me desenvolvido, e vice-versa. Ela sempre influenciou minha psique..."

Na direção certa. ... E tenho uma ideia de que conheci minha mãe em minha vida anterior como Fénelon - escrevi um ensaio sobre como educar as filhas da minha mãe.

"Mas no início eu resisti a tudo isso. Veja bem, no tipo de sonho de que estou falando, a lembrança do passado se origina no que Jung chamou de 'sombra' da vida anterior: aquilo que não foi compreendido ou sofrido retorna... a sombra continua a existir. O professor Jung costumava dizer que oitenta por cento do ouro está na sombra – é o nosso tesouro. As pessoas têm medo da sombra, do desconhecido. Eu também. Mas não é o que eu decido, é o que meus sonhos me dizem. Só nos lembramos daquilo que não foi assimilado em nossa vida anterior – e essa é a sombra. Aquilo que foi assimilado se desprende de nós. Então, quando as pessoas dizem: 'Eu fui Nefertiti' ou 'Eu fui Napoleão', você tem que perguntar a elas: 'Quão difícil foi?'" Se eles não sofreram com a própria sombra, então você pode ter certeza de que a conexão é apenas indireta. Fiquei oprimido pela escuridão da vida de Fénelon. Andei pelas ruas sozinho por uma semana... Eu não conseguia aceitar. Mas quando os Grandes Sonhos surgem, então temos nossas grandes lutas. Há uma relutância em seguir o inconsciente – é a temível graça de Deus.

Erlo van Waveren faleceu em 16 de novembro de 1985. Sua esposa, Ann, faleceu trinta e cinco dias depois, em 21 de dezembro. Era o ano do seu quinquagésimo aniversário de casamento.

* * *

"Se um homem morrer, tornará a viver?" era a pergunta angustiada de Jó. É uma pergunta para a qual ninguém jamais obteve uma resposta definitiva. A noção de reencarnação também é uma hipótese desse tipo – nem refutável nem irrefutável –, visto que nunca se demonstrou inequivocamente que ela não ocorre, nem que ocorre. Fraude, fantasias compartilhadas, erros de memória como paramnésia (falsa memória) ou criptomnésia (memória oculta), memórias genéticas, retrocognição (percepção extrassensorial do passado) e "posseção" são todas explicações possíveis para casos específicos, como os de Erlo van Waveren ou até mesmo da própria Omm Sety. Como Lyall Watson comentou de forma interessante em seu livro *Lifetide*: "A lacuna entre a capacidade conhecida do cérebro e a demonstração de habilidades incomuns diminui a cada nova descoberta nas ciências da vida. A existência de vastas quantidades de informação inexplorada nos genes, a pressão de memórias alternativas nos sistemas rivais de cada célula e a crescente valorização dos poderes inerentes ao inconsciente tornam cada vez mais razoável supor que até mesmo uma criança de três anos poderia, dadas as circunstâncias certas, herdar ou adquirir e, em seguida, organizar uma segunda personalidade elaborada. A própria escassez de pessoas com conhecimento ou habilidades incomuns tende, a meu ver, a corroborar

essa explicação biológica em vez da da reencarnação."

E depois de analisar a história da vida de Dorothy Eady,

O astrônomo Dr. Carl Sagan — autor de *Os Dragões do Éden*, *Cosmos* e *Contato*, e membro do Comitê para a Investigação Científica de Alegações Paranormais — comentou comigo pessoalmente: "Dorothy Eady era uma mulher vibrante, inteligente e dedicada, que fez contribuições reais para a egiptologia. Isso é verdade, independentemente de sua crença na reencarnação ser fato ou fantasia. Ao avaliar as evidências, tais como existem, devemos reconhecer que muitos de nós temos uma forte predisposição a querer acreditar na vida após a morte e na reencarnação. A noção de que a morte é um sono escuro e sem sonhos é tão assustadora para muitos de nós hoje quanto era para muitos no Egito faraônico, e em ambas as épocas os humanos tomaram certas medidas para se tranquilizarem. Reconhecendo que nossas esperanças podem nos tornar vulneráveis ao autoengano, o ônus da prova deve claramente recair sobre os ombros daqueles que afirmam haver evidências de reencarnação."

No caso de Dorothy Eady, é impressionante como muitas das supostas histórias e anedotas corroborativas fluem através da própria Dorothy Eady — em seus diários e em suas histórias contadas a egiptólogos, jornalistas e amigos. Não há, por exemplo, nenhum registro independente — uma carta escrita por seu pai, digamos — sequer sobre sua convicção inicial de que o antigo Egito era seu "lar", muito menos que ela se "lembrasse" corretamente do estado original do Templo de Abidos. Não há nada em seu conhecimento do antigo Egito que exija mais do que uma mente ágil e perspicaz dedicada ao assunto, e certamente não há nenhuma evidência apresentada, além dos próprios relatos de Dorothy Eady, de amigos e parentes que a tenham flagrado em algum encontro com alguma manifestação do faraó Seti.

"A explicação mais econômica para sua história notável é que Dorothy Eady, embora tenha se saído bem e de forma construtiva na maioria dos aspectos de sua vida adulta, carregou consigo fortes fantasias da infância e, principalmente, da adolescência sobre uma vida passada no antigo Egito, sem a devida atenção à fronteira entre fato e fantasia. Não acho que devamos ser muito duros com ela por isso; claramente, o resultado foi uma vida muito mais rica do que ela poderia ter tido de outra forma."

Aqueles de nós criados na tradição judaico-cristã-islâmica dominante, que muitas vezes nega veementemente a possibilidade de reencarnação, frequentemente esquecem que quase metade da população mundial acredita nela. (De acordo com pesquisas e estudos recentes, o mesmo ocorre com quase um quarto da população dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.) Hindus, budistas, jainistas, drusos, alevitas e muitas tribos africanas, indígenas norte-americanas e das ilhas do Pacífico acreditam na reencarnação.

— de uma forma ou de outra — como algo garantido. Como afirmou o

Dalai Lama: "Fundamentalmente, acreditamos que a consciência de uma criança não pode vir de seus pais da mesma forma que o corpo. A mente é

Sem forma, mera iluminação e conhecimento. Por isso, a matéria não pode atuar como sua causa substancial. Somente um momento anterior de consciência pode servir como a causa primeira de uma mente – neste caso, a de uma vida anterior.

Ao longo da história ocidental, encontramos também a aceitação da reencarnação entre os druidas, órficos e cátaros; nas especulações de filósofos gregos como Pitágoras e Platão; como parte dos ensinamentos ocultos dos gnósticos, cabalistas judeus e certos místicos sufistas; e nos escritos de inúmeros poetas, romancistas e artistas. "Alguns de nós, em uma existência anterior, já fomos apaixonados por uma Antígona", declarou certa vez Percy Bysshe Shelley a um amigo, "e isso faz com que não encontremos plena satisfação em nenhum vínculo mortal."

Sua irmã, Wilhelmina, Van Gogh escreveu: "Tenho pouca confiança na correção de nossos conceitos humanos sobre uma vida futura. Somos tão incapazes de julgar nossas próprias metamorfoses sem preconceito e prematuridade quanto as larvas brancas da salada das suas, pela razão muito convincente de que as larvas da salada devem comer raízes de salada justamente para seu desenvolvimento superior. Da mesma forma, acho que um pintor deve pintar quadros; possivelmente algo mais virá depois disso." Até mesmo o cético e pragmático Voltaire certa vez afirmou laconicamente: "Afinal, é

"Não é mais surpreendente nascer duas vezes do que nascer uma só." E recentemente, muitos cientistas, psicólogos, parapsicólogos e médicos têm realizado trabalhos sérios de especulação e investigação sobre o tema da reencarnação.

Um dos mais interessantes é o bioquímico inglês Rupert Sheldrake, formado em Cambridge, cujo livro controverso, *Uma Nova Ciência da Vida*, foi elogiado pela revista *New Scientist* como "uma importante investigação científica sobre a natureza da realidade biológica e física". Em um programa de rádio da BBC de 1983 intitulado "Memórias Vivas", Sheldrake resumiu suas ideias sobre reencarnação, concentrando-se inicialmente na ideia de "uma memória coletiva ou compartilhada das experiências de seres humanos do passado, que atuaria como uma espécie de substrato ou base para nossa atividade coletiva. Ora, o que mais se aproxima dessa noção na teoria existente é a ideia de Jung sobre o inconsciente coletivo. Isso proporcionaria uma base comum, um conjunto comum de memórias do qual todos nós nos valemos. Mas quando se trata de memórias particulares de pessoas específicas, estamos indo um pouco além da ideia de Jung, e isso não seria consistente com ela."

"O que estou propondo é algo que qualquer membro da espécie poderia sintonizar. Minha teoria sugere que memórias conscientes podem ser transportadas de estados conscientes passados para o presente simplesmente por meio de uma semelhança com o estado presente, através do processo que chamo de ressonância mórfica. Se

nós, e todos os animais, pudermos sintonizar a experiência do passado
- não apenas a de nossos ancestrais, mas também a de outros membros
da espécie -

Então essa influência não ocorre através dos genes, mas sim é algo comunicado através do tempo e do espaço.

"Da mesma forma, deveria ser possível acessar nossos próprios estados passados. Toda a teoria de que a memória é armazenada dentro do cérebro em forma química e física — a teoria comumente aceita — acaba tendo pouquíssimas evidências a seu favor. A maioria das pessoas presume que as memórias são armazenadas dentro do cérebro, e a evidência usual para isso é que danos cerebrais podem resultar em perda de memória. Isso, na verdade, não prova nada em nenhum dos sentidos. Se você cortar um pedaço do circuito de uma TV — remover os fios e transistores — o

As imagens na tela desaparecerão. Isso não prova que todas as pessoas que você vê na tela e os eventos que estão acontecendo ali estejam armazenados nas partes que você removeu. Prova apenas que você não consegue mais se conectar a elas. Da mesma forma, se você remover uma parte do cérebro e perder a capacidade de ter certas memórias, isso não prova que essas memórias estejam armazenadas ali. Mostra apenas que a parte que você removeu é necessária de alguma forma para recuperar, acessar ou se conectar a essas memórias.

"Eu diria que a memória da vida é derivada de outras pessoas do passado, deixando em aberto a questão de se elas são a mesma pessoa reencarnada. Se elas estão simplesmente se conectando às memórias de outra pessoa, isso não prova que elas são essa pessoa em particular. No entanto, é preciso ter em mente que certos iogues indianos conseguem se lembrar de suas vidas passadas — é uma das coisas que se supõe que Buda tenha feito. Portanto, é possível que um tipo de consciência altamente desenvolvido permita que essas memórias sejam recordadas."

"Se alguém capta as memórias de uma vida passada através do que se chama de 'telepatia retrocognitiva' (telepatia que permite voltar no tempo, captando informações do passado), a questão de saber se essa pessoa é ou não aquela outra pessoa se resume a uma discussão sobre o que nos torna quem somos. É meramente a posse de memórias, ou há algo mais envolvido?"

Também participou deste programa "Memórias Vivas" o Dr. Ian Stevenson, professor de psiquiatria e diretor do Departamento de Parapsicologia da Universidade da Virgínia, em Charlottesville, cujos livros marcantes - em particular, Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação - foram elogiados nada menos que pelo Jornal da Associação Médica Americana.

Em suas investigações eruditas e objetivas de quase dois mil casos, as descobertas de Stevenson — cujos dados derivam principalmente de entrevistas com informantes diretos — parecem apresentar certas características recorrentes. A maioria dos sujeitos são crianças que, entre os dois e os quatro anos de idade, começam a descrever eventos e

pessoas de suas vidas anteriores. Geralmente, noventa por cento das declarações desses sujeitos

acabam se confirmando. Em uma alta porcentagem dos casos, a personalidade anterior teve uma morte violenta e, frequentemente, prematura. Os casos relatados foram mais comuns em partes do mundo onde a reencarnação é amplamente aceita — Índia, Sri Lanka, Sudeste Asiático e sudeste do Alasca. Como Stevenson aponta, a maioria dos indivíduos ocidentais não possui uma estrutura de crenças que possa tornar a noção de reencarnação inteligível para eles. "Aceitar experiências estranhas", afirma ele, "significa encontrar um lugar para encaixá-las em nosso sistema conceitual, e se não conseguirmos fazer isso confortavelmente, é mais fácil nos livrarmos delas por meio da negação." (A pequena Dorothy Eady, de três anos, é claro, recusou-se a negá-las.)

Pode-se também considerar algumas observações adicionais de Stephan A. Schwartz, presidente e diretor de pesquisa do Grupo Mobius, com sede em Los Angeles, que se dedica à pesquisa em "arqueologia psíquica", a qual tenta identificar e descobrir sítios arqueológicos por meio da "visão remota" (na qual um "perceptante" tenta descrever os arredores de um "agente" geograficamente distante). Em 1979 e 1980, Schwartz e sua equipe do Mobius, auxiliados por um grupo de arqueólogos egípcios, afirmaram ter descoberto — como Schwartz relata em seu livro "O Projeto Alexandria" — as ruínas tanto do palácio de Marco Antônio quanto do que poderia ter sido o palácio de Cleópatra — afirmações que, convém notar, foram ferozmente contestadas.* E enquanto estava em Alexandria, Stephan Schwartz fez duas viagens a Abidos, onde conheceu e conversou longamente com Omm Sety.

* Aqueles que não se impressionarem com essas afirmações específicas ainda poderão querer investigar a pesquisa altamente conceituada sobre a possibilidade de visão remota realizada por Robert Jahn, reitor da Escola de Engenharia e Ciências Aplicadas da Universidade de Princeton, que utilizou máquinas que geravam sinais eletrônicos aleatórios ou uma cascata mecânica de bolinhas de gude em torno de pinos de madeira, e descobriu que certos indivíduos influenciaram com sucesso a maneira como as bolinhas de gude caem ou os sinais se acendem, unicamente por meio de suas mentes.

"Acho que muito do trabalho do Dr. Ian Stevenson é muito interessante e convincente", comentou Schwartz recentemente comigo, "mas isso não comprova a reencarnação, porque você também poderia explicar as experiências de seus sujeitos à luz de (a) o inconsciente coletivo e (b) a visão remota, que é o que o projeto Mobius está pesquisando e o que a própria Omm Sety praticava quando descobriu o jardim do Templo de Sety em Abidos."

O que parece estar acontecendo é que algum aspecto da consciência humana aparentemente tem a capacidade — pelo menos na aparência — de se mover no tempo e no espaço. Ora, pode não se tratar, na verdade, de movimento algum. Há fortes razões para apoiar a ideia de

que todos esses fenômenos — incluindo as experiências fora do corpo — não são uma função do movimento da consciência. Ou seja, nada sai de você, mas sim que todos nós, como parte inerente do nosso ser, caminhamos.

com um canal de acesso a um coletivo — o que Rupert Sheldrake chama de "campo morfogenético" — e que temos um canal de informação sempre ativo que permite às pessoas, com certas limitações, descrever pessoas, lugares e eventos dos quais estão fisicamente separadas e que não poderiam conhecer nem por fontes intelectuais nem por meio de qualquer percepção sensorial normal. Fizemos muitos experimentos nos quais, digamos, uma pessoa pode dizer que se você for a 6.400 quilômetros de distância e procurar a colina com o grande carvalho, encontrará ao lado dela uma rocha que se parece com um crânio; e que se você cavar 1,2 metro, chegará à zona de carbono e lá descobrirá uma cabeça de machado bifacial... e estará lá!

"Quando conversei com Omm Sety, tive um pressentimento muito claro de que a história dela poderia muito bem fornecer um bom argumento para a possibilidade de reencarnação... e certamente para a possibilidade de um indivíduo ter acesso ao que Jung chamou de inconsciente coletivo — o que no Oriente seria chamado de registros akáshicos [uma espécie de biblioteca cósmica onde está armazenado tudo o que foi sentido, dito, pensado ou feito desde o início dos tempos]. Quando removemos toda a estranheza, ocultismo e ritualização que cercam esses fenômenos, o que temos é uma fonte de informação bastante direta, embora não muito bem compreendida. Já testamos cerca de 23.000 pessoas, e esse talento está amplamente distribuído — embora algumas pessoas sejam melhores nisso do que outras... Omm Sety sendo um caso especialmente extraordinário. Quase qualquer pessoa, no entanto, tem a capacidade de descrever algo que sabe que não sabe, e que não poderia saber, porque talvez seja um evento que ainda não aconteceu."

Omm Sety sabia onde ficava o jardim do templo. Ela disse: "Se vocês cavarem aqui, encontrarão as raízes das árvores, os canais e assim por diante." Eles cavaram e encontraram. Agora, como eu disse, a fonte da informação pode ter se originado na reencarnação, no inconsciente coletivo ou na visão remota. Pode ter sido uma dessas três fontes, ou uma combinação delas, já que não compreendemos muito bem esse aspecto da consciência humana. Mas se você simplesmente examinar os dados — e eliminar toda a paixão e o viés ideológico — o argumento se torna muito convincente.

"Omm Sety era uma personagem muito controversa porque fazia coisas e sabia coisas que não deveria ter sido capaz de fazer ou saber... e é muito mais confortável agir como se nada estivesse acontecendo. Ela era uma pessoa extraordinária. Eu a conheci por sugestão do falecido Hugh Lynn Cayce, filho de Edgar Cayce, que estava interessado em descobrir se as informações fornecidas por seu pai sobre uma nova cronologia egípcia estavam corretas ou não. Parece que não estão... e para o

Para crédito da ARE, eles publicaram o fato de que aparentemente não funcionou. [A Associação para Pesquisa e Iluminação (ARE), com sede em Virginia Beach, Virgínia, dedica-se ao estudo e análise das mais de quinze mil transcrições de Edgar Cayce.] Ele me disse que eu precisava ir a Abidos para conhecer Omm Sety, pois ele havia passado muitos dias com ela e a considerava extraordinária. Então, por sugestão dele, passei várias horas com ela em 1979 e novamente em 1980; e eu também a achei uma pessoa extraordinária. Sempre me fascina quando alguém é consumido por um sonho – não há muitas pessoas dispostas a sacrificar tudo por um sonho que a impulsiona – e ela estava disposta a fazer isso. Deu certo... ela teve sucesso. A qualidade do seu trabalho fez com que as pessoas ao menos aceitassem a possibilidade daquilo em que ela acreditava. Simplesmente não dava para ignorar suas realizações concretas.

* * *

Em um artigo intitulado "A Evidência da Sobrevivência do Homem Após a Morte", o Dr. Ian Stevenson afirma que "evidências indicativas de sobrevivência provêm não apenas de um tipo de experiência, mas de várias: aparições, experiências fora do corpo, visões no leito de morte, certos tipos de comunicação mediúnica e casos de reencarnação". É interessante observar que a própria Omm Sety parece ter vivenciado todos os fenômenos acima mencionados. Talvez o mais bizarro deles diga respeito ao que ela acreditava serem suas viagens astrais noturnas. Em uma de suas anotações de diário de 1972, Omm Sety escreveu:

Certa vez, conversei sobre o assunto do corpo astral com uma americana culta e inteligente, a Sra. Edyth Mallory, que morava no Cairo. Ela era versada em ciências ocultas, tendo estudado com os teosofistas. Ela disse que algumas pessoas podem projetar seus corpos astrais à vontade. Ela não especificou a aparência deles, mas insistiu que estavam sempre ligados ao corpo terreno por um longo cordão prateado. O Dr. Albert Doss disse o mesmo. Eles não mencionaram se o corpo astral era vestido ou nu.

No meu caso, o corpo, que está sempre nu, é bastante jovem e tem uma aparência saudável – sem cicatrizes nem varizes! Não vi o rosto e, definitivamente, não há nenhum cordão prateado. O cabelo é dourado como era quando eu era jovem, mas curiosamente o penteado muda de acordo com o do corpo terreno. Por exemplo, de 1955 a 1957, deixei meu cabelo terreno crescer bastante e o tranchei. Durante esse período, o cabelo astral também estava comprido; e em uma visita eu estava sentada no chão aos pés de Sety, e ele estava brincando com meu cabelo, puxando minha cabeça com ele. De repente, ele disse: "Levante-se, Pequena". Tentei me levantar, mas descobri que ele havia amarrado meu cabelo à cadeira! Ele, Ramsés e eu rimos muito disso!

Como você deve se lembrar, a cena na câmara do sarcófago do Osíris mostra os corpos astrais (aqui chamados de Akhu ou "Espíritos Glorificados") deixando seus corpos terrenos. Em cada caso, o corpo astral está vestido, mas não há cordões de prata. Em Ísis Sem Véu, Vol. I, pp. 179-80, Helena Blavatsky cita Paracelso dizendo que os corpos astrais de algumas pessoas deixam seus corpos durante o sono e

visitam lugares próximos ou distantes. Ao acordar, a pessoa não sabe o que aconteceu e pensa que estava sonhando. No mesmo livro (I, p. 226), ela fala de

lâmpadas sempre acesas, e diz que a "alma astral" permaneceu perto da múmia por 3.000 anos. Ela estava ligada ao corpo "por um fio magnético que só podia ser rompido por sua própria força".

Mas em uma de suas conversas com Hanny El Zeini, Omm Sety comentou, rindo, que "no meu caso não havia cordão de prata, porque se houvesse, eu provavelmente teria tropeçado nele!"

Na opinião de Stephan A. Schwartz, "Muito do que as pessoas subjetivamente experimentam como viagem astral é provavelmente uma forma de visão remota. Uma experiência fora do corpo (EFC) genuína, onde há um desprendimento do foco da consciência do corpo físico, geralmente é acompanhada pela capacidade de se virar e se ver — como nos relatos de experiências de quase morte em que as pessoas olham para seus corpos e observam o que os médicos estão fazendo — seu ponto de referência muda." As experiências de Omm Sety parecem ter sido de ambos os tipos. Basta pensar na amiga de Omm Sety que teve que abrir a janela do quarto de sua hóspede para permitir que o corpo astral retornasse ao corpo físico aparentemente em coma de Omm Sety! Se nada "saiu" do corpo, o que estava tentando passar pela janela fechada?

Qualquer que seja a explicação para elas — visão remota, sonhos lúcidos, imaginação combinada com percepção extrassensorial, um estado alterado de consciência — experiências fora do corpo têm sido relatadas ao longo da história da humanidade. Em sociedades tribais, esperava-se que xamãs e curandeiros "viajassem" dessa maneira (bem como se comunicassem espontaneamente com os animais e compreendessem a linguagem deles — outro dos dons de Omm Sety). Os antigos xamãs e xamãs chineses (estas últimas conhecidas como wu) supostamente mantinham relações amorosas com os seres divinos que encontravam em suas viagens astrais, segundo Edward H. Schafer. Relatos de santos em transe viajando e encontrando anjos no Além são comuns. Também encontramos inúmeras descrições de bruxas e megeras que viajam à noite (do termo *hagazussa*, "aquela que cavalga na cerca"), que são o foco do recente livro de Hans Peter Duerr, *Tempo dos Sonhos*. Duerr, assim como outros, apontou que foi a aplicação no corpo de pomadas preparadas com "plantas voadoras", como a estramônio, o meimendro e a beladona, que resultou em relatos de voos inimagináveis "sobre colinas e vales". (Experiências semelhantes foram induzidas por anestésicos dissociativos, como as cetaminas.) Rogan Taylor, além disso, sugeriu de forma interessante que a tradição do Papai Noel e suas renas voadoras pode ter evoluído a partir do uso de cogumelos amanita muscaria vermelhos e brancos por tribos no norte da Sibéria. Hans Peter Duerr escreve em *Tempo de Sonho*: "Não é tanto que voamos. O que acontece

Em vez disso, nossas 'fronteiras do ego' comuns se evaporam, e assim é perfeitamente possível que de repente nos encontremos em lugares onde nosso 'corpo cotidiano', cujos limites não são mais idênticos à nossa pessoa, não existe. . . . Tal expansão de nossa pessoa pode ser facilmente descrita como 'voar'.

Carlos Castaneda esfregou o corpo com uma variedade de espinheiro-alvar e então alçou voo, sob o olhar atento de seu nagual, o mestre xamânico Don Juan. "O nagual", diz Don Juan, "é a parte de nós para a qual não há descrição - nem palavras, nem nomes, nem sentimentos, nem conhecimento." Essa sensação extática de voar para fora do corpo foi, de fato, poderosamente sugerida na própria obra de Castaneda, Os Ensinaamentos de Don Juan, bem como em obras tão diversas quanto a "Canção dos Dois Fantasmas" dos índios Omaha ("Meu amigo/Este é um mundo vasto/Estamos viajando/Caminhando ao luar"); na canção "And She Was" dos Talking Heads, que descreve uma dona de casa suburbana, deitada na grama perto de uma fábrica, que começa a levitar e flutuar pelo quintal, enquanto tira o vestido e lentamente se eleva acima da terra em direção ao universo ("Ela estava feliz com isso... sem dúvida/Ela não tem certeza de para onde foi/Sem tempo para pensar no que dizer a eles/Sem tempo para pensar no que fez"); e, talvez o mais belo de todos, no notável romance de Nancy Willard, Things Invisible to See (1984), no qual uma garota chamada Clare, paralisada após ser atingida na cabeça por uma bola de beisebol, está deitada à noite em um leito de hospital em Ann Arbor, Michigan, na véspera da Segunda Guerra Mundial, e de repente percebe um estranho:

A velha senhora pairava sobre os pés da cama de Clare, e o aroma da roupa secando lá fora, do alho-poró, do trevo e da grama alta cortada de manhã cedo invadia o quarto. Um chapéu de sol azul desbotado escondia seu rosto.

Você me vê com seus olhos espirituais, filha. — disse a mulher. — Agora corra até mim com suas pernas espirituais.

As miosótis em sua saia balançavam, e em suas sombras plissadas reluziam furões, patos-reais e corujas.

Ela se aproximou de Clare e tocou a lateral da garota. Um vento percorreu o corpo de Clare, como se as barras de sua caixa torácica se abrissem. Seu próprio fôlego a levou para fora.

Para fora do corpo dela.

Sem peso e sem carne, Clare pairava no ar ao lado da velha e encarava o corpo esguio que a abrigara tão fielmente por dezessete anos. Os longos cabelos castanhos caíam como água pelos dois lados do travesseiro. Os grandes olhos verdes fitavam o vazio. Apenas o hematoma em sua testa era recente.

Não acredito! Não acredito que o tempo acabou!

Você não está morta, minha filha! — disse a mulher.

Na cadeira, a mãe de Clare continuava dormindo, imóvel como um monte de neve. Através dos cravos na mesa de cabeceira, fluíam raios de luz, o berço de milhões de estrelinhas.

Moléculas — disse a velha.

Os recipientes de aço na mesa de cabeceira zumbiam; enxames de diamantes mantinham a forma da bacia e da jarra.

*Tudo que está vivo parece morto e tudo que está morto parece vivo.*disse a velha e flutuou até a porta, onde parou, olhando por cima do ombro, e acenou para Clare segui-la.

Lembra-se também do relato surpreendente de Omm Sety, que se ergueu "completamente nua" e "gloriosamente leve", para fora do seu corpo, e voou com seu mensageiro-guia, Ptah-mes, através de uma densa neblina acima das pirâmides de Gizé, chegando finalmente ao palácio de "Sua Majestade" em Amenti.

Tanto na experiência de Clare quanto na de Omm Sety*, é claro, há a presença de um espírito auxiliar que guia cada mulher em sua jornada. Como antropólogos frequentemente apontam, xamãs e xamãs recorrem a um poder especial e pessoal que geralmente é fornecido por um espírito guardião, conhecido por diversos nomes, como "nagual", "familiar" ou, simplesmente, "amigo" ou "companheiro".

*Segundo o psicólogo Dr. Alan O. Gauld, "as experiências fora do corpo são mais frequentes durante o sono, durante a inconsciência após anestesia ou uma pancada na cabeça, e durante o estresse" (Mediumship and Survival).

No caso de Omm Sety, Ptah-mes é apenas um "espírito auxiliar", pois seu verdadeiro espírito guardião era, naturalmente, Sety, o Primeiro, que apareceu pela primeira vez a Dorothy Eady como uma múmia quando ela tinha quatorze anos. Ele fez isso em um Grande Sonho xamânico — um sonho tão vívido que se experimenta como se estivesse acordado — que, no caso dela, tinha uma semelhança impressionante com um descrito pelo poeta espanhol Antonio Machado (na tradução de Robert Bly):

Ele era o demônio dos meus sonhos, o mais belo de todos os anjos. Seus olhos vitoriosos.

Brilhou como aço,
e as chamas que caíam de
sua tocha como gotas
Iluminou a masmorra profunda da alma.

"Você vai comigo?" "Não, nunca! Túmulos e
cadáveres me assustam."

Mas sua mão de
ferro tomou a
minha.

"Você irá comigo."

Assim como o poeta, Dorothy Eady o acompanhou.

A palavra "demônio" deriva do grego daimon, que, antes da teologia cristã "demonizar" o conceito, era usada na antiguidade para denotar o "bom espírito" de uma pessoa. Foi Platão quem disse que todo ser humano possuía um daimon divino, o componente mais nobre de sua

psique. Apuleio foi o autor da grande alegoria da alma.

Conhecido como O Asno de Ouro, Apuleio descreveu o daimon de Sócrates como "um patrono privado e guia individual, um observador do que acontece no íntimo da pessoa, guardião do seu bem-estar, aquele que a conhece mais intimamente, seu observador mais alerta e constante, juiz individual, testemunha irrefutável e inescapável, que desaprova o mal e exalta o bem". À pessoa que busca conhecê-lo e honrá-lo, diz Apuleio, o daimon se comunicará, "ora por meio de um sonho, ora por meio de um sinal, ou poderá até mesmo intervir aparecendo pessoalmente para afastar o mal, reforçar o bem, elevar a alma derrotada, estabilizar nossa inconstância, iluminar nossa escuridão, direcionar o que nos é favorável e compensar o mal". É interessante notar que foi o próprio Apuleio, um iniciado nos mistérios egípcios posteriores, quem considerou que os maiores dos daimons eram ninguém menos que Ísis e Osíris.

Na "Ode a Psiquê" de Keats, o poeta sonha que vê (ou vê em um sonho lúcido) Cupido e Psiquê aninhados em uma floresta. (A analista junguiana Marie-Louise von Franz, aliás, sugere que Cupido e Psiquê, como descritos no grande conto de fadas de Apuleio, são estruturalmente "idênticos" a Osíris e Ísis.) No mundo de Keats, os deuses estão mortos – não têm templos, altares ou coros de virgens ("Nenhuma voz, nenhum alaúde, nenhuma flauta, nenhum incenso doce/Do incensário balançando em correntes;/ Nenhum santuário, nenhum bosque, nenhum oráculo, nenhum calor/Do profeta de boca pálida sonhando"). Assim, "tarde demais para votos antigos", o poeta assume a restauração do culto e do refúgio de Psiquê, prometendo construir seu santuário "em alguma região intocada da minha mente/ E lá haverá para ti tudo".

Suave deleite/Que pensamento sombrio pode vencer,/Uma tocha brilhante e uma janela aberta à noite,/Para deixar o Amor caloroso entrar!

A restauração do mundo antigo feita por Keats é, naturalmente, uma restauração interior. E como André Malraux refletiu em suas Anti-Memórias:

Que importavam nossas sucessivas interpretações de Hórus e Osíris? Os deuses não têm significado se o Olimpo não o tiver mais; Anúbis, o embalsamador, não tem significado se o mundo dos mortos não o tiver mais. Cada um dos deuses pertencia ao mundo impenetrável da Verdade que os homens adoravam. O Egito trouxe Osíris de volta à vida por meio de suas orações, e nós o trouxemos de volta por meio de sua forma e sua lenda — por tudo, exceto pela oração. Ele renasceu não na Verdade ou no desconhecido, mas nos esplêndidos salões do mundo da arte, que herdaria essa carga secular de um navio de faraós naufragado entre os paxás. A metamorfose dos duplos dos dinastas egípcios descia a melancólica escadaria do Museu do Cairo, entre as perucas sacerdotais e as peles de pantera cravejadas de estrelas douradas, através de um cemitério de deuses.

Omm Sety, inspirada pela verdade de suas visões de seu daimon-

amante e de seus deuses tutelares, decidiu, ainda criança, retornar àquele mundo antigo – onde sentia ter nascido antes – para viver e orar a seus deuses não apenas no mundo dos museus ou

no santuário de sua mente (embora, é claro, também lá), mas no templo que ainda abrigava suas imagens e seu espírito. Assim como o Sety histórico e seus sacerdotes outrora ministravam, cuidavam e prestavam serviço aos deuses — tornando, assim, as divindades uma presença viva —, Omm Sety trouxe esses deuses e o próprio Sety de volta à vida por causa de sua crença total, irrevogável e incondicional neles. Ela fez isso não apenas com oração, mas também por meio da erudição que praticou, dos livros e artigos que escreveu, das visitas guiadas ao templo que conduziu e, acima de tudo, pelo compromisso e devoção inequívocos à religião que professava — um culto "pagão" que a teria levado ao ostracismo, apedrejamento ou queima na fogueira em tempos mais intolerantes (e talvez ainda hoje em certas partes do mundo).

Juntamente com as crenças politeístas de Omm Sety, estava o seu cultivo e prática da antiga magia egípcia. Ísis, naturalmente, era a deusa da magia; e foi por meio dela que ela protegeu seu filho Horus, ainda em desenvolvimento, de seus inimigos, arrebatou o "nome sagrado" do deus Rá (tomando para si seu poder mágico) e destruiu a serpente Apófis, privando-a de seus sentidos.

Segundo o professor Erik Hornung, os antigos egípcios consideravam a magia uma "força", que Hornung denomina "a energia nuclear das primeiras civilizações" devido à sua "periculosidade e ao seu poder de transformar o mundo".* Originalmente concedida aos seres humanos como uma arma de autodefesa, a força da magia — como Hornung nos conta em "Concepções de Deus no Antigo Egito" — eventualmente "passa a servir a propósitos altamente egoístas e agressivos, especialmente em feitiços de amor; e o mago não hesita em ameaçar os poderes invocados com o evento mais extremo e terrível possível: a destruição do mundo. Nas mãos humanas, a força da 'magia', que originalmente era neutra em relação a valores, torna-se perversa."

É irônico que, em um estudo recente do Departamento de Energia dos EUA sobre os problemas do descarte de combustível nuclear usado, seja sugerido o desenvolvimento de uma espécie de "sacerdócio atômico" — inspirado nos antigos protetores egípcios dos túmulos faraônicos — para manter uma segurança contínua (com os tabus e maldições inerentes) contra entradas indesejadas e não intencionais nos locais de sepultamento radioativo!

Omm Sety compreendia bem os perigos de tal "perversão". E em uma entrada de seu diário de 1972, ela escreveu:

"Ó meu Rei", eu disse a Sua Majestade, "por favor, responda-me a mais uma pergunta?" Ele assentiu. "Por que", perguntei, "nas imagens do Barco Solar no Livro dos Portões [um texto funerário da Décima Oitava Dinastia que descrevia a passagem noturna do deus sol] sempre aparecem as figuras de Heka e Sia, Magia e Sabedoria?" Ele respondeu: "Lembra-se de que eu lhe disse que não existe Barco Solar e que Rá, Iwí e Rá-Hor-akhty [deuses solares] são apenas manifestações do Senhor de Tudo?"

Da mesma forma, não existem seres chamados Heka e Sia. Em nossa época,

Existiam alguns verdadeiros magos, e a magia era algo real. A magia é representada simbolicamente por Heka, e como você sabe, Sia significa 'sabedoria' ou 'compreensão'. Elas são mostradas juntas para lembrar a todos os observadores que aqueles que possuem e usam Heka também devem possuir Sia, ou então fazem mau uso de Heka. Você entende agora? "Sim, entendi e vou me lembrar", respondi.

Como mencionado anteriormente, Omm Sety usou o poder de Heka, que ela derivou de antigos feitiços egípcios, para se proteger e proteger sua posição em Abidos, para curar as pessoas locais que pediam sua ajuda e para garantir que aqueles que abusavam e torturavam animais fossem punidos da mesma forma.

De fato, o uso dessa "força" por Omm Sety pode ser visto como um aspecto de seu papel como uma devota sacerdotisa pagã de Ísis, e não como uma manipuladora perversa de "magia negra" para fins satânicos, extorsivos ou de exploração sexual. Para Omm Sety, assim como para os antigos egípcios, Osíris ainda estava vivo nas águas crescentes do Nilo, nos grãos que brotavam e na lua crescente. Geb e Nut — o deus da terra e a deusa do céu — conversavam entre si no murmúrio das águas de Osíris. Os mortos e os deuses — assim como os vivos — exigiam

Comida e bebida, descanso e recreação. Ao pôr do sol, o deus sol afundava no horizonte ocidental, navegava durante as doze horas da noite em sua barca noturna pelas doze divisões do submundo, onde levava luz e sustento aos mortos bem-aventurados, e então renascia ao romper do novo dia, navegando em sua barca diurna pelos céus em triunfo mais uma vez.

O antigo diretor do Centro de Pesquisa Americano no Egito, Dr. James P. Allen, comentou recentemente: "Há um aspecto infantil nessas descrições dos antigos egípcios sobre a jornada pelo Mundo Inferior, e acho que isso é comum a um certo estágio do desenvolvimento humano. Acontece que os egípcios concretizaram isso muito melhor e de forma muito mais completa do que qualquer outro povo. Tenho certeza de que os aborígenes da Austrália tinham um sistema igualmente desenvolvido, mas não sabemos muito sobre ele porque eles nunca registraram nada por escrito, ao contrário dos antigos habitantes da Austrália."

Egípcios.

"Omm Sety via o mundo quase como os antigos egípcios. Digo 'quase' porque ela era um produto dos tempos modernos e não conseguia escapar disso, por mais que quisesse. Ela acreditava nisso com tanta força, porém, que conseguia se convencer. Se um antigo egípcio adormecesse e sonhasse com Anúbis ou Wepwawat, e ao acordar visse um cachorro... bem, era Anúbis ou Wepwawat, não havia dúvida. O mesmo acontecia com Omm Sety."

Foi com os olhos e a visão de uma criança que Omm Sety podia,

sempre que desejasse (e talvez apesar de si mesma), contemplar o seu antigo mundo egípcio. Quando entrou no túmulo de Ti em Sacara.

ou o Templo de Sety, as imagens nas paredes - como em um livro infantil

— ganharia vida. (Um Sonho do Passado é, na verdade, uma espécie de livro infantil.) Osíris e Ísis eram seu pai e sua mãe protetores. Seti e Ramsés eram seus amigos amorosos. O sumo sacerdote Antef era seu professor atormentador... Pois este era o seu mundo, e era somente quando estava nele que ela se sentia verdadeiramente em casa.

* * *

Embora conhecesse bem Omm Sety e fosse seu confidente em relação às suas viagens noturnas ao Além para ver "Sua Majestade", Hanny El Zeini inicialmente não conseguiu aceitar com imparcialidade as confissões de seu amigo. "E um dia decidi visitar um velho amigo meu no Cairo, que era psiquiatra, e pedir-lhe a sua opinião sobre algumas das conversas gravadas que eu tinha com Omm Sety. Ele ouviu as gravações com muita atenção e então, escolhendo cuidadosamente as palavras, disse-me: 'Gostaria de conhecer essa Omm Sety; ela é um caso muito interessante. Não posso chegar a nenhuma conclusão definitiva sobre ela, porém, sem examiná-la de perto. Mas certamente ela não é "normal".'"

"Eu sabia que Omm Sety jamais concordaria em vir ao Cairo, embora eu realmente quisesse ajudá-la. Então pensei: será que ela realmente precisava da minha ajuda ou da ajuda de qualquer outra pessoa? Afinal, para todos os efeitos, ela estava satisfeita com a vida. Pouco depois, quando fui conversar com alguns membros de uma sociedade espiritualista no Cairo chamada Al Ahram [a Sociedade da Pirâmide], eles tinham uma visão diferente da do meu amigo psiquiatra. Um rosacruz erudito me disse que eu deveria levar tudo o que Omm Sety dizia muito a sério, que ela não vivia em um mundo de ilusões. Então voltei para Nag Hammadi mais perplexo, inseguro e confuso do que antes."

Tendo eu mesmo aprendido sobre as muitas vidas de Omm Sety, assim como o Dr. El Zeini, fiquei perplexo com essa pessoa extraordinariamente complexa. E eu também gostaria de ter respostas para várias perguntas: Existiria, por exemplo, um correlato neurológico para a história de Omm Sety? Eu sabia que acidentes cerebrais – como o que aconteceu com Dorothy Eady, de três anos, quando caiu da escada – podiam produzir anamneses surpreendentes e ativar sequências de memória fossilizadas no cérebro; mas poderiam eles despertar memórias de uma "vida anterior"? Seria Omm Sety simplesmente um caso de alguém que sofria de oneirofrenia (uma espécie de loucura onírica) ou mitomania (uma espécie de encenação histórica de um drama autocriado), como sugeriu o Dr. Carl Sagan,

entre outros?*

*Vários neurologistas com quem conversei sobre a queda de Dorothy Eady na infância sugeriram
que

Havia muitos fatores e variáveis desconhecidos para que se pudesse deduzir qualquer causa neurológica possível em sua constituição. Nas palavras de um neurologista: "Crianças de três anos às vezes imaginam todo tipo de coisa sem cair da escada. Existem, por exemplo, fantasias populares em que as crianças imaginam que não são realmente filhos de seus pais." Mas um psiquiatra especializado em comportamento adolescente me informou que a queda de Dorothy Eady da escada pode ter resultado em danos precoces ao locus coeruleus (uma protuberância azulada no assoalho do quarto ventrículo do cérebro). E isso, por sua vez, pode muito bem ter resultado em um desconforto caracterológico de longo prazo que se manifestou na sensação de Dorothy de estar fora de sintonia ou inadequada ao seu ambiente. E a melhora desse estado frequentemente ocorria com a adoção de uma obsessão – no caso de Dorothy Eady, uma obsessão pelo Egipto.

Do ponto de vista da vida tradicional ainda existente dos camponeses e aldeões egípcios, não havia nada de incomum em encontrar pessoas que supostamente estavam "possuídas" por xeiques que, dizia-se, viviam debaixo da terra. "Por exemplo", escreve W.S. Blackman em "The Fellahin of Upper Egypt", "disseram-me que uma mulher que descesse as escadas que ligavam o telhado de uma casa ao térreo, sem levar nenhuma luz, poderia se assustar e cair, caso em que um xeique apareceria imediatamente. Ela perceberia o que havia acontecido e perguntaria ao xeique qual era o seu nome, ao que se acreditava que ele responderia: 'Eu sou o Xeique fulano de tal'". Este era um mundo onde se jogava poeira em uma pessoa suspeita de ter lançado o "mau-olhado"; onde se acreditava que cada recipiente com água possuía um anjo da guarda; onde se considerava perigoso acordar alguém repentinamente por medo de que a alma do adormecido não tivesse tempo de retornar ao corpo; onde os mortos apareciam aos vivos, falavam e davam-lhes ordens; onde os afareet [fantasmas] assombravam poços, nascentes e casas, e eram frequentemente culpados por fenômenos como pesadelos e sonambulismo; e onde alguns mágicos afirmavam ser casados com noivas afareet.

Mais perto de casa ainda, William James — em suas palestras de 1896 sobre "Estados Mentais Excepcionais" — disse: "Fazemos uma distinção comum entre saudável e mórbido, mas a verdade é que não conseguimos torná-la nítida. Nenhum sintoma isolado é mórbido — depende, antes, do papel que desempenha. O sono", continuou ele, "seria um terrível..."

doença, não fosse pela sua familiaridade. Da mesma forma, não consideramos o sonho mórbido porque é habitual, mas se não o fosse, seria objeto de muita admiração médica."

James salientou que cada pessoa possui dentro de si uma "consciência dupla simultânea, um eu subconsciente secundário".

Ele mencionou o caso de um menino de oito anos que caiu de uma árvore e sofreu uma concussão grave, após a qual pareceu oscilar entre várias identidades. Ele também falou sobre uma mulher que sofria de sonambulismo desde os três anos de idade e "cuja vida parece mais um romance improvável do que uma história real".

Para James, a saúde era fundamentalmente uma questão de equilíbrio. E ele concluía suas palestras afirmando:

Não existe um padrão puramente objetivo de boa saúde. Qualquer peculiaridade que seja útil a um homem é um ponto de saúde nele, e o que torna um homem saudável para uma função pode torná-lo insalubre para outra. Além disso, todos somos instrumentos de uso social, e se sensibilidades, obsessões e outras peculiaridades psicopáticas podem se combinar com o resto de nossa constituição a ponto de nos tornar mais úteis à nossa espécie, então não deveríamos chamá-las, nesse contexto, de pontos de insalubridade, mas sim o contrário.

O problema é que escritores como Nordau usam os nomes descritivos dos sintomas meramente como um artifício para conferir autoridade objetiva às suas aversões pessoais. Os termos médicos tornam-se meros instrumentos de apreciação para derrubar alguém...

Devemos acolher sensibilidades, impulsos e obsessões, se os tivermos, contanto que, por meio deles, o campo de nossa experiência se aprofunde e contribuamos melhor para o acervo da humanidade; que ampliemos nossa noção de saúde em vez de restringi-la; que não consideremos nenhum elemento de fraqueza como fatal – em suma, que não tenhamos medo da vida.

Foi nesse contexto que decidi visitar dois psicólogos que entendem que conhecer a si mesmo é conhecer e discernir os próprios daimons – e não simplesmente descartá-los, chamando-os de produtos de uma mente delirante. Como escreveu o psicólogo Dr. James Hillman: "Para chegar à raiz da ontologia humana, sua verdade, essência e natureza, é preciso se mover no modo ficcional e usar ferramentas poéticas... Ficções poéticas e dramáticas são o que realmente povoa nossa vida psíquica. Nossa vida na alma é uma vida na imaginação." E foi a James Hillman (que atualmente vive e trabalha no nordeste de Connecticut) que fiz minha primeira visita para entrevistá-lo e discutir assuntos como daimons, politeísmo, a ficção da história clínica e o mundo dos sonhos como o submundo, sobre o qual ele escreveu em livros extraordinários como *O Mito da Análise*, *O Sonho e o Submundo*, *Entrevistas e Ficção Curativa*. Segue abaixo um trecho da nossa discussão:

Dr. Hillman, o senhor comentou certa vez que "A primeira comunidade são os mortos, os ancestrais, a comunidade das almas". E isso é algo que senti com muita intensidade no Egito, com suas necrópoles de mais de cinco mil anos.

Penso que toda a questão da comemoração dos mortos pode, na verdade, ter algo a ver com a nossa tentativa de não perder o amor dos falecidos. No Dia de Finados, por exemplo, coloca-se, por dever, uma coroa de flores sobre o túmulo. E talvez o façamos para evitar que os mortos se tornem rancorosos e por medo de perder o seu amor. Por que será, por exemplo, que o início da cultura se deu com a criação de objetos para sepultar os mortos em vasos de barro, sarcófagos, vasos canópicos?

caixões? Talvez precisemos entender que a razão pela qual a cultura é construída sobre os mortos - que podem ser o fundamento do amor, um fundamento do submundo - tem algo a ver com o sentimento.

No antigo Egito, os parentes do falecido costumavam trazer oferendas de comida e bebida para o túmulo.ka.

NossoOs mortos estão mortos, mas não creio que os mortos do antigo Egito estivessem mortos de fato — e é por isso que eles ainda comiam e precisavam de seus estojos de cosméticos, estátuas de servos e assim por diante. Suas almas não estavam mortas. Além disso, não se encontra aquela ideia de "vivo sozinho, morro sozinho", aquela visão egocêntrica, que é solitária e isolada. No antigo Egito, você tem a sensação de se juntar à comunidade dos mortos que já estão lá, como presenças, esperando por você.

Ao visitar os túmulos no Egito, tive a experiência de pensar: o submundo egípcio é a psique.

Senti exatamente a mesma coisa. Nos túmulos do Vale dos Reis, pensei: "Meu Deus, está tudo aqui, estamos dentro!" - essa foi a experiência. Era como se eu estivesse entrando no inconsciente - esse termo ridículo que usamos para o reino de Hades/Plutão.

Você afirmou que em certo momento pensou que seria possível fazer análises sentado em um banco de parque, mas depois mudou de ideia, dizendo: "Você pode ter uma boa conversa psicológica em um banco de parque, mas o santuário da tumba é cercado pela sala de análise". Consegue imaginar fazer terapia em uma das tumbas do Vale dos Deuses? Seria incrível..

Seria ótimo! Nossa, você com certeza resolveria muita coisa rapidinho! [Risos.] Quer dizer, qual seria a utilidade de falar sobre o que ela disse para ele ou ele disse para ela ontem? Em vez disso, você se deixaria levar pelo poder das imagens que realmente te emocionam — como o poder das imagens retratadas nas paredes — e seriam as imagens do agora.

EmEm "O Sonho e o Submundo", você afirma: "O submundo é a psique. Quando usamos a palavra submundo, estamos nos referindo a uma perspectiva totalmente psíquica, onde todo o modo de ser de alguém foi dessubstancializado, desprovido de vida natural, e ainda assim é, em todas as formas, sentidos e dimensões, uma réplica exata da vida natural. [...] É à luz da psique que devemos ler todas as descrições do submundo."

E os túmulos oferecem uma representação de como funciona toda a psique. Os antigos egípcios eram muito mais psicológicos do que nós.

Eles viviam na psique, e suas pinturas e poesias revelam isso... são metáforas de como a existência humana realmente é. Mas você também pode encontrar isso na mitologia dos nativos americanos e no Tempo do Sonho dos aborígenes australianos. Essas pessoas não faziam nada a menos que estivessem em contato com essa realidade psíquica.

Em Em seu livro "Religião do Antigo Egito", Henri Frankfort escreve: "Vimos que os egípcios explicavam o aparecimento diário do sol como seu nascimento; a lua minguava porque era o olho doente de Hórus. Quando a cevada era transformada em cerveja e pão, era Osíris — manifestado no grão — quem morria. Encontraremos imagens semelhantes a cada passo, e não devemos interpretá-las como alegorias, pois não podemos extrair um significado delas sem falsificar as crenças que expressam. As imagens não são ornamentos ou apêndices do pensamento antigo. São indissociáveis dele, porque os antigos alcançaram sua compreensão de uma maneira que era tanto intuitiva e imaginativa quanto intelectual."

É maravilhoso. E, veja bem, a mesma coisa acontece nos sonhos. As pessoas sonham repetidamente com o anoitecer ou com a volta para casa às cinco ou seis horas. Ora, esses são eventos cósmicos no sonho — têm a ver com a consciência vespertina. Esses momentos no tempo que se relacionam com o declínio da luz são lugares no corpo da deusa Nut; mas nós, em nossa linguagem, insistimos em dizer que são apenas metáforas para o declínio de nossas faculdades, para o nosso envelhecimento. "Vigia, E quanto à noite? Precisamos descrever tudo isso. Mas quem tem essa percepção do tempo não precisa dizer: "Pôr do sol significa o desaparecimento da luz", porque isso está implícito na imagem. (Até certas leis são "extintas", e idosos vivem em comunidades chamadas "Colinas do Pôr do Sol".) Um poeta simplesmente mencionaria "pôr do sol", e toda uma atmosfera se formaria a partir disso. Mas precisamos interpretá-lo intelectualmente, e é uma pena que tenhamos que fazer isso. Eu, pessoalmente, tento não fazer isso quando converso com pacientes. Simplesmente uso a palavra "pôr do sol" repetidamente até que a pessoa sinta o impacto dela — como acontece ao assistir a uma cena de um filme.

Mais uma vez, os antigos egípcios viviam em um mundo onde tudo ao seu redor estava vivo. E isso é psique. Se o vento soprava, eles prestavam atenção nele — era mítico, era natural, afetava sua saúde — nada podia ser separado. E me parece que a verdadeira questão é: como perdemos esse senso? Para onde ele foi?

Omm Sety parece ter vivido no mundo da psique de maneira muito semelhante aos antigos egípcios. Mas é difícil saber em que acreditar sobre suas experiências.

Você não precisa "acreditar" em nada. Você está apenas apresentando as coisas únicas que ela fez. Ela viveu de forma única e viu o mundo de forma única, e isso tem valor.

No seu livro Em "Healing Fiction", ao se referir à ideia platônica de memória, você diz: "Essa lembrança do que nunca aconteceu deve ser corretamente chamada de imaginação, e esse tipo de memória é imaginação. 'Memoria' era o termo antigo para ambos. Referia-se a uma atividade e a um lugar que hoje chamamos de memória, imaginação e inconsciente."

Costumamos dizer que alguém "apenas imaginou", e isso é um erro. O que se dizia sobre a memória era que ela era simplesmente uma espécie de "imaginação" à qual se associava uma noção de tempo. Assim, a diferença entre se lembrar de algo ou "apenas" imaginar algo era apenas porque, no primeiro caso, você estava atribuindo um tempo passado àquilo e, portanto, pensando: "Aconteceu em tal e tal momento". Mas existem culturas que não têm uma maneira de expressar o tempo passado de forma perfeita em seus idiomas... então, se algo aconteceu ou não, não importa. O próprio ato de falar mantém o evento presente, mantém o evento acontecendo. Nós, no entanto, acreditamos que algo realmente ocorreu se adicionarmos a ele uma noção de tempo passado. Se você adicionar essa noção de tempo aos estudos de caso de Freud, por exemplo, então eles realmente aconteceram; mas se você remover o fator tempo, então foi "mera" imaginação. Eu acho que Freud removeu o fator tempo, e tudo estava acontecendo agora. Mas Jeffrey Masson e os outros novos literalistas e fundamentalistas estão todos tentando voltar ao que realmente aconteceu — como a busca pelo Jesus histórico. Eu, pessoalmente, não acho que isso importe.

Agora, com relação a Omm Sety: ela estava completamente imersa na Décima Nona Dinastia em sua imaginação. Mas se ela realmente esteve lá ou não, me parece irrelevante. Quer dizer, se um escritor

Ao trabalhar numa biografia de Tolstói durante seis anos, o escritor fica tão envolvido com o tema, através de uma espécie de mística participativa, que começa a ter sonhos com a aldeia onde Tolstói viveu ou com a sua filha. Talvez exista um "complexo de Tolstói" por aí e o escritor se depare com ele... ou talvez tudo esteja ali, nas bibliotecas. Mas não creio que este tipo de coisa seja tão incomum. Os escritores entram neste estado o tempo todo. E o mesmo acontece, claro, com os atores que, depois de interpretarem um papel, às vezes não se lembram de nada de como o fizeram.

No que diz respeito ao tema da reencarnação, eu o analisaria simplesmente à luz de como funcionou e do que representou para Omm Sety... mas jamais questionaria se realmente existe ou não.

Isso é possível. Era assim que essa mulher entendia a própria vida, e era psicologicamente verdade. Ela se mantinha viva por meio da sua história, e acho errado duvidar disso. Mas deve ser encarada como uma história — a história que ela contava a si mesma para viver a vida que viveu.

* * *

Finalmente, consultei o Dr. Michael Gruber, um brilhante psicólogo de Nova York com especial interesse na energética, nos sonhos e nas imagens da psique, e que ministra aulas sobre a alquimia da mudança psicológica. Ao vê-lo em seu consultório, citei-lhe a afirmação de James Hillman de que "os terapeutas são os novos historiadores" e que "os relatos de casos são fundamentais para a psicologia profunda" porque são "histórias da alma", que nos levam da "ficção da realidade para a realidade da ficção".

Dr. Gruber, se Omm Sety tivesse entrado no seu consultório para uma sessão de terapia e começado a lhe contar a história da sua vida – o seu histórico clínico – como o senhor acabou de ler, o que o senhor teria achado de tudo isso?

Presumo que, além de me contar sua história, ela também teria me informado que trabalhava fielmente para o Departamento de Antiguidades Egípcias, que pagava o aluguel, que conseguia socializar com as pessoas, que bordava e fazia colares, que era desenhista e escrevia livros, e que conseguia se relacionar com as pessoas com quem convivia em sua comunidade. Portanto, ficaria claro que ela levava uma vida funcional na chamada "realidade cotidiana".

Agora, ela também tinha uma realidade "paralela", então eu teria analisado essa realidade do ponto de vista de sua visão ou inspiração, e teria escutado, para usar a linguagem de James Hillman, a história de sua alma que, de alguma forma, tinha conhecimento prévio e distorcido de outra época e que parecia estar focada em uma pessoa ou personificação em particular e muito querida: Seti I. Eu então me perguntaria: essa personificação a impedia de funcionar no mundo? Não. Essa "outra" realidade anulava o que chamamos de realidade "consciente" ou "ordinária"? Não. A "ligação" que ela tinha com a civilização egípcia antiga a impedia de trabalhar de forma produtiva? Muito pelo contrário...

Então, acho que meu papel como terapeuta — se eu tivesse podido trabalhar com ela como minha paciente — teria sido o de

permitir que ela...

elaborar a história de sua alma em vez de criar uma espécie de conflito de interesses entre, digamos, minha adesão à realidade "cotidiana" em contraste com sua visão bastante diferente das coisas. Omm

Sety foi enriquecida por sua experiência, e acho que teria sido uma perda extrema vê-la simplesmente como alguém que estava alucinando, desconectada da realidade ou dissociada – teria sido uma diminuição de seu ser.

O que você diria sobre aquele evento catalisador na vida dela - a queda da escada quando ela tinha três anos de idade?

Aos trinta e seis meses de idade, a criança passa por um período de desenvolvimento no qual o processo de separação e individuação dos pais é um importante fenômeno psíquico. Assim, embora Dorothy Eady tenha sofrido um acidente biológico, - uma espécie de experiência de quase morte ou extracorporal - pode-se, da perspectiva da escola de psicologia das relações objetais, ainda falar desse processo de separação como uma fase necessária em seu desenvolvimento.

Agora, essa "separação" é frequentemente considerada como algo que ocorre dentro da família biológica. Mas Dorothy Eady afirmava ter tido duas famílias. Portanto, em vez de um simples processo de separação, talvez seja necessário considerar que Dorothy precisava se separar de sua família biológica "atual" para se conectar com sua família "imaginária" ou, talvez, com alguma experiência vivida anteriormente. O acidente pode, portanto, ter sido um evento no mundo externo que simplesmente refletiu um evento interno e psicológico, e que foi paralelo ao que Dorothy vivenciou precisamente naquele período de sua existência no antigo Egito. Se ela estava passando por uma espécie de separação psíquica, que por sua natureza desorienta a pessoa em relação ao mundo externo, então poderíamos dizer que sua queda da escada pode ter sido uma "manifestação física" dessa desorientação, que talvez lhe tenha dado acesso a um modo de vida diferente, de outra época.

Omm Sety certa vez refletiu que seu acidente pode ter "afetado um parafuso a mais".

O psicanalista britânico D.W. Winnicott fala de uma "lacuna" entre a forma conceitual como observamos o mundo objetivo fora de nós e as percepções subjetivas que temos. Assim, entre essa concepção/percepção, movimento externo/interno, sempre existem lacunas. Como diz Winnicott — e eu concordo —, essas

lacunas não devem ser vistas como "rachaduras" que os analistas precisam preencher. Em vez disso, eu enfatizaria, elas estão fora do nosso controle.

É nesse espaço "intermediário" da imaginação que a visão criativa se move e nos informa sobre outra realidade, e essa realidade de fato se apodera de Omm Sety.

Certa vez disseram de William Blake que ele era "rachado", ao que Edith Sitwell comentou que "era por ali que a luz entrava".

Sim. Mas a forma como a luz se manifesta e quanta luz um recipiente pode conter levanta a questão de se a pessoa será iluminada ou apenas ofuscada pelo brilho. Dentro da tradição luriana da Cabala, existe um processo relacionado à quebra dos recipientes. A teoria é que esses recipientes podem conter apenas uma certa quantidade de luz. Então ocorre a quebra dos recipientes.

... no entanto, é precisamente essa descoberta que permite que a luz entre no mundo e traga vida e sabedoria. Dorothy Eady era alguém que personificava tanta luz que precisou "se romper" para que outra luz — conhecida como Omm Sety — pudesse entrar no mundo... alguém que teve uma visão e que precisou vivê-la, que fez contribuições criativas e maravilhosas para o mundo e que recriou todo um universo: o universo de Abidos.

Omm Sety, naturalmente, conectou sua vida à de Bentressyt. É interessante notar que Bentressyt foi abandonada e deixada no templo quando tinha três anos de idade; enquanto Dorothy Eady caiu da escada exatamente nessa idade. Então, aos quatorze anos, Bentressyt encontrou "Sua Majestade" no jardim do templo; e quando Dorothy Eady tinha quatorze anos, teve sua visão-sonho com "Sua Majestade", que lhe apareceu na forma de uma múmia e a violentou... Portanto, em relação a esses eventos, as duas vidas se espelham perfeitamente.

Usando o termo de Rupert Sheldrake, poderíamos dizer que existe uma "ressonância mórfica" no nível biológico, de modo que as próprias células possuem uma memória e um tipo de conhecimento. Uma vez que a semente se abre quando Dorothy Eady completa três anos, essa "ressonância" permite que algo se manifeste; e quando isso acontece, cria-se um impulso que resulta na experiência semelhante que ela teve aos quatorze anos.

Agora, do ponto de vista psicanalítico, tudo isso poderia ser discutido em termos de desenvolvimento edipiano — separação da mãe, desejo pelo pai durante a adolescência. E não tenho problema nenhum em usar essa linguagem, e às vezes ela pode ser útil. Mas existe o perigo de que, ao usá-la como uma espécie de linguagem "científica", ela se torne uma forma "definitiva" de falar sobre o desenvolvimento de Dorothy... e aí você acaba vendo Omm

Sety, e sua conexão com sua vida como uma antiga garota egípcia, como uma espécie de surto psicótico. Eu não escolho ver dessa forma - acho que existem outras possibilidades que são fiéis à experiência vivida e mantêm viva a exploração e a expansão da psique.

Usando essa linguagem, seria possível acusar Omm Sety de sofrer de mitomania – a representação histérica de uma identidade autocriada.

A aventura que ela encena não é apenas sua. Ela não é egoísta. Precisamos lembrar que Omm Sety tinha uma percepção extraordinária de Abidos, então ela não estava apenas encenando um mito pessoal... e isso é o que me interessa. A maneira como ela parece ter processado a luz que entrou nela após a queda lhe proporcionou um vislumbre intuitivo ou imaginativo de um conhecimento que, afinal, só estava disponível aos iniciados durante um período histórico completamente diferente. Isso me parece, de alguma forma, "falar" além de uma mania pessoal ou da simples encenação de um mito pessoal. De todos os mitos que ela poderia ter encenado, teríamos que perguntar: Por que o Egito? Mesmo que pudéssemos responder a essa pergunta — já que todos nós temos um certo fascínio pelo Egito Antigo — como explicar o conhecimento dela, que provavelmente não seria acessível a alguém que não tivesse uma percepção tão especial da vida na antiga Abidos?

Acusar Omm Sety de "mitomania" ou "esquizofrenia" é analisar sua experiência de forma superficial. Sua experiência, como sabemos, resultou em uma vida significativa. Se nosso critério de saúde ou sanidade está relacionado à capacidade de viver de forma criativa, compassiva e disciplinada, então Omm Sety certamente o fez. Ela fez muitas contribuições incrivelmente significativas para a sociedade. Pois não era apenas uma desenhista, escritora e erudita excepcional, mas também cuidava das pessoas na aldeia onde morava — mesmo que suas técnicas de cura fossem pouco ortodoxas e derivadas de interpretações pessoais de certos textos mágicos antigos (embora também utilizasse remédios e ervas naturais). Além disso, ela ajudou as mulheres a restaurar a fé em torno da questão cultural crucial para as mulheres no Egito: a maternidade. Ela foi capaz de ajudá-las de uma forma compassiva que lhes permitiu cumprir o que consideravam ser seu papel apropriado.

É interessante mencionar, a este respeito, que tanto na tradição egípcia quanto na persa encontramos a referência ao "véu físico", que, naturalmente, se refere ao tecido que cobre o rosto da mulher para que sua relação com o mundo exterior permaneça

pura, e ao "véu psíquico", que tem a ver com o bloqueio da percepção dos segredos do mundo. Se pensarmos no Osirion...

Ao pensar na água que Omm Sety usava para ajudar a curar todos os tipos de problemas e doenças oculares, surge naturalmente a ideia de "remover os véus" para alcançar uma visão cada vez mais nítida.

"Qual era o véu? . . . Qual era o sonho??"

Para Omm Sety, esse teria sido o tipo de pergunta que ela teria menos interesse em responder e mais provavelmente da qual riria, enquanto continuava a revelar informações e segredos que, obviamente, sentia que lhe eram transmitidos por sua senhora Ísis – uma deusa também envolvida com o "velar" e o "desvelar".

Sempre me pareceu que a história de Omm Sety é, acima de tudo, uma história sobre o poder revelador da memória.

Ísis, convém lembrar, é a deusa da memória – ela se lembra do marido. Osíris, em sua própria ingenuidade, acaba sendo desmembrado por seu irmão Set – o deus da mortalidade e da morte – que o corta em quatorze pedaços. Ísis se lembra do marido.

...lembra-se dele como ele era, como uma das metades do "membro" do casamento divino chamado Ísis-Osíris. Ela usa a imagem deles como um só para continuar a "união" e dar à luz Hórus. Omm Sety, cuja história também é sobre lembrar, é Seguindo o exemplo de sua senhora Ísis, pois ela também está envolvida nesse mesmo movimento restaurador da mente, do corpo e do espírito.

É claro que Dorothy Eady interpretou o papel de Ísis em uma produção dramática em Plymouth, na Inglaterra; e Bentressyt também desempenhou esse papel na Peça de Mistério Osiriana na antiga Abidos.

Exatamente. A devoção contínua ao "casamento celestial", ao sentimento de "pertencimento" ao casamento de Ísis e Osíris, parece-me ser um arquétipo disponível às mulheres como uma forma particular de compreender sua relação com o "masculino", o "marido", "Osíris".

Mas Ísis e Osíris também são irmã e irmão.

Essa relação é uma imagem de devoção que confundimos com sexualidade e, conseqüentemente, nos assustamos com o ato de incesto. Dentro de uma cosmologia mais ampla, ela pode ser vista como um arquétipo de devoção e amor.

*Omm Sety é, naturalmente, devota também a Sety I, que parece ter sido seu "amante fantasma".*No Caminho de Todas as Mulheres, M. Esther

Harding descreve o amante fantasma como uma projeção do ânimo da mulher que "atrai sua vítima para longe da realidade com promessas de felicidade em outro mundo". O Dr. Harding também sugere que, por meio de um esforço supremo da mulher, o amante fantasma pode mudar seu caráter e se tornar a força e o guia da mulher, seu "ânimo espiritual", transformando assim sua vida e permitindo que ela retorne ao mundo.

É importante lembrar que Sety aparece pela primeira vez para Dorothy Eady como uma múmia. Ambos precisam passar por uma espécie de processo de purificação e renascimento para que Sety possa aparecer como um homem e para que Dorothy Eady não seja simplesmente vitimada ou violentada, como aconteceu aos quatorze anos. Para Omm, Sety e Sety estão envolvidos em um processo de rememoração que também é uma expiação — uma expiação pelo que transgrediram juntos durante uma vida "anterior" e, da parte dela, uma expiação por sua própria sensação de não estar em harmonia consigo mesma e por sua necessidade de estar em harmonia com a forma "masculina" e energética chamada "Sety". É esse senso de expiação que está ligado à noção do "casamento celestial" de Ísis e Osíris.

Então, seja no sentido espiritual da ideia do "amante fantasma" — permitindo que a mulher se lance ao mundo — ou no sentido mais metafísico — como a própria Omm Sety faz, em termos de corpos astrais ou etéricos —, não se trata de um sonho ou mito estático. Há um processo pelo qual ambos passam em relação ao seu próprio desenvolvimento: o dele em outro mundo, talvez; e o dela, realizando o trabalho necessário neste mundo (em Gizé e Abidos) em preparação para sua jornada pelo submundo. É importante, portanto, não interpretar a palavra "fantasma" ou "demônio" da maneira como geralmente fazemos em nossa cultura, como uma aparição ou uma expressão do mal, mas sim como uma "inspiração" ou um "anjo da guarda". A função do anjo é proteger e guiar a pessoa pela jornada perigosa, diurna e noturna, da vida.

Independentemente da inspiração ou mesmo da origem "sobrenatural" da visão de Omm Sety, é importante reafirmar que ela encontrou uma maneira de tornar essa visão significativa, criativa e deste mundo. Ela foi capaz de ser fiel ao seu amor ao mesmo tempo que amava o mundo em que vivia. Sua vida tinha um significado, incorporava valores... isso é o que considero importante — e não se ela era sã ou insana, se sua visão era real ou irreal. Pois essas questões podem revelar mais da insegurança de quem as questiona sobre seu próprio senso de realidade. E se alguém ignorasse a presença da "imagem guia" ou "daimon" que

animava sua jornada e sua obra, não seria capaz de...

Compreender Omm Sety ou explicar a coragem e fidelidade inabaláveis com que ela viveu sua vida.

* * *

"Há muitas coisas inexplicáveis neste mundo", observou certa vez a Dra. Veronica Seton-Williams, "e não dá para explicar Omm Sety – ela era uma criatura muito estranha." E, segundo o Dr. James P. Allen, "Às vezes, você não tinha certeza se Omm Sety não estava te enganando. Não que ela fosse uma farsante no que dizia ou acreditava – ela definitivamente não era uma golpista –, mas ela sabia que algumas pessoas a consideravam uma maluca, então ela meio que alimentava essa ideia e deixava você interpretar como quisesse. Eu apenas tentei enxergá-la como ela era, mas não sei se fui mais bem-sucedido nisso do que qualquer outra pessoa. Omm Sety realmente acreditava em toda aquela loucura – de verdade. Ela acreditava o suficiente para tornar tudo assustador, e isso às vezes fazia você duvidar da sua própria percepção da realidade."

Em seu belo poema extenso intitulado Helena no Egito, a poetisa HD baseia-se na noção lendária de que gregos e troianos lutaram por uma ilusão, já que Helena de Troia era, na verdade, um fantasma que substituíra a "verdadeira" Helena, que teria sido "transposta ou transladada" para o Egito. Em sua "defesa" de Helena, HD nos apresenta o caso de amor apaixonado e atemporal entre Helena e a sombra de Aquiles, que, em um sonho lúcido, reencenam o "casamento celestial" de Ísis e Osíris (com quem são repetidamente identificados). É uma história de "um antigo encantamento", do "fascínio do invisível", do incenso egípcio "flutuando por corredores infinitos", de dois amantes fantasmas, "saudosos do que foi". E, em sua essência, é a mesma história da jovem e do faraó que, há muito tempo, se encontraram em um jardim perto de um templo.

Como nos cumprimentamos?
Aqui, neste templo de Amon,
Tenho todo o tempo do

mundo para me lembrar; ele

vem, ele vai...

Não respondi à sua pergunta: qual
era o véu?

Qual era o sonho?
Era o sonho, Helena sobre as muralhas. Era
o véu, Helena no Egito?

Eu vagueio sozinho e
encantado, e ainda assim me
questiono e faço inúmeras
perguntas;

O coração não se maravilha?
O coração não pergunta?
O coração aceita,

abrange o todo
da escrita indecifrável...

A história da vida de Omm Sety foi melhor contada por ela mesma. Portanto, é apropriado que as últimas palavras desta história sejam deixadas para ela. Como escreveu à sua amiga Maureen Tracey em uma carta datada de 20 de setembro de 1978:

Minha querida e velha Honey-bun,

Fiquei tão feliz em receber sua carta, mas quero te ver! Foi muito gentil da sua parte enviar a vitamina E, que acabou de curar as úlceras. Elas estavam melhorando lentamente, mas a vitamina E pareceu acelerar o processo e também fez bem à minha saúde em geral. Mas garanto que não afetou em nada minha libido! Já superei isso há muito tempo, e duvido que mesmo a aparição repentina do Rei Sety faria meus óculos de leitura embaçarem!

Receio que vocês não verão o Dr. Hani [Hanny El Zeini] em Katmandu; ele deveria ter partido no dia 15 de setembro, mas até agora não tive notícias dele. Espero que ele não tenha ido resgatar vítimas das enchentes, é o tipo de coisa que ele faria!

Você está certo sobre a origem da palavra "químico" [de khemt, que significa "Terra Negra" - a palavra egípcia antiga para "Egito"], mas sabia que o nome irlandês comum para gato, Maukey, pode ser o egípcio mau-key, que significa "outro gato"? Acho que houve muito mais idas e vindas no mundo antigo do que imaginamos. De onde vieram os colares egípcios nos túmulos ao redor de Stonehenge (túmulos e colares de data pré-romana!)? E quanto à estátua de um sujeito que era arauto do nosso querido Ramsés II, encontrada a quase dois metros de profundidade em Sydenham? Um arauto naquela época era uma espécie de agente de relações públicas e publicidade antecipada, mas duvido que o próprio Rammy tenha ido à Grã-Bretanha, senão teríamos ouvido falar muito sobre sua conquista de uma horda de bárbaros vestidos com peles de lobo e pintura azul!

Eu ri da sua referência a "O Olho Verde do Deus Amarelo". Eu costumava recitar esse poema em festas quando era jovem, e como eu odiava! E aquela música ridícula de acompanhamento também. Mas pior ainda, meu pai insistia

que eu fizesse uma ação apropriada para quase todas as palavras. Mas eu ainda me lembro dele, e estou te enviando uma cópia para que você...

Pode explicar isso (com gestos!) para o seu grupo de turistas. Aliás, parece haver algumas esculturas bem pornográficas nos templos do Nepal. O Dr. Hani pareceu bastante chocado. Mas espero que ele tenha tirado algumas fotos para que eu também fique chocada! Consegue me imaginar chocada?!!!

Bom, é só isso. Ahmed acabou de chegar e mandou um abraço, esperando que você volte em breve.

E agora, como prometido, a letra de "O Olho Verde do Deus Amarelo":

Ele era conhecido como Mad Carew pelos suboficiais em Katmandu. Ele era mais atraente do que eles se atreviam a admitir.

Mas, apesar de todas as suas travessuras tolas, ele era adorado nas fileiras, e a filha do coronel também lhe sorria.

Ela o amara desde sempre com a paixão de um homem forte, e o fato de ela o amar era evidente para todos. Ela estava quase completando vinte e um anos e os preparativos para comemorar seu aniversário com um baile já haviam começado.

Ele escreveu perguntando que presente ela gostaria de ganhar de Mad Carew. Eles se encontraram no dia seguinte, quando ele dispensou seu esquadrão.

E, em tom de brincadeira, ela lhe disse que nada mais serviria senão o olho verde do Pequeno Deus Amarelo.

Na noite anterior ao baile, Mad Carew parecia em transe, e eles o provocavam enquanto fumavam seus charutos.

Mas, por uma vez, ele não sorriu e ficou sentado sozinho por um tempo, depois saiu para a noite, sob as estrelas.

Ele retornou antes do amanhecer, com a camisa e a túnica rasgadas, um corte profundo na têmpora, pingando sangue. Ele foi tratado imediatamente e dormiu o dia todo, enquanto a filha do coronel vigiava ao lado de sua cama.

Ele finalmente acordou e perguntou se poderiam enviar sua túnica. Ela a trouxe, e ele agradeceu com um aceno de cabeça. E ordenou que ela revistasse os bolsos, dizendo: "Isso é do Mad Carew." E ela encontrou o pequeno olho verde do deus.

Ela repreendeu o pobre Carew da maneira que as mulheres costumam fazer, embora seus olhos estivessem estranhamente quentes e úmidos. Mas ela não aceitou a pedra, e Carew ficou sozinho com a joia pela qual arriscara a vida para conseguir.

Quando o baile atingiu seu ápice naquela noite calma e tropical, ela pensou nele e correu para o quarto dele. Ao atravessar a praça do quartel, ela podia ouvir a atmosfera onírica de uma valsa que suavemente se insinuava na penumbra.

A porta dele estava escancarada, com o luar prateado entrando pelo vão. O lugar estava molhado e escorregadio por onde ela passava.

Uma faca horrenda jazia cravada no coração de Mad Carew. Era a vingança do Pequeno Deus Amarelo.

Há um ídolo amarelo de um olho só ao norte de Katmandu, e
uma pequena cruz de mármore abaixo da cidade;
Há uma mulher de coração partido que cuida do túmulo de Mad
Carew, e o Deus Amarelo contempla tudo para sempre.

Faz quase 55 anos que não vejo um exemplar disso! Só Deus
sabe o que me fez lembrar de tudo!

Com muito amor e beijos,
Omm Sety

Os Reis de Egito

Uma cronologia

As datas utilizadas nesta cronologia dos principais reis do Egito - tal como no texto deste livro - são aproximadas (uma vez que apenas as datas da Décima Segunda Dinastia, e as posteriores a 664 a.C., são geralmente consideradas precisas) e seguem as utilizadas por John Baines e Jaromír Malek no seu Atlas do Antigo Egito.

TARDEPRÉ-DINÁSTICO (c. 3000)

Rei Escorpião

Narmer

PERÍODO DINÁSTICO INICIAL (2920-2575)

Primeira Dinastia(2920-2770)

Menés

Aha

Djer

Djet

Den

Segunda Dinastia(2770-
2649) Hotep-sekhemwy

Ra-neb

Ninetjer

Per-ib-

sen

Kha-sekhemwy

Terceira Dinastia(2649-2575)

Zanacht (2649-2630)

Zoser (2630-2611)

Sekhemkhet (2611-2603)

Khaba (2603-2599)

Huni (2599-2575)

ANTIGO REINO (2575-2134)

Quarta Dinastia(2575-2465)

Snefru (2575-2551)

Khufu (Quéops) (2551-2528)

Djedefre (2528-2520)
Khafra (Quéfren) (2520-2494)
Men-kau-Ra (Mycerinus) (2490-2472)
Shepses-ka-ef (2472-2467)

Quinta Dinastia(2465-2323)
Usuário-ka-ef (2465-2458)
Sahu-Ra (2458-2446)
Nefer-ir-ka-Ra (2446-2426)
Shepses-ka-Ra (2426-2419)
Nefer-ef-Ra (2419-2416)
Neuser-Ra (2416-2392)
Men-kau-Hor (2396-2388)
Djed-ka-Ra-Izezi (2388-2356)
Unas (2356-2323)

Sexta Dinastia(2323-2150)
Teti (2323-2291)
Pepi I (2289-2255)
Mer-en-Ra (2255-2246)
Pepi II (2246-2152)

PRIMEIRO INTERMEDIÁRIO PERÍODO (2134-2040)

Sétima à Décima Dinastias

REINO MÉDIO (2040-1640)
Décima Primeira Dinastia (2040-1991)
Mentu-hotep II (2061-2010)
Mentu-hotep III (2010-1998)
Mentu-hotep IV (1998-1991)

Décima Segunda Dinastia(1991-1783)
Amon-em-het I (1991-1962)
Senwosret (Sesostris) I (1971-1926)
Amon-em-het II (1929-1892)
Senwosret (Sesostris) II (1897-1878)
Senwosret (Sesostris) III (1878-1844)
Amon-em-het III (1844-1797)
Amon-em-het IV (1799-1787)
Rainha Neferu-Sobek (1787-1783)

SEGUNDO PERÍODO INTERMEDIÁRIO (1783-1532)

Décima Terceira à Décima Sétima Dinastias

NOVO REINO (1550-1070)

Décima Oitava Dinastia(1550-1307)

Ames (1550-1525)

Amon-Hotep (Amenófis) I (1525-1504) Thotmes

I (1504-1492)

Thotmes II (1492-1479)

Thotmes III (1479-1425)

Rainha Hatshepsut (1473-1458)

Amon-Hotep (Amenófis) II (1427-1401)

Thotmes IV (1401-1391)

Amon-Hotep (Amenophis) III (1391-1353)

Amon-Hotep IV (Akhen-Aton) (1353-1335)

Semenkh-ka-Ra (1335-1333)

Tutancâmon (1333-1323)

Ai (1323-1319)

Hor-em-heb (1319-1307)

Décima Nona Dinastia(1307-1196)

Ramsés I (1307-1306)

Seti I (1306-1290)

Ramsés II (1290-1224)

Mer-en-Ptah (1224-1214)

Seti II (1214-1204)

Amon-messe (1202-1199)

Si-Ptah (1204-1198)

Rainha Twosret (1197-1196)

Vigésima Dinastia(1196-1070)

Set-nakht (1196-1194)

Ramsés III (1194-1163)

Ramsés IV (1163-1156)

Ramsés V (1156-1151)

Ramsés VI (1151-1143)

Ramsés VII (1143-1136)

Ramsés VIII (1136-1131)

Ramsés IX (1131-1112)

Ramsés X (1112-1100)

Ramsés XI (1100-1070)

TERCEIROPERÍODO INTERMEDIÁRIO (1070-657)

Vigésima Primeira Dinastia(1070-

945)Tanis Smendes (1070-1044)

Amon-em-nisu (1044-1040)

Psusennes I (1040-992)

Amon-em-ope (993-984)

Usarkon I (984-978)
Siamun (978-959)
PsusennesII (959-945)

Vigésima Segunda Dinastia(945-712)líbio

Sheshank I (945-924)
Usarkon II (924-909)
Takalot I (909-?)
Sheshank II (? -883)
Usarkon III (883-855)
Takalot II (860-835)
Sheshank III (835-783)
Pami (783-773)
Sheshank V (773-735)
Usarkon V (735-712)

Vigésima Terceira Dinastia(828-712) Núbia e Tebas

Pedubaste I (828-803)
Usarkon IV (777-749)
Peftjauwybast (740-725)

Vigésima Quarta Dinastia(724-712) Sais

Vigésima Quinta Dinastia(712-657) Núbia e todo o Egito

Shabaka (712-698)
Shebitku (698-690)
Taharqa (690-664)
Tantamani (664-657)

PERÍODO TARDIO (664-332)

*Vigésima Sexta Dinastia*664-525) Sais

Psamtik I (664-610)
Psamético II (610-595)
Apries (589-570)
Amasis(570-526)
Psamético III (526-525)

Vigésima Sétima Dinastia(25-404) Persa

Cambises (525-522)
Dario I (521-486)
Xerxes I (486-466)
Artaxerxes I (465-424)
Dario II (424-404)

Vigésima Oitava Dinastia(404-399) Sais

Amitácio (404-399)

Vigésima Nona Dinastia(399-380)

Neferitas I(399-393)

Psamútis (393)

Hakorís (393-380)

Neferites II (380)

Trigésima Dinastia(380-343)

Nectanebo 1 (380-362)

Teos (365-360)

Nectanebo II (360-343)

(Último dos faraós nascidos no Egito)



Agradecimentos

Aos estudiosos, associados, amigos e conhecidos de Dorothy Eady/Bulbul Abdel Meguid/Omm Sety que compartilharam suas memórias e lembranças pessoais dela comigo, gostaria de agradecer: James P. Allen, Professor Klaus Baer, Dr. Lanny Bell, Professor Bernard V. Bothmer, Dr. Bob Brier, Julia Cave, Dra. Rosalie A. David, Margaret S. Drower, Sra. Hanny El Zeini, Zahi Hawass, TGH James, Professor Kenneth Kitchen, Dr. William Murname, Professor Donald Redford, Stephan A. Schwartz, Dra. Veronica Seton-Williams, Professor William Kelly Simpson, M. Tracey, Dr. Kent R. Weeks, Susan Weeks, Christopher S. Wren.

Às muitas pessoas que, de diferentes maneiras, me ajudaram a concluir este livro, agradeço a: Mohammed Ali Azab, Dr. Robert S. Bianchi, Miriam Birch, Janis Bultman, Ernie Eban, Jesse Effron, Mohammed Abdel Elkelei, Sami El Masri, Nefissa Elsaid, Sherif El Sebai, Randa El Zeini, Mr. Hassanein, Nicholas Kendall, Daniel Kolos, Peter Lacovara, Mary MacDonald, Dr. Nicholas B. Millet, Pat Remler, Olivia Robertson, Dr. Walker, Dr. Arthur Wallace, Leslie Weisberg, Dr. Paul S. Weisberg, Jane e Jann Wenner, Hannah Wolski.

Sou especialmente grato a Julia Cave (da BBC), ao Dr. Bob Brier e a Norrene Myra Leary (da Associação para Pesquisa e Iluminação) por disponibilizarem para mim material inestimável de entrevistas gravadas com Omm Sety; ao estudioso de cinema e jornalista Robert Ainsworth por sua ajuda em desvendar os fatos sobre os anos de Dorothy Eady e sua família em Plymouth, Inglaterra (e aos cidadãos de Plymouth que compartilharam comigo algumas de suas lembranças); ao Dr. Shawki Hussein (do jornal Egyptian Tourist).

Agradeço à Autoridade) e ao Sr. Nabil Osman (chefe do Gabinete de Imprensa da Missão Permanente da República Árabe do Egito junto às Nações Unidas) pela sua cortesia profissional; ao Dr. Michael Gruber, ao Dr. James Hillman e ao falecido Erlo van Waveren pelas conversas que tiveram comigo, as quais estão incluídas no capítulo final deste livro; a Judy Sandman pela sua inestimável ajuda; e, mais uma vez, ao

Dr. Bob Brier pelas suas inúmeras sugestões e instruções pacientes.

Meus mais profundos agradecimentos a Michele Napear, por me guiar através de desertos e tumbas; a Ann Druyan, por seu encorajamento, fé, lealdade e críticas inestimáveis; a Russ Galen, por seus esforços para encontrar um lar para este livro; a Jean C. Cott, por seu generoso apoio; e a James Fitzgerald e Jacqueline Onassis – meus “espíritos guardiões” editoriais que me guiaram “para fora do corpo” de volta ao manuscrito. Sou particularmente grato ao primeiro por me lembrar, nas palavras do antropólogo Hans Peter Duerr, que “não é a experiência de outra realidade, mas sim a experiência de outra parte da realidade, que é a condição prévia para... o autoconhecimento”; e à segunda, por compartilhar comigo seu conhecimento, devoção e entusiasmo pelo antigo Egito, e por me lembrar, nas palavras de um antigo escriba egípcio, que “falar dos mortos é fazê-los viver novamente”.

Ao pesquisar os primeiros anos de Dorothy Eady em Londres, não consegui encontrar nenhum parente vivo (seu primo, um certo Sr. Charles Williams, havia falecido recentemente em Sussex, sem deixar filhos) nem professores, colegas de escola ou amigos ainda vivos. Para obter informações sobre os primeiros dezesseis anos de Dorothy Eady, portanto, consultei documentos oficiais (certidão de nascimento, registros de diretórios de ruas), visitei os lugares que ela frequentou na infância e me baseei nas próprias lembranças de Omm Sety, conforme elas as descreveram em sua monografia "Omm Sety's Abydos" e conforme as relataram, em parte, a diversos conhecidos, colegas e jornalistas – e, de forma mais detalhada, a Julia Cave e, naturalmente, a Hanny El Zeini.

De fato, A BUSCA POR OMM SETY não teria sido possível sem a colaboração do grande e confiável amigo de Omm Sety, Dr. Hanny El Zeini. Por sua vez, o Dr. El Zeini deseja agradecer e reconhecer a ajuda dos presidentes e diretores, passados e presentes, da Autoridade Egípcia de Antiguidades (em particular, do Dr. Ahmed Kadry e do Dr. M. Abdel Razik, respectivamente Presidente e Diretor-Geral da Autoridade); Dr. A. El Khouly, Dr. A. Sadek, Dr. Embaixador A. Fakhry, Dr. A. Moussa; Gita Doss, Professor Werner Kaiser, Dr. Manfred Bietak, Gawdat Gabra, Gamil Helmey, Sheriff El Touny; a família Gabry e os Fayed em Nazlet El Simman; o amigo de infância de Hanny El Zeini - agora residente nos Estados Unidos - Dr. Wilson Nashed ("com quem dei meus primeiros passos hesitantes no deserto"); e "todas as pessoas bondosas de Abidos que cuidaram com tanto carinho de Omm Sety no final de sua vida, em consonância com as antigas tradições rurais egípcias."

Foi uma honra para mim ter podido trabalhar com o Dr. El Zeini neste livro, que ambos desejamos dedicar à memória de Omm Sety e que esperamos que sirva de exemplo das possibilidades de diálogo genuíno, cooperação, tolerância mútua e respeito.

entre e entre povos de diferentes crenças e tradições, e para aqueles que sabem, como disse certa vez um filósofo, que "o que é necessário é um monoteísmo da razão e do coração, um politeísmo da imaginação e da arte".

